

Aquilino Ribeiro

A batalha sem fim

Quinto volume
círculo de leitores

1983, Livraria Bertrand, S.A.R.L., Lisboa



A José Leal

Foi a sua mão bizarra que me levou à assombrosa terra de bosques e de dunas, martelada pela onda, que pretendi pintar. Por mortíça manhã de Inverno, na fronteira, o seu abraço de despedida ao amigo, que se resignava à perda de bens e amores para não perder a liberdade, condensava a ternura toda de Portugal, nosso malfadado berço. Em memória dessa hora, com as cegonhas de colo alevantado nos negrilhos altos a presenciar o meu transe, escrevo agradecidamente o seu nome na padieira deste livro. Se lhe merecer uma saudade, se, por outra, atrair um olhar piedoso para os párias do mar, alcançou o meu trabalho a recompensa sonhada.

Tui, Primavera de 1932.

Aquilino Ribeiro

O Senhor da boa fortuna estava aparelhado, redes e cordas na cale, à popa o arrais, à proa o vareiro; muitos homens nos castelos com os remos formados, restos à manobra; outros de ombros contra os costados da nave em que vinha chocalhar a onda, ora de arremesso, ora brincando; à muleta, com o regedor de terra, uma cáfila de mulheres e o resto da companhia. Já o ritmo que corria as forças para o arranco extremo era salmodiado:

O vá, ó chapa! ó salha!, quando repercutiu ao alto da praia um aulido gemebundo: - Ailô, arremem. Ailô!

O arrais volveu olhos e avistou Domingas, sua mulher, que corria para a borda de água, braços a espadanar, a fralda e a brancura das pernas gordas em remoinho como alcaravão desasado. Entretanto, a vaga maciça e longa, afiada em cunha, que insinuando-se por debaixo do barco o suspenderia e levaria no refluxo melhor que andilhas, repicava na terra. O meia-lua encabritou-se e recaiu duas e três vezes enquanto a companhia tresmalhava chapinhada pelo mar. Só naquele instante devia de aparecer a coruja do inferno!

- Raios te abrasem! - murmurou o Mira quando, pesaroso da boa largada, a viu em face, ofegante, sem poder despedir voz.

- Não entrem ao mar... que acarreta desgraça. Morreu o mestre...

- Perdeste a sina, mulher do diabo!? Ainda não há grandes horas que o deixei com saúde...

- Homem, morreu! Não repararam há bocadão que chamaram o ti Lázaro?... Foi por isso...

- Ah, cadela de vida! - gorgolhou Rodrigo Pamplino, que era casteleiro, sacando o gorro. - Padre Nosso, que estais no Céu...

Homens e mulheres oravam, cabeça baixa, descoberta, virada ao mar traiçoeiro. Dum verde fosco, a água cobria-se de cintilas de oiro que o Sol da tarde filtrava através de nuvens cinzentas, mais raras que velos carmeados. Longe, para lá das cem cordas, o Deus ande comigo, de pequeno que era entre oceano e firmamento, lembrava garça boiando. Acima do ciclo das rezas, a onda continuava a vascolear, erguendo e deixando cair de sopapa o Senhor. da M fortuna, Quando acabaram de encomendar ao Altíssimo a alma que se desprendera do barro, ordenou o arrais em tom soturno:

- Gentes, toca a calar o barco! Vieram os bois e, em rolos, montados sobre grossas varas de pinho, içaram a embarcação para a borda. E sombreados pela asa da morte, de ar profundamente pária nos andrajos que mal lhes cobriam a nudez, vagarosos, recurvos a vencer a móvel areia, os trinta e cinco marítimos foram destroçando.

Sentido com o passamento de Pedro Algodres, mestre e amigo de tantos anos, o Mira estarreceu no castelo da popa, lúgubre e meditabundo. O Pai do Céu o acolhesse no misericordioso selo que por aquela corda de praias, da Nazaré a Matosinhos, estava para nascer segundo. Medo, abaixo de Deus, nunca ninguém lhe vira confessar. Então, opinião de si - nem fumo. As vezes que corria com a gente a sorte do mar encapelado, lançava mão ao remo, pois não era sujeito para desautorizar o arrais, tirando-lhe a vara. Mas honra a quem a merece! Se comandar é reger homens por urna vontade, ele era capitão e soldadesca os mais. A sua intrepidez tornava a todos intrépidos. Engano que o homem do mar seja em regra audaz. Mais que o bicho da terra tem ocasião de ser animoso e necessariamente o é. Na espécie humana, porém, não existe outrem mais atreito ao contágio do temor e do brio. Um cobarde, se lhe dão âncoras, converte uma tripulação inteira em bandada de

capões; um bravo rompe com ela, heróica e destemida, até o meio do inferno. Com o Algodres a bordo, andava-se no mar com igual descanso do chão firme. Ninguém lhe ouvia voz ou lhe notava tremor; se havia perigo, então sim, era o primeiro como na tropa: presente! Um ano, fins de Outubro, havendo-se abalançado com tempo incerto até o extremo das cordas, foi caso que já ele, como arrais, responsara o lanço: “ Rede largada às águas à Virgem é encomendada; seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo!” quando veio um golpe de mar e bifou a mão-de-barca das unhas do calador. Credo, há mais de quinze anos que montava o cavalo de pau, avaria daquelas era novidade! A toda a lufa remaram à ré, mas a vaga sumiu-lhes a corda, aparecendo braços além a serpentear, a submergir-se e a emergir tão agitada que mostrava mais jeitos de hidra que de cabo feito com o linho dos teares. Graças à presença do mestre os homens não haviam perdido o sangue-frio; o risco, porém, a cada instante se acentuava, e, se não os corações, os rostos, pálidos como na hora da morte, diziam-no sem disfarce.

O grave é que subitamente enfurecera o mar, erguendo serras, a altearem-se e a esborralharem-se umas atrás das outras, que tinham, santo Deus, mais altura que casas.

Uma libra em oiro a quem for apanhar o cabo... - exclamou Pedro Algodres, alçando-se nos castelos e passeando olhos pelas duas filas de remadores. - Vai por este remo tão seguro como por uma ponte...

Ninguém deu mostras de tentado e ele disse:

- Eu vou lá, mas sou pesadão. Seja o que Deus quiser. Lavagante, és homem para aguentar o remo comigo na pá? és? Cospe às unhas...

Aliviou-se de tudo o que trazia no corpo salvante a camisola e, benzendo-se, desceu pelo remo como poderia descer um lagarto. No tope enclavinhou as pernas, e à semelhança de palhaço na barra fixa deixou-se ir de cabeça para baixo. Aparecia e desaparecia a corda, não se afundando de vez à força de baldeada pelo mar e, ainda, por um coiro ficar a poucos metros do chicote. Consoante ela reluzia aqui e ali, Pedro Algodres mandava: “remaí à ré; remaí de estibordo” e, orçando os remos, a companha procurava obedecer. Andou-se um bom migalho no brequefesta infernal até que o mestre pôde filar o cabo. E com ele nos dentes, como uma flor, marinhou remo acima para o barco. O Lavagante, de seu verdadeiro nome Duarte Rebocho, que era um alma do diabo de fortaleza a ponto de erguer por aposta o jerico duma sardinheira de Mata Moirisca com dois costais de carapau, já deitava os bofes todos. Milagre fora o Algodres vir no barco senão, havendo-lhes faltado a corda que nestas artes de xávega é mais que a muleta para um coxo, os peixes tinham festim. Toda a gente se admirou daquelas áfricas menos ele. É que não sabiam que Pedro Algodres, antes de ser dono de companha, fora um dos marinheiros mais escarmentados da navegação de vela em Portugal. Aos dezasseis anos já mareava como grumete a bordo dum caíque que fazia veniaga pela costa africana. Depois na cabotagem, à pesca do bacalhau na Terra Nova, nos veleiros de longo curso, levou de enfiada anos e anos, tantos que a cinza deles lhe caiu na cabeça. Conhecera-o já mestre no lugre que fazia carreira elo Porto para a Baía, estimadíssimo dos superiores, benquistado dos subalternos. Ali selaram amizade em horas descuidosas e horas difíceis - tormentas do mar alto, suciatas nas balucas dos cais estrangeiros, até rixas pelas vielas.

Fora da sua sina, Algodres era um leão. Duma vez levava diante de si à estadulhada a tripulação dum bergantim italiota; doutra, por via de certa marafona, pusera ao sol as tripas dum inglês assomadiço. Quando os armadores se avisaram de cambiar da vela para a máquina, despediu-se. À

roda dos quarenta, não lhe sorria tentar a prática de marinharia em que forçosamente perderia gosto e saber. Havia amealhado meia dúzia de vinténs, retirava-se. Numa casa de pasto da Ribeira lembrava-se como se fosse ontem - beberam à despedida um pichel de verdasco e rodaram ambos até mais ver. Ele, Mira, pouco mais tempo andara embarcado, levantando para a Vieira, donde era filhote, ao chamo de Domingas, hoje sua mulher. Volvidos anos - andava de ajuste na companhia do Salretas, tão lembrado do amigo como da primeira camisa que rompera -, com quem dá de cara na taberna do Pisco, ao tempo, da tia Janeta que Deus haja? Mais ruço, menos tanado da bruma marinha, mas com aquela cara de fortes queixais e olhos tão azuis que dava quebranto fitá-los, era Pedro Algodres ou o Diabo por ele. De pé, contra o balcão, indagava do Pinhal do Urso e pedia um gula que lhe fosse ensinar o caminho.

- Se o mar, amanhã, estiver da mesma feição que hoje, pesca... babau! e aqui está quem o acompanha, seu Algodres...

- Ó Mira, ó alma de Barzabu, és tu? - e abraçaram-se como dois irmãos.

Abancando, ali os surpreendeu a noite, folgados de se ver e recordar os velhos tempos, copo despejado, copo cheio, agora chocalha tu, depois chocalho eu, coisas e loisas da vida, que foram ou que podiam ser. No dia seguinte, com bernal farto, que a jornada era de respeito, abalaram para o pinhal. Bate que bate pelas dunas de penisco fora, o que é tão custoso como levar solas de chumbo na botas, sempre lhe perguntou, posto soubesse o Algodres hostil à curiosidade:

- Que ideia é essa de queres conhecer o Pinhal do Urso?

Deram, mudos, mais de vinte passos até que Pedro Algodres se aprobeu dizer:

- Cada doido sua mania. Vi nos livros que com o lenho desta matas se construíram nas tercenas de Lisboa as naus em que os portugueses chegaram à índia e descobriram meio mundo. Gostava de saber se ainda valem o que foram. Visitei o Pinhal do Rei; dizem-me que o do Urso não é para menos...

- Lá de história nada posso adiantar que não tive estudos. Quanto à fortaleza do Pinhal do Urso tu me dirás se pelos bosque do interior há coisa que lhe iguale em anos e soberbia.

Dentro da mata, com aquele seu ar de igreja antes de dizer missa, os horizontes a esfumarem-se por detrás das dunas onduladas, o silêncio - sim, o silêncio, pois o marulho das ondas e o ramalhar das franças ao vento parece ficar de fora, de envolta às parede duma redoma - o exército hirto e negro dos troncos, Pedro Algodres quedou aturdido. De boca aberta admirou os pinheiros gigantescos e barbaçudos, raízes fincadas nas profundas, grimpava a varrer as nuvens, cepo que dois homens não abarcariam dando-se as mãos. Mas pouco lhe durou o pasmo. Logo em continente, o seu regalo foi correr de duna para duna, de côncavo para côncavo, tudo querendo ver e palmilhar, tal dono do senhorio. E até pelas brenhas de zimbro e samouco se engolfava, semelhante a caçador coelheiro que anda à caça.

É grande o pinhal? A passos contados, hoje dificilmente lhe daríamos volta.

Recolheu-se a cismar e, olhando para o passaredo que esvoaçava basto pelas ramas, pois era a sazão dos ninhos, tornou:

- Por aqui também há milhafres?

- Ora, mais que baleias no mar.

Na corcova duma duna, com a aves de rapina a espenujar-se nas copas altas dos pinheiros, abriram o farnel. Comeram e beberam, e Pedro Algodres

estirou-se de costas, olhos muito arregalados de princípio, como se andasse a estudar na luz matutina o firmamento em filigrana da floresta, depois as pálpebras bateram e fecharam-se-lhe desfalecidas. Quando o pilhou bem pegado do sono, introduziu-lhe, movido de curiosidade, mão sorrateira no saquítel que trazia a tiracolo e não largava. Mais subtil que raposo a crestar cortiço e, ao mesmo tempo, mais despachado que cirurgião a abrir a barriga dum pândego, meteu os cinco dedos. Tinha dentro um alfarrábio do tamanho de meio missal. Faltava-lhe o frontispício e velo-lhe ao bestunto que devia tratar por lá da história dos antigos portugueses, das naus, e congeminções parecidas. Tornou a pôr tudo no saco e, como não há igual ao marujo para fazer do sono o que lhe apetece, chamando-o ou espantando-o a seu gosto, dormiu ao lado do amigo a sesta do justo. Passaram o resto do dia no pinhal, vagueando de labirinto em labirinto, o Algodres sempre com a teima de esperlugar o sítio, palmo a palmo, como vedor que busca água ou passarinho que anda aos ninhos. Entardecia quando se meteram às sementeiras de volta à praia. Algodres marchava melancólico e vagaroso. Dir-se-ia que carregava às costas um dos madeiros de que atrás tinha palpado a carrasca de cem anos. No dia seguinte - fora maré de pesca - com surpresa soubera que o amigo tornara ao Urso. À certa confira, não tendo que fazer, esparecia. Na serra, a amanhar courelas e a criar gado, não encontrara grandes seduções. Feito homem à borda de água, estava sempre a ouvir sereias a cantar. Para mais, tivera as suas desventuras. Falecera-lhe a mulher, deixando-lhe uma desta mágoas, que só se curam com a terra do cemitério, e um menino que era toda a luz dos seus olhos. “Se os abismos tragassem os vapores que emporcalham o lume de água, recomeçava com a lide de marear”, ouvira-lhe dizer. Para matar saudades, viera até aquela praia. Mas, havendo tomado hospedagem na janeta, todas as manhãs, mal o Sol rompia em casa de Deus verdadeiro, ei-lo que tornava ilharga ao mar, tupa que tupa, direito ao Urso. Encontravam-no os mateiros dobando de duna para duna, e as praças da Leirosa quando vinham trazer ordem ao Posto. Ali o viram, também, com o Manuel das Uchinhas, feiticeiro do Grou. Raio de homem, alguma andava a malucar. Mas quê? Vai senão quando foi a leilão a arte do Salretas por falência judicial. Há mais concorrentes a uma carroça do que a apetrechos de pesca. Pedro Algodres cobriu a hasta e bem andou que lhe ficava a armação dois saveiros, duas redes, obra de cento e cinquenta cordas por dez réis de mel coado.

- Mira - disse-lhe ele, depois de erguido o ramo tomo-te para arrais, mas caluda; o que lá vai lá vai...

- Homem, não sou dos mais paroleiros! Agora que sei eu da tua vida que te envergonhe... ? Que esfaqueaste um inglês... São pecados de todos os marinheiros. Também tenho. A minha pena é não haver despachado para o caldeirão de Pêro Botelho quantos ninfes, franchutas, escarumbas, mangaram comigo por esse mundo!

Algodres era sujeito de capricho e cuidou de pôr a armação à altura. Reparou os barcos, consertou e encascou as redes, adquiriu novas cordas, que com as antigas botaram a duzentas e quarenta, o que lhe permitia escolher “terra de pesca” longe, onde a água parece, olhada de cima, tinta negra de escrever. Apesar de ir em mais de meio a temporada, arrebanhou pelas praias os tripulantes devolutos, um pouco ao tentame, alguns valorosos e práticos, outros quebra-esquinas como fidalgos. Na enxurrada velo o Rodrigo Pamplino, que desdenhavam por pícaro e maninelo e deitou um grande remador, o José Passafome, que saía da cadeia por brigão e às boas dava o sangue dos braços,

o Lavagante, exibicionista, que de súcia com um pirangão de Porto de Mós fazia sortes pelas aldeias, entre outras a ponte: armado em arco sobre as pernas e a cabeça, o camaradinho estilhaçava-lhe à marreta pedras de arroba em cima da arca do peito - e outros e outros que uma vez pegados com o Algodres nunca mais descolaram. Mas desordeiros e ralaços que fossem, estavam com domador. Em mãos indecisas aquele pessoal de fortuna daria com a empresa em vaza-barris; pois em menos de três meses, com o jeito do Algodres, veludo e ferro ao mesmo tempo, arrastava tanto como o Vermoil durante a safra toda. Comprou a casinha no festo das sementeiras, chamou a família, a mana Zefa e o seu Zezinho, e ali botou raízes para sempre. Quem era e donde vinha, ninguém cuidou de saber. Lá na terra dentro, estes mistérios dão com os curiosos doidos. Na borda de água, afeita a gente aos vaivéns, não causam febre nenhuma. A breve prazo, o ti Algodres era cidadão da praia, a triste praia do Pedrogo, mê senhor! Ali se fizera o filho homem; ali fechava pálpebras para o sono sem fim o valente dos valentes.

Evocando, cismando, os olhos do arrais perdiam-se pelo oceano na costureira inveterada do lavrador que se não cansa de ver a sua vinha. Ao largo, a uma vintena de remadas, passava em triângulo um bando de negrolas, mais rápido que flecha. O mar enlanguescia calmo, muito calmo, ao longe calda de alvaiade, alegre de lumarêus brancos que mal se erguiam se apagavam, rente à costa espelho de fino aço a reverberar a luz crua do Sol. Na lagoa, que esquecia atrás de si a baixa-mar, miravam-se as nuvens com tanta nitidez que se distinguiam as sombras correr à superfície da água, à qual o fundo de areia, muito limpo e doirado, emprestava um verde sumptuoso e translúcido. Eram mansos e espaçados soluços as ondas que vinham desatar na praia em borbotões de espuma, mas saltarinos e furadores como coelhos brancos. Às vezes essa espuma afigurava-se mesmo regaçadas de neve estendendo-se, ao longo da praia, mais lisa e reluzente que toalha de piquenique. Boa hora de pesca, mas que não devia prolongar-se muito a julgar pelo remoto fuminho do horizonte! Impelido pelas duas alas de quarenta remadores, aliviado da carga, o Deus ande comigo, da companhia do Vermoil, avançava proa à terra, garbosamente. Pelo rumo que trazia viria bater ali perto, e o Mira esperou para dar a notícia. No areal, os bois aguardavam o momento de alar a rede, boleiras à frente com as salas arrepanhadas pelo alteador, gorro de veludo com o espelho, da grandura de vintém, em que havia sempre um raio de luz a brincar como libelinhas na fonte.

Na rampa que mergulhava das casas para a água, a deslado do Posto, com o fim por certo de fugir ao contacto do povilêu, acampara o rancho de fidalgos que duas horas antes automóveis buzinares haviam despejado na praia. Lá andava o Lousal filho, calças à charlston, papo ao léu, apaparicando as senhoritas com pastilhas de cheiro e caramelos. As risadas das bocas vermelhas esfuziavam no ar doce da tarde mais alto que os gritos das gaiotas. De pé, o senhor juiz de Leiria, Alonso da Cunha Leão, olhava para o mar, circunspecta e gravemente, como em pretório a julgar grande assassino. E que assassino não era aquele, Pai do Céu! Se os afogados se levantassem do fundo dos abismos enchiam a terra. A vida estava para os figuros, tudo sorrisos, tudo mimos, dinheiro a rodos, boas fêmeas para o gozo! Que lhes importava que em riba duma arca estivesse um herói de queixos enfechados?!

Da outra banda do Posto, à espera da rede, as mulheres dos levadios espiolhavam-se. Com almocreves, bufarinheiros arrematantes do pescado, rapazio ladrônico, homens de enchelevar, faziam uma feira. Vinha perto o Deus ande comigo, regido por João Maria, o Savelheiro, que sabia escolher o

seu mar. Meia dúzia de remadas; uma pausa à coca de vaga, e a vaga tomou o barco sobre si como palanque na cernelha de elefante, e depô-lo na praia sem baque nem estremeção.

- Boa manobra - ficou o Mira a malucar. - Mas eu vinha sobre bombordo; estão as águas baixas e o barco devia ir em busca de mar mais ao norte para não perigar na restinga.

- Não entraís? - perguntou para o Mira o Savelheiro da proa da nave. - Há novidade?

- Morreu o patrão!

- Morreu o patrão...?! - repetiu o outro num eco sentido. - Deus o receba à sua direita.

Entretanto recolhiam os homens os remos e lançavam as espias. Logo em seguida, deram-se uns à faina de encalhar o barco; retoçando sujos, suarentos, com as carnes a luzir por entre os mondongos de riscado, lavaram-se outros na onda emortecida. A dobrar a taberna do Pisco, açodados, avistaram-se o Vermoil e o escrivão.

- O ti Esperança tinha dito que não botava o Verão fora, ao vê-lo cismático e com vágados, mas nunca imaginei fim tão repentino... - tornou a dizer o Mira para o arrais, imóvel no castelo da popa, invadido também do nojo da morte.

- Tantas vezes a coira deita o harpão que acaba por nos fregar - respondeu o Savelheiro.

- Vou para lá agora; vens daí?

- Vou. - E, saltando em terra, disse para os marítimos que já comentavam a má nova: - Rezai por alma do ti Algodres que o Senhor acaba de chamar à sua divina presença. Calai o barco bem em seco; aquelas nuvens lá ao largo anunciam mudança.

Silenciosos, treparam a ribanceira, já os bois andavam, sobe e desce, no manejo lento de remontar a rede. Se bem que ao serviço de patrões quase sempre políticos um com o outro, algumas vezes em guerra, os dois arrais votavam-se recíproco e fraternal afecto a coberto de zelos e testilhas. No entanto, não podiam ser mais desapaixoados em génio e natureza. O João Maria era de estatura mais que mediana, ombros quadrados, loiro, dum loiro esmaecido de palha na eira, brutal de modos e seco, a estampa daqueles normandos que baixaram às terras do sol dos nublados fiordes. Pela manha e destreza com que em pequeno bifava as savelhas do monte da lota alcunharam-no de Savelheiro e crisma foi que nunca mais perdeu. Ratoneiro exímio em rapaz, homem, era dos arrais mais valentes da costa de Portugal. A comandar, a voz dele, levemente rouca do álcool e da cacimba marinha, tinha a estridência imperativa dum clarim. Vê-lo aprumado nos castelos, quando entre o rolo da praia e o contrabanco o barco se cabreia como cavalo furioso, era vê-lo lançar a malha à porta das tabernas, igualmente imperturbável. A mulher, mais carregada de filhos que vide, era uma destas sombras negras da beira-mar, gemebunda, agoirenta, que respondia ao seu homem, às comadres, a todos, por um epíteto obscuro.

O Luís Mira constituía em quase todas as linhas o reverso daquele: dez a quinze anos mais velho, trigueiro, face escura e angular, com patilhas grisalhas, gretada da tormentina; olhos castanhos, leais, não isentos de finura; meão, sobre o franzino, tipo acabado do antigo fenício sóbrio e aventureiro. Intrépido como o João Maria, não vociferava; na aldeia de beverões, era o único que não caía de borracho. Nos dias santos, a mulher

arreava-se com o seu cordão de oiro de três voltas, medalha, duas figas, blusa de gorgorina e canos de lã branca nos tornozelos, ainda que descalça. Em vez da tia Domingas como as mais, era a senhora Domingas. Não tinham os homens grande estima por ele, compensando, porém, tal quebra com o respeito que lhe votavam.

Bons obreiros da abundância, estimavam-nos o cura e os fregueses e todos os maiores daquela corda de povos como aquele Eudócio Bixolim que, ao passarem diante da taberna do Pisco, lhes gritou do limiar:

- Eli Savelheiro, eli Mira, vai uma pinga? Estacando a saudar o rico lavrador da borda de água, que tinha dinheiro como terra e sorte de cão, os dois escusaram-se. Iam rezar o responso à beira do corpo do ti Algodres que acabava de render os espíritos ao Criador.

- Amigos, já se lhe não dá remédio! - tornou o outro. - Paz à sua alma, que era homem duma cana. Está o Lázaro a barbeá-lo e a vesti-lo, pelo que ouvi dizer; podeis entrementes molhar a goela...

Pechincheiro, o arrais do Vermoíl torceu o passo e, para não desprazer, o Mira seguiu-o. E mesmo à boca da taberna, copo em cima duma pedra, sardinha espremida sobre o polegar no motreco de broa, foram sucindo. Para matar o tempo entre duas redadas, os almocreves do Grou jogavam o liques, de pé, ao mostrador, copo das libações em face. Faziam-lhes roda os marítimos, a que o falecimento de Pedro Algodres dera folga, e outros que largaram à tuna, mal o Deus ande comigo tocou no varadoiro. Já o Pamplino, baixo, tarraco, plantas espalmadas, cabeça ao léu, a brenha crespa das pomas a espirrar pelos bofes da camisa, com o seu quê de urso-marinho na figura e nos trejeitos, ensaiava momices e partes gagas na esperança de quodore. A morte, à força de a verem na fâcies hedionda dos náufragos, dentuça arreganhada, bochechas gelatinosas sopradas como bexigas, de a desafiar a cada passo, roçava-os apenas, e sentimentos, vícios, hábitos, seguiam o curso maquinal.

Dize tu, direi eu, o lavrador da Ervedeira declinou a razão especial que o levava a cortar com pés de lã o caminho aos arrais. Ficara por fiador de Pedro Algodres na compra de vinte e quatro cordas ao Pinto, de Esmoriz, e morria por saber se o seu crédito estava a salvo. Isto de águas do mar para emprego de capital, em terra, apenas tinha de semelhante as oficinas de fogueteiro. Eram indústrias que nasceram com a calpora toda... só boas para juro alto, muito alto, quanto mais para finezas.

- Em caixa deve haver para, pagar a prestação, disse o Mira para o homem que mamara de leite a arte da ganância e a felícia; o pai, ao demolir um cortelho, descobrira um chapéu de peças; o filho, ao fazer a vessada, trouxera enfiada na relha uma anilha de oiro que pesava mais de arrâtel. - Em menos de dois meses de safra arrastou-se à volta de catorze contos de pescado. Por essa dívida, seu Eudócio, não lhe manda o caminheiro à porta.

- Toda a minha quezília é que o rapaz não esteja à altura do negócio. O pai trouxe-o anos seguidos na escola, arredado da vida do mar. Para quê? Eu mal sei traçar o nome e, louvores a Deus, governo a minha casa tão bem como qualquer doutor. Depois, em vez de o jungir à arte, prendia-o em terra, não lho fossem as ondas tragar. Por mercados e festas, de jornada para a Figueira à busca de carpinchas, para a Nazaré a abocar-se com o capitão do porto, para Leiria, para o inferno, não falando de Monte Real, à cola da Filomena Penalva, por toda a parte o dialho havia de bater a bota. Era o agente comercial da armação e as mais das vezes andava nisso, bem sabemos. Mas, amigos, tomara eu tantas horas para descanso como de dias perdia a vender sombra.

- Sim, senhor; sim, senhor! - apoiou o Savelheiro, boca doce ao ricaço. - O rapaz é sério, valente, mas lá prática do mundo não tem. Das artes do mar, então, não percebe bóia. Aprendeu a mandar um remo, aprendeu, mas da cartilha de patrão nem sabe o que sejam cuidados. É novo, é novo...

- Aí é que me dói! Às duas por três deixa-me a arte ao deus-dará, e vá de esperas, vá de hipotecas, quem paga a letra é o velhinho, hem?

- Porque se não vai entender com o escrivão? alvitrou o Mira.

- Está a assear o defunto, deixá-lo lá estar. De resto, o Lázaro é um nem-lá-vou-nem-faço-míngua; não ata nem desata. Não tivesse ele sido aprendiz de clérigo!

- Fale, fale com ele - insistiu o arrais. - Verá que tem outros dinheiros mais em risco...

- Queres falar da hipoteca dos afogados da Vieira?... É verdade, justiça, mais justiça, daqueles dez contos não safo com que comprar um chapéu. Maldita seja a hora em que depusitei dinheiro na companhia excomungada Também perdição assim, redes, cabos, barco, seis homens no chafurdo, nunca se viu. Acreditem vocês, a gente nem dorme a sono solto com o caroço empregado na água. E ainda bramam que a vinte por cento é caro! Irra, irrório, senhor Ligório! Vão lá por essas portas, ai tio, ai tio, a ver se alguém desata os cordões à bolsa para negócios desta laia. Tomai nota no que vos digo hoje, vale mais real em terra que tostão no mar.

- Por esse entender nunca mais se comia uma sardinha em Portugal - pronunciou o Mira em tom de chalaça.

- Lá havemos de chegar. Isto de casas sem alicerces e pisar onde não passa o boi é ruim para tudo, mas principalmente para a bagalhoça. Para que vivam!

Trocavam saúdes quando retiniu na taberna nutrida e cacarejante algazarra. Conseguira o Pamplino bufarinhar a bugiaria poética a troco de marufo, mas os almocreves, não se dando por quites, reclamavam melhor. A evadir-se, lampeiro e gozoso como fauno que satisfizes os apetites, já ele vinha de escantilhão pela porta, com um dos pagantes na peugada a gritar:

- Aquela não foi de valha. Tem de dizer outra ladainha!...

- A ladainha é a Nossa Senhora, seu animal! retorquiou o chocarreiro.

- Bem me entendes, boca grande! - tornou o homem. - Tio Mira, obrigue-o a pagar o que deve...

Cortando com o gesto em direcção ao mar, respondeu o arrais:

- Ali para baixo, risco eu, aqui, risca ele. Lá se avenham.

Levados na galhofa, saíram os almocreves de roldão para a rua em assuada ao pescador:

- Anda, Pamplino, cumpre a palavra. Se róis a corda, quando te pilharmos no Grou, tosquiámos-te a lariuça!

- Cantigas, ó Rosa! Se quereis gaita, pagai ao gaiteiro.

- Arre com o cão! - Não tombaste já três quartilhos?

- Nada feito.

Pago eu o copo de vinho - disse um dos foliões mas hás-de subir para riba daquela carroça a pregar...

- Venha! Passaram-lhe meio litro, que ele, sofregamente, como receoso de que se arrependessem, virou dum trago. Chupando, depois, os lábios e enxugando-os à pelúcia dos punhos, pronunciou em voz remansada:

- Desejais a Oração do Bêbado?

- Essa! Mas de púlpito. De púlpito! Içou-se para a traquitana e ajoelhando, de mãos direitas e olhos tão arregalados para o céu que só lhes brilhava a clara da menina, salmeou:

Pai da vida, Deus portento, Que o mundo torto governas, Dai-me luz e entendimento. Mas, se eu errar as tabernas, Seja com tal descaminho, Que vá logo de lanternas Esbarrar no melhor vinho.

Celebraram com alarido e muitas risadas a pacholice do jogral, embora velha para todos como o castelo de Leiria. Exigiram outra; brandindo o copo, o Pamplino invocou o direito a mais vinhaça. Em despeito da primeira reserva, o Mira interpôs-se:

- Para entremez já bonda! Lembrem-se que está no celário um nosso irmão.

Dobrando a cabeça, sonso e humildado diante do arrais, ficou o Pamplino a bichanar uma prece imperceptível. Baixava o Sol a olhos vistos e carantonhas negras - os cirros ligeiros da estrema do horizonte corriam, tangidas pelo vento, a trancar-se no ocaso como conjurados à espera dum rei. Os arrais despediam quando o Eudócio, que viera à compra de caranguejo para adubar a horta, atalhou:

- Não sei se vá com vocês... A rede estará para demorar?

- Ainda se não avistam os caneleiros das trinta informou Passafome que subia da praia.

Ombro com ombro meteram os três pela rua adiante, cabo do macadame que vinha de Monte Redondo e do fim do mundo, às bandas do qual, na duna desmantelada, se empoleiravam casas de ripa e de cascalho, tabernas térreas e lóbregas, barracas com a tremelga e o cação empalados em cruz a bailarem no vão dos janelos, e despediam ruelas em que se apertavam mais pocilgas, palheiros e tabernas. À porta do Vermoil, tenda e moradia, lavradores carregavam o caranguejo que ia adubar até Chão do Couce alqueives cansados e vinhedos. Tanto fedia que os transeuntes eram forçados a levar a mão ao nariz. Na rampa, sobre a caruma que ali deixara uma esfrançada de pinheiros, Teresa Charana recolhia a pobre petinga escorchada que pusera a secar ao sol, boa para os dias lazarentos, quando falta o peixe fresco das rapolas. Mal os viu, levantou a cara de fataça que Deus lhe deu, carpindo da boca sem dentes:

- Morte malvada, que só leva os bons! Ah, aquele não era da raça dos patrões que apenas têm olhos para a lota e tanto engadanham a mão sobre a ganhuça que enterram as unhas na carne! Muitas vezes veio a esta porta: tens pão? tens azeite? À beira dele a fome esmurrava os dentes. Quem nos há-de valer! Morte malvada, morte negra!!

Mas eles não se dignaram dar-lhe ouvidos, tendo pegado entre si acerca daquela morte funesta e da inexperiência do herdeiro, homem de vinte e seis anos que andava no mundo por ver andar os mais. já o Augusto Penalva, terreato manhoso e pé-de-boi, lhe esquivara a filha significando:

Quando tiveres vinha para dez pipas, chá para três jeiras e casa de soalho, vem-me ver. Antes disso, e não é pedir nenhum infantado, quitas de me rentar à cachopa. Lá com coisas de pesca não me entendo; a água o dá, a água o leva.

Queria-lhe, mocetão airoso e bem-criado, do fundo de alma, a Filomena; obediente acima de tudo e guardada pelo pai corno por sete dragões, limitava-se, de par com ele, a suspirar. Segundo se dizia, andava-lhe na fanga o Júlio da Sebastiana, entrado nos anos e achamboado, mas que tinha o seu vintém.

À passagem do palacete Lousal, com ar provocante no meio dos casebres, envolveu-os o doce rescendor dos assados a pingar na brasa. Ao rumor das vozes, uma sopeira perliquitetes acudiu à sacada, pressurosa e delambida, com o prato, que estava a limpar, na mão como pandeireta, e desapareceu com maior afogadilho ainda ao descobrir três homens maduros, nada faias, sem correspondência com a vaidade dos seus verdes anos, Ouviram-se, logo após, estreloçar os talheres em claro e guloso banzé, que estava a bater a hora de janta. Considerando que os felizardos da sorte acertavam a santa trincadeira pelo relógio e erguiam da mesa rúbidos e pesadões, enquanto eles comiam ao sabor da maré, mal mexido e requentado, da garganta do Mira escapou-se uma palavra que era ao mesmo tempo queixa e suspiro:

- A vida está para estes! - Que o meu quinhão lhes saiba a rosaltar! sibilou o Savelheiro.

- Homem, ganharam-no com o rico suor do corpo obtemperou o Eudóxio.
- O Lousal pai começou a vida a dar a jorna corno serrão. Contava o meu velho, Deus lhe fale na alma, que foi daqui para Lisboa de tamancos e com uma bôla de milho para a jornada. Fartou-se de moirejar e poupar como a formiga rabiga para erguer a casa que hoje tem. Hem, que julgais vós? Morava às Trinas e tinha estância em Xabregas. Todas as manhãs, para forrar o bilhete do americano, ia à pata. À pata e com a barriga a dar horas. Se lhe apetecia o cafezinho, que as chafariqueiras vendiam aqui e acolá, no vão duma porta, furtava-se à chícara de trinta réis desde que mais adiante, fosse longe, fosse perto, lho dessem a vintém. É verdade!

Eram chegados à moradia enlutada, a primeira quando se vinha das bandas do mundo, com uma ventoinha ao alto, em que o mestre, todas as manhãs ao sair da toca, se apressava a ler o corrume dos ventos. Por isso lhe chamavam a Casa da Ventoinha. No pátio, dentro do cavername duma bateira podrida, gambiavam garotos, picados das bexigas, quase nus. No meio deles o Luziairo, dez anos, filho da Charana e de pai incerto, loiro e sardo, dum loiro que transcorria da gaforina para a tez, em pelotas, lembrava golfinho bisonho, esgarrado do mar. Havia um cacho de mulheres à porta, cabeça entalada à espreita, saia negra para o toutiço, pernas vermelhas e cascudas de perdiz por debaixo do saiote de baeta.

O Mira apartava já o monte quando surgiu o chavelhudo do Joaquim Bica, que se improvisara em gato-pingado, às escâncaras a bocarra de caimão:

- Está o ti Lázaro Brás a vesti-lo. Se vomecês querem entrar, à vontadinha; pelas traseiras, topam o Zé e a mais gente...

Foram pela porta dos quintais, que deitava para as dunas. Debaixo dum pequeno coberto, o Alberto Marrazes, que era homem de todas as artes, muito expedito e serviçal, ontem carpinteiro, hoje pescador, pregava o ataúde.

- Estás a fazer um baú? - gracejou o Eudóxio, acercando-se.

- Estou; serve-lhe para as libras?

- Libras, ando livre delas. Fica obra asseada...

- agora! É para pobres, para a terra comer. Mas faz-se melhor... Quer encomendar o seu? - disse o rapaz aperrando os dentes, que, largos e quadrados, davam grande impressão de força.

Não era homem de rasgo, nada o trabalhava tanto como o medo da morte, e na cola do arrais fugiu a responder. Não se cabia na lareira. À roda do José Algodres, sentado num cepo, às mãos ambas a tapar a face em que escorria pranto, mulheres espremiavam a lágrima e soltavam suspiros altos. De gorro entre os dedos, olhos tristes, os arrais debruçaram-se para o moço:

- Zé! E h, Zé!

- Morreu meu pai! Morreu meu pai! - exclamou ele, reavivados os arquejos.

- À morte ninguém escapa, meu santo! - murmurou o Savelheiro. - Mais hoje, mais amanhã... - já tinha uns bons pares de anos - disse o Eudócio.

- Qual, fazia sessenta e dois para o S. Miguel das Areias - esclareceu a irmã do falecido, a senhora Josefa Algodres, que, lideira como mó, se desunhava de cá para lá nas voltas da casa.

- Nunca lá faltou, coitadinho! - gemeu o filho.

- Nunca supus, nunca supus! - sussurreou o Mira, abanando a cabeça. - Tanto esta manhã me pareceu no seu são, a deitar comigo contas à redada, que disse para mim: temos homem! Afinal, morreu na sua cama, dêem graças!

- Na cama ou no mar, que monta!

- A terra é o nosso berço; o mar, não. O mar nem mortos lá nos quer.

Decorreu imensa, gélida pausa em que se ouviu, lá fora, o martelo rápido do Marrazes, e, portas a dentro, o choro miudinho do José Algodres. Para dizer alguma coisa, sentenciou o Eudócio:

- O olmo às vezes parece bem poderoso e tem a carcoma no cerne. Passou há muito?

- Tocava o tio Vermoil o búzio para o segundo turno - respondeu o moço.

- Pediu para lhe encher o cachimbo, que tinha as mãos entirritadas, puxou duas fumaças e, como se o sono o tomasse, dobrou a cabeça para o peito. Ah, meu rico paizinho!

- Nem deu pelas alpoldras - pronunciou o Savelheiro.

- Deus o sabe! - disse Josefa. - O certo é que levou a manhã a fazer recomendações ao filho, assim a modo de batalhar. A turra dele era que o José não se avém com acompanha. Esteve, também, a explicar tudo, o que se tem a receber, o que se deve, não esquecendo a conta ao Pinto, de Esmoriz, de que o senhor Bixolim é fiador...

- Por causa dessa dívida trago um penedo derriba do estômago - disse o lavrador.

- Pois descanse. Nem meu sobrinho nem o senhor Lázaro são pessoas para deixar de cumprir a obrigação. Pelo que ouvi, há dinheiro disponível para pagar; descanse. Mas falou há instantes o senhor João Maria que meu mano nem pelas alpoldras devia ter dado... Verdade seja que se não preparou para a morte, recebendo nosso Pai, embora andasse há três dias da cama para uma cadeira, da cadeira para a cama. Mas olhe... estas palavras lhe ouvi eu para o filho: "Se te pudesse levar!... Deus é que manda!"

- Deus é que manda, olá! - rouquejou o Luís Mira, enxugando as bagadas.

- Não demos tento de expirar. Tinha já a cabeça vergada para o chão, entrou a tia Maria da Vieira. Olhou para ele, olhou para nós e disse: "O Senhor o receba à mão direita que já passou o vau!" Podia lá ser!? Na dúvida, mandámos a toda a pressa chamar o barbeiro pelo Láuro. Podia lá ser! Pois podia, que o Pai do Céu assim o quis.

À greta da porta que dava para o celário, apareceu o Láuro Brás, toalha no ombro, a ensaboar as mãos. Vendo os arrais e Eudócio, acenou-lhes para entrar. À espera do caixão, de que se ouvia ressoar o tabuarne, haviam estendido o defunto em cima duma arca. A tampa negra não destingia da penumbra e o cadáver figurava suspenso no ar, imenso e de bronze. Olhando a cabeça de perto, dir-se-ia a nozelha dum roble, patinada por cem invernos. Mas as formas perduravam no ritmo próprio da vida, não obstante os queixos atados e a obsidiante impenetrabilidade da carne tornada mármore. A andaina

de saragoça, coçada nos rebordos e com nódoas semiextintas na lapela, contava a existência pobre do lutador. E as brochas luzidias dos sapatos, melancolicamente, evocavam feiras e arraiais, a rede inextricável de idas e voltas em torno do grãozinho de pó, que era aquela casa no espaço, e pareciam dizer, assim de cutelo para a luz, que partiam para a viagem escura donde se não torna. Poisavam-lhe no peito as mãos, urna contra a outra, honradamente gigantescas e de brutalidade sobre-humana. Depois de encomendação, os arrais beijaram essas mãos que seguravam o remo e a adriça como nunca um guerreiro o fez à espada; com o raminho de alecrim aspergiram a face tantas vezes lavada pelas fúrias do mar; e saíram cabisbaixos e doloridos.

À porta aguardava-os o Vermoil, a barba quinzenal de cerdas grossas como pregos ripais, os dentes, enormes e saídos, à enxadada aos beijos de almofariz, mais o beleguim do escrivão, o Pedrosa cambaio. Ambos a um tempo sacaram o Savelheiro de parte.

O Mira foi descendo devagar, muito devagar, a moer os minutos até que o parceiro rompesse. Apagara-se o Sol por detrás da nuvem baça que alastrara da Marinha até o Pargo, onde, pelos dias claros, se viam esvoaçar os penachos negros dos grandes navios da carreira. Rugia o oceano num rumor incessante e fragoroso de artilharia a galope, e a terra enfuscava nem que entonassem sobre montes e vales a água opaca dos abismos. O Mira viu as gaivotas revoarem por cima do Posto, descreverem largos circuitos ao alto dos telhados, e disse consigo: ao mar, amanhã, nem com Sant'António à proa!

Passante a taberna do Ratapum foi alcançado pelo Savelheiro. Perguntou:

- Que te queria o mostrengo?
- Oh!
- Dize lá... Sou fechado como as tumbas.
- Queria que cometesse o Zé Algodres para a venda da armação. Agora gira, vai dizê-lo...
- Sossega. Com o cadáver ainda morno, já o safado estende os gadanhos... Alma de anequim podre!

II

Ao fim da primeira semana de borrasca, ainda Outubro não ta fora, o José Algodres obstinou-se em desarmar. Recolhidos ao armazém barcos, redes e cordas, tudo limpo e a bom recato, emprazou a companha para o

Posto da Guarda Fiscal. E aí, depois de pagar a fêria e dirimir pendências com ânimo generoso e despachado, deu os homens por quites e livres.

Apuradas as contas, não lhe ficava forro com que armar um andor ao S. Miguel das Areias. Alegou Lázaro Brás, o escrivão, de unhas sujas a coçar na nuca, o gabinarado velho a escorrer-lhe dos ombros magros, que, se a safra corra mal, a responsabilidade não era sua, mas sim dele, mestre da companha, que largara rédea aos marítimos, uns bebedolas e ralaços que apenas estavam bem nas tabernas a meter bagaceira ou de malha em punho a jogar o chinquilha.

Ouvia-lhe as queixas, sem retorquir, o Algodres. E só ao fechar da caixa, vazia, sem um ceitil furado, abriu lábios para dizer:

- Não se apoquente, Lázaro, que as coisas hão-de endireitar...

- Endireitar como, se tudo vai de mal a pior? Direita, direita, leva-o o Vermoil. Ele o mar está bravo e, é ver, o Lírio de Jericó lá anda na faina, mais descansado que um ganhão em terra a plantar a horta. Hoje deita aos quatro lanços... para riba de meio conto!

Deixe lá, homem! Ainda havemos de ser ricos... podres de ricos. Como, não mo pergunte.

Estas palavras eram proferidas em grande sigilo corno se o próprio remoinho do vento as pudesse divulgar.

- Ouviu? - tornou a voz ciciada. - Havemos de ser ricos. . .

- Mas que é?

- O mar não me dá sorte... há-de ma dar a terra, tão certo como haver um Deus que nos governa - e, a fugir a explicações, largou praia fora, rente à fimbria de espuma, embalando ao rolar das vagas, o seu entranhado sonho.

O Lázaro ficou-se, lábios franzidos num esgar de mágoa e desdém, a vê-lo ir descalço, escoteiro, olhos em alvo, como se levasse o Demo no corpo. E cabisbaixo, a cismar na charada e na factura a satisfazer aos cordoeiros de Esmoriz, se foi até o quintalório da casa que tomara de aluguer, à espera da sua Flora. Semeara ali nabal e, com as últimas chuvadas seguidas de entreabertas soalheiras, uma herpes miudinha começava a pintar de verde a terra baça. Naquele migalho de solo como às traseiras de todos os casebres, mormente nas abas da povoação improvisada há cem anos, o pescador cavara a duna à cata de húmus, removera-a às bandas, e nos balseiros assim agenciados plantara vinha e horta. E lá medravam, protegidas do deslize da areia por grossos taludes que o perrexil cosera, passajara, rebordara corri o delgado e extenso cordel das raízes, mais minuciosamente que colchociro. Em apoio da planta, tão feia quanto prestimosa, com o seu radiculado subterrâneo de solitárias, vinham a tamargueira robusta, o samouco viridente, o ferrenho rnióporo. Especados em linha a defender o plantio, constituíam estes mouchões vegetais autênticas trincheiras de guerra contra a duna invasora.

Pelo Estio dentro, em tais hortejos cavados à feição de escudelas, mais tismados que pedra em que se acendeu lume, erguiam-se do pó impalpável, sobertos e miraculosos, o malvaíscos de umbelas cor de vinho e o estramónio

peçonhento de campânulas alvas de neve. Pelos cômodos e ainda nas rampas da estrada, vicejava a cômica cucurbitácea “pepinos de S. Gregório” que, ao premer-se-lhe o pedúnculo, dispara pevides e esguicha uma aguadilha malcheirosa.

Passara a canícula como lumieira pelos quintais, não poupando fibra de verde. A todo o longo rebrilhavam brancas e áridas as corcovas da duma, mal mareadas do cardo, o cardo rolante que, mercê da supervida que goza, para onde o levem os baldões fixa-se e medra, tudo parecendo assimilar, areia, rocio e refervor do céu, sal da bruma, cisco ao vento. Tão longe do cardo das serras está este cardo que, pelas flores sulfato de cobre, as folhas simétricas e rígidas, defendidas em cada recorte por finas puas, parece de zinco, aqueles florões de zinco, a escorrer nojo, do pináculo dos mausoléus. Por entre tal sarna do areal, sempre pronta a morder, e os “cordeiros” cujo tegumento os pescadores utilizam como isca para o fuzil, a sila alçava **a@qui e ali a corola de lírio, imaculada.

Para o alto, no pinhal do Concelho, perfilavam-se os primeiros renques de pinheiros, retorcidos pelo vento e a vergastada das areias. Já à sua orla e nas limpaças, os frios de Outubro tinham despido a camarinheira, cujas bagas, engravitadas nas hastes esbeltas, revestidas duma folhagem de urze, são grumos de caramelo. Embora, nem a madorneira, erva maninha, nem o estormo, feno salgado das dunas, que se comprazem da intempérie, começavam a enverdecer. Ah, mas sentia-se o Inverno com o mar e mata, por toda a costa desde S. Pedro de Muel até Osso da Baleia, como duas sanfonas tremendas em despicado toque!

Andou, divagou Lázaro pelo cerrado, a chupar o cigarro, a fazer horas, de espaço a espaço lançando olhares enfadonhos em roda, pela gente que vinha, que ia, pelas barracas velhas e sujas, atoladas na areia ou boiando sobre matacões como jangadas em pleno mar. Eram todas de ripa, remendadas com torrões e farrapos, tirante os palacetes do Lousal e doutros dois madeireiros, intrusos que não contam, muito apegados, em pedra, à beira do macadame. Algumas, desamparadas da gente que emigrava, iam ficar aos morcegos e aos vagabundos por aqueles longos meses fora. Numa ou noutra, pelo facto do José Algodres haver dado alta, ouvia-se a estreloçada de toda a familagem, dispondo-se a desertar com ferramentas e cacaréus. Na do Passafome, a voz rouca, aguardentada, soava de rigodão com a chinfrineira dos rapazes - eram sete de dez anos para baixo - que se carpíam por todos os foles, e da mulher, atrida da surra que levava. No dia em que cobrassem féria, porta sim, porta não vindo para cima, porta não e porta sim, indo para baixo, aquilo era de lei. Quem não estivesse a par, julgaria pela grazinada e a bulha lugares de chacina e de morte as barracas dos pescadores. Quando desaparelhasse o Vermoil, abalava meio mundo. Dirigiam-se uns às serrações a ajustar-se corria os estanceiros; outros, no tropel das mulheres e filhos, recolhiam à Nazaré e Peniche, suas terras, ao topa-a-tudo; moinavam muitos; raros quedavam na “triste praia do Pedrogo” a pescar no baixio com majoeiras e ao espinel um dia por outro, entretendo a fome com a esquilha humilde e a raia escalada, seca ao sol dos meses estivais.

Vinha lá o Inverno, inimigo dos pescadores! Em baixo o mar cobria-se, para além das cem cordas, duma leve poalha de cinzas, no meio das quais o Lírio de jericó era sarrafo escuro flutuando. As ondas avançavam em paralelos e longos galões, verdes e brancos, brancos e verdes, para quebrarem na praia com a ressonância e compasso de sino grande, tangido por um bruto badalo.

No entanto não bulia nuvem pelo céu, todo cor de pérola, sem fundo, sem sol e sem azul.

Taciturno, tomado da caramunha da sorte ou da tristura ambiente, estático no vão do cancelo, assim veio topar ao seu homem a senhora Flora, de rota batida de Casal Novo. Passavam muitos dias sem se ver e era sempre efusivo o seu encontro. Enquanto Lázaro escriturava a companhia, ia ela tenteando a casa de lavoir, que tinham bens ao luar. Em razão da distância, haviam trastejado aquela barraqueta com meia dúzia de alfaias velhas, um catre de bancos e um fogareiro de barro em que ele, por arte própria ou coadjuvado do primeiro marítimo, forjicava o comer. Sábados à noite vinha ela adereçada do melhor oiro, canos de lã de camelo, lenço ramalhudo de seda, em cima da égua criadeira, oferecer como rainha de Sabá ao esposo amado as graças quarentonas. Não obstante ser sensível a diferença de anos entre os dois, o Brás parecia ao pé dela muito mais provecto do que era em realidade. A mulher - salvo seja em fecúndia, pois era boa mãe de filhos - tinha o ar destas castinceiras que crescem fortes, enxutas, lisas e luzidias, na extrema dos campos; de seu moral, adequadamente recta, positiva e senhora do seu nariz. Ele era magro, flácido de carnes se bem que de semblante afável, alma descuidada e sonhadora. Apesar dos contrastes ou, talvez, mercê deles, entendiam-se como unha com carne. Ela só enchia a boca com o seu Lázaro. Este era-lhe, por sua vez, fiel e agradecido como vagabundo que fora e encontrara aquela boa sombra no seu descampado. Porque Lázaro Brás, escrivão de companhia, barbeiro, homem do tabardo de picotilho, com a eterna petisca a escorrer do canto do beijo, tinha a sua história. Aos dez anos, por favor duma tia, antiga serviçal de Recolhimento, que vivia em cheiro de santidade e preparava pudins e trouxas de ovos, tão bafejados da graça que o bispo, o cabido, o vigário-geral comiam e morriam por mais, ingressava no Seminário de Leiria grato Deo. Os pais, ele homem de enxada, ela mulher de rodilha, não sabiam onde cair mortos. Durante quatro anos calcorreou o rapazinho pelas sagradas letras, com grande esperança da tia que almejava fazer um padre. Aconteceu, porém, que a boa criatura transitasse deste vale de lágrimas, chamada por Deus. E, porque cessasse a virtude eficiente da doceira ou, o que é ainda plausível, porque a aplicação e zelo religioso do menino não fossem recomendatória suficiente à gratuidade, devolveram-no à família. Desaparelhado para a vida, embora nomeasse de fiada os reis da dinastia de David e as figuras de retórica, serviu de marçano num armazém de secos e molhados; passou a caixeiro de ourives, estes ourives de escada, meio relojoeiros, que poisam em feiras e romarias; ele próprio, por sua conta, armou em ourives volante. Certo dia que vendia uma gargantilha à filha dum lavrador, reparou que ela tinha bonitos olhos e peito chelinho de rola, almofada de primeiríssima ordem para uma frente cansada. Tão bem impingiu ele o seu oiro, tão bem ficou ela afreguesada, que pouco tempo decorrido abalavam os dois rolando o perfeito amor. Casaram e assim virou costas à aventura e à belfúrinha o antigo ordenando. A terra, porém, não conseguia prendê-lo a valer. Quedaram-lhe laivos, a lordose, sobretudo, da cultura bebida com os padres, Ao mesmo tempo, anos e anos de vagabundagem por Ceca e Meca haviam-lhe formado uma sorte de envoltura psíquica fora da qual não se sentia bem. Entre vê-lo correr mundo, como transluzia de seus projectos, e vê-lo escriturar as companhias, Flora não hesitou. Para ele semelhante ofício era a evasão necessária, para ela o menor dos males. Acabando ela por ser o homem de portas a dentro, no governo da casa, no amanho das courelas, na educação dos filhos, que eram três muito alvos e

medradinhos, nunca deixaram de se estimar. Vinha Flora à praia quantas vezes podia, de ordinário em fins-de-semana, para, domingo de tarde, regressar à solidão dos seus penates.

Ora, avisada na véspera de que era aquele o dia de desarmar, acudia a senhora Flora a erguer os tarecos do lar intermitente, cautelosa com os inimigos do alheio, que são bastos nas terras da fome. Palavra puxa palavra, depois de inteirá-la dos negócios da companhia, acabou Lázaro pelo desabafo:

- O Zé Algodres, aquele alma danada, anda zarro de todo. Não sei que tenha nem que não! O regalo dele é ir sozinho por essa costa arriba, até onde nem o Diabo sonha que por gosto alguém possa pôr o calcanhar. Um destes dias, os caçadores de patos foram encontrá-lo nas raias do Pinhal do Urso a passear nas dunas como cavalo em picadeiro. De quando em quando suspendia-se e, voltado para o mar, punha-se a bandarrear em voz alta, agitando os braços. Olá mulher, eu se acreditasse em sereias ia dizer que para aquele quadrante as ouviu cantar.

- Credo, homem! Não será a paixão pela mocinha de Monte Real que o traz estramontado?

- Pode ser. Que lhe zarelha no pensamento é tão certo como eu chamar-me Lázaro. Não me espanta. Com os seus vinte e seis anos, mal escarapuçados, é destes que nunca puseram olhos atrevidos em mulher e, quando acertam a embeijar, temos amor de perdição. Coltanaxo, o Penalva só a dá a quem tenha disto... - e rolava indicador e polegar, um sobre outro, em sinal de pecúnia.

- A armação vale dinheiro...

- Vale e não vale. Com homem de tino, este ofício é como o de boticário que converte água em oiro. Com estabanados não passa de corda de enforcar. Imagina tu, o ano passado ficaram cinco contos saldos; este ano, e ainda o pai governou dois meses, nem tanto com que deitar ponto numa tralha rota. Não mandava; se mandava, não lhe obedeciam os homens; caprichou em não meter nenhum no chelindró; na paga era um mãos-rotas, ora arredondando as contas em seu detrimento, ora satisfazendo por inteiro a fêria de madraços que, às duas por três, fingiam dores de barriga para não ir ao mar.

Numa palavra, os últimos quatro meses de arrasto não valeram, repara tu, os dois primeiros. Ainda se não fecharam contas com os cordoeiros; não se pagaram os jornais aos mestres que vieram deitar Cavernas novas no Senhor da MJortuna... tudo atrasos e desgovernos! Mais empenhos, mais dívidas, como se há-de pôr a companhia em pé na próxima temporada? O que anda a magicar, no que vai fiado, não descortino eu. Que havemos de ser ricos... Más porcas o beijem... ricos da graça de Deus!

Enquanto resmungava, punha a senhora Flora em ordem os utensílios da choupana, acondicionando-os em cestos que, reservadas as miudezas para os alforges, carretariam à cabeça as mulheres dos pescadores, com a mira no naco de toucinho e na tigela de feijões. Arrumação finda, mostrou desejos de ir até a beira-mar, se era certo não estar a rede demorada. E, lado a lado, mansamente, desceram a escarpa movediça que da choupana ia beber nas ondas. Para lá, pela estrada e atalhos, se encaminhava a hoste variegada que explora o mar: mulheres de costais à cabeça, almocreves licitadores, belfurinhos, homens dos enchelevares, rapazio, escrivão, mestre Vermoil e o fiscal de piquete, caderneta da borda em punho.

Do cerco, que vinha a entrar, divisavam-se os caneleiros pulando ao açoite da vaga. Já as boieiras, chapelinho a escorregar para a orelha, perna escanchada sob a sala de alteador, aguilhoavam com desespero os bois do

manejo; já, a fugir à derivação das cordas, andavam em dobradoira as sardinheiras que se haviam alapardado no areal, contando, espera que não espera, passos que lhes sucediam por essas aldeias de Cristo. Em cabelo, calças de estopa, barba azul ensilvada, dentes de cão rosnador, o Vermoil não arredava os olhinhos pretos de sorrelfa da água turva a espiar o marulho do copo. Sabia-a toda aquele judeu!

Entretanto, ao toque do búzio, o Deus ande comigo tratou de aparelhar para nova largada. Os homens foram-se agrupando ao alto da ribanceira onde estava, no tendal, a rede a enxugar. Quando se viram em número, passaram-lhe varas por baixo, e um a cada ponta, espaçando-se de dois em dois metros, ala! Camisola de meia cingida aos rins, gaforina ao vento, andrajosos, carne das pernas roxa, com a mole, escura do encascado, bamboando, revestia a sua marcha na luz vespertina um bruto e estranho aparato de fereza e escravidão. No castelo da popa, outros travavam os cabos de modo a desenroscarem-se despachada e fluentemente em suas milhares de espiras quando o barco seguisse rota. De pé, à proa, o regedor dirigia a manobra, e negro, hirsuto, gesticulando por todos os engonços, nem espantalho de quinta sacudido pela ventaneira.

A distância dali, a gritaria: arrasta! arrasta! subia desabalada na atmosfera húmida da tarde. O cerco descrevia na vaga o seu refego parabólico; em direcção à borda, nadavam como ralas as paridas rotundas de que se pendura a rede; atrás, no vértice da cuada, a calimba saltava, batida pela onda; e pinchando, redoçando, parecia porco branco a banhar-se com hílare espalhafato. Tocavam terra as bocas, emergiam as mangas... Foi então que pela dificuldade em alar e pelo fervedoiro do saco se anunciou lanço de tomo. Pulando sobre uma perna, o Vermoil soltou urro; respondeu-lhe com outro, estrídulo e barbaresco, acompanha inteira.

Aguilhoaram os bois freneticamente as lavradeiras; agarraram-se às mangas, a puxar, todos os braços. E arrasta! arrasta! A rede veio trepando, arrepiando o mar. No colo surgiu uma sementeira de sardinha, lavadinha, petinga, biqueirão, enforcados pelas guelras. Imóvel, lúgubre, ao centro, um anequim. E quando o saco remontou de todo, grávido e majestoso, rompeu a montanha de pescado a vasquejar e, imprimindo à rede amplas e rítmicas vibrações, a cuspir à luz do Sol miríades de gotinhas de água, tais cintilas de prata e aljófar, animadas duma alegria de farândola.

- Rico lanço, sim senhor, rico lanço! - admirou Lázaro, adiantando-se para a rabada. - Pouco carapau, caranguejo nem raça...

Sempre cigano, o Vermoil nem pestanejou. Padejando as manáculas largas, corria duma banda para a outra a enxotar a garotagem que lhe salteava a redada como a milho na eira os pardais. Num rufo, com os enchelevares, foi a rede esvaziada e distribuído o peixe pela praia em montes equivalentes. Em alimpa acelerada, acocoraram-se em volta as sardinheiras; o perna marota do Pedrosa, escrivão, sacou o lápis da orelha. Leiloava como sempre o Barnabé de Quialos, arrais da terra. Baixo, pançudo, mosca faceciosa a picar-lhe a face rubicunda de loiro, a sua voz tinha a carícia de rabeca em surdina:

- Está em vinte e um mel reil... Quem dá mais... ? Aproveitando o primeiro descuido, o ladrãozinho do Luziairo, mais mexido e invisível que a pulga-do-mar, tinha-se acocorado por terra, ao lado da mãe, que o

Vermoil temia pela língua, face ao monte, na postura repousada dum Buda. Em menos de ave!-maria, cavava por baixo das pernas uma cova na areia. E enquanto o arrais da terra ia buzinando a praça, as sardinheiras

mondavam o caranguejo, do qual o macho apenas serve para esterco, e o peixe-aranha de mordedura venenosa, verdadeiro lacrau do mar, os homens espancavam as tremelgas, os arrematantes se suspendiam do resto do mundo nas asas do pregão, enchia ele o celeiro. Logo, quando a hasta desarmasse, ou nas sombras do crepúsculo, viria cauto como o raposo desenterrar os seus haveres. Era este o processo de saque mais comum ao diabrete. O Brás conhecia-lhe todos os ardis, embora por condescendência de ânimo e instruções do Algodres velho se não precatassem dos ratoneiritos na companhia. Talvez por isso mesmo fosse mais poupada dos gerifaltes que a do Vermoil. Larapiar pescado é uma espécie de prova espartana de astúcia e desembaraço que prestam os filhos dos pescadores, candidatos a pescadores. Em tais artes o Luziairo, ainda que um dez réis de gente, excedia a todos na vista de lince, mão leve e pé alceiro. Ele e os mais velhos do Passafome, alcunhados de Fomes, João Fome para aqui, Joaquim Fome para acolá, faziam uma quadrilha do olho-vivo. Com os dedos dos pés, riscando à retaguarda em jeito negligente de marcha, um dos meliantes lançava ao ar a sarda, o chicharro, a savelha, peça que a mão escondia atrás das costas colhia no voo para de ricochete remeter ao comparsa postado mais longe. Outras vezes, os homens corre e vira da rede para os lotes a acarretar, e eles, alados como nebris, davam pulo aos enchelevares, preando o que estivesse a talho de mão, não raro choco ou gordo linguado. Mas não se benziavam para, ao erguer olhos os bufarinheiros, atestarem o barrete, os seios e até as calças, que atavam previdentemente nos artelhos, dos costais carregados em carroças e jericos. Estas manobras tinham de ser executadas em menos tempo do que pia o mocho, pois os ameaçavam como larâpios declarados as rijas manâpulas dos guardas-fiscais, do regedor e, sobretudo, do Vermoil. O certo é que em despeito da vigilância que exerciam sobre os cadastrados em malas-artes, valiam sempre mais as suas rapinas que as rapolas auferidas pelas mães na qualidade de mulheres dos levadios.

Quando o Luziairo cumulou e tapou a sua cova e que lavavam das escamas, nas águas mortas, a rede afortunada, silenciosos, sentidos dos azares da fortuna, Lázaro e mulher afastaram-se dali. A distância, o Deus ande comigo investia para o contrabanco. Varria de largo um vento arisco, destes que no mar são tão fortuitos que só soprados pelos alçapões do inferno, e o barco, sem poder transpor a barreira, empinava-se, caía, e sumia-se por detrás das ondas. Após uma, outra e outra, e ele a morder o mesmo pé, a afocinhar, mostrando quase a pino o fundo chato. Viam-se à proa as duas bicas aparecer e desaparecer, tão rápidas que nem mãos aflitas de afogado. No castelo, o arrais ruivana, impassível, rouquejava:

- Firma a sotavento! Vós da ré, força! Ao vislumbre do perigo acorrera o mulherio, desertafido a hasta. Começava a garabulha desesperada que mais desmoraliza os remadores. Já as calhandreiras, de rojo pela praia, rabadilha voltada ao oceano para não ver a desgraça, arrancavam os cabelos e, rezando, os seus dentes batiam as rezas como matracas; outras especavam os braços ao alto, berrando mais forte que cabras esfoladas vivas. A tia Bica afivelara sobre a cara de ave de rapina a máscara trágica, meia de harpia, meia de carpideira. Ao mesmo tempo que conjurava Virgens e Mártires e dos seus olhos duros caíam lágrimas ruidosas, insultava o mar. A cada estremeção do esquife, o aulido geral empolava:

- Senhor dos Aflitos!

- Minha Nossa Senhora da Encarnação!

- Rico Padre Sant!Antônio, assim como livraste vosso pai da morte, livrai aquelas alminhas do perigo e da má sorte!

Mas entre duas campas de mar, o barco guinara avante, e lá singrava fora da cabeça, vergalhado ainda, porém seguro. O arrais tirava o gorro e proferia:

- Rezem às almas, pescadores! De pé, uns nos corredoiros, outros nos castelos, os trinta e cinco homens despediam o alento todo; lampeJaram na luz, gotejando água, as pás dos longos remos; fraldearam dentro da elipse negra dos bordos as camisolas sujas e as carnes à mostra; uma fimbria de espuma picou a água alvoroçada - e lá ia a frágil galé. Apagara-se o pálido revérbero do Sol no horizonte, por detrás de nuvem de ocre; ao norte, o cabo Mondego tomava catadura monstruosa; a água era opaca; os vultos na praia sonâmbulos, e recordava tudo aquilo o painel aziago duma nau de pestíferos, como antigamente, lançados ao mar.

Ao Vermoil, que especara a ver sair o barco, dentes a arruaçar para a água revolta, disse o Lázaro que rondava pela beira, indiferente à babugem da mareta:

- Senhor Manuel, foi grande temeridade atirar a companha pela borda com mar assim tão cavado...

O mestre franziu os lábios num sorriso que pretendia ser de mofa e lhe pôs a descoberto as gengivas carnicieiras:

- Amigo, não sou rico como vós para mandar os homens à sirga com os primeiros chuviscos. Tenho mulher e filhos. O mar está bravo, cumpra-se a vontade de Deus.

O Vermoil rodou que a hasta prosseguia encarniçada, deixando a sua gente a rir da cara do Lázaro. Eram sempre assim, cães uns para os outros. Naquela praia atlântica, faminta e piolhosa, separada do mundo por léguas de floresta, as companhas eram rivais, fervendo reciprocamente em inveja e rancor. E por mais nada senão porque eram duas. Decerto havia interesses face a face. Não era, porém, com os pilhanços de quatro cascas de noz, operando furtivas e de salto corno gatunos de galinhas, que se esgotava o mar, nem de fartura o peixe apodrecia na lota, desamparado de licitantes. Aquela rivalidade que abrangia uns e outros, escrivaes, vareiros, caladores, regedores, numa palavra todos os marítimos e todas as mulheres dos marítimos, só tinha explicação na tendência que o homem experimenta, sobretudo o homem primário, de dilatar o campo moral, amando e detestando. As duas patuleias em que a praia se bandeava apenas se não moviam guerra aberta a calhau e faca porque os ódios da gente do mar se resolvem no impropério e na assuada. Mas em trabalhos e acrescentos, penas e folgares, estremavam-se a ponto de vestirem anjinhos e armarem andores à parte em festas e romarias.

Enterrado na areia até os tornozelos, a cogitar naquilo, na palavra do Vermoil e nos bons tempos quando o Algodres velho dava sota e às àquele pilho de terreato, que de água salgada sabia que era líquida pelas unhas dos pés, Lázaro ficou ali meio dormente. Fora na esperança de mundos e fundos que se metera o Vermoil ao negócio da pesca, deixando courelas e gados. Testa à ganhuça, trazia os pobres pescadores debaixo da pata, mercê de empréstimos, que lhes ia fazendo pelo Inverno fora, e do fiado na tenda em que pusera a esgorjada da mulher. Daquele modo não lhe faltavam escravos para os remos por um salário que até bradava aos céus. Também não era com o bem que lhe rogavam que ele e família tinham medras. Se as pragas fizessem móssega, há muita estava, escaqueirado, a fazer tijolo no cemitério. O alma de cão esfolava os homens na jorna e esfolava-os ainda na taberna, surripiando

com a mão esquerda de vendeiro os tristes vinténs que contava com a mão direita de patrão. O Lázaro não o podia ver nem tragado, sabendo-o a formar o salto à arte do Algodres. Pelos jeitos, não tardaria que lhe chamasse sua. Grande cão!

Arrenegando do patife, foi em pós da mulher que já dobrava a lombada da praia. Entardecia a olhos vistos e uma inconsolável e peganhosa morrinha envolvia a aldeia misérrima. O vento rinchava para a mata e, bem o sabiam todos, eram as primeiras notas, como a afinar, da zanguizarra que nunca mais se calaria pelo Inferno fora. Sentada na soleira da porta, a tia Remígia, meia orate depois que perdera o filho em naufrágio, muito aconchegada no mantel velho, rezava o seu interminável rosário pelas almas. Ouvia-se-lhe o somido áspero, murmurinho, e era como pássaro doente a piar. A senhora Flora meteu mão à algibeira e, debaixo das chaves e do lencinho, tirou um quarto de trigo de Leiria que lhe deu. Pela estrada a baixo, a gambiar numa perna só, vinha o Luziairo da Charana, vestido apenas, porque escorregara ao mar, com a camisola daquele que passava por seu pai, tão velha e encolhida das lavagens que mal o cobria até o umbigo. Teria já despejado o taleigo da rapina e ia encher a cabaça com que a mãe tomava cada cardina que, duma vez, foi-lhe ministrada a extrema-unção. À porta da Laura Bica, que parira vinte e um filho, de cambulhada ano por ano e alguns aos pares, diante do magote de raparigas que se espiolhavam umas, arremedavam outras as fidalgas com um palhinha velho, embasbacou. Intimado por elas a rodar, persistiu mudo e quedo. Jogaram-lhe chufas. Uma, já espigadota, fez menção de pegar num pau. Ele, então, ergueu mais a fralda da camisa e, empunhando a ferramentinha incipiente de fauno e oferecendo-lha, despediu. Correram sobre ele as pequenas, atirando-lhe pedras. O Luziairo deitara à desfilada e, de tempos a tempos, parando e olhando para trás, gritava:

- Bicas, burricas, cara de sardaniscas! Bicas, burricas...

“Ora vissem o bonifrate! - comentava para o homem, divertida com a pantomima, a senhora Flora. Ainda tinha a envide e já fazia daquelas entrudadas! Para que servia a escola que o Governo ali botara se não dava criação aos pirangas? No seu tempo não se presenciavam tais exemplos. Ele a gente de agora sempre nascia com o vício e a desfaçatez toda!...”

Retrucava-lhe o Lázaro, filosófico, que sempre assim fora desde que o mundo era mundo. Ela não via os cabritinhos saltando uns em cima dos outros pelos campos? Mandava-o a natureza, não havia que virar olhos à banda, envergonhados, e tanto valia para aquilo latins e letras como leite de pombas.

- Dá hoje urna esmolinha, tia Flora? - murmurou o Rolo, saindo do cisco da rampa como de dentro duma sepultura.

Coitado, era a última das desgraças aquele velho marítimo que ficara tolhido pelos ares do mar, com as mãos tão engadanhadas que nem o garrancho de pendurar as candeias. Não tinha eira nem beira, família nem boa nem má, e no seu semblante havia um ar de piedade tal que dir-se-ia amassado como a bruteza nas rochas e a graça em certos passarinhos. Roto, com a fatiota a cair em frangalhos, carapuço na cabeça que deixava furar as guedelhas por cem buracos, andava pelos caminhos a roer uma côdea dura que, para enganar a fome, devia ser sempre a mesma. No Verão, quando vinham a banhos os figuros ricos, ia manjando do que lhe davam e dos restos do comer que deitavam fora; no Inverno jejuava, chuchando na broa cediça. Dormia debaixo dos palheiros e na loja que tinha o Posto para recolha dos cavalos.

Seja por amor de Deus! - exclamou a senhora Flora, angustiada ante a vista do pobre. - Tens miúdos, Lázaro?

Lázaro deu-lhe meio tostão e o triste gemeu:

- O Senhor lho acrescente na Terra e lho pague no Céu. Não o gaste em vinho... - recomendou ela, desandando.

- Ouvi contar - disse o Lázaro - que era um marítimo honrado como poucos e um boi de valente. Vê tu ao que se chega nesta safada de vida; nem pão cabonde, nem dois côvados certos de terra santa para receber os ossos!

Quase ao pé da barraca lobrigaram o Zé Algodres, que atravessava a estrada, das dunas para os bastios. Chamou Lázaro por ele, acenou. Acabou o moço por fazer reparo e virar na sua direcção. Eles foram subindo, de olhos curiosos a vê-lo caminhar a largos passos, os dois polegares nas cavas do colete que a corrente de prata, enfiada pela casa do botão de bolso para bolso, mantinha semicerrado. Descalço, cabelos ao vento, continuava alado no seu sonho. Deu Lázaro a parte: ia para Casal Novo dali a instantes e desejava saber que pedra pôr em negócios que não podiam ficar em suspensão... a letra de Esmoriz a vencer, redes a encascar...

- Tem carta branca - atalhou José. - Proceda como se fosse o dono.

Não se conformou o escrivão com a resposta e, novamente, fez aranzel do mau caminho que as coisas iam levando e da necessidade de mudar de vida. A quem pedir dinheiro para pagar a letra? Queria que batesse à aldraba do Eudócio, que levava coiro e cabelo, para de fiador passar a credor, ou preferia cair nas unhas do Vermoil, que estava pilando por meter dente na companhia? Se os cordoeiros anuissem a reformar, bem ia; de contrário, qual dos dois trastes ocupar, o ganancioso ou o unhas-de-fome? Tão bom é o Diabo corno sua mãe, mesmo assim ele votava pelo financeiro da Ervedeira. Mal ensacasse o milho, que tinha a estragar na laja, dava ali um salto e com o Mira, que avisaria para a Vieira, punha as coisas na aprumada.

- Homem, disponha como entender - respondeu-lhe o Algodres, como se aquele zelo o contrariasse. Estou por tudo; que mais quer?

- Pouco viverá quem te não vir de alforge a mendigar! - desfechou-lhe Lázaro, exasperado ante tanta indiferença.

- Deus é que dita...

- Sim, mas deu-nos o entendimento para não tomarmos os maus caminhos pelos bons.

Ia o Algodres a tornar costas quando desembocou na estrada, duma das betesgas, grande tropel de gente. Eram os homens da companhia, com as famílias, que migravam. Haviam-se ajustado com o Algodres em contrato lavrado na Capitania do Porto, para o semestre da safra, à razão de oitenta e cinco a cento e cinco mil réis por mês. No seu belo direito, o José houvera por bem antecipar a fecha da temporada contando-lhes a fêria por inteiro, e ei-los que partiam, um pouco à aventura, moinar, lazarar pelas portas das terras fartas, ou recorrer a ofício que os sustentasse e à cáfila. Nos seis meses de pesca, impedidos de rescindir a matrícula sob pena de prisão, eram escravos; nos meses restantes, pedintes, na generalidade, pelas alminhas do Purgatório.

Seriam, entre adultos, mulheres e crianças, passante de cem. Lá vinham e, pé nu, intonsos, ajouçados de mondongos e de atafais, torná-los-iam por alcateia de ciganos em jornada, se não fora as vestes escuras das mulheres, todas com ar de viúvas ou em transe de enviudar. A parte o Alberto Marrazes, que trajava calça assertoada de cotim, sapato de prateleira, véstia a tiracolo, era a procissão dos esfarrapados. Com a vinhaça da despedida uns traziam na garganta, perra do álcool, da bruma, da água do mar enxuta no corpo, uma

choca cantarola; outros marchavam cambaleando, olhos muito fitos a tactear o chão fugidio. Morenos na maioria, atarracados ou franzinos, sem carácter, diferenciavam-se entre si como se representassem a escumalha de várias raças. Para se ter uma ideia de sua pobre humanidade, bastava vê-los caminhar: tristes, ainda que ruidosos; lentos, embora afeitos a lances de rapidez e desembaraço; sebentos, posto que aquáticos; de andar desgracioso, aprendido nas naveas sem quilha nem leme.

Avançavam lentamente por causa dos borrachos, de sua natureza ronceiros, e dos carregos, que eram para desancar. Certas mulheres traziam o filho ao colo e uma arquita à cabeça; outras, com o fardel ou canastra à cabeça, puxavam pela mão, de cada lado, um menino. A poucas se via o chapéu de veludilho, e a nenhuma canos, supremo luxo naquela corda de terras. Eram, além disso, feias, soturnas, maltrapidas e, se bem que moças não poucas, com aspecto de velhas.

Arranchavam os miúdos à frente, e vergados sob fardos descomunais ou com os irmãozitos às cavaleiras, iam gazeando, e o seu chileio lembrava o passaredo nas árvores ao recolher da noite. Meio nus, encardidos, picados das bexigas, ranho a pingar, ventre inchado por duas ou três indigestões após pançadas de rafa, traíam pelo número a fecundidade das mulheres da beiramar. A fome, a imundície, os andaços ceifavam neles à foice larga e sempre ficava enxame. Era um repulular de coelheira. Quando voltavam da pesca, os homens, excitados pelo perigo e pela salsugem do mar, atiravam-se às mulheres, até diante dos próprios filhos, desatinados, como leões. E ao viveiro nem malinas, nem álcool, nem naufrágios conseguiam desbastar.

Ao chegar junto dos três estacou a horda. Tiraram os, homens o gorro, suspenderam-se as mulheres no meio da estrada a namorar os canos e a boa saia de merino da senhora Flora.

- Para onde vão? - perguntou o Algodres. Respondiam todos a um tempo e nada se apurava da gralhada. Questinou-os um por um:

- Passafome, aonde se dirige você?

- A Mata Moirisca, patrão - pronunciou o pescador titubeando, a esconder com a manápula aberta os arranhões que a mulher lhe fizera quando, pela certa, se defendia das fúrias do bêbado. - Tenho lá uma cardenha; dou a jorna maila coira da minha senhora.

- Coira da senhora... - resmoneou Ludovina do meio do rancho. - Cachorro, malvado, não o tragar o mar às cem braças! Dá a jorna ... ! A escrava é que trabuca, quant!és o fidalgo que passa o dia na taberna. Cachorro, vejam os bonitos tratos que me fez... - e mostrava grande lanho na sobancelha e o jaqué esfrangalhado.

- E tu, Marrazes? - interrogou o Algodres, passando em julgado, que ali não era tribunal, as queixas da criatura.

- Fico no Coimbrão, numa derrubada. É chamar por mim, e presente.

- Bem. E o Pamplino? Coçou na nuca o jogral e depois de hesitar disse: Não sei. Vou ao calhas, onde me não derreiem com trabalho e tire o ventre de misérias.

- Quem te não conhecer que te compre! - exclamou o Brás. - Vais mas é de bernal ao ombro pedir com a familagem pelas portas ...!

- E é algum pecado? - redarguiu o Pamplino com arreganho. - S. Paulo também andou a pedir...

- Você, Afonso Penela?

- Chego-me à Nazaré. Se houver saúde, meto-me maila patroinha a vender peixe de terra em terra.

Estes que contavam com ganha-pão nas sachas, aqueles na apanha da azeitona, aqueles outros nas serrações, certos nas fábricas de vidro, sem falar nos vários que, não tendo arte senão para os remos, adoptariam a gandaia, de todos o Algodres tirou inculcas no tom de quem obedece a imperioso e oculto propósito.

- Vão em paz - disse-lhes em jeito de adeus. Talvez precise de vocês antes do Inverno fora...

- E para quê, se não queda mal o perguntar? pronunciou o Lavagante.

- Ao tempo se saberá.

- Homesssa, não se pode saber hoje? Só se o patrão quiser armar connosco uma quadrilha como as da Terra Quente...

- Não tínheis alma para isso, embora vos não faltasse vontade - respondeu o Algodres, chalaceando.

- É para alguma batida às raposas?

- É para irmos trabalhar para o tal castelo que, dizem, vomecê queria fazer nas Mamas da Rainha?

- Então para que é?

- Adeusinho! - exclamou de rompante o José Algodres, afastando-se. - Não estejam a quebrar a ca-beça. Se forem precisos como imagino, eu mandarei recado.

- Sabeis para que é? - emitiu Lázaro em tom sério, despeitado que o moço não lhe confiasse os projectos, que aliás antevia fantásticos ou de cacaracá, e em voz tão alta que ele ouvisse. - Sabeis? É para irdes ocupar com ele os Farilhões... quer ser rei da ilhaaaaaal Viva o rei dos Farilhões!!

Ficaram boquiabertos, sem perceber, aqueles homens simples. Os Farilhões eram um areal em face de S. Martinho do Porto. Por baixo da areia havia terra. Porque não?

- Viva o rei dos Farilhões! - alçou uma voz bêbada, ao cabo dum instante de dúvida.

Mas já a vanguarda da hoste - mulheres e crianças rompia marcha e os homens, ante a cara jocosa do Brás, despegaram também. O Lavagante trauteou, e logo muitas goelas secundaram num coro plangente em que soluçavam os génios da fatalidade e a sua miséria de escravos:

Eu sou o mar, tu és a terra, Tu mais rica eu mais valente. Ambos dois na mesma guerra, Qual de nós comeu mais gente!?

Eu sou a terra, tu és o mar, Qual mais útele ao mundo? Eu dou a casa e o pomar, E tu... o pego sem fundo.

II

Batiam oito horas no relógio da torre quando o Algodres e o Marrazes, deixando às espaldas as últimas casas do Coimbrão, tomaram pela vereda, cavada entre terras de vinha e sementeira, que leva ao campo. Estava a noite branda, cheia de sossego, ladridos de rafeiro para as arribanas mais lhe acentuando a calma imponderável. Não tinha nascido a Lua, mas sob o flamejar das estrelas, recortavam-se nítidas na atmosfera diáfana, pelos taludes dos caminhos, as grimpas dos espinheiros e dos marmeleiros bravos. No horizonte negrejavam os renques opacos das matas de que um ou outro pinheiro sobressaía solitário, como alta, hiperbólica e estrigada roca. Sob a claridade difusa, porém, paredes, plantas, coisas revestiam formas estranhas, compondo ao longe perspectivas da mais especiosa e fátua visão.

Não haviam dado grandes passos, começaram a encontrar água; não a água morta das chuvas que choca nos alagoeiros e sulcos das aradas; mas a água viva, embora silente, imóvel, delgada como papel, que se alimenta da madre graças a pequenas e complexas redes vasculares por baixo de ervas e chaparros. Chocalhando aqui, porejando acolá, não passava, no entanto, de babugem, a babugem da cheia de que se sentia o bafo húmido e que se senhoreava do vale com a repousada segurança dum lago.

Leva que leva, fugindo do atalho para os agros, dos agros para o atalho, pinchando de calhau em calhau, ora às canchas, ora nos bicos dos pés, os dois lá iam vencendo caminho. À medida, porém, que adiantavam, surgiam-lhes chafurdos mais extensos e lamaçais mais movediços. E, porque o céu era um fervedoiro de lume, cada pocinha, reverberando, tinha dentro uma estrela, a bruxulear como lamparina de noite.

Mercê das botas de borda de água, bem ensebadas, o Algodres marchava afoito, sem resguardos de maior; mal apetrechado, o Marrazes fazia toda a sorte de acrobacias para evitar os tremedais e, a cada deslize, as pragas de sua boca saraivavam. Burlador, observou-lhe o Algodres:

- Homem, conta com lama até os mamilos.

- Nos mamilos, não sei; do umbigo já ninguém ma tira respondeu em tom faceto. - Se aqui, pouco menos que nas abas do povo, é assim, que não será para o rio Negro? O mais seguro era dar meia volta por Monte Redondo...

- Não; pela vila chegávamos tarde e às más horas. Se tens medo, estás a tempo de arrepiar...

- O medo deitei-o fora com os primeiros calções que rompi. Para onde for, vou eu.

- Daqui a pouco saltamos na barca dos Leais e é um rufo a travessia.

- Amém Jesus. Bote à frente! Embrenhando-se para a várzea, mais e mais a trama dos poceirões e as estrias de água se apertavam. Mal punham pé que não chapinhasse. E, pois que os carreiros esgaivados no saibro e no areal eram pérfidos pegos, cortavam a direito pelas terras. Mas havia sempre brejos atoladiços, que a noite e o ervaçal balofo mascaravam, através dos quais só caminhantes escarmentados como eles podiam singrar sem perigo.

A meio da vale a terra apareceu-lhes parcelada em pequenos ilhéus e, em torno, a água encandeada pelos fogos siderais dormia tranquila. Para avançar, forçoso lhes foi descrever rodeios sobre rodeios, aproveitando-se como de alpoldras dos breves tortolões de solo a descoberto. já não era a água fina

como lamela de vidro ou dissimulada nas covas e sob a cobertura das sombras e da vegetação hiberna; mas, sim, a água espelhenta, estanhada, contínua, ocupando a planície como grande e vitorioso inimigo; um inimigo que abertamente intimava a fazer alto.

Ante uma toalha de água, de que não viam a orla, detiveram-se um instante, perplexos. Iam molhados até meia perna, exaustos a poder de saltos e reviravoltas, e não descortinavam passadiço fácil para as arribas do rio Negro.

- E agora? - exclamou o Marrazes.

- Agora o remédio é passar a vau.

Isto dizendo, despiu José Algodres as botas, as calças, fez uma trouxa e pô-la às costas. Depois, com um pau a apalpar a profundidade, meteu-se decididamente à água.

- Não iremos cair nas valas...? - proferiu o Marrazes, suspicaz, se bem que resolutivo.

- Vem no meu rasto; aqui não há valas. Fazendo tremeluzir e lucilar os cachos de luz que do firmamento se reflectiam na água quieta e pareciam desprender-se e ir, como ninfeias de ouro, enrodilhados neles, atravessaram comprida lagoa. Erguiam-se esguios e heróicos, como lutadores que se não rendem, os choupos; ensilvados e finos, de ramúsculos a varrer à flor, teciam esquisita e anã paisagem aquática os sanguinhos e vimieiros das balsas. De tempos a tempos, duma touceira de ervas, rompia grosso motim de asas; eram bandos de patos bravos e alcatrazes, estremunhados do sono, que batiam em revoada.

Na ribanceira do rio Negro, absorvido pela enchente, encontraram a barca amarrada por forte grilhão de loquere ao tronco dum amieiro. Deitando-lhe mãos nervosas, o Algodres puxou. E, ouvindo ranger ao ferro o breve rouquido dos cães de guarda em que não há nada que fiar, disse para o companheiro:

- Está para afligir! Procura tu a vara que não deve morar longe; eu vou ver se desencanto um raio com que rebentar o cadeado.

Pulou a pinhal de bastião eriçado na penumbra, com o seu quê de horda afrontada ante o dilúvio que lhe tolhesse o passo. Andou, mexeu sebes, explorou balizas, e desesperava quando descobriu, cravada no solo, grossa estaca, resto duma vedação. Arrancando-a em dois sãffies, rodou. Debruçado para a angreta, tentava o Marrazes com o coice da vara desembaraçar a bateira.

- Arreda! - exclamou o Algodres; e insinuando e manobrando a estaca à laia de alavanca, num ai, como se fosse a barbantes podres, estoirou os fuzis de ferro.

Saltaram no esquife e o Algodres, empunhando a vara, fê-lo guinar rumo ao sul na planura irreal, argêntea, das águas da cheia.

- Devagar, que se estafa! - disse o Marrazes.

- Revezamo-nos aos pedaços - respondeu José Algodres, varejando forte.

A barca, tocada pelas mãos robustas, vogou ligeira, ainda que romba de proa e de fundo chato. Um sulco branco na superfície branca, uma alegre matizada de ondinhas que fugiam em redor, o clap-clap da vara percutindo a massa líquida - e lá iam no imenso e silencioso deserto. Dentro em breve nem folha, nem fibra verde lhes diziam que ali era o campo onde, pelo Estio fora, repenicavam suas cantigas as lavradeiras. Mas o céu já estava em festa, aceso como altar em aleluia, e o batel ia devassando um jardim, todas as flores que retingem, dalias, cravinas, açucenas, tulipas, trémulas ou deliquescentes na

espelharia das águas. A Lua erguera-se no tope do horizonte, e a sua réstia, desenrolando-se e fosforeando diante deles como lhama de prata, parecia demarcar-lhes o rumo. Do alto, sobre aquela sorte de canaleta, peneirava-se uma poalha irisada e buliçosa como dilúculo de Verão. Esta luminosidade deixava-se atravessar pela vista até longe, onde, adensando-se, semelhava neve a esflorar-se de céu diurno.

Possuído do mistério da noite, o Marrazes tirou o chapéu e pôs-se a rezar em voz alta. Barquejando com inalterável viveza, José Algodres respondeu. E foram assim por muito tempo, um pouco pávidos da solidão, cortando ao sul, sem outra bússola além da estimativa da linha recta.

Caía codo, moinha invisível e traiçoeira que picava na carne mil picos acerados. Disse o Marrazes a tiritar:

- Passe-me agora a vara...

- Mais logo. Mas insofrido, deitando-lhe as mãos à vara, o outro obrigou o Algodres a ceder. Seriam dez horas da noite e das bandas de oeste um ventinho ágil acertou trazer-lhes a zoeira cava e rolada das ondas. Encrespou-se a face das águas, sem que murchassem as flores de fogo que o céu aberto despejava nelas às braçadas. À cautela, não fossem cair ao mar, o Marrazes orçou a barca a Sotavento. Faltava boa metade da travessia, e o Algodres estendeu-se contra a proa, olhos fitos nos abismos celestes, enquanto a barca corria, saltava, parece que punha asas para voar. De lés a lés, a todo o longo da Estrada de Santiago as estrelas cintilavam; mais mortijas umas que morrões de candeia; espertas outras que nem pirilampos; grandes e de luz embochechada aquelas, como balões de arraial. Sucediã-se por escala degressiva nas profundidades do espaço, bem figurando serem luzes de trono a que se não vêem os degraus cimeiros. Podiam, em pinhota, passar por candelabros de vários lumes; em linha, por lanternas processionais; esparramadas, por lampiõezinhos de azeite, destes que levam as velhas pelo escuro dos caminhos e tremem à viração. Alumiaríam a Deus, porventura, e algumas, distribuídas como lindes, com sua chama pálida guiavam os nautas no ermo e infinito mar. Possuíam, além disso, o condão de presidir à sorte das criaturas, segundo era fê dos antigos de pensar sempre acertado. Qual dentre elas governava o seu destino? Nunca o poderia saber e, no entanto, o seu clarão poisava-lhe na cabeça como enxame de pétalas de amendoeira ou prateado carapuço; teria florido de luz os seus olhos; filtrado em seu seio o ardor com que acalentara o sonho maravilhoso. Não sabia qual era, mas não importava. À semelhança dos soldados da Grande Guerra que tomavam para madrinha senhora que não conheciam, que nunca viriam a conhecer, elegeria ao acaso do olhar uma estrela como padroeira. Qual? Aquela, ao pé das Duas Marias, redonda e verde que lembrava os globos da Farmácia Temudo, em Monte Redondo. No sítio em que estava não era fácil perdê-la. Sempre que se tratasse de lance de fortuna, consultá-la-ia primeiro. Seria assim a sua madrinha de guerra. Já de olhos batidos pelo seu luar verde, lhe pareceu que o coração se lhe magnificava. Oh, ia ser rico, fabulosamente rico, com posses para trazer navios no mar, adquirir quintas, vastas como o Pinhal do Rei, erguer palácios ao estilo da fidalguia! No espaço de três ou quatro semanas, se tanto, viria à luz do Sol, arrancado do esconderijo em que há dezenas de gerações Deus o guardava inviolável, o tesouro sem par: montes de gemas, rimas de prata e ouro, em barra, amoedado e cinzelado. As primícias seriam para Aquele que tudo lo manda e o bafejara da sua graça. Frente às! ondas, em arriba sobranceira, elevar-lhe-ia um templo, tão faustoso e tão soberbo que fosse o pasmo dos navegantes a bordo dos transatlânticos, recebesse primeiro

que o pinheiro mais alto o arrebol da aurora e o último raio do Sol quando à noite se afunde no mar. Viriam benzer e consagrar a basílica esplêndida os padres da diocese com o bicharoco do bispo na vanguarda; rogaria as bandas de música e os gaiteros que há de Coimbra a Leiria, e queimar-se-iam em fogo preso e do ar os melhores artificios de quantos pirotécnicos alegam os arraiais de Portugal. Vestiria os nus, albergaria os velhos, dotaria as donzelas pobres, casadoiras; e na procissão vistosa, coalhada de bandeiras, andores, fogaças, anjinhos de asas de pata, que teria de trilhar o longo caminho do Coimbrão até a praia, só pediria para si a mortalha branca dos penitentes. Pé descalço, cabeça descoberta, a sua humildade seria grata ao Senhor que o tornara incrivelmente poderoso. Cumprida esta obrigação, cuidaria do seu interesse particular. Quando fosse a pedir a mão da sua amada em luzida e nobre equipagem, como convinha à cerimónia, o Penalva havia de dobrar a fronte, repeso da quarentena que lhe ditara. Não pretendia humilhá-lo, não; mostrar-lhe apenas o que valia. Ah, não fosse ele o pai da constante e terna Filomena, que o seu regalo seria atafulhar-lhe pela boca abaixo um rolo de peças... as peças indispensáveis com que adquirir “vinha para dez pipas, terra para três jeiras e casa de soalho”. Mas pelos doces olhos tudo perdoava. A sua Filomena receberia dom de fidalguia, não pisando segunda dona numa roda de muitas léguas. E os filhos porque haviam de tê-los bonitos e asseados - botariam a doutores, engenheiros, homens de luva e bengala.

E se o tesoiro não passasse de louca invenção do entendimento? Não podia ser; era tão real como àquela hora atravessar os campos do Lis, inundados pela cheia de janeiro. Repoisava sobre premissas seguras e insofismáveis a descoberta venturosa. Base e garantia capital era a página do velho livro mandingueiro, já sem frontispício e sem nome de autor, presente à sua memória:

“ ... e o prior dos Crúzios encheu uma arca com o oiro cunhado, avultado cabedal para onde corriam há séculos as rendas de muitas terras e prazos, tenças e patrimónios de noviços, sem falar nos legados dos reis que sempre votaram particular afecto aos frades bentos de Coimbra. Noutra ajuntou os pintos amealhados pela comunidade em missas, produtos de obras pias e oferendas, em tal cópia que não houve outro meio de avaliar-lhes o montante senão medindo à rasa. Na terceira e na quarta dispôs o tesoiro da capela, estimado superior ao da Mirra de Lisboa em preço e sumptuosidade. De lágrimas nos olhos e com fundos suspiros, trespassado da grande mágoa de se apartar de tão custosos e perfeitos objectos, foi o digno prelado acamando em serradura pixides, abrolhadas de rubis, de brilhantes e topázios que os primeiros vizo-reis trouxeram da índia, cálices que as esmeraldas, safiras e turquesas revestiam de lumes de vitral,ostiários esculpidos pelos grandes mestres, turíbulos, custódias e outras alfaias, que valia bem cada peça uma herdade. Ao centro, para mais resguardo, acondicionou o cibório, orgulho do mosteiro, recamado de berilos, ametistas, gemas de puríssimas águas, com grinaldas de pérolas, jacintos e opalas, o todo soerguido por dois querubins de oiro maciço, cinzeladura dos mestres italianos de Quinhentos e dádiva do Papa Júlio II à comunidade. E às mãos-cheias, pelos vãos que ficavam das espécies preciosas, semeou diamantes soltos, maiores que ovos de andorinha, bisalhos com jóias raras, sardónicas talhadas em camafeu com as bentas efígies dos papas e dos grandes doutores da Igreja, e toda a casta de pedraria fina que se colhe na Ásia e nos Brasis. Atestadas as arcas, que eram de ferro e com precintas também de ferro, o prior desceu as tampas e, depois de as fechar, lançou as chaves à cisterna. Daí, chamando três frades, em quem a

resolução não desluzia da virtude, que haviam revestido para a boa saída do cometimento o disfarce de almocreves, disse-lhes:

- Em nome de Deus Padre Todo-Poderoso, eu vo-las confio. Levai-as...

Transportaram então aqueles religiosos, que eram moços e pujantes, as arcas para a cerca e as carregaram em duas mulas. Tinham-se confessado e ajuramentado e saíram da cidade depois do apagar dos fogos, a favor da escuridão da noite. Foi numa quinta-feira e, dois dias andados, entravam os franceses em Coimbra. Não se demoraram os malditos a invadir o mosteiro e praticar na santa clausura toda a classe de latrocínios e profanações. Mas o tesouro, glória da Ordem, estava longe, a bom recato.

Foi assinalada a passagem dos três almocreves em Montemor-o-Velho e na Marinha das Ondas. Neste povo estiveram colhendo informes da terra das dunas e do pinhal que nosso senhor D. Dinis mandou semear à beira-mar. Mais tarde foram vistos nas cercanias do Grou por duas vezes, com dois dias de intervalo. Da primeira, no pinhal chamado do Urso e ocupavam-se a abrir uma cova na areia. Os mateiros, que os aperceberam, mal deram conta haver sido sentidos, no receio de que lhes fizessem pagar caro ter olhos e olharem, fugiram a pés de cavalo. Da segunda vez, já não levavam as carps.

A volta para o convento, os três recoveiros caíram nas mãos dos franceses que, descobrindo-lhes tonsura e tomando-os por espiões, os passaram pelas armas. E assim desapareceu o tesouro dos Crúzios, que computavam em oitocentos mil cruzados pela orça a olhos cegos, e só Deus sabe onde jaz escondido e se tornará à luz enquanto o mundo for mundo. Conta-se que na noite em que os três servos de S. Bento foram martirizados pelo bárbaro inimigo, um deles se mostrou em sonho ao prior e lhe falou: o tesouro está sepultado nas areias, numa grande mata, à beira do oceano. O Senhor no-lo manda guardar sob a forma de três milhafres até que venha o homem de coração limpo, mãos e pés lavados em água salgada, sem pai nem mãe, eira nem beira, que haja de o desenterrar. E lá está e ninguém lhe chega enquanto Deus quiser.”

Ouvira ler esta relação ainda menino e nunca mais o teor se lhe varrera do entendimento. Com a ideia fígada no tesouro viera seu pai dar à praia agreste. De parçaria com o António das Uchinhas, bento e santarrão, batera o Pinhal do Urso de cabo a rabo, escavando as lorgas e refegos da areia. Consultara adivinhos e corpos-abertos. Mas baldou-se toda a porfia, não havendo a registar na casa, em matéria de acrescentamentos, um prato novo de Coimbra.

Ao lume da lareira, pelas noites velhas de Inverno, era frequente aludir a tia Zefa ao tesouro assombroso dos frades. Seu pai, que aliás não reunia as condições precisas de desencantador, arqueando as sobancelhas e repregando os beíços sob os dentes, ficava a abanar a cabeça. Semelhante mímica traduzia o seu desconcerto. E de olhos no braseiro a esmoer-se em farelo se abismava a cogitar, e ele sentia-lhe o pensamento tecer, urdir, como aranha, tela inextricável em redor das riquezas misteriosas. Ao arrancar da longa cisma, como se quisesse pôr um dique à pérfida maquinação, de rompante dizia:

- Vamos à deita. Desta arte, ao calor da cupidez paterna, a imaginação nativa e bisonha se lhe foi desenvolvendo e excitando na representação dos haveres encantados. E pouco a pouco arreigou-se-lhe a esperança de que fosse ele, se não por obra de acaso, mercê da graça de Deus, o descobridor do tesouro. Às escondidas, quando o pai desarvorava, corria ao armário ler e reler a página maravilhosa. Por este jeito lhe ficou gravada na memória, com

tudo o que encerrava, até o mais mediato, em expressão e forma: vocábulos, letras, parágrafos, cor e rugas do papel, inclusive máculas da humidade.

De manhã não se erguia, à noite não se deitava sem rogar, ajoelhado na cama, aos santos da devoção: meu rico Sant'Antoninho, Virgem Senhora da Aparecida, fazei com que descubra o tesoiro dos frades!

Durou mais de quinze anos o seu transe. Afinal, falecido o pai, acompanha às portas da ruína, um tanto pelos azares da sorte, não pouco de peito feito, sem palmo de terra onde plantar ramo verde, conciliava os requisitos quase todos do homem predestinado a pôr mão no tesoiro: coração limpo, pois aborrecia a malícia e a falsidade, mãos e pés lavados em água salgada, como trabalhador que era do mar, sem pai nem mãe, que assim rezavam as folhas voltadas do livro de Deus; quanto a eira e beira, tudo sacrificaria para propiciar os destinos.

Certa noite, os génios celestes, amerceando-se dele, em visão retrospectiva conduziram-no ao lugar e hora em que os três freires ocultavam do invasor os bens inestimáveis de Santa Cruz. Era ao entardecer, em brenha cerrada de silvas, samoucos, mióporos, onde a custo penetravam os raios do Sol. Enquanto um dos religiosos velava, os outros abriam na areia cova profunda, de mais de vara, para inumar pestífero. Pinheiros novos, a todo o âmbito, escondiam o sítio das bandas da terra, que para o ocaso alongava-se imenso e solitário o bravo mar. Depostas as arcas, atupida a fossa e aplainado o solo de modo a não parecer mexido, mediram com referência à costa um ângulo que de futuro lhes permitisse determinar matematicamente a situação do tesoiro. Feito o quê, tiraram as mulas ao largo, para logo volverem atrás a apagar o calcadoiro em boa extensão do percurso. Depois, seguros de que ninguém os espreitara, desopressos da grave incumbência, a cavalo nas bestas possantes, despediram.

Como em diorama, viu em seguida dobarem anos, gerações, varrerem as areias, formarem morouços, duna, e, crescendo e bracejando até atingirem alturas descomunais, sobreporem-se à invasão, em guerra acesa com o assaltante, os pinheiros bravos. E, signo supremo, divisou três milhafres a pairar de asa desembainhada sobre as árvores gigantescas e a gemer.

A partir do anúncio extraordinário, deu-se a explorar a mata palmo a palmo. Trazia nas meninas dos olhos, minuciosa como estampa aberta a buril, a paisagem entrevista. Mas corri identificá-la no terreno não atinava o seu faro e ralé de batedor. Além de consultar bruxos e mulheres de virtude, solicitou com dissimulado desígnio o aviso de pessoas que lhe o, como fizera seu pai pareceram competentes quanto à fidedignidade do livro e à inteligência dos sonhos. Se bem que não lhe amortecessem o alento, nenhuma das respostas lhe ministrou senha que o encaminhasse. Desesperava depois de meses e meses de pesquisas quando, na noite anterior, segunda vez viu em sonho a duna entreabrir-se e, como ouriço maduro, patentear nas entranhas as arcas de ferro de S. Bento. Depois, as duas moles de areia, nem que girassem sobre gonzos, começaram a mover-se, a rodar, cisparam-se de todo, e a seus olhos desenhou-se o terreno com o relevo particular, bossas e pregas, sinuosidades e contornos, pinheiros e tufos de samouco e zimbro em determinada ordem geométrica. E, como selo de tal revelação, novamente distinguiu as aves de rapina em suas rondas e voejos. Naquela mesma manhã, com a alba, correrá ao pinhal, e na denominada Cova da Serpe achou reproduzido, sem faltarem os passarões vigilantes, o panorama vislumbrado. Rendido à evidência, caíra de joelhos no chão, e em delírio, arrebatado por asas místicas, enaltecera ao Senhor.

Pois que recebera do Alto a munificente comunicação, o seu cuidado era agora dar curso à empresa. A duna ocupava mais área que uma courela de três moios, embora, havia de revolvê-la de cima a fundo se tanto fosse mester, até pôr às escâncaras o estupendíssimo conteúdo. Fossem precisos rios de dinheiro, rios de dinheiro aviam de correr. Antes de mais nada, apressava-se a levar a Filomena a grande nova. Advertida pela Carma padeira, ela lá estaria à janela ou no paredão a esperá-lo, embrulhada no xailinho de lã. Seria das derradeiras vezes que a furto trilhava aquele caminho. Mal dele se muito breve, à luz do Sol, não aparecesse ao Penalva com a deprecada:

- Aqui lhe venho pedir a filha. Nesta mão trago com que comprar vinha para mil pipas; nestoutra, terra para cem jeiras. Ainda lhe não serve? Então ponha-me em hasta a várzea do Lis que tem comprador.

Assim mesmo. O Penalva havia de afocinhar com o orgulho todo no chão. Mais tarde, quando tivessem feito pazes a valer, oferecia-lhe um garrano, um bom garrano selado e bridado, para andar pelas feiras, feito lorda, a arrotar grandezas.

- Vamos a derirar! - exclamou o Marrazes. - É o Lis...

A toda a extensão, hirtos como praças em formatura, os choupos e salgueiros perfilavam-se em linhas paralelas à flor lívida das águas. A cheia alterosa apequenava-os e pelas ramas destroçadas escorria, branco como linho asseado, o luar. Em frente, na fumarola do céu, confundidas com as estrelas, luziam janelinhas de Monte Real, encarrapitado no cerro. Sempre que lho permitia a profundidade do rio, o Marrazes varejava forte. A descer, ia encostando para a margem.

- Esperas-me na venda do Hilário, caso esteja aberta

- disse o Algodres, deitando mão a uma frança para abordar. - Senão olha, acendes fogo por ali perto; eu vou lá ter. Cuidado, que a barca fique bem amarrada! Senão, adeus volta...

Embrenhou-se por atalho íngreme e escorregadio, choupal dentro. Por cima da cabeça, a estrela vizinha das Duas Marias irradiava, rotunda e luminosa, uma luz mais verde. Parecia ensinar-lhe o caminho.

Breve batia o tacão ferrado macadame fora e, tomando a primeira viela que vinha da povoação, encontrava-se diante da casa do Penalva. Ficava esta no encontro de duas ruas, com prédios baixos e quintais entremeados a todo o longo. Para uma abria o seu balcãozinho alpendrado, com as esteiras recolhidas por via das chuvas, mas com vasos nos parapeitos à espera da Primavera que viesse enflorar os pelargônios; para a outra, o cercado de muro alto e cancela de tábuas, vergel de laranjeiras e de duas ou três árvores de caroço de par com pocilga e abegoaria. Nesta parte, que eram as traseiras do edifício, se falavam os namorados. Com a boa quadra e dias remansosos, a sabor das sombras que difundiam as fruteiras enfolhadas, ela do muro, ele da rua; nos dias de Inverno, Algodres saltava o paredão e, sob o beiral do telheiro que fazia esquadria com o quarto de Filomena, arrostando uma arcabuzada, falava-lhe para a janela horas tão esquecidas que, mais duma vez, a manhã lhes arroxou o horizonte. Oferecia-lhes certo resguardo a circunstância da construção se desenvolver em linha quebrada e estarem ali no extremo saliente. No ângulo, de tope àquela espécie de cubelo, apoiava-se a escada, pois com o terreno em declive a casa aumentara para aquela banda mais de dois côvados de pé direito.

Um bom migalho se quedou o Algodres estático diante da habitação adormecida. Tinham acabado de cantar os galos e não se ouvia o mais frouxo

rumor. De súbito viu negrejar um vulto rente à parede, ao amparo dos ramos esguedelhados. Era ela. Mãos que se estreitam, olhos dum que se banham na meiguice dos do outro, menos sofregamente do que se enlaçam e se penetram as almas. Foi ela que rompeu o silêncio que os aconchegava como lençol nupcial:

- Vieste por Monte Redondo? Tão longe...

- Não, vim a direito pelo campo.

- E a cheia?

- Passei de barca; se não houvesse barca, botava-me a nado, Sabes, Filomena, trago-te uma grande notícia... Há-de te parecer romance, mas não é...

Digo que não digo, pois que para isso viera especialmente, acabou, instado, por contar. E contou o grande sonho, uma nuvem branca, de noite de Verão, na consciência do pai; nuvem que fora inchando, condensando-se sobre a sua cabeça até frutificar na iminente chuva de oiro. As suas ânsias, os seus quebrantos, a sua fé e os confortos que tirava daquele único e infundável amor, eram como borbotões vermelhos da narrativa exaltada. A Lua foi subindo, postou-se por detrás duma chaminé a espreitar, e ele continuava desfiando a epopeia magnífica. Havia um arrepio de alvorada a nascente, disse-lhe ele:

- Hás-de ser a inveja do mundo todo!

- Meu José, tanto te quero rico como pobre. A voz de Filomena, depois daquela fêrvida e sentida confissão, gelou-o; quase o fez gritar de dor. Mas recalcando a mágoa, retorquiu para os olhos negros, escrutadores, que o fitavam:

- Vais ver, vais ver!

- Olha, eu não sei o que meu pai traz no pensamento; mas adivinha-me o coração que coisa boa para nós não é.

- Mas quê? Dir-lho-ia mais tarde; agora não valia a pena; talvez se enganasse. Mas o Algodres ergueu a voz, exigiu. Oh, que havia de ser...? O meigengro do Júlio da Sebastiana que não lhe largava a porta todo fragueiro e rapapês. Quando não vinha pelo braço do pai, aparecia de rópia, a modo de quem anda aos negócios. Na sua família todos se desfaziam em améris para o mequetrefe. Já a mãe, como quem atira pedra sem indagar onde cai, lhe dissera: "Aquele é que te servia para marido." Diabos levassem o homem que antes queria deitar-se a um poço que receber-se com ele!

Ao ouvir aquilo, o Algodres soprou como cobra assanhada. Depois desatou a rir, mas o seu riso soava falso. Podia lá ser? Casarem-na com o filho da Sebastiana e do Rodolfo, de Garcia, de quem herdara a má pinta e o génio arrevezado já pela banda da mãe, não ia mal convidado. A Sebastiana, que conhecera mais homens do que cabelos tinha na cabeça, embora fosse senhora de ruça e farta trunfa, dera duas filhas ao fado e dois meliantes ao cadastro da gatunice e rufanagem. Um deles comia, na qualidade de polícia secreta, na gamela do Governo. O outro fazia a naveta entre o Limoeiro e o Cais de Alcântara na indústria de passar o vigário aos embarcadinhos. Quando o negócio rendia, andava à solta, tu cá tu lá com a gente da Parreirinha. Quando o golpe gorava, ia estudar à sombra das esquadras e do palácio do conde de Andeiro a teoria das malas-artes, punindo-o deste modo os seus captores por mal-aprendido e desastrado. Este, o tal Júlio, andara a vender cautelas nas Caldas, assentara de moço de farmácia em Lisboa, depois de contínuo num pasquim legitimista, até que o estanceiro, que lhe tomara a irmã mais nova por conta, lhe abonou crédito para negociar em madeiras.

Fora por alturas da guerra e seria o cúmulo que o pilho esfomeado, chegando com a mão ao monte de papel-moeda que atulhava a praça, a tirasse vazia. Tirou-a cheia e tão apurados os dinheiros que já contava interesses na serração de Palaios, casa de soalho e umas belgas na terra onde a mãe o enjeitara ao mundo. O Algodres ultimamente via-o muito de gorra com o Penalva que todo se babava ao pé de gente que não trazia as mãos como ele encardidas de fossar na terra. Posto que reles de figura, com os seus quarenta e cinco no pêlo, para mais que não para menos, acalcanhado dos maus tratos de nascença, trajava à papo-seco, colarinho preso por travessão de prata, polainas de coiro, relógio de pulso. Pingalim de hipopótamo na unha, browning na nádega direita, polainudo, chapéu às três pancadas, dava-se ares por aquelas terrinhas bisonhas do rey chiquito que llegó. Aprendera com os meninos-bonitos, à força de lhes fazer mandaletes e alcovitices, a arte de pompear. Lia o Realista, presumia de bem-falante, e já uma vez o Algodres o ouvira em roda embasbacada às turras com o professor Romão, que era demagogo, a propósito de política tradicionalista de que se alardeava corifeu. Agora se lembrava ou julgava lembrar-se que se tomara de inexplicável antipatia pelo sarrafaçal a primeira vez que o vira. Porquê, se não lhe causara lesão nem dano, nem lhe jogara palavra mal dada? Compreendia agora que o seu instinto, lá no fundo, palpitara que alguma torpeza lhe adviria de semelhante borra-botas. E que torpeza, se era verdade ele acalantar tais desígnios?! Bastava pensar que sim, para a imagem dela, que trazia dentro do peito com tão recatada ternura, empanar como cristal em que bafejou um pestífero. Só em conceber que o Penalva favorecia tal monstruosidade, o pai da sua amada se lhe tornava abjecto. Mas podia lá ser?!

Como duvidasse, Filomena foi categórica. Monte Real era cheio que tinham o casamento ajustado. Quem dera asas ao ruído, não podia imaginar. Ela não, que nem uma só vez mostrara os dentes a corujo igual.

José reparou-lhe para os olhos que o fitavam direitos e firmes em prova de verdade, sentiu-lhe a voz que tremia em acorde com os arquejos do coração escandalizado. E disse-lhe:

- Antes de dois domingos venho pedir-te.

- José, não te enganas?

- Qual o quê, menina!? A fé de evangelho. Depois que se apartou da vista! dela, percorrida com delongas, êxtases, retrocessos, a zona em que se deixava ver ao luar a silhueta adorada, olhou para o céu. Começava o dilúculo da aurora. Ainda havia estrelas. Mas aquela que emitia um luaceiro verde e ele tomara, horas antes, como padroeira, por muito que procurasse, não a avistou mais. E, porque a sua alma cândida e supersticiosa a tudo no mundo atribuía uma significação, pela primeira vez descreu da sorte.

IV

Engoliu a tigela de caldo a grandes tragos, de pé, mal saboreando o migalho de broa, um olho na rua onde o sol matutino, batendo contra a vidraça, esgrelhando pelas talisgas da porta, era como amigo que ficou de fora e perdeu a paciência de esperar. E, de saquitol debaixo do braço, despediu:

- Até logo, tia.

- Onde vais, cabo dos trabalhos? - lamuriou a senhora Josefa. - O jantarinho... preparo-o?

- Não vale a pena. O mais certo é recolher tarde. Era domingo, e a terra tinha o seu quê de animal a espreguiçar-se gozosamente na fresquidão enxuta da meia manhã de janeiro. Lavados pelas chuvas, os areais resplandesciam brancos, duma brancura a que tons de ocre e rosa, muito ao de leve, mareavam o fulgor. O mar sussurrava com moleza, a largas pausas, mal riçado o seu verde retinto, semelhante na tremulina e cintilação às searas quando, a aloirar ao sol, brinca com elas o vento. Saíam das buracas hibernais os pescadores, e era um regalo vê-los ir a saltar por atalhos e dunas, tontos de luz, a caminho dos penedos com espinéis e cachoeiras.

Depois de espriar olhos consolados em redondo, o Algodres meteu tupa que tupa pelo macadame, tornando costas ao Pedrógão. Soara-lhe aos ouvidos que o senhor Lousal Pai acabava de chegar à casa do Coimbrão, e corria a cometê-lo para a empresa, não retirasse ele de esbaforida. Para a circunstância, a revestir-se de solenidade, envergara o melhor fato, camisa de goma, gravata de seda por estrear, no colete a corrente de prata, que fora do pai, com um centenário à dependura. Palpitava-lhe que aquela diligência seria capitalíssima na sua vida e com angústia ia estudando o recado. Decerto que o velho Lousal, homem coçado nos negócios, não se deixava engrolar com duas razões. Além de cauto, formado na escola que, a título de zorreira c-minuciosa, qualificam de pé-de-boi, era pirrónico por índole e escarmento. Havia dez probabilidades contra uma de que duvidasse dele e tivesse como fumos da fantasia o que era obra amadurada pela reflexão. Mas quando houvesse desdobrado perante seus olhos a traça magnífica e irrefragável, não teria remédio senão render-se à realidade. Dinheirama tinha ele a rodos, não para demolir uma duna, mas trasfegar para longe da vila e termo os areais todos de Vagos à Marinha. Que era homem sé rio, com a comandita do qual podia dormir a sono solto, também não sofria contestação! Quisesse ele!

A manhã estava deleitável, para ser bebida a plenos pulmões e olhos arregalados, mas ele não a sentia; a estrada tinha lombas ásperas, rectas de estoírar um cavalo, e tampouco dava conta delas. Debruçado sobre si mesmo, apenas ao tocar as primeiras casas de Coimbrão se libertou de seus absorventes cismares.

À imagem do que ele próprio era, homem que subira à opulência, conservando os modos lhanos e honestos de trabalhador de serra e machada, a moradia do senhor Lousal compunha-se dum palacete, construído por arquitecto de fama, e da antiga casinha, herança de avós. Dum só piso, com alpendorada aberta, dois vasos nos parapeitos, duas esteiras no chão, mostrava esta, em face do prédio soberbo, um ar misto de bom agasalho e de humildade. Lá vivia a mãe, tão idosa que esquecera a conta dos anos, e se aboletava ele quando lhe consentia aspirar os ventos natais a folga dos

negócios. A vivenda nova era para o filho, moço de volante e de yachting, para os sobrinhos, com seus convidados; ele aprazia-se no ambiente da edificação regional em que varanda e cozinha eram os repartimentos por excelência: uma, sala de estar e receber; a outra, verdadeiro larário com a ampla chaminé de colunas, o guarda-louça de rifão ao alto para o Cristo familiar, arquibancos e cadeiras de ressaibo medieval à roda, tudo em pinho da terra, e, a vestir as paredes, almofias rústicas e pratos azuis historiados. Almas que por ali passaram e se erguem da penumbra e do silêncio a falar com os vivos, a partir da hora em que os vivos começam a ver lobreguejar à flor dos cemitérios a boca negra da campa, sagravam as pedras gastas, as madeiras carcomidas, de afabilidade e doçura. Ali o velho granjeador sentia as raízes do ^Ser, enterradas no húmus ancestral, beberem força e estóica quietude para o resto dos seus adiantados dias. Deitava esta andaina de edifícios para deserto e vasto pátio e aí foi o Algodres surpreender o senhor Lousal quando dava instruções ao Esperança, que ao mester de barbeiro e algebrista aliava as funções de mordomo da casa. Cheio de fé, arroubado no seu sonho, ainda que em voz tartamuda, referiu ao que vinha. Ouviu-o sem pestanejar, boca entreaberta, o comerciante. Ao fim, dando dois passos para a banda como se desandasse e volvendo logo ao ponto de partida, proferiu num tom em que a benignidade natural mal abafava a cólera:

- Pedes-me dinheiro para desenterrar um tesoiro... Homem, mais valia pedires para as almas. Quem se fia em sonhos?!

Estava julgada a deprecada, mas para que o não tomasse por tolo redarguiu:

- Sonhos são o que Deus quer. Mas, aldrabice ou não da nossa cabeça, a página deste livro não a sonhei eu... - e, puxando o cartapácio da bolsa, escancarou-lhe diante dos olhos a passagem maravilhosa.

Lousal Pai cavalgou a luneta e, deixando-lhe a ele o livro nas palmas das mãos como em estante, pôs-se a ler. À medida que deletreava, sentia-se-lhe a atenção presa como fateixa que pegou lastro. Ao terminar, abandonando a luneta ao cordão, laçado em torno do pescoço, e limpando a vista com os nós dos dedos, proferiu:

- Sim senhor... sim senhor! Resta agora saber se o alfarrábio não é nenhum almocreve das petas. Como se chama?

- Rompeu-se-lhe o frontispício. Pelo título que corre ao alto das laudas, veja, e ainda pelos dizeres do fecho, quando o autor dá graças a Nossa Senhora, averigüei que tem este nome: Sylua de prodígios & acções memoraueis que assucederam nos Reynos de Portugal. O professor Romão teve-o lá e disse que em tudo batia certo com os livros de história.

- Nessa poda, meu compadre Romão é mestre. Mas que bata certo, quem me garante que atinaste com a duna...?

- Já lhe disse, senhor Lousal, sonhei.

- Cantigas, ó Rosa! Sonhos são sonhos.

- Já que cuidar não é saber, fui pedir conselho a esse respeito. Tenho aqui no bolso a resposta que me deu um homem que vê mais longe que uma junta de doutores e mais não é formado. Conhece o Manuel Rito que mora à saída de Leiria, na estrada para a Batalha?

- O Rito dos espiritismos? Não conhecerei eu outra coisa. E então?

O Rito, que em tempo de banhos ia muito por nossa casa, por sinal gordo como um texugo, quando agora o encontrei amarelo e escanelado que nem ético, dizem que à força de estudar os livros proibidos, ouviu-me e, a pedido meu, fabiscou as linhas que vai ver...

Sacou a carteira de coiro de três voltas e da carteira o escrito que Lousal Pai leu com a repugnância de quem toca em coisas do outro mundo: “Os antigos acreditavam nos sonhos; são sobejo testemunho as Sagradas Escrituras e diferentes livros da Igreja. No século último, os sábios decretaram: sonhos são fantasias dos nossos sentidos à solta. A ciência de hoje é mais reservada. Nem todos os sonhos se podem considerar produtos arbitrários do entendimento. Em determinadas pessoas representam fenómenos ainda por estudar, em correspondência com feitos ou coisas reais, sucedidos ou a suceder no domínio da natureza.”

- Falou-me em médiuns, magnetismo, segunda vista, o diabo a quatro que eu não percebo - acrescentou o Algodres. - O que lhe posso afiançar é que vim do Rito convencido de que o meu juízo não anda desgobernado.

- Para mim tudo isso de almas do outro mundo, espíritos vagantes, mesas pé-de-galo são endróminas que não profundeí, nem quero profundar. O Rito tem queimado as pestanas, nestas matérias é barra, concordo. Por mim, ouço o que dizem leigos e professos e não arredado deste finca-pé: pode ser que sim, pode ser que não. Quanto ao que te traz, olha: terá razão o calhamaço, terá razão o Rito, terás tu todas as razões e mais uma, eu é que não sou a pessoa que procuras. Estou velho e acabado para cavalarias altas. Dois vinténs que arrumei ao lado para mim hão-de sobrar.

- E o menino Quim enjeita-o? - observou o Algodres em ar de graça.

- O meu filho já tem a legítima da mãe e que cuspa às unhas como eu fiz. Depois, sempre te digo, dessas fortunas que caem do céu aos trambolhões tenho medo que me pelo. Nem tu imaginas! Lembra-me sempre que o dono me sairia ao caminho, na pessoa dum neto ou tetraneto, para me roubar e esfaquear.

- O tesoiro era dos frades...

- Fosse ele do Diabo. Nesta altura da vida não se me dá nada enriquecer. E de forma nenhuma, nota tu, quanto mais dessa!

- Rico, tão rico que nem abarca o que tem de seu, está o senhor... _ Remediado, remediado - pronunciou o velho, abeirando-se mais dele e arrastando a voz. - E, sabes tu, custou-me muito. A fatia de pão, que vou comendo pela velhice fora, amarguei-a bem amargada. Meu pai, que Deus guarde, deixou-nos a casinha térrea que ali vês e as palhas para dormir. Fui para Lisboa com uma bôla-milha às costas, pendurada do cabo da machada. Anos a fio trabuquei rijo e feio. Quando pude, graças aos bons padrinhos, montar estância por conta própria, morava na Rua do Pasteleiro e ia à pata para Xabregas, onde era o negócio, para forrar o bilhete do Chora. Conheces a capital?

O Algodres, a contar já com a refervida anedota, acenou que sim e tornou ele em voz amical mas desdenhosa:

- Faço ideia, conheces o cavalo de D. José e o túnel do Rossio. Pois olha que era de respeito a estafa que eu aguentava todas as manhãs, com a barriga a dar horas, quer soalhasse quer chovesse. E vais ouvir: no caminho topava duas mulheres que vendiam café no olho da rua, feito ao fogareiro contra o vão duma porta. A primeira tinha a chafarica chegante a Santa Apolónia, mas vendia a xícara a trinta réis. A segunda poisava lá para cascos de rolha e vendia-a a vintém. Pois, meu menino, para poupar os dez reizinhos, embora contrariasse o corpo, a esta é que ia tomar o cafezório. Aí tens. Só assim, a poder de trabalho e de economia, um pobre levanta cabeça.

Bons tempos, senhor Lousa Vá lá hoje com essas a ver se acerta pôr pé em ramo verde.

- Que monta hoje ou ontem? - acudiu o velho em voz ralhada. - A questão é que vocês todos, gente de fresca data, não têm fôlego nem paciência para coisíssima nenhuma. julgam que o chão lhes falta, que o mundo se acaba amanhã, e buscam gozar a vida mal despem os cueiros. Enriquecer, enriquecer da noite para o dia é o vosso fito e na primeira carta apontais o vosso e o alheio. Coitados, as mais das vezes, dais em vaza-barris.

Nem todos se devem medir pelo mesmo alqueire, senhor Lousal. Eu, se gostava de ser rico, era para fazer o bem; por mim pouco apeteço...

- Todos os pobretainas cantam essa ária. No fundo, sois todos os mesmos. O canudo é que a pobreza não se move em bagalhoça pelo facto de se fazerem votos, promessas a santos, e ter boas intenções. Acredita! A minha pena é que um rapaz de assento, como tu, também se deixasse picar da maleita. Escusas de abanar a cabeça. Pois não meditas largar a pesca, que é um tesoiro certo, por outro, que me pintas de fabuloso e se me afigura mais que problemático?! Sei que desleixaste a companhia na safra passada; compreendo agora porque foi. Pois olha, o teu futuro está ali. A indústria do mar, com jeito e firmeza, preleva de muito à de lavrador. Eu, se tivera um princípio desses, nadava hoje em dinheiro.

- E lá se viu, meu pai nunca saiu da cepa torta...

- Teu pai podia ter pregos de oiro pelas paredes, mas com uma mão recebia o dinheiro, com a outra o semeava. Era um bom homem, amigo do seu amigo, mas perdulário... perdulário. Eu que o jure, que suciei com ele em feiras e pandegadas. Mas não me dirás: para que precisas tu de ser rico? Hem? Eu, no teu lugar, com esse corpanzil, essa saúde de toiro, estava-me bugiando para a riqueza. Pudesse trocar contigo, duma banda os meus anos, a minha gota, os meus patacos; da outra essa fortaleza de animal, com uma camisa só no corpo, sem ter cruces nem cunhos, e não balanceava meio segundo.

- Só se aprecia o bem que se perdeu e se cobiça o que se não possui, senhor Lousal.

Sim, sim, é verdade. É verdade em parte. Tanto assim que tu vens oferecer-me um tesoiro e eu que não tenho no quintal a árvore das patacas digo-te que não quero. Para que me servia?... para deixar ao rapaz? Olha, o módico bem administrado vale mais que o muito à desmedida. Aprenda ele a dirigir-se e quita de andar de chapéu na mão a pedir a coroa emprestada. Depois, eu sou de parecer que é destempero deixar grandes legados. Lá reza o provérbio: “De cem em cem anos se fazem dos reis vilões e, aos cento e seis, dos vilões reis.” No meu fraco juízo, quer isto dizer: com o tempo tudo se esbarronda, famílias, fortunas, palácios. Quando penso no meu Joaquim, bem me confranzo, fica sabendo. É moço da berra, estoiravergas e, o que é pior, desconhece as virtudes respeitáveis do vil metal.

Permaneceram calados um instante, como se o velho estivesse a espreitar lá de longe, por detrás das paredes da cova, os passos do filho Joaquim por esse mundo dali a anos. E, erguendo a fronte repentinamente, tornou:

- Pois, amigo, obrigadinho, mas o teu convite não me tenta. E aqui te declaro: boa, boa fortuna são os braços rijos e a alma escorreita. A outra, de fazendas e capitais, também conta, não digo que não. Mas para a gente apreciar quanto vale, poder saboreá-la como limão espremido na água quando se tem sede, saber defendê-la dos baldões da sorte, forçoso é que a tenhamos amassado por nossas mãos. Essas que desabam das nuvens, vem por um tio

da América, a lotaria ou a vermelhinha, arrenego delas. O azar as deu, o azar as leva. Sou tão ignorante como tu, mas capacito-me que trazem consigo mandinga, qualquer princípio inflamável e, às duas por três, ardem nas mãos, nos cofres, no que estejam empregadas, para não quedar mais que cinzas e fumo no ar. Queres tu uma pinga?

O Algodres agradeceu, fez menção de rodar e o velho em tom paternal, ao passo que lhe estendia a mão, pronunciava:

- Se aceitas o conselho dum tolo, queima o livro. Só serve para tresleres. Poderá ser a boa estrela que te guia, mas, hum, desconfio muito que seja a desgraça. No melhor dos casos, não é a felicidade. Para ti, que és simples, nado e criado na modéstia, a riqueza seria como uma amante de pancada alta que arranjasses ao dobrar a esquina. Derrancava-te o sangue, aluía-te os alicerces à vida, punha-te a mioleira em água e, por cima, mandava-te à tabua, quando menos o esperasses. É o que te digo

- Assim como assim, quero experimentar a minha sorte, senhor Lousal.

- Lá farás. Se enveredares para a arte e precisares dos meus limitados recursos, encontras-me aqui e em toda a parte. Fui amigo do teu pai, até me matava se virasse a cara ao filho. Para cavar o tesoiro, não contes. Lá isso do livro, do sonho, da duna, são águas envoltas de que me arreceo. A gente nem acordada acerta, quanto mais a dormir! Tu no tarde me dirás. A esta altura da vida, não me seduz dar saltos num terceiro andar para enriquecer. Também ando pouco abonado. Mas olha, aí talvez haja quem se tente... Meu tio Faraó tem dinheiro como milho, o Carreira é atiradiço para negociatas. Fala-lhes. Pois, adeusinho! E desculpa, hem?!

Rodou o velho Lousal em direcção à fazenda, nas traseiras do prédio, onde o aguardava o Esperança, rodou ele mão na nuca, a coçar-se dos seus mordentes cuidados. Automaticamente., achou-se à porta de Alberto Lousal, de alcunha o Faraó. Vou, não vou, hesitou bom espaço. Mas como um homem é para a guerra, e o Faraó, ainda que machucho e de maus figados, podia dar-lhe com o não, mas nanja com a tranca, aventurou-se a falar-lhe. Ouviu-c, o ricaço com o sorriso a esvoaçar no carão camoês e achavascado e respondeu:

- Meu rapaz, eu se aceitasse a tua proposta era um refinado roubo que cometia. Um roubo com todas as letras. Então descobres um tesoiro, sabes os palmos de terra em que se esconde, e eu havia de ir contigo desatolá-lo? Não, até bradava aos céus. Vai tu sozinho e não convides ninguém. Essas malhadas fazem-se à capucha.

- Percebo, não tem confiança.. .

- Qual confiança, ou qual dialho! Muita gente, quando junot invadiu Portugal, escondeu os haveres debaixo da terra e nas furnas dos montes. Estão a aparecer a cada passo; a questão é que quem dá com eles não deita foguetes. Vai, vai lá sozinho e quando tiveres a maquia no seguro manda rezar uma missa por alma dos frades que os franceses arcabuzaram e andam penando por cima dos pinhais. Eu cá era o que fazia!

Não velo mais adiantado da conversa com o Carreira.

- Pode ser - disse ele. - Porque não? Dizia meu pai que há mais oiro, escondido debaixo da terra que nas gavetas dos bancos. Veja se lhe chega. Eu no que posso ajudá-lo é em cambiar as moedas antigas, que estão fora de curso, e em sustar a pata do Governo que, segundo a lei, tem rasca na assadura.

Estava decidido, ia vender a armação de pesca. As esperanças que depositara nos homens de dinheiro haviam morrido de morte macaca. Duvidavam dele como os judeus de Jesus Cristo. No fundo, as respostas do

raposão de rabo pelado e falas bondosas, do financeiro picardo, do jogador que tem escrúpulo em deitar a perder uma milionésima probabilidade de ganhar vaza pareciam-se mais entre si que três ovos do mesmo cágado. Por aquele rumo não colhia um chavo. Estava tirada a prova. Para eles, o tesoiro dos frades era coisa tão fantástica como ribeira de diamantes a explorar na Lua. Compreendia porquê. A sua certeza não os tocara; homem simples, pouco senhor das palavras, não tivera artes de a impor a gente ao mesmo tempo espírito de cobiça, unhas-de-fome e olho suspicaz. Era inegável que, ao sair do terreno objectivo para o domínio escuso do sonho e da revelação, o prospecto que lhes fornecera exigia que fosse aberto crédito à sua boa fé e são entendimento. Por desgraça, servira-lhes uma verdade pobre, cobarde, mal enroupada, para cúmulo maravilhosa como história da carochinha, em vez da verdade forte e incontradita, jacente no seu seio. Paciência! Havia de confundilos, ainda que tivesse de dar com a cabeça pelas paredes à busca de solução. Tinha de andar depressa por causa de Filomena, quando não ele sozinho viraria a duna, ainda que fosse obrigado acarretar a areia na boca como as formigas. Desgraçadamente, o tempo, que tanto fecunda como corrompe se se lhe dá corda lassa, conjurava-se contra ele. Sacrificando a armação, podia ter a sorte, com o capital obtido, de desencovar o tesoiro. Todo o problema se cifrava em que as arcas se achassem circunscritas à zona a explorar. Era a lotaria. Se errasse, como a duna media mais comprimento que a rua por onde pisava e mais largura que o adro da igreja, o seu dinheiro sumia-se no areal como um bochecho de água. Fosse o que Deus quisesse.

Parafusando no magno assunto, atravessou a povoação, tão regada de sol que os seixos, a mica dos telhados velhos, os vidros das janelas fulguravam como as pedrarias de Santa Cruz na noite em que as viu em sonhos.

Iam e vinham de pátio para pátio moças endomingadas, chapelinho de veludo a tombar para a banda, canos a luzir de alvos, joviais e azevieiras, duma brusquidão em que se traía naquele dia criador a febre lasciva da natureza. jeitosas de corpo e meneios, lançavam-lhe algumas turva e involuntária mirada. Só com os olhos de Filomena se acendiam, porém, os olhos dele. À porta do Pinto, um vendedor ambulante puxava do macho padrões berrantes de chita e popelina. Novas e velhas atropelavam-se em torno, ávidas e curiosas. E eram papoilais, braçadas de amores-perfeitos e cravos vermelhos que se esflocavam dos fardos sobre as pobres e negras vestimentas. A taberna zumbia como um cortiço. Apetite sentia de meter no bucho uma parva de pão com um copo do verde. Mas o caminho para a Ervedeira lembrou-lhe Eudócio Blxolim, nabado da terra, como pessoa susceptível de lhe comprar a armação, e rompeu adiante.

Passos andados, encontrou a tia Afonsa do Aires, no traço da porta que dava para um terreirinho, com a mão esquerda apoiada ao bordão, com a direita deitando às galinhas o milho que trazia no regaço. Tinha cento e três anos e uma alcateia de bisnetos, crescidos uns, outros a gatinhar. Envolta num mantel escuro, a cara mais cortada de rugas e gorovinhas que as batatas velhas que ficam esquecidas de ano para ano ao canto da tulha, cor da terra quando cora depois da lavra, a chamar: “Pilinhas! pilinhas todas!” a sua voz soava ao são e alegre. Para olhar uma franga se tinha ovo, lançou-se lesta, sem o pau. Como ela se escapulisse, o Algodres ajudou-lha a caçar. Enquanto sondava com o dedo a cloaca da “grande zabaneira”, foi perguntando:

- Vossemecê, seu moço, não é filho do Pedro Algodres da praia?

- Sim, senhora, Ah, pela pinta lá me queria parecer! Eu conheci muito seu pai, Deus lhe fale n'alma. Certo dia apareceu-me aqui a indagar se não

tinha rumor dum tesouro que mais de quantos cavaleiros, a fugir aos franceses, esconderam nas areias da beira-mar. Pois tinha, tinha. O Rosendo Feteira, avô do Feteira que noutro dia foi dado à terra, fartou-se de esgadanhar nas dunas, lá para os limites do Grou. Perdeu ali uma junta de vacas e o linhar que é hoje do Lousal Faraó. Era eu menina e lembra-me ouvir dizer que aquele que o haja de desencantar há-de romper por meio dum rio de lume e travar batalha com o Demónio que está a ele de guarda. Seu pai não lhe chegou a pôr a vista em riba, que eu saiba...

O Algodres declarou-lhe que de facto o pai nada conseguira descobrir e inquiriu:

- Então vossemecê está convencida que o tesouro lá está?

- Está, está, e que monta? Ninguém quer meças com o Porco-Sujo. Nos meus bons tempos, os homens saíam aos domingos a esfossar pelos areais como cerdos. Hoje pensam noutras coisas... O dianho da pedrês que fica maninha! Até nem as galadelas têm virtude como antigamente... - e jogou com a franga ao chão de arremesso.

Leva que leva, por entre paul e pinhal, o Algodres chegou à Ervedeira, amodorrada ao calor do meio-dia. Viam-se mulheres a espiolhar-se na argalha fofa dos soalheiros, luziam roupas brancas pelos estendedoiros e os galos cantavam. Topou o Eudócio estendido na eira, à borda da casa, com o chapéu de palha nos olhos, tão enfronhado no sono que foi preciso a mulher abaná-lo com o pé para acordar.

- Que há? Que há? - exclamou estremunhado.

- Pouca coisa, seu Eudócio - acudiu o Algodres. Ora viva! Então dormindo-se a sesta?

- É verdade - proferiu, erguendo-se. - Os cuidados não faltam, mas já que é domingo e obrigação guardar o dia do Senhor... Viva o amigo! Cá por estas Calábrias?...

Insensivelmente dirigiram-se para a alpendorada da casa, alvoroçando os patos que dormiam nos poceirões de cisco e que em fila, bambaleando e grasnando, cortaram a eira a caminho do charco. Chamejava a dois passos a água suja e, à roda, no lamaço fétido e calcurrinhado, um bando de galinhas, com o seu, sultão, catava as minhocas. Mais longe, a égua preta criadeira, as vacas ratinhas, de jugo, duas malhadas, de leite, tosavam a erva, animando a paisagem verde, siderada, com seus grandes vultos, mansamente movediços e tilintantes. A fazenda, mata e prado ao fundo, horta e vinha rente à habitação, distribuída esta em duas alas, com todos os cómodos que pode apetecer o lavrador, poço, forno, lagar, sequeiro e pocilgas, era a inveja de quem a via. O Algodres não se cansava de gabar umas coisas e outras e, consolado, disse-lhe o proprietário:

- Não há dúvida, em arrumação e apeiragem a minha herdade leva as lampas à mais pintada da borda de água. Alguma coisa foi obra de meu pai, mas o mais, seu José, levantei-o eu por meu ardil. Venha, sempre lhe quero mostrar a adega...

Entraram na adega, pipas mais pipas, barris de bagaceira, presuntos à dependura do tecto por nagalhos, e, depois de elogios e rejubilações, puseram-se a bebericar à boquinha da torneira, com azeitonas e broa de puxavante. Emborcados os primeiros copos, interrogou o Eudócio em tom cordial:

- A que veio o amigo? Em voz segura, um tanto pela franqueza inesperada do Eudócio, não pouco pelo efeito generoso do palhete, deu conta o Algodres do seu propósito. Tinha necessidade instantânea de dinheiro e vinha

empenhar-lhe a armação de pesca, ou vender, como melhor lhe conviesse. Mas o outro deu salto, fraternamente indignado:

- Homessa, você quer desfazer-se do seu ganha-pão!@ Asneira@ Não faça isso.

- Está decidido, seu Eudóxi& Está decidiU

- Não sei em que o amigo vai fiado, mas é asneira. Asneira grande como uma casa. O negócio do mar, bem tenteado, não é tão mau como o pintam, Olhe o Vermoil.

“Eu em água salgada é que não deposito nem mais um real. Ficou-me de emenda o naufrágio da Vieira. São empresas que precisam dum homem sempre à testa, e eu não levanto costas com os encargos. Para aí, não ... Para aí, não! Também ando debulhado. Os anos têm sido uma peste, os salários altos, as mantenças caras. Depois que terçado e patena vivem de cama e pucarinho, as terras mal dão para os tributos. Se a Antónia se não safa da bicheza, o lavrador acaba de surrão, a pedir. Rai's abrasem tanto larápio como há em Portugal! Porque não vai ao Vermoil, que anda pilando por isso?

O Algodres torceu os lábios num esgar de nojo e acudiu logo o Eudóxió:

- O Vermoil é má rês, é má rês, mas ao dinheiro nada se pega. Ganho no fado, ou ganho com uma enxada a cavar, tem o mesmo correr. E a prestação de Esmoriz? Bem, bem, eu sabia que o amigo não me deixava entalado. Mas seja claro uma vez para sempre: que necessidade tem o seu José de liquidar a armação?

- Eu lho conto, embora me tenha por lunático e se fique a rir de mim. O que lhe peço é segredo...

Acedeu o Eudóxió com rasgado gesto e o Algodres abriu-se. Tintim por tintim, desde o início até o colóquio de há pouco com a Afonsa do Aires, relatou a sua descoberta com tanta eloquência e convicção que os olhos do Eudóxió extravasaram das órbitas.

Sem ver não crer - murmurou em voz estrangulada, branco como a cal.

- Venha cá... Levou-o para o ar livre, que na adega fazia escuro, e abriu o saco. Perante a crónica excelsa, venerável nos coiros arregaçados, nos fólhos amarelecidos com o tempo, nos oiros semiextintos da lombada, transpirando mais verdade que um missal, não soube o Eudóxió dissimular a sua emoção. Homem de letras gordas, para ler à vontade, sentou-se num madeiro que ali jazia. Estarelando em seguida o livro nos joelhos, depois de mirar e remirar com respeito, não isento de certa desconfiança, aquele tombo mágico, pôs-se a soletrar, enlevado como à missa, a passagem portentosa. A medida que ia cortando a miúda vessada dos caracteres, parece que ia subindo o seu corpo no ar. Quando terminou a leitura, estarreceu de pupilas em alvo, os silhares toscos da portela e as paredes da casa a figurarem-se-lhe, lambuzados pelo sol, rumas de berilos e topázios, pedras que nunca vira, mas deviam alumiar como lampiões.

Vendo-o entroviscado, disse-lhe o Algodres:

- Quer você, seu Eudóxió, entrar em sociedade comigo para desenterrar as riquezas? Partes iguais, e sobe por oiro para a cama... ?

Eudóxió esfregou os olhos e, disputado entre os rasgos da cobiça e as cautelas da avareza, balbuciou:

- Atinaria você com o sítio?

- Tira-se a prova. Pode ser ainda hoje...

O Eudóxió mandou aparelhar a égua de albardão; meteram um cibo de carne no estômago e, cavalgando Algodres na garupa, largaram à desfilada. Na

Cova da Serpe, pormenor a pormenor, confirmou-se tudo quanto o bruxo do cartapácio referia, presentes, como sentinelas que eram, os guinchos agoireiros.

- Quando as arcas se me mostraram em sonho explicou o Algodres - a duna escancarou-se assim... os pinheiros além para uma banda, aquela moita de samoucos e o pinheiro grande para outra. Por este ponto é que se deve romper...

- A duna é de respeito... - rosnou o Eudóxio.

- Maior é o mar e dá-se-lhe volta! - respondeu o Algodres. - Pode-se ter a sorte de ir bater com o tesoiro às primeiras pazadas...

- Pode... mas também se pode moer aqui uma fortuna. Olhe, não digo que sim nem que não. Deixe-me consultar o travesseiro.

Não dava passo o grande sovina que se não aconselhasse de antemão com a mulher, a consciência, o Diabo, e resignou-se Algodres a esperar. Levou uma noite de inferno, cismando, reloucando nas possíveis tropelias do traiçoeiro e no desforço sangrento que lhe seria legítimo cometer. Se lhe usurpasse a sua riqueza, matava-o à esquina como um cão.

Mal alvoreceu a manhã, chamava à porta do Bixolim. Também ele - percebia-se - não cobrara sono, aos tombos, decerto, com as medas de ouro dos frades. O seu olhinho azul, da mais fina água, parecia choco, sugilado de lutar com sombras e visões. Não fitava de frente, traindo o trabalho de maldade e perfídia que se lhe desenvolvera no cérebro. Mas todos os seus planos deviam ter caído ao pensamento de que só Algodres possuía os predicados requeridos de desencantador.

Desta feita o Eudóxio mostrou-se mais perro, voltando à carga com os mil gravames que tornam impossível a vida da lavoira. Maus empréstimos, piores tornas, pagas tarde e às más horas, andava pouco menos que a tinir. Quanto imaginava ele necessário para o desmonte?

Confessou com lisura o Algodres que não fazia a mínima ideia. Talvez umas centenas de mil réis, talvez contos... Consoante.

- Pois é isso que me dana. Se houvesse um orçamento, logo lhe dizia se era eu ou não o sócio que lhe convém. E como havia de ser? Metade por metade nas despesas e ganhos, hem?

- Sim, mas eu não tenho dinheiro pronto.

- Assim não me venha ver. Nada feito!

- Empenho-lhe a arte, cordas, barcos, rede...

- Arreda, meu povo!

- Olhe, senhor Eudóxio, não vale a pena perdermos tempo com razões - proferiu Algodres com desgarre.

- Se quer fazer sociedade, vossemecê vai adiantando à minha parte até o montante em que for avaliada a armação, de que lhe passarei um recibo em boa e devida forma. Fora disso, é-me precisa de antemão a quantia que devo aos cordoeiros. Por seu lado, entra com importância igual à que vai pondo em meu nome. Serve-lhe assim?

Marralha para aqui, marralha para ali, lá apalavraram o negócio. Um dos próximos dias iriam selar a aliança em tabelião. Mais que o apego à fazenda, amanhada pelo pai, o senhor Antoninho Bixolim, homem de carapuça e alforge, à força de pulso e de onzena, acrescida por ele mediante várias artes e tranquiébnias, mais que a sua suspicácia e cálculo de campónio que traz vacas ao ganho e pão a quarta, pôde a mística da lucubração prodigiosa e a comunicativa fé do Algodres. Tinha ainda a empurrá-lo o anjo da felicidade, que nunca o desacompanhara desde o berço, com a lembrança da panela de

peças, encontrada pelo pai ao demolir um pardieiro, e a do argolão de ouro que lhe viera no arado ao lavrar a chá.

Meteram-se na adega a beber o alvaroque. Horas depois a mulher foi dar com eles borrachos tombando, a torneira aberta e o vinho a derramar-se para o chão:

- Diabos vos carregue para estragados, bebedões!
- É alegria - lagrimejou o Algodres.
- Não se verteu muito? Deixa, Micaela. É alegria!
- repetiu o Eudócio.

E, depois de bater sozinho o sarambeque com repicado de castanholas, arrastou a mulher à roda das pipas em chula e endiabrada valsa.

V

Duas semanas que durava o ataque à duna, e a duna parecia, como na véspera, imensa, bronca, inalterável. Trouxera o Eudócio a sua aldeia em peso e cinco juntas de bois; admitira o Algodres a gente de Pedrógão, boa parte da tripulação do Vermoil, à testa Mira e Brás, convicto este e reconciliado; recrutara ainda nas praias, desde Lavos a S. Martinho, caterva numerosa, e no Coimbrão e arredores os carreiros inactivos. E de sol-nado a sol-pôr a chusma de homens encarniçava-se contra a montanha branca, varrendo a areia com rodos e rapadoiras, arrojando-a à pá, desgalgando-a à sebe e a carro de mão para a baixa, que entre as dunas lembrava o cavado de pomas colossais.

No sopé crescia o desaterro, tomava vulto, mas à noitinha, quando depunham as ferramentas e os carros abalavam surdos, tão surdos e leves pelas sendas fofas do pinhal que dir-se-ia carregarem de empreitada para as aldeias o tinido das campainhas, a duna oferecia a mesma carantonha brusca, alterosa e formidável. Desmancho pouco mais demonstrava que o produzido ao cabo dum dia, por formigueiro esfaimado em monte de pão.

Havendo reconhecido que o empreendimento seria árduo e longo, não surpreendia as suas almas o desânimo ou a fadiga. Tanto o Algodres como o Eudócio, desdenhando o papel de feitores, manobravam a pá como héracles desenfadados. Suarentos, negros, descalços, eram em pleno malhadoiro espelhos de resistência. Mas, sem tal exemplo a estimulá-los, todos à uma amargariam a Jorna que cobravam e o vinho extra que bebiam. Divulgara-se o intuito da obra, e a esperança de serem contemplados na partilha do tesoiro dava-lhes alento inquebrantável. Os ralaços de marca mediam-se em brio com os diligentes; Marrazes, Passafome, Penela, Lavagante e muitos outros tão acirrados andavam que nem se permitiam roubar à faina magnífica o tempo de fumar o cigarrinho. Cobertos de andrajos, sujos de lama, lembravam nos dias de mormaço grandes e sôfregos besoiros a fossar em estrumeira rebolecada.

Com semelhante patuleia, o Eudócio, que nutria fumaças de lidador, exaltava-se. jogando o chapéu ao ar, mandava buscar na égua preta, a toda a brida, um odre de vinho. Quando o estafeta reluzia, de volta, nas raleiras da mata, um urro atroador rompia das gargantas assadas. Esgotavam mais depressa o verdial que a duna um chuvisco de Agosto. E volviam à tarefa com dobrado frenesim.

Com o rolar dos dias, os pescadores ergueram tendas, colmadas com velhos oleados e ramos. Chamaram mulheres e filhos e à sombra da mata nasceu uma sorte de arraial cigano, cheio de farrapagem, gritos e lumaréus. Ali forjicavam o comer e dormiam as noites glaciais, amassagados corpos com corpos em volta dum lume de tangerins. De dia a garranada dos filhos, quase em coiro, picados das pulgas e das bexigas, gambiava nas dunas, e o seu chilreio de pardais misturava-se com o chap-chap das ferramentas a rasgar o areal.

Ardiam todos os olhos com a mesma chama; martelava em todas as cabeças o mesmo pensamento: o tesoiro Era a glosa das mulheres, acoradas no chão em felizarda e patética roda. Oh, iam dar um pontapé na maleita, ser limpas e fartas, poder comprar chapéus de veludo com espelhinho ou penas de canário conforme as lavradeiras que, montadas em seus jericos, trazem à ideia rainhas antigas, pendurar argolas nas orelhas, ir de farnel às romarias! A

m iria de oiro e de pedras preciosas havia de chegar para todos, pois só grandes, muito grandes riquezas se podiam esconder debaixo daquela aventesma de duna. Nem concebiam dúvidas de que assim fosse. Era bastante atentar na fê e sacrifício dos dois homens, o Algodres que empenhara o que tinha, o Eudócio que atrasava a fazenda, para que todas as suspeitas ruins se desvanecessem. Nenhum deles, mormente o lavrador, jogariam os haveres contra leite de pombas. Se um dera sinais de pródigo, fora em coisas de quotiliquê, quanto ao outro, bom granjeador e filho de pai, contavam-se pelos dedos da mão as larguezas que praticara. Não eram elas que lhe salvavam a alma do inferno. já do Blxolim velho se dizia que no tempo da estiagem tinha o costume de estercar na fonte que lhe limava a propriedade com o fim de empecer os vizinhos de lá irem com o cântaro para os gastos de casa. Em jornada, descia-se da burra a apanhar feijão ou grão de milho que seus olhos de açor descobrissem por terra. A mesa dele era caldo e broa, caldo e batatas, as batatas com a casca para empanzinarem mais depressa. Começara a vidinha ganhando soldada; enterraram-no senhor de fortuna descomedida, para carta de fidalgo se houvera rei. O filho aprendera de cor e salteada a cartillia do forreta. De portas a dentro tinha dois alqueires, tão irmãos um do outro que ninguém seria capaz de os distinguir. Com o abonado cobrava as rendas, com o ladro vendia da tulha e emprestava. Trazia cem e uma vaca ao ganho, dinheiro a juros altos, a mais de um enforcado desatando o baração para tempos depois lhe fazer deitar a língua de palmo do nó corredio da sua usura. Não faltavam provas públicas da sua somiticaria. Nos bons tempos, quando comer galinha não era ainda exclusivo de milionários, acontecia à senhora mestra ou mulher de parto proverem-se-lhe da capoeira. Tinha sempre muita criação, que a quinta possuía água de merugem e só em minhocas se fartavam. Cada bico, mais arroba menos onça, regulava pelos dezassete vinténs. Salvo andar no trabalho, quem vendia era ele. Mas que trabucasse no cabo da fazenda, desde que percebesse a mulher com gente de fora no galinheiro, punha-se ali de dois pulos, a tempos de cortar o caminho ao freguês:

- Levas uma pita? Deixa ver...

Metia-lhe o fura-bolos no sim-senhor e, se topasse ovo, era sentença certa:

- Vai a pôr. Tem santa paciência, mas são mais dez réis...

À força de onzena e ajudado do aro de oiro que lhe saiu na vessada e converteu em cunquibus, amassou um forturião. Com homem de tal estofo não havia, pois, erro a temer; ou o areal se derretia em dinheirama, ou o Diabo dava estoiro. Corações ao alto!

Em vésperas de riqueza, seguros de que ela se não desvaneceria como sonho da noite de S. João, atormentava-os apenas uma cisma: o critério de justiça com que seriam repartidos os montes de oiro e de prata, as ribeiras de pedras finas e mais maravilhas sem nome. Essa apreensão serrava-lhes por vezes os gorgomilos como unhas de ferro dos salteadores. Bem certo que Algodres e Eudócio arrecadariam a parte de leão. Era-lhes devida. Fossem eles equitativos no partilhar, o bodo contentaria a todos. Com duna tão vasta, que abatendo de alto sobre o povo do Coimbrão entupiria metade das ruas e das casas, como é que a fartura não havia de ser um autêntico preia-mar que chegasse a todos

Repassada de boca em boca, a versão primitiva amplificara-se. Não eram já duas mulas, apenas, que tinham vindo descarregar os fardos preciosos; fora uma récu, uma longa récu pimpante, ajoujada de franjas e guizeiras

castelhanas à moda dos almocreves do Mondego; já não constava o tesoiro de quatro arcas, mas de muitas, sem conto, todas grandes e fenomenais como arcas de Noé, grandes e pesadas como vagões que se vêem rolar pelas linhas férreas, atestados de carvão de pedra. A todos tocava o seu quinhão, a todos havia de saciar, irmamente, como o paozinho de família quando volta do forno nos tabuleiros. Criam nisso não menos que na balança de Deus. E, firmados na cega confiança, com ansiedade cada vez mais opressiva, esperavam a hora em que o tesoiro se entremostrasse na duna como as castanhas arreganham nos ouriços.

As mulheres, cada vez mais lazentas, limitado o seu passadio e o dos filhos a duas cenouras churras e à olha de azeite rançoso a nadar em aguadilha, não sentiam fome. A raia salgada, o toucinho das esmolas reservavam-nos para os homens, que rompiam os rins, curvados para a areia. Tampouco entrava com elas o frio que, se a lenha do pinhal era inesgotável, consumia-as contínua e ardente febre. Andavam feias, sebatas, inapetecíveis a homem ainda as mais moças; que importava se, em breve, se arreariam a prazer, botando merinos, pondo canos, embebendo o lencinho em cheiros, oprimindo o peito com grilhões de ouro, e depois, depois, fidalgas perluxosas, arreitadas pelos peralvilhos, acenderiam o ciúme e os amavios nos olhos dos maridos! Por agora deixá-los lá, derreados, moídos como a palha das enxergas, a conquistar-lhes a felicidade.

Um mês de rijo lidar, a duna acusava rasgão no flanco, como se gigante lhe despedisse uma cutilada. À margem, o desmonte fora-se arredondando e empinando a ponto de soterrar até meia altura pinheiros velhos de quarenta anos. E foi mester arrasá-lo a todo o largo para facilitar a evacuação do grande mar de areia.

Era em pleno Inverno e quando não dobava este borraceiro álgido e miudinho, que até os seixos trespassa, bâtegas grossas faziam do solo um tremedal. Embora atolados da cintura para baixo, não suspendiam os homens a tarefa. Do alto da duna divisavam as vagas de dorso medonho correrem para a praia como cavalos brancos furiosos; viam o noroeste, o grande boizana, a fustigá-las, a espaços lançando-se por cima delas e esmagando-as como fariam cilindros das estradas. Mas era em terra que se tinha a impressão do grande vergalho batendo a torto e a direito. Nas sementeiras, que ramos secos do sargaço carvoejavam em linhas direitas e finas como papel pautado, os pinheirinhos de palmo confundiam-se com o chão, sucumbidos. No pinhal velho, ululante, a ramaria revolteava, vergando e encabritando-se ao açoite. E pelas limpaças calvas e ao longo da beira-mar, as areias saltavam, refluíam, nos seus montes esculpindo o vento formas caprichosas e efémeras como se brincasse com greda. Umas após outras, na costa deserta, tomavam caradura de esfinge as dunas. Umas após outras, com seus ombros lisos, as brandas eminências besuntadas de ocre, tinham ares de fazer sinais, aproveitando-se do mais leve bulir da gente para mudar de fisionomia. Trazidos na refega, vinham os corvos marinhos pairar de asa altiva sobre as suas cabeças, dir-se-ia curiosos da estranha lavra.. . No mar encapelado não se avistava vela nem penacho de vapor; era a solidão, espavorida pelo marulho das ondas e a zunideira do vento. Mas que eram essas coisas, bem triviais, de resto, se por baixo dos pés estava a carta de alforria? Que o oceano enraivecesse, o firmamento desabasse em procelas, todas as aves do céu os viessem espreitar, continuariam, animados de vigor sobrenatural, a dar combate à duna!

Pena tinham que o negrume das noites os não deixasse trabalhar e os dias de Fevereiro, em rapidez, fossem a mão que se abre e se fecha. Mal a alba

despontava em casa de Pilatos, saíam os marítimos das cafuas; a breve trecho, apareciam em bando os cavadores do Coimbrão, Ervedeira, Grou, taleigo às costas, a rilhar a côdea do arrebenta-diabos; ouvia-se através do pinhal a tarantela das campainhas, o doce chi-ii-heru dos eixos, e emergiam das sombras hesitantes, à testa dos bois e a soprar às unhas engadanhadas, os carreiros. O arrebol encontrava a malta de pá em punho, e todos os carros num badanal. Mas antes, já Algodres e Eudócio tresvolteavam na crista da duna, esfalcando-a de grandes toalhas de areia, que corria, corria dos fiancos como a matinada buliçosa do grão das tulhas.

Espalhara-se, entretanto, por vila e termo o rumor daquele empreendimento e acudiram mirones aos cardumes. Zombavam uns, abanavam muitos a cabeça. Não poucos, ao engodo da aventura ou tocados pela fé, se engajaram na obra. Do mesmo passo sucedeu que a Direcção Florestal cobrasse sombras duma exploração de tal envergadura, quando o requerido e autorizado consistia no agenciamento dum bebedoiro público para os gados, e mandasse guardas a investigar. Procurou o Eudócio conciliar-se o parecer dos homens, utando-lhes a barbela em casa e acenando-lhes com boas luvas. Para mais segurança, deitou-se a falar com o guarda-chefe, funcionário das suas relações, fazendo-se acompanhar de dois cabritos recentes e um almude de vinho. E, como não era parvo de ontem, tratou de apoucar a natureza da malhoada com confessar ser corrente por aqueles povos que certo almocreve viera esconder um cofre de pintos na Cova da Serpe, a fugir aos franceses. Os velhos juravam estar a maquia escondida naquela duna e não algures. Como era agora o tempo morto e andava a gente com as mãos a abanar, dera-lhe na telha para semelhante trinta-e-um. Se Deus quisesse, nunca perderiam tudo, pois o bebedoiro, de tão reconhecida necessidade, ficaria ao resto uma beleza. Quanto aos estragos que se produzissem no pinhal, deles se arvorava responsável.

Ouviu o chefe o arrazoado e disse, cofiando a pêra, uma perinha mariola de Satanás:

- Já que tem tanto dinheiro que não sabe onde o há-de moer, continue com as pesquisas. Por este lado não lhe virá empeço. Mas sempre lhe digo, amigo Bixolim, que os cobres que há-de apurar tomo-os de arsénico e não morro!

- A ver vamos.

- Lá faça. A Direcção não se opõe a que mudem uma duna daqui para acolá, contando que não danifiquem o arvoredo. O que pode acontecer é que venham os guardas de Rilhafoles e os levem para o chelindró. Adeus.

Foi o Eudócio de rota batida com o alembrete ao parceiro. Este encolheu os ombros:

- Homem, e o livro? E os milhafres? E a voz cá dentro a dizer que vamos por bom caminho...? E os sonhos que temos tido? Deixe falar quem fala. A Direcção o que queria era vir ela explorar o tesoiro.

Cinco semanas vencidas, o Eudócio reparou que despendera os réditos do ano e as economias, postas ao canto da gaveta para uma pressa, soma alta em que, segundo os termos da escritura, o Algodres entrava por devedor de metade. E, para prosseguir, necessário lhe foi recolher as letras chegadas a prazo de vencimento, que o sócio, se rebuscasse nas algibeiras, pescaria apenas cotão. Uma semana mais de arrancada, e o dobro do montante em que os peritos louvavam a companhia estaria subvertido na areia. De livre, ao Algodres, restava apenas a casinha.

Forçadamente, o Eudóxio começou a vender ao destempo os cereais, o arroz, depois, as vacas e manadas de carneiros que dera ao ganho. A cada operação, atirava pinote como se lhe arrancassem os dentes à turquês, mas naquela altura o remédio era aguentar e cara alegre. Apavorados ante a voragem, engenharam-se, no entanto, os dois a estudar plano que lhes permitisse com menos dispêndio destravancar a queijada dos crúzios. Haviam até então sapado a duna pela ilharga, mas com o pendor contínuo da areia poucos côvados de terra firme resultavam a descoberto. Afiguro u-se-lhes que seria mais rápido e eficaz atacá-la pelo centro, ao jeito dos mineiros quando abrem um poço. E assim assentaram de comum acordo, que dois irmãos não seriam mais unidos a resolver e a obrar.

No dia seguinte, com o lusco-fusco da aurora, o Eudóxio riscou um largo círculo na lombada da duna e chamou o Marrazes, graduado em capataz:

- Desaterrais daqui. A areia ide-la botando por essas rampas abaixo, onde não faça febre.

Assim foi executado. Distribuídos em turmas, os homens desbastaram a corcova da duna, rojando a areia pelas vertentes às golfadas. À pá, a carro, a rodo, tinham ao anoitecer aberto campá para soterrar um batalhão. A esfregar as mãos de contentamento, bravateou o Eudóxio:

- Eh, rapaziada, havemos de fazer à duna o que se faz à pele duma cabra quando se esfolá: virá-la do avesso..

Choveu aquela noite torrencialmente de mistura com ventania grossa. Na manhã, aos primeiros lucilamentos da luz, deram com o fojo que haviam cavado raso de areia. Os trabalhadores ergueram as mãos à cabeça.

- Foi desfeita de Barzabul - exclamou o Pencla.

- Foi desfeita do vento! - retorquiu o Marrazes. Soprou tanto esta noite o grande cão que morreram quantos escrivães há em Portugal.

Levaram todo o santo dia a desatulhar a cova, pouco mais adiantando. À hora de trindades lembrou-se o Marrazes, que era industrial, de cortar franças verdes de pinheiro, de samouco e de tamargueira, e com elas revestir as paredes do fosso. Toda a noite bufou e rodopiou o vento, mas desta feita foi leve o estrago que produziu. E, satisfeitos daquela manhã, continuaram com porfiado encarniçamento.

Em breves dias cumulavam, com o trasbordo da areia, o entalhe que haviam rasgado no flanco da duna durante semanas, e a escavação engoliria a igreja paroquial com o seu campanário. Mas, a avaliar pela carrasca dum pinheiro, que parecia, oca e petrificada, cano de sonda imerso nas profundas da terra, faltavam ainda muitas varas para tocar o chão firme. Aconteceu, porém, à medida que profundavam, a areia ceder à própria mobilidade e resvalar surda, hipócrita, traiçoeira, até o fundo do pego. A sua mesma massa se deslocava, espremida pelo calcadoiro de bois e de pessoas, quando não escorria em finas e quase invisíveis toalhas pelas paredes em funil do açude. Reconhecendo a lentidão com que progrediam, não descortinavam, porém, a origem do mal. Culparam o vento que, mal apanhou a cratera dilatada, lhes jogava pela cabeça incessantes zagalotadas de areia.

Era a estação de ele correr e bandarrear por toda aquela corda de costa, rapando e esgaravatando, desatupindo e atupindo, descompondo umas carantonhas e inscrevendo outras nas dunas alapardadas. Depois de esgrimir com a onda esquiva, era vê-lo na praia a fusgar, moldando a areia, padejando-a, sujeitando-a ao que muito bem quer. Ela acabava por se lhe entregar, dócil de todo. Bailavam então juntos, e à tropeada de tal par dançante não havia processo de escapar.

A estas granizadas frenéticas, para as quais a estacaria de ramos era impotente, atribuíam o magro êxito de suas canseiras. Só quando amainou o noroeste, verificaram que na própria areia residia, sobretudo, o inimigo caviloso. Cada grão parecia um diabinho a fugir para o inferno. Um que desatava e todos a despedir-lhe na rasteira. Mal se viam rolar, e era a mole toda que derivava lenta, fluída, incansavelmente.

Debatendo os vícios da sua engenharia, concluíram os dois sócios que era indispensável, para bem parar a areia, revestir a cova dum anteparo de tábuas, como se usa nos poços das minas. Queimavam-se ali vinte carros de pranchas e pranchões, mas não havia segundo expediente eficaz. Em harmonia, escolheu o Eudócio, por vezes homem de rasgo, um piquete de trabalhadores a quem munuiu de serras e machadas. E, conduzindo-os a um dos seus pinhais, marcou os limites e deu ordens para a: derrubada:

- Vamos deitar estes mastros abaixo enquanto o diabo esfrega um olho. Cuspi às unhas!

É cada marítimo, por via de regra, um serrador, e a tarefa executou-se com despacho e boa ordem. Aprestado o madeirame, com igual presteza o levaram, ainda verde, para a Cova da Serpe os eixos chiadores. E os jeitosos que havia entre eles e os carpinteiros que vieram do Coimbrão puseram mãos à obra. Dias a fio o bater dos martelos espavoriu os bandos de patos reais, pardilhões e gaivotas que buscavam o refúgio da terra, acossados pelo mar revoltoso.

Forrado o imenso lagar, respiraram. Embora o entulho fosse laborioso de remover pela rampa íngreme se bem que longa, à multa altura a que ficava a crista da duna, puderam profundar uns bons pares de metros sem embaraço de maior. A corcódia, porém, que lhes servia de bússola, continuava a mostrar-se rija, direita, com diâmetro invariável, senha evidente de que, a fugir à asfixia, o pinheiro crescera sem lei nem medida, tendo cravado o espigão a fundura desabalada. Queria dizer, estava longe a terra firme, chão primitivo sob que se acoitava o tesoiro.

Não lhes restava outro recurso senão perfurar e foram perfurando. Tinham descido obra de dois côvados, começou a areia a reminiscer mole e insidiosa por debaixo do escoramento, a gotejar das físgas e olheiros das tábuas como o grão da moega. Em alguns sítios gorgolhava, noutros corria como a água da bica das fontes. Convertera-se, também, em escorregadoiro - por onde a areia dobava em rabanadas, era só o vento erguer-se - o plano acondicionado para os carrinhos de mão. Valeu de pouco calafetarem aqui, rolharem além. O deslize acentuava-se, tolhendo-os de ir mais longe. Impunha-se nova cintura de madeira, sarilhos e polês que içassem o desaterro a balde. Ata, não desata, propôs o Eudócio:

- E se nós fôssemos ao feiticeiro do Grou?... O que ele riscar é que se faz...

Abalaram na madrugada, de espora fita. O tio Manuel das Uchinhas só recebia a horas certas e no cenário das suas corujas empalhadas e camisas de cobra estendidas pelas paredes. Mas o Eudócio foi pela porta do genro, seu devedor, que os conduziu ao quintal onde, sentado no cabeçalho do carro, muito velho e trémulo, a peitaça florida de felpa branca, o homenzinho espreitava o sol. Declinada a matéria da consulta, informou o bruxo que sim, que o tesoiro lá estava, havendo ele e o defunto Algodres gasto dias sobre dias para o desencantar. Mas, aquilo não reunia as condições da lei, tanto valeu bater brenhas, esfuracar lorgas, como estar a dormir. Já a seus avós ouvira rosnar que debaixo da duna mais avultosa da mata do Urso se acobertava um

tesoiro de cara. Pedro Algodres trouxera o livro, que era a prova das provas. Que ele lá estava, tinha-o por tão certo como mais hora menos hora apresentar contas de sua alma ao Criador. Contava dois carros de anos menos sete e já tudo lhe aborrecia, senão entrava com eles na sociedade... Tinham, então, atacado a duna grande do pinhal...? Iam por bom caminho. Mas vissem bem se possuíam os requisitos todos: coração escoreito, mãos e pés banhados em água de mar, órfão de pai e mãe, sem beira nem ramo de oliveira. À falta deles, valia mais guardar os pintos ao cura.

- Vossemecê, seu Eudócio, não é o desencantador...? - inquiriu. - É este moço?

- Sou eu, sou - respondeu o Algodres. - E olhe lá, não me tira pela pinta? Afirme-se bem...

- Ai, não tiro, não. Estou sem vista...

- Meu pai era a pessoa de quem há migalho falou... o tio Pedro Algodres.

- Como podia eu atinar?! Mas ele deixou-te alguns bens de raiz... casa....

- Sim, senhor, mas os bens foram por água abaixo e a casa, que monta, é uma lura de rato.

- Isso não quita, moço. Tem telha, tem beira... E lá viveu teu pai, que Deus tenha na glória. Veio a coisa fusca!

Decorreu uma pequena pausa e tornou o feiticeiro:

- Hum, veio a coisa fusca. Compreendem: tem telha, tem beira... No resto está concorde com os mandamentos.

- Se o entrave está na casa - proferiu o Algodres depois de reflectir alguns instantes - faço doação dela a minha tia Josefa e acabou-se!

- E como vai de saúde a tia Josefa Algodres? Boa...? Estimo, estimo. Fazia caldo que até abria o apetite a um morto. Aprendeu na serra; à borda de água, não sabem... não sabem dar as voltas à panela e deitar-lhe o tempero devido. Mas, homem de Deus, que montava fazeres a casa a tua tia, se o que é dela é teu?

- Então vende-se...

- Não sei se será de valha. Duvido. Sempre fica o dinheiro; sempre rendeu dinheiro. Eu, nos vossos casos, prometia voto taludo a Nosso Senhor, que tudo manda.

Está prometido - declarou o Algodres. Pois tende fé e continuai. Continuai, que o tesoiro lá está.

O tio Manuel das Uchinhas não só recusou a espórtula, como teimou para que tomassem o mata-bicho. Foram dejejuar-se à taberna, e, ainda a meia manhã não era passada, despediram. Levaram o caminho a mascar nas palavras do benzilhão.

- Rai's abrasem a casa se há-de ser a nossa desgraça! dizia e redizia o Eudócio. Naquele dia fossou-se à grande na duna mas com frouxo resultado. Tornava-se urgente revestir a escavação de nova cintura de tábuas; dez a quinze carros de madeira, porém, que a obra consumia, eram quantidade de peso no orçamento e o Eudócio hesitava. Começava a torturá-lo a dúvida. Em vez de desenterrar um tesoiro não andaria a abrir a sepultura à sua casa? Diziam-lhe que sim os amigos e conhecidos e, em certas horas, as vozes prudentes daquela parte da sua pessoa que não desperdiçava migalha nem dava ponto sem nó. Mas o Demónio, que se posta à espalda dos jogadores quando estão à banca, na voz que abafa todas as outras, gritava-lhe: persiste! A vaza era de respeito e com um pouco mais de perseverança podia arrebanhá-la para si. Se desamparasse o jogo àquela altura, nunca mais teria sossego em sua alma. Ficar-lhe-ia o remorso do que deixara, possivelmente, de

ganhar, e, mais que tudo, do que perdera sem remédio. As despesas havidas cifravam-se em dezenas de contos, e não se resignava a que o seu rico dinheiro fosse pela água abaixo. Ser-lhe-ia rombo irremediável na fazenda. Mas, além do interesse tão profundamente ferido, havia desdouro em desistir. Estava a ouvir a surriada dos trocistas, por aqueles povilêus fora, no dia em que renunciasse ao tesouro. Por outro lado, depois das reservas que formulara o feiticeiro do Grou, teimar era correr os riscos de prejuízo maior. Que fazer? Sentia mão de ferro a segurá-lo e outra, não menos feroz, a impeli-lo para a frente. Duma banda o medo, o amor desatinado aos bens, a sua cautela de raposo, a avareza; da outra a ambição, o seu brio de ricaço, a dor do que desbaratara, a confiança na boa estrela, batalhavam em rija guerra. Que fazer, santo Deus? A fêria era alta e reconhecia que a indecisão só agravaria o problema, o mais difícil e angustioso problema que até à data se plantara na sua vida. Se deliberasse continuar, forçoso era proceder ao revestimento, sujeitando-se aos sacrifícios indispensáveis; se retirasse, devia fazê-lo sem perda de tempo, que a jorna dos obreiros era voragem sem fundo. Mas por qual optar, santo Deus?

Uma das noites que não pudera pregar olho, levantou-se, ainda a alba não vinha de Castela, tonto de todo. Saiu de arremesso, só passados tempos dando conta de si e de que ia sem destino pelo caminho do Coimbrão. À claridade baça das estrelas, que se iam sumindo no céu plúmbeo, mal negrejavam os cimos negros dos pinheiros e as árvores das sebes que ladeavam os caminhos. Era esta espécie de vigília que precede o amanhecer, mais quebrantada que a noite em seu piar quando os galos deixam de cantar e as sombras esvanecentes e a friagem lançam sobre as coisas silente e imponderável mortalha. Parece ter-se suspendido-o curso do tempo. Se se fecharem os olhos, o mundo morreu. Subitamente, ouve-se um piar de passarinho e é a intermissão que acaba. A terra desabrocha como imensa açucena, e os mil ruídos da vida correm como regatinhos de açude que encheu e trasborda. Aurora.

Ouvindo ao longe, no campo, as ave-marias flébeis, quase meladas, dum campanário, o Eudócio tirou o gorro e rezou. Rezou pelas almas que penam nas chamas do Purgatório, e para as quais a prece matinal é como jorro de água fria; por alma do pai que lhe legara grossa fortuna, amealhada grão a grão; depois, rezou por si, para que dos lábios lhe fosse desviado o tremendo cálice da amargura. Se as almas lhe inspirassem o rumo a tomar, era capaz de lhes mandar erguer um nicho naquela mesma altura do caminho, com uma lâmpada de azeite sempre acesa para seu refrigério. Mas as alminhas, se apareciam neste mundo, corriam espavoridas por montes e vales, semeando o terror e não apaziguando. Estava na sua condição de penadas. Os santos, que gozam da ciência de Deus, é que podiam dar-lhe a senha inestimável. Muitas vezes o faziam para os seus devotos. Mas não se amerceariam dele, que nunca gastara as solas dos sapatos nas romarias, nem enchera com o grão das tulhas o bernal elástico dos mordomos. Era crente, nado e criado na lei divina, mas não santanário, e avesso a votos e penitências. Aos santos rezava quando rezava, e dessem-se por contentes em não fazer todas as encomendações a Deus. Deles, pois, não havia que esperar aceno ou rebate que o orientasse no caminho a seguir. Mais lhe valia jogar um vintém ao ar e - cara ou cruzeiros assentar em sim ou não. Podia, ainda, apostar dum caso o desempate do negócio...

Naquele momento a torre do Coimbrão bateu, também, as ave-marias, medrosas, dir-se-ia lívidas, no céu gelado. Trémulas, liquescentes, pareceu ao

Eudócio que aquelas badaladas calam como gotas de orvalho no Purgatório em brasa. À semelhança do que via nas bandeiras das irmandades, nos restábulos, nos frontões de pedra que ladeiam os caminhos, as alminhas erguiam olhos súplices para os vivos. Gemeriam, rodeadas de chamas, erguendo na balsa de fogo, umas por cima das outras, os dedos tismados. E, rendido à piedade mercê da imaginação, o Eudócio pôs-se a desfiar padre-nossos atrás de padre-nossos, ave-marias e ave-marias sem conto. E, reza que reza, entregue do mesmo passo aos seus roedores cuidados, ocorreu-lhe fiar duma condicional em que entravam as àlminhas atormentadas a solução do caso.

Pois era a hora consagrada às almas, se dali até à igreja do Coimbrão encontrasse criatura do Senhor a rezar, prosseguiria; se não encontrasse, mandava a duna para o Diabo.

Dizia-lhe, todavia, o entendimento que tanto valia creditar de tal contingência, por de mais problemática, decisão tão poderosa, como tomá-la desde já riscando para todo o sempre com a obra em que se metera. Mas, pois que a sugestão lhe viera ao espírito no momento em que orava, revestindo até certo ponto um aspecto de mandato, não lhe era legítimo abdicar da prova. Com este tino avançou para a aldeia dormente nas sombras do lusco-fusco, sombras que se iam tornando rarefactas à medida que se acercava, com leves fosforejos de luz nas cumeeiras altas. Não tangia chocalho, não rumorejava voz, e o Eudócio ouvia os seus passos como de tropa que estivesse a romper de debaixo da terra para lhe sair ao encontro. Ao inflectir da rua, que era o cabo do caminho que vinha desde a Ervedeira, a massa aérea da igreja, depois, o solo nu do adro ao mesmo tempo cemitério, com as raras e negras cruzeiras de ferro esparsas aqui e ali como arbustos desfolhados, lobreguejaram a seus olhos. E, afirmando-se, o espanto que o tomou foi tão grande que quase ia dando em terra. A toda a volta do templo, vultos, muitos vultos, deslizavam ao longo das paredes do templo, silenciosos como sombras. Uns na peugada dos outros, com ritmo fantástico, genuflectiam diante da porta maior e desapareciam, ao fundo, no ângulo formado pela tribuna, para reaparecerem dobrando a esquina da galilé.

Ainda que arrojado, pouco atreito ao pavor sobrenatural, o Eudócio persignou-se, a medula passeada por um calafrio. Recobrando-se pouco a pouco, esfregou os olhos, não fosse juguete de sonho ou ilusão. Estava bem acordado, no gozo dos cinco sentidos, e pelas casas, a taberna do Pinto com o ramo de loiro na umbreira, os caminhos, a forma e aspecto das coisas, que lhe eram peculiares, certificou-se que estava no Coimbrão e que o prodígio que tanto desejara se estava operando. A procissão dos fiéis de Deus prosseguia lenta e sossegadamente com as mesmas pausas e zumbaias. Reparando bem, depois de vencer-se em sua pusilanimidade, observou parecerem de natureza terrena os seres que divisava. Sombras nas sombras envolventes, mais que tudo, viu-lhes mantéis velhos, saias escuras repuxadas para a cabeça, gabinardos amarfanhados. Espera...

Abeirando-se em pés de lâ, encarou com o primeiro penitente. Quem ele era! O Pamplino.

- Deu-vos para boa! - exclamou. - São horas de rezas?

Apinharam-se em torno dele. Eram os marítimos, os cavadores, com mulheres e filhos, gente que trazia na duna, e vinham nas trevas da noite, pois o dia era pouco para a labutação, implorar Deus e os santos que lhes fossem favoráveis no desenterramento do tesouro. O Eudócio prestou-lhes um ouvido rápido e foi ajoelhar em frente da galilé, naquele ponto em que o seu olhar

encontraria o do Espírito Santo, perfilado no altar-mor com a pomba da sabedoria à mão direita. Não o via, mas bem sentia na alma o olhar que penetra corpos e corações. E, ali na terra nua, pediu perdão a Deus da sua descrença, agradecendo à infinita bondade ter-lhe mandado um claro sinal. Em vista desse sinal, ia empregar a fortuna no prosseguimento da empresa, prometendo-lhe a ele e aos pobres ricos e opulentos alvissaras. E, desafojado do seu transe, cheio de unção pelo Senhor Omnipotente, lhe rendeu fervorosas e abundantes graças. Com a turbamulta dos trabalhadores rompeu jubiloso para a Cova da Serpe. Amanhecera quando se lhes deparou a montanha branca de areia. Já o Algodres ia e vinha no meio do desaterro, como engenheiro que tira a planta, e homens e carros formavam às bandas, prontos à primeira voz.

- Temos que deitar mais pinheiros a baixo - declarou o Eudócio. - Toca a aparelhar!

Abalaram. De caminho, disse para o Algodres:

- Amigo, nós vamos para diante, mas convença-se duma coisa: da companhia não resta com que mandar cantar um cego...

- Paciência!

- E oxalá não vá o demo da casa empecer-nos... Aprestaram o madeirame necessário e aos carpinteiros de Monte Redondo encomendaram aparelhos de alar. E, em breves dias, a imensa cisterna desceu mais fundo na terra, e a duna esfandegada alargou os flancos pelo pinhal, pela regueiras, pelas outras dunas, como se lhe soprassem, a um tempo, mil furacões.

VI

O homem chegou até ali, ora de gatinhas e de rastos, ora flectido para o chão como lobo que vai furtado. Pinhal dentro, ergueu-se e tomou fôlego. Ninguém o via, salvo Deus, e ele podia tudo ver: o oceano, as dunas e, a menos de cinco minutos de passo folgado, o montão de fuligem, de frio e sordidez que era a aldeia na sua mortalha de Inverno. A tropo-galhopo nos algares do solo, os últimos beirais afocinhavam de tope nas ondas e pareciam bolar.

Fosse ruído que o inquietasse, fossem escrúpulos da prudência, o homem postou-se ao abrigo duma árvore, desconfiado. Assim esteve um bom espaço, sete olhos à direita, sete ouvidos à esquerda, até que se capacitou que na mata não rondava alma que viva. Depois de limpar o suor da fronte e a lama dos joelhos, bateu o terreno. Andou, mirou, rondou de moita em moita, e, marinhando, afinal, pelo tronco dum pinheiro, estes pinheiros anões e disformes da beira-mar que dão ideia, sem guia e com a rama contrafeita para o solo, de galé desmastreada, acocorou-se entre os galhos como milhafre à espera.

Caía uma chuva irregular e grossa que, tangida pelo noroeste, tamborilava contra a casca das árvores um rufo miudinho. As franças e corutas altas vergavam, gemendo. Mas, indiferente ao temporal, o homem pôs-se a espiar o casario, a casinha do catavento, sobretudo, de ar espantadiço e solitário à beira do macadame, como irresoluta entre fugir ao povoado e às areias, que desciam das dunas virgens em catarata. Com os muros sem cal nem frestas; seixos a prender a telha-vã; a sua pobreza transida; o seu vulto de humildade, em nada se distinguia das mais choupanas dos pescadores. Mióporos e tamargueiras, no esfrançado ainda da canícula, protegiam-na até meia altura, ao mesmo tempo que defendiam contra a duna os dois palmos de quintal.

A todo o âmbito, floresta, terra e mar, não se avistava sombra de criatura. Aqueles que a manhã agreste não ferrolhava de portas a dentro chamara-os a sineta da capela para a missa que o reverendo Horácio Biu ali viera dizer a rogo de mestre Vermoil. Fechara este a safra com lucro e sem estrago de vidas; mas que tivesse perdas ou naufrágios a deplorar, invariavelmente, ano por ano, endereçaria a Santo António a missinha agradecida. Do poiso, o homem descobria a sineira da capela, de encanchaperna sobre o encume, que não era mais que uma nódoa verde-limosa ao rés da terra branca. A duna submergira o templozinho até os beirais, permitindo que os cães se lhe fossem deitar no telhado, de Inverno a espreitar o sol, de Verão a gozar a sombra do campanário. Mas a cruz pairava alto, com os braços negros, abertos, a abençoar igualmente os palheiros dos marítimos e os chalés fechados dos ricos de Leiria.

Para tudo o homem olhava com pupila rápida e superficial; para tudo, afora a casa desamparada à beira do macadame. Ali a sua vista interrogava; marrava-se como açor diante da presa; parecia esquecer-se do resto do mundo. Por vezes, de lassitude, os olhos distraíam-se-lhe pelo mar que o temporal encapelava. Ao largo, tudo era negrume; rente à costa, no meio da tenebrosa mobilidade, reluziam muito brancas as cristas das vagas, rolando umas sobre outras em esquadrões velozes, empenachados de espuma

esvanecente. E o marouço repercutia contínuo, atroador, picado de instante a instante pela bofetada alta da rebentação. Não se divisava vela nem tábua de navio; as asas tinham desertado do mar e, nas toiceiras de estormo e refegos da costa, marrecos, mergulhões, gansos patolas deviam ser mais fáceis de pegar que galinhas no choco. Grande pechincha para os pescadores que iam pela praia a cima derreando a pau os atordoados palmípedes e encafuando-os para o saco! Era um dia cheio, de comezaina à tripa-forra, como para zagais, caçadores e caçarretas as nevadas nas serras. Vendiam ainda parte dos passarões pelas tabernas e casas dos lavradores e derretiam o resto para adubo da panela. Louvores ao Pai do Céu, mercê da sua misericórdia a procela dava de comer como a bonança!

O fito do homem, porém, era a casa e, após breve divagação, voltou a olhar para ela. Um, dois, três minutos de vista obsessa e, perante o panorama inalterável do telhado escorrendo dos beirais lamaço, tédio, melancolia, novamente se alheou. A todo o redondo, água, areal... e vento. As duas imensidades eram picadeiro do vento. O mar recebia a vergastada, e crespo, furioso, rojava-se para a terra como se tivesse a peito esmagar contra ela o fugidio agressor. Nas dunas, cemitério das ondas, era outro o seu lidar. Como se a areia fosse o seu pimpampum, cuspiam-a às rebatinhas, disparava-a em chapoiradas por pátios e telhados, punha-a a desfilar diante de si, ora baixa e mansa, semelhante a rebanho de carneiros, ora mais alta, irreal e vertiginosa que voo de gafanhotos. Com ela, trazida não se sabe donde, andava há anos, há séculos, edificando aquelas léguas informes de dunas, alterosas e ondulantes como as próprias vagas, mar branco e desolado diante do verde mar. Ali, embora orla do pinhal, o homem apercebia-se da obra tirânica: as areias crescendo, ele sentia-as varrer, tinir, acogular-se com o alegre rumor do grão ao varrer na eira para o monte.

Mas ao homem que lhe importava a gestação centenar das dunas? Importava-lhe a casinha isolada, com ar de morta, sob a feiúra do céu. E, volvendo olhos para ela, depararam-se-lhe as mesmas imóveis telhas, encardidas pelas intempéries e pela tristeza daquela manhã sem sol, o mesmo cubo de pedra tosca, recortado pelas franças verdes dos mlóporos. Luzia o barro vermelho nos guieiros, e esse lampejo era o único quebranto à morrinha que exalava. Rente a ela, também nua e deserta, a estrada parecia um corredeiro do vento.

Chovia, ele porém não sentia a chuva. Com as grossas gotas, de mistura com a areia, ia o noroeste metralhando o arvoredor. Era sempre assim pelo Inverno fora, Estava escrito nas formas torturadas dos pinheiros da zona que entesta o mar. Tinham ajoelhado uns pelos tronco, depois de dois rodopios volvido a erguer-se, para enristarem ao alto galhos amalucados. Dobravam-se outros obra de três metros de alto, semelhante a compasso que se fecha, e a gula ia coleando, rastejando pelo solo, membruda e eriçada de escamas, como jibó ia na marcha. Alguns apresentavam corcundas de grossura descomunal e um único ramo, ético, articulado de banda - braço gigante a agatanhar no ar. Havia-os que curveteavam em perfeita espiral, subiam e desciam ao chão, para se enrolarem e desenrolarem como molas disparadas. Em não poucos sucedia que, estroncada a haste, as frondes refluíssem para o solo e, enterrando-se, criando raízes e ricocheteando, rodeassem de filharada o cepo vivo, decapitado. Algumas vezes via-se um tronco de rastos afundar-se no chão, emergir a distância, largando, depois, em linha recta, retrocedendo em ziguezagues, tornar a sumir-se e tornar a aparecer, tão fantástico que seria temerário dizer onde estava o espigão. Nestes a seiva estrangulada

concentrava-se em certo lanço e pareciam afectados de elefantíase; naqueles, de grosso e atarracado toro, depois subitamente delgados e altíssimos, figurava a imaginação anões sapudos, porta-estandartes. Esqueléticos, torcidos e retorcidos como tiras de coiro a incinerar; parodiando formas trágicas, humanas; lembrando colossos a cair fulminados e gebos no desengonçamento da fuga; de todos os feitios; em mil extravagantes posturas; evocando os infinitos aleijões – ao lance de olhos, constituíam menos um trecho de floresta que um arraial de monstros. As suas linhas convulsas resumiam indescritíveis episódios do combate da vida com a morte.

Mas que lhe interessavam os pinheiros estropiados pela asfixia das areias e a bafagem ácida do Atlântico? E, erguendo os olhos para a casa, a sua face iluminou-se de alegria bárbara. Em cima das telhas começava a formar-se, não obstante o vento ponteiro, um halo de fumo, baço e miudinho como musgo em rochedo. Exsudava pelas talisgas e, rarefacto, duma palidez de água a trasbordar de cisterna, devia encher o interior todo. Flutuando molemente sobre o encume em vez de se desenvolver em altura, esflocando-se dos beirais, revestiu primeiro o cimo das paredes duma faixa cinzenta, algodoadada. Depois, à medida que se vertia pelas gretas do telhado, tornava-se denso e negro. E mar, dunas, pinheiros flagelados, tudo desapareceu para o homem -, a sua vista de ave de rapina, que afinal descortinou caça, o adejar sobranceira à choupana.

Minuto a minuto a fumareda alastrava mole e opaca; descosia-se em novelos que o vento ia dobando, desenrolando pelo céu fora, enfiados uns nos outros os tênues filamentos de nanquim e guache; crescia e alava-se em orbes e parábolas; debruçava-se para o solo, cingindo as paredes e oscilando pelos ramos dos mióporos, qual neblina dos rios. E, repentinamente, uma língua de fogo fulgurou, tremeluziu, apagou-se, como se a mesma elasticidade a projectasse e reprimisse. Logo a seguir, lumaréus vários riscaram o nimbo de fumo, extinguindo-se uns, brotando outros, animados duma agilidade de farândola. O vento soprava-lhes e pareciam, finos e recurvos, alfânges cheios de sangue. Acima deles, crepitavam e desvaneciam-se faúlhas igniscentes. Mas os fogachos engrossaram, subiram mais alto, e negros na base, azuis no meio, rubros no vértice, somaram-se em meia dúzia de chamarelas, direitas e aceleradas como repuxos. Segundos decorridos, duas, três destas fundiram-se ainda, depois outras e outras, e o ar enrubesceu até longe ao clarão das grandes labaredas. Voavam e dissipavam-se as faíscas meteoricamente acima do turbilhão. E à medida que o incêndio tomava pé, a casa desanuaveava, destroçado o fumo pelas árvores, o macadame, os prédios de dois andares dos estanceiros. Breve, um bulcão enorme, mal esfarrapado, vogava à flor das dunas e o seu vulto e a sua sombra eram como dois avejões em rompente luta.

De súbito, ouviu-se, no meio do fragor das ondas, o estralejar dos materiais, triturados pelo fogo. Lembrava mil serras a morder, mil ceifeiros a ceifar, as vagens dum giestal imenso a abrir ao sol de Verão. Ao mesmo tempo, impregnava-se a atmosfera do cheiro a queimada, que é salobre e abafadiço, e de cheiro a chamusco, que enjoa, proveniente da cremação de tudo o que é de origem animal ou tocado por humores animais. A casa era agora uma fogueira gigantesca, de chama impetuosa, aos sacolejões, cadenciada a ritmo binário, com sua coroa de faíscas a esfuziarem em plena borrasca. Avermelhara tudo em roda e, lá em baixo, na espelharia do mar, um archote colossal ardia, figurava-se arder por sobre o tropel das ondas.

A casa jorrava lume por todas as juntas quando um grito retiniu, tão angustioso e agudo que as próprias aves dos bosques teriam estremecido: fogo! Uma curta pausa, e segunda vez se ouviu o mesmo grito, mais vibrante, trémulo e arrastado. Respondeu-lhe um silêncio de tal modo absoluto que dir-se-ia suspensa a vida e o próprio marulho do mar. E, imprevisivelmente, soltaram-se, como de açude, todas as vozes frenéticas e aflitas e todos os rumores dum vespeiro assanhado. E por cima do sussurro e do anúncio cada vez mais estridente: fogo! a sineta rompeu a badalar e o seu aulido, oprimido, de cana rachada, à flor do solo, era mais lúgubre que o uivar dum cão com as pernas esmigalhadas nas ratoeiras.

Do carrapito da árvore, o homem via correr e sarabandear nas vielas o formigueiro da gente ansiosa. Sem perda de minuto, sacavam das choupanas tudo o que pudesse servir à água e lançavam-se para o chafariz e lavadouros. Breve, duas cordas de povo, com vasilhas cheias, com elas vazias, esgalgavam-se em sentido oposto, uma contra a outra, como serpentes fugidças. Mulheres traziam o cântaro à cabeça e duas latas nas mãos, crianças abraçavam ao peito rotundos alguidares; os próprios velhos se punham acarretar água.

Entretanto alguns homens haviam erguido escadas para o casebre e, forçando as portas, despejavam em catadupa a água que lhes vinha às mãos. Aos primeiros jorros, grandes borbotões de fuligem espirraram ao céu; desapareceram os homens um instante para volverem a descobrir-se pequenos e desengonçados como bonecos na nuvem de vapor e fumo. A chama amainava os olhos vistos. Por cada jacto mais forte e acertado, sentia-se o chuchurrear áspero da água nas madeiras incandescentes. Voltava a quebrar-se em fogaréus vários a frágua terrível. Sacudia-lhe o vento para o largo as roçadas de fumo, agora mais espessas e negras; e, semeando-as pelas dunas, parecia andar a plantar uma floresta de medonhas árvores. A sineta tangia, tangia sem descanso, e como a população se ajuntara toda ali, marítimos e fiscais do Posto, o seu dobre soava a clarim a animar uma batalha.

Caminho fora, através das hortas, à retaguarda dos chalés, as duas bichas de gente, rápidas e ordenadas que nem regidas a compasso, continuavam a trazer água. E, negros e infatigáveis, os homens iam-na vertendo no braseiro.

Pouco a pouco, descorou o ar; pouco a pouco foram declinando as labaredas; línguas de fogo, um instante teimosas, amorteceram, apagaram-se; espirais de fumo, brancas e amarelas, furavam ainda dos boqueirões do telhado e esvaíam-se no céu torvo; uma chama verde alcandorou-se... despediu para nunca mais. Estava vencido o sinistro. Indiferentes à chuva, os homens puseram-se a remover as telhas para a crista dos muros, suspeitosos das traves e caibros carbonizados. Andavam já menos pessoas no corropio da água. Diluíra-se nas dunas, como pesadelo, a portentosa e efêmera floresta.

Quanto tempo durara a refrega? Horas ou uma dúzia de minutos, ninguém o saberia dizer. O homem teve a impressão de acabar de viver uma eternidade. Com olhos rasos de lágrimas, mas o mesmo lampeio de ufanía selvagem no rosto, desceu do pinheiro e, ladeando pela mata a fim de não ser visto, meteu à estrada. E a passo resolutu caminhou para a aldeia, de que se distinguia o zumbidoiro por entre a quebrança do mar.

Mal repararam nele, correram ao encontro:

- Senhor José, ânimo! Aconteceu-lhe uma desgraça...
- Botou-se-lhe o fogo à casa...
- Perdeu-se tudo? - perguntou de olhos baixos.

- Alguma coisinha se salvou; pouco. O tecto, se não apeiam a telha, é que vem a terra - e a mão enfarruscada dum salvador apontava.

O Algodres ergueu a vista, deparando-se-lhe em formas objectivas o quadro que se lhe representara à imaginação. Paredes calcinadas, a telha em rumas nas arestas dos muros, o escama-peixe roto e fumegante, as portas em estilhas - era a casinha que seu pai comprara com o pobre dinheiro bem ganhado, onde sonhara anos e anos e rendera o último suspiro. Também a si o agasalhara com uma doce e maternal ternura, acolhendo-o prazenteira à volta das longas jornadas e dispensando-lhe segurança nas noites tenebrosas. Era humilde mas quentinha, pequena mas cabonde, e mostrara-lhe sempre alma resignada e amante, destas almas que não têm meio de expressão e são envolveras e meigas como asas. Vinha encontrar um cadáver que parecia ainda olhar extremosamente para ele pelas duas janelas da frente, negras como pupilas vasadas, e pela porta às escâncaras, fora dos gonzos. Fora como um segundo seio para a sua carne e doía-se de a ver morta e mutilada. Mas porque se deixava vencer pela amargura quando estava escrito e era preciso: sem pai nem mãe, eira nem beira?!

Ao pôr pé no pátio, acometeu-o a dúvida, sentiu-a a estrangular-lhe a garganta como dentuça filada duma fera. Se tudo fosse inútil, se tudo fosse logro do seu entendimento? Mas não, não podia ser. E, apertando as mãos no pescoço e desapertando-as de repelão como se arrojasse longe o agressor, expulsou do sentido as sombras más. Afoito pisou o chão em que se acumulavam os salvados, mais tristes e imundos que recolhidos de naufrágio. Uma coca negra, com o seu quê de quadrúpede e réptil, pulou-lhe às pernas:

- Mata-me, sobrinho, fui a tua perdição!

O Algodres levantou da terra a miserável rodilha, desceu-lhe da cabeça, a esconder as pernas roxas, a saia lutuosa. Ela, porém, continuava gernebunda e pegadiça:

Mata-me, foi por minha culpa! Minha culpa...

O seu primeiro impulso foi sossegar a alma atormentada, dizendo bem alto:

“Não se culpe, que está inocente; erga as mãos que os fados cumprem-se e há-de ser rica!”

Mas vergonhoso, acobardando-se de assoalhar a soberba do seu sacrifício, proferiu apenas:

- Descanse, tia, que ninguém lhe pede contas.

- Para onde havemos nós de ir? Jesus, Jesus, Jesus!

- Não se consuma. Vossemecê vai para a terra por uns dias, depois terá casa melhor, muito melhor do que esta.

E, apartando-se dela, com a biqueira do sapato pôs-se a mexer nos destroços, roupas velhas e estopas, tarecos caseiros, apetrechos de pesca, coisas todas de nonada. Avançou, em seguida, para a choupana, mas não teve coragem de transpor os umbrais. Em despeito do telhado esburacado, por onde a luz de Inverno se despenhava a jorros, mercê, porventura, da negridão dos muros e dos soalhos carbonizados, lá dentro fazia escuro e lúgubre como nas horas em que seu pai estava no celário, hirto e imenso, com os queixos atados, em cima de tábuas. Algumas das sombras esfarrapadas que tinham acompanhado o defunto na antecâmara da sepultura moviam-se ali, igualmente dolentes e confrangedoras: o Joaquim Bica, coberto de mondongos, que engaçava o mortulho para a rua, o Savelheiro de braços robustos, suarentos, a apagar as derradeiras brasas, a tia Remígia, com o eterno piado de galinha choca, a colher a migalha aqui, migalha acolá, para o

avental. Ao avistarem-no, repetiram as expressões lastimosas que haviam pronunciado à beira do cadáver:

- Conforme-se, Deus é que manda!

O espectáculo que se lhe oferecia encaminhou-o a meter mão na consciência e teve medo. Teve medo e, seguidamente, reergueram-se-lhe diante dos olhos os espectros doloridos do passado. Sentado, primeiro, num banco, seu pai murmurava:

“- Se te pudesse levar comigo... Estendido, depois, na arca do pão, desenregelando das linhas severas e fixidez afrontada com que regressa à argila a natureza humana, de olhos acesos e voz de além-campa, dizia-lhe:

“- Desgraçado, que fizeste da minha casinha? Que fizeste?”

Ouviu, figurou-se-lhe ouvir aquelas palavras, e fugiu dali, perseguido pelos fantasmas que vêm dos cemitérios e dos infernos habitar as almas. Debaixo de aguaceiros, na roda dos pescadores, sua tia Josefa contava pela décima vez, entre lágrimas e gemidos, a história do desastre:

“Levantara-se com Deus na boca e os anjos no peito, ao clarear a manhã, para não perder a missinha que a Rosa Bau lhe anunciara de véspera. Fazia muito frio, um frio de cortar coiro, e cabelo, e, espera que não espera, prantara uns chamiços na lareira para, ao mesmo tempo que se ia aquecendo, emornecer o caldinho que sobejara da ceia. Café era para os ricos. Por todo o Inverno fora, o seu passadio não botara além da água de unto e dos chicharros de salga. E graças! Seu sobrinho, desde que andava na labutação da duna, mal punha os pés em casa, e ela sempre fora de pouco sustento; com dez réis de nada enchia a barriga. Tinha a tigela na mão, desata a sineta a chamar para o santo sacrifício. Acabara de comer à pressa e, vai, de que se havia de lembrar? De pôr umas achas no lume. Assim, toparia a casa quente, e lenha, louvores ao Pai do Céu, não raleava no pinhal, era só ir por ela. Mas, jurava pela sua salvação, as achas que pusera não eram tantas que as não abarcasse um menino de quatro anos no braçado. Além de não ser gastadora, tinha medo ao fogo que se pelava. Mas que as pusera, pusera; para que havia de estar a negar? E, como as pusera, a culpa era sua. Tinha tantas vezes feito a mesma coisa! Diziam que havia palpites... Ela não sentira o mais pequeno baque do que ia suceder. Fechara a porta, metera a chave no buraco sabido da parede, não viesse por um grande acaso seu sobrinho, e dirigira-se para a capela tão descansada da sua vida como quando ia a dois passos a baixo dar um recado à vizinha. Como se pegara o lume? Só Deus o sabia e o Porco-Sujo, pois aquilo trazia mesmo a marca do Tentador. Dois dias atrás carretara um grande molho de lenha para o canto da cozinha. Mas deitara-a longe do fogo e a recato. Que fora rabanada de vento que, entrando pelo suspiradoiro, jogara com um tição para o monte, diziam. Ná; não era uma nem duas vezes que deixava o luminho aceso com ventania, Deus bendito, que até parecia cair o céu a baixo. Ná; fora obra do Mafarrico: o Mafarrico não tem sono. W que havia de ser de si, no pino do Inverno, sem duas palhas em que deitar-se?”

O sobrinho chegou-se a ela e proferiu com arreganho:

Cale-se, mulher! Vai para a terra e não lhe há-de faltar coisíssima nenhuma.

Ai, sobrinho, o dinheiro não se cava... - e, dizendo isto, rompeu novamente na ladainha da sua cadela de sorte.

Não valia a pena gastar mais cera com ruins defuntos, e o Algodres arredou-se da velha, quedando passos mais longe, apatetado, a ouvir a um marítimo a narrativa do incêndio, nas peripécias e fases várias. Cansado, finalmente, em seu moral, morto por se ver longe daquilo tudo - regueiras de

lama negra, ar ufano dos salvadores, espantalho pavoroso da casa - foi para a tia e, indicando as rimas de destroços, disse-lhe:

Vossemecê que quer daqui? Josefa olhou para ele muito fita, sem pestanejar.

- Tire o que é seu e tudo o mais que lhe apeteça... tornou o Algodres.

- Não quero nada - proferiu entre dentes.

- Não quer nada, é boa!...

- Não, senhor.

- Deixe-se de amuos e escolha... A velha como que impedernira numa carantonha de mágoa e desprezo e ele voltou a teimar:

- Ande, tire lá...

- Já lhe disse e repito que não quero nada. Vá petar ao inferno!

- Não precisa destas coisas na terra?

- Na terra tenho uma enxerga e duas mantas de burel para dormir. Se não morrer antes, é quanto bonda.

- Faz mal - disse depois de pequena pausa. - Vou dar tudo...

- Dê, quem lhe pega?

- Amigos - exclamou ele, alteando a voz e dirigindo-se aos presentes -, levem tudo o que está aqui no pátio. Levem... mas repartam irmamente.

Também eles não compreendiam e esclareceu:

- Sim, levem para suas casas. O que salvaram pertence-lhes. Se não são vocês, só ficavam cinzas.

E como ainda se mostrassem perplexos, atônitos com a generosidade, agarrou duma manta, de calçado, e atirou-os:

- Tia Charana, tome! Joaquim Bau, umas botas... Mas ainda os objectos iam no ar e já a tia Josefa, num salto de onça, lhes deitava garra adunca, gritando:

- À d'el-rei, que roubam o que é meu! À d'el-rei, meu sobrinho está tresloucado!

Dez, vinte pessoas tinham-se lançado sobre os despojos e arrebanhavam às mãos juntas. Todas queriam e, sendo muitas a arpoar o mesmo objecto, pelejavam. Algumas caíam sobre a presa, de salto, como gerifaltes, e despediam escoteiras. Outras, insinuando-se por debaixo do cacho de contendores, picavam o bocado sem conseguirem contudo safar-se com ele do monte de gente. Viam-se mulheres a patinhar na vasa, hediondas como demónios; outras, as nudezas mais íntimas às escâncaras, gemiam ou uivavam. Os homens fortes abatiam os mais fracos a murro; defendiam-se estes a dente; e, no meio da balbúrdia, um garoto, a escorrer sangue, quase nu, com uma angoreta apertada contra o seio, soltava berro de cabrito. Em volta do campo da luta, a tia Josefa, mãos a padejar, clamava com redobrada violência:

- À d'el-rei, que roubam o que é meu! À d'el-rei." Peça a peça, dez vezes perdida e recuperada esta, enfandegada aquela, à força de disputas reduzidas umas a fiapo, traçadas não poucas em motrecos, desapareceram as roupas. O último bando batalhava pela posse da última tela de tomentos, acesos entre si numa briga feroz de lobos. Puxava o cobiçoso por uma ponta, o invejoso por outra, e vários cainhos pelo meio, em movimentos opostos. O Cabrita, de Barros da Paz, sacou da nalfa e pôs-se a talhar o seu quinhão. Mas com os saltos da fazenda não coincidia duas vezes o golpe e, corta aqui, esburaca além, o pano ficou todo anavalhado. Quando cada qual deu conta do farrapo que tinha na mão, minúsculo como o sanguinho da missa, olharam uns para os outros furiosos.

- Cem cães vos mordam, mais o que fizestes à peça! rosnou o Cabrita, cuspinhando de enojado.

- Ladrões! - bradava a tia Algodres. - A maldição caia em vossa casa. Oxalá que nem um lençol podre vos reste para mortalha! Ladrões!

O Algodres assistiu de coração alanceado à peleja dos miseráveis. Quanto há pouco, no ataque ao incêndio, se haviam mostrado abnegados, eram agora sórdidos e ferinos. O famélico disputava ao famélico com unhas e dentes o osso a esburgar; o roto disputava ao esfarrapado a roupinha com que abafar-se. Restituídos à miséria, apeados da faina de solidariedade, descobria-se em suspensão o seu resíduo de feras. E, repeso de ter provocado aquela explosão de instintos, o Algodres disse-lhes em voz comovida:

- Tende fê, ainda heis-de ser remediados! já o cercavam, focinhos no ar de chacaís que farejam posta, quando o José Rodrigues, fiscal, que voltava de baixo com o Vermoil, escandalizado do que se passara, arremeteu para eles:

- Rodem daqui, seus pirangas! Ficaram ali os dois com o Algodres e a tia, que se deitara de borco sobre a estrumeira, de sala arrepanhada para a cabeça, a soluçar. Descalço, mãos atrás das costas, caninos ferrados sobre o beijo, o Vermoil olhava em silêncio para as quatro paredes, insensível à chuva que caía. De súbito, o Algodres virou-se para ele e disse-lhe:

- Senhor Manuel, vendo-lhe isto.. Quer fazer negócio?

O mestre nem pestanejou; decorridos minutos, com a mesma cara de pau erguida ao vento, as manáculas nos lombos, semelhante a boneco que só move as pernas, deu meia dúzia de passos para a frente, no jeito de entrar em casa. Mas não foi mais longe que o traço da porta; demorou-se apenas o tempo necessário a percorrer a ruína com o simples lance de olhos. E voltou franzindo a boca em ricto de mofa:

- Nem dada ta queria. A pedra está a esmilhar e não presta para erguer parede. Seria preciso tirá-la daqui para fora, e o terreno não paga a despesa.

Essa resposta já eu esperava - sorriu o Algodres.

- Então para que me falas? Oha, compro-te a Companhia...

- A companhia já tem dono.

- Sim, o Eudóximo.

- Não, senhor, não é do Eudóximo.

- Vendeste-la a outro? - e os dentes dele acutilavam, manifestando surpresa e despeito.

- Vendi.

- Pode-se saber a quem?

- A seu tempo se verá.

O Vermoil ficou um instante a cismar, de olhos no chão, e exclamou, já de costas voltadas no jeito de se ir:

- Quando andares de surrão a pedir pelas portas, à minha não apareças.

Desandaram todos, pouco a pouco, e por fim o Savelheiro, que acabara de agadanhado o rescaldo para o pátio, tão negro que apenas lhe luziam os olhos. A sós com a tia, o Algodres disse-lhe:

- Levante-se daí e ponha cobro à macarena que me está a fazer febre. Vossemecê vai navegar imediatamente para a terra. Aqui tem dinheiro...

Metia-lhe à cara umas tantas notas, que ela ficou a contemplar muito admirada, sem esboçar o mais pequeno movimento.

- Não quer?

- Desencantaste o tesoiro dos frades? - perguntou, encarando com ele e achando-lhe rosto alegre e desenfadado.

- Não desencantei, mas estou a caminho.

- Ah! - e, baixando a cabeça, a tia mergulhou, pareceu a José que mergulhava, num mar desfeito de pensamentos.

Estiveram calados um bom pedaço, ouviram-se as ondas e, a intervalos, a ventania escavar a areia das dunas.

Que tinhas que fazer hoje na praia, sobrinho? perguntou a velha, tornando a alçar para os olhos dele olhos fitos e molestos. - A obra não te segurou...

- Vim saber se não necessitava de alguma coisa gaguejou ele.

- Percebo - redarguiu baixinho, a cabeça aos salamaleques. - Percebo. Foste tu que deitaste o fogo à casa. Hás-de pagar cara a ambição. Teu pai lá está a amaldiçoar-te do outro mundo, desgraçado!

VII

Quando baixou a noite e os trabalhadores não eram mais que vagas sombras sonoras, semeadas pela duna a recolher as ferramentas, o Algodres abalou a galope na égua do Eudócio.

- Olha que anda pejada, alma do Diabo! - gritou-lhe o dono que, por ser fim-de-semana, se dispunha a largar com a malta da Ervedeira.

Era costume dizer-se dele que emprestaria com mais agrado a mulher que a besta. Não cessando de desfilar, respondeu em tom de fleuma o cavaleiro:

- Sossegue, antes da madrugada está à manjedoura. Pinhal e mais pinhal, dunas calvas e dunas ervadas, tão regulares algumas como salinas, um morcego que atravessava, sarabadeando, no aço do céu, um galo que se erguia espavorido do sono e arriscava o saricoté de ramo para ramo, um regadinho que cantava, saltando a rigola escavada na coirama do mato, a noite que Parecia desenroscar-se da copa das árvores e engolir, avançando mansamente, os espaços descobertos, os troncos negaceando em frente e fugindo em batalha aos lados - e ora à rédea solta, ora a trote largo, o caminho ia dobando. Imagens, porém, eram estas que se reflectiam nas suas pupilas e desapareciam sem deixar mais pé que no lume dum espelho. Quem ele via e levava nas meninas dos olhos era Filomena; não a Filomena de ontem, morena de tez sobre a holanda branquinha do chambre, mais precisa que dentro de medalha, que lhe jurava boca contra boca, peito contra peito, mãos nos ombros: “tua ou de mais ninguém”; mas uma Filomena vaga, indecisa de carácter, de lábios não sabia se risonhos se tristes, sapatos de cordovão, vestido cortado pelas modistas de Leiria, entre dama e camponesa, calcorreando o caminho da igreja a casar-se com o Sebastiana “já andavam os pregões o correr”, viera anunciar-lhe a Carma padeira, entremetida nos seus negócios particulares. Podia lá ser! Nem que o Cristo com as cinco chagas abertas a lagrimejar sangue lho dissesse, acreditava. Pois se uma semana antes Filomena lhe fizera protestos de amor até à morte! Não, aquela recoveira vinha de mando do Demónio roubá-lo à sua devoção, tecer-lhe armadilha que o impedisse de pôr a descoberto o tesouro dos frades. Mas, fechando os olhos, Carma jurou: “Ceguinha fosse, se não era a pura da verdade! Não só o prior lera já uma vez os proclamas, como o Penalva trazia trolhas a rebocar e cair a casa, levado na farófia de luzir os esposórios. O Sebastiana fora a Lisboa encomendar o enxoval e trouxera, como alvíssaras, para Filomena um afogador com pedras verdadeiras, para o sogro um relógio de prata com mostrador luminoso, para a sogra um casibeque de astracã, e para os dois pombinhos esparecerem - vejam o lorda - uma side-car. Sim, senhor! Todo ancho, a mostrá-la aos pascácios de Monte Real, andara o Sebastiana em correrias, passeando uns e outros no cestinho. A Filomena, fosse por medo, ou lá por que fosse, é que resistira a experimentar semelhante berlinda. Por fim, anuiu. E devia ter gostado que segunda vez a encontrara em cima da máquina, disparada no caminho de Leiria. Ao !que constava, ainda antes do Carnaval iam ao conjugio.”

Ouvira o Algodres aquelas notícias, mais pungido do que se o cosessem à navalhada. Era então certo? Ela consentia em trocá-lo por um mequetrefe, só porque tinha mota, usava polainas, trazia anéis nos dedos e sabia dar o nó à

gravata melhor do que ele? E o seu amor não contava? E a sua mocidade? E as riquezas de que ia ser senhor? Bem verdade as mulheres gostarem de volantins que lhes falam à imaginação e não são como toda a gente. Do barbeiro, que tangia viola, derivaram em seu fatcaz para o chauffeur ou motociclista. São estes os marialvas dos tempos modernos. Se a par com o mester que a elas lhes dá guto pelo que tem de vadio, de aventureiro e, porventura, de miraculoso, os meliantes arrebitam o bigode e usam grevas, deixam-se enviscar como tordas, malucas de todo. Pelas grevas, sobretudo. Talvez porque assim os homens se pareçam um tanto com os galos. Coitadas, as mais das vezes, as polainas escondem a falta de esporões. Um Sebastiana reptador não existia; mas com espcirões, grandes como os das águias, que lhe saltasse à dianteira! Mal pecado ter essa sorte... Tinha a impressão de que um grande ódio, desde que conhecera o macanjo, estivera a crescer-lhe no seio como leão em caverna. Ia agora pular fora, e sentia-o, de colmilhos aguçados, possuído de fúria sanguinária.

Restava-lhe apurar se Filomena ia, afinal, de vontade ou sob o acicate do Penalva para o Sebastiana. Na primeira hipótese, havia que mostrar-se superior ao achincalhe: “É do teu gosto, 6 coisa? Pois bem hajas, que andava farto até os olhos. Restituis-me a palavra que te dei, restituo-te a palavra que me deste, e adeusinho. Daqui em diante já posso dormir as noites dum sono.” A não lhe falar assim, sobranceiramente, pôr-lhe as mãos no gasnete e espremer, espremer até cuspir os bofes pela boca. Deixá-la espernear, bater o chifarote com as pernas, mugir perdões, engasgada. “Aguenta aí, que hás-de amargar o que fizeste. Vá, deita cá para fora, palmo e meio, a língua que tão bem te serviu a mentir; deita cá fora a alma, essa alma celerada que tinha mais víboras dentro que um matagal. Não invoques o nome de Deus, que não te vale; não chames por tua mãe, que teria a mesma sorte se aqui aparecesse. Morre, já que foste a minha perdição.” Depois, quando os olhos lhe saíssem das órbitas, a tez se lhe fizesse mais roxa que os lírios roxos, quando começasse o corpo a arrefecer, ia botar-se ao Lis e estava tudo acabado. Seria um drama como os que se lêem nas gazetas. Da Figueira a S. Martinho, durante muitos dias, não se falaria doutra coisa. Dar-lhe-iam todos os nomes de maldição e o padre negar-lhe-ia sepultura em terra santa. Embora! Ia para o inferno? Não era certo que existisse. Se existisse, o justo juiz perdoava porque matara e se matara cheio de razões.

Quem teria tudo a lucrar com semelhante desfecho era o Eudócio. Quite quanto à companhia, ficava senhor absoluto do tesouro. Mal empregado! O sócio não era homem que recolhesse órraos e desvalidos, custeasse enxovais de donzelas pobres, casadoiras, e erigisse a Deus templo digno da incompreensível grandeza. A cobiça dele era encher tulhas e burras, aferrolhar, não tirando outra fruição do oiro que sabê-lo seu, cuntá-lo de cabeça, e uma vez por outra, como homem abstémio a quem acontece tomar bebedeira, dispor as moedas em pilhas, ouvir-lhe a música do Diabo, besuntar os dedos no monte como em lagariça de azeite. Vá, com a exploração da duna, os dinheiros do ricaço tinham fundido como sebo ao sol de Agosto. Mas o seu fundo, não obstante aquele rasgo, era a somiticaria. Porque era avaro, com a esperança de vaza taluda, jogara na carta em que outros, menos formas, se tinham escusado a apontar. Por isso mesmo lamentava que parte das riquezas lhe caíssem em sorte, em vez de ser ele a desfrutá-las todas. O que não faria, sendo suas, em benefício próprio e do semelhante?! já só a metade lhe daria para receber-se com fidalga, destas que vão de chapelinho à missa, lambuzam a cara com tintas de drogaria, frequentam as pratas e sabem trazer os filhos

bonitos como anjos. Honra e saber vêm com poder, não admirava que chegasse a grande trunfo na política, camarista, deputado, comendador de Cristo, com alas de gente na estação, sempre que viesse da capital ao seu condado, lestras ao salamaleque. Para que assim sucedesse, bastava mandar bugiar Filomena, que, salvo as mãos brancas e o asseio dos trapitos, não passava duma patega chapada. Em verdade, mais acertado era dá-la ao desprezo e seguir caminho, que derrancar-se a alma por via duma ingrata. Deste modo, estendia a bofetada sem mão e findavam as consumições. Olaré! Com que ferro ela o não veria, anos depois, janota, respeitável, arrotando postas de pescada, de carro na companhia da senhora e dos meninos, e a negra - podia ter dúvidas que desse em negra a mulher dum mamposteiro - a arrenegar da vida, batida, enxovalhada, desfeiteada pelas concubinas do marido, um rebanho de filhos, ranhosos e friorentos, de calçonicos de racha presos por uma alça, a pedinchar pelas portas a codinha de pão. Tinha o pressentimento de que tais destinos estavam escritos no livro de Deus, e vivê-los era uma questão de tempo. O Sebastiana possuía bens ao luar, mas se dinheiro mal ganhado, mal te precatas, está gastado, acabaria baldado ao naipe. Naquela hora, trajado à maneira da cidade, chocalhando os seus vinténs, punha mais vulto que ele, fiel aos costumes simples dos homens do mar. Dum dia para o outro, porém, as arcas de S. Bento vinham à tona para confusão dos olhos ruins, e já o safardana lhe não ganhava. Pena era que não estivessem já a céu aberto, para se rir duma, achatar o outro, e, se o Penalva era o pai da conjura, podia ir ter com ele e quebrar-lhe os dentes com duas manchelas de pedras preciosas, jogadas como pedras dos caminhos a um cão. Pelo que Filomena lhe confessara e deixara adivinhar, pela índole ainda da rapariga, que era garrida, ciosa da sua juventude, para a qual o Sebastiana devia, quarentão e gebo, não ser perfeita forma do pé ou desagradar-lhe ao menos de princípio, andara ali a pata do velho. As polainas, a motocicleta, os presentes, as sete falinhas doces teriam derribado depois a fortaleza, tremida pelos brutos safanões. Aliança duma figa! O mal-estreado tomava pombinha de papo, como quem vai com o seu dinheiro a uma casa de moças e escolhe. Só pelo papo, que os haveres do Penalva roçavam a mediania, como a criação deles todos a tacanhez. Para Filomena equivalia, claro como água, a vender o corpo, e tão feio negócio era abominável. Se o pai, que sabia voluntarioso e assomadiço, teimara, que a filha pusesse também pés à parede, senão que fugisse ou se suicidasse. Ceder a bem ou a mal, ceder em todo o caso sem indício de luta, e esta suposição empenhava-lhe o sangue. Alma, porém, até o inferno! O melhor do melhor era varrer ao cisco que o vento leva o seu tolo sentimento. Ah, mas dentro dele vivia um homem, outro homem, que andara num sonho de anos e anos a construir-se uma felicidade e que não se resignava a perdê-la. Tão cego, que reagia contra os ditames da razão! Tão louco, que desesperadamente saltava por cima do orgulho e do brio. A mulher amada fugia-lhe, e todas as forças ele reunia para correr em pós; trocava-o por outro, e dispunha-se a estender os braços de tal maneira, tão longe, que a pudesse arretar. Cobrira-lhe a cara de vergonha, era-lhe infiel, perjura, e não lhe queria menos. Esse segundo indivíduo arrevelava-se, torcia-se, tanto meditando matar como matar-se, movido pelo palpite do irremediável. A esse interessavam-no as riquezas dos frades só para que ela fosse mimosa, farta e invejada; não lhe sorriam fidalgas de chapéu, pois apenas tinha olhos para o lenço vermelho que borrifava de tons camoesa o rosto moreninho; fascinavam-no as pompas e honras do mundo pelo realce que dessem à feiticeira. E, no seu selo, o homem humilde e lastimoso e o homem desenganado e odiento

pelejavam. Duma banda estava Filomena, da outra o mundo todo. Um preferia-a a quantos tesoiros houvessem à superfície e nas entranhas da Terra; disputá-la-ia com unhas e (lentes ao mais pintado; pura ou com manchas que a água não lava, séria ou refalsada, solteira ou até mulher do chulo, que viesse! A questão era que viesse. Mas o outro, que não perdera o sentido das coisas, regougava: ao raio, Pois que, ao contrário do Sebastiana, não usava polainas nem pingalim, não sabia dizer as chochices que as mulheres ficam a saborear de lábios doces, regalados; as suas mãos eram cabeludas e grossas, feitas para manobrar os remos, e ensaburradas da salsugem marinha; o tesoiro permanecia engasgado na areia, e é próprio das criaturas cativarem-se do que se vê, do que brilha, e não do que será no amanhã - a luta era desigual. Encomendar a todos os mafarricos Filomena, maila choldra, voltando-lhe as costas, de frente erguida, seria ainda vencer. De resto, o apaixonado não passava dum tímido, um pobre de Cristo, incapaz de dar passo para além das suas cóleras e dos seus suspiros. já que não tinha outra coragem, tivesse, ao menos, a de fugir.

Assim malucando, galopa que galopa, nem se sentia levado; esperanças, desânimos o levavam, crendo um momento que tudo acabara, para logo depois se julgar ludíbrio de pesadelo. Revolvendo-se em pensamentos contrários e fátuos, a própria fadiga de brigar com fantasmas lhe restituiu serenidade. Pois que Filomena, dias antes, lhe mostrara tão decidida firmeza, não havia ensejo a esperar. Porventura o Penalva fosse o autor exclusivo da ventaga, contando à última hora, com as formalidades em regra, vencer a relutância da filha. Sendo assim, que fazer? Antes de mais nada pôr num feixe os ossos do Sebastiana, número fácil do reportório, e ganhar tempo. Dentro de semanas, quem sabe se de dias, talvez a pudesse ir buscar a casa do pai em coche de oiro, puxado a horsas inglesas. Senão, se ela de facto o houvesse desdenhado, passe bem, menina! Dar-lhe mostras de mágoa, seria mesmo envilecer-se. Se culpada, se inocente, breve ia averiguar. Filomena não o esperava, mas desse por onde desse, havia de vê-la e falar-lhe. A altas horas da noite, quem ousaria bater à sua janela, se não ele? A menos... a menos que o outro, havendo ocupado o seu lugar, herdasse simultaneamente o desfrute daquelas liberalidades. Mas não; Filomena era o recato em pessoa. Consigo, tinha chegado a urna tal privança de relações após a longa jornada de cinco anos. Nunca fiando, todavia. O juízo das mulheres é movediço como catavento, e honra, virtude, fidelidade tanto são nelas redutos de bronze como teias de aranha que um sopro desmancha. A suspeita detraente ficou muito tempo a morder, a lacerar-lhe o seio que nem cem lacraus juntos, assanhados. O cérebro como que lhe amorteceu em sua laboração tormentosa e, no colapso, ouviu o silêncio da noite, as patas da égua na geada, e divisou envolvidas em sombras as árvores espectrais. Mas, sentindo-se levado, o sentimento da sua pessoa fez-lhe saltar as barreiras e entrou em si. Breve ia libertar-se dos suplicios da dúvida. O principal, por agora, era esclarecer-se. Com pena de levar um tiro, havia de desenredar a meada. O resto era com Deus, cujos desígnios são impenetráveis. Se os seus maus pensamentos e angústias fossem produto de cataratas que trouxesse na alma, magnífico; se a sua vida fosse a reconstruir desde o rés-do-chão corno casa incendiada, paciência; se, aquela noite, empandeirasse com o canastro, morra um homem e fique fama!

Imprevistamente, achou-se às portas de Monte Real. Estava a noite escura, mas no oiteiro avultava mais denso que o próprio negrume o cogulo do casario. Acomodou a besta na tenda do ferrador, fechada ao cravelho, como é de regra em terras pequenas e descuidosas. E circunspecto, se bem que afoito,

subiu a rua. Seria passante as onze, e os moradores dormiam a sono solto, candeias e fogos apagados. Um tinir de chocalho, o breve rosar de rafeiro, uma voz estreloçando longe, talvez para o forno, caindo morta como pedra em cisterna, e nada mais borbotava no escoamento surdo da noite. Diante da casa do Penalva, adormecida no mar de trevas, respirou; o ar pareceu-lhe mais fresco que ao atravessar campo e rio, e o sangue nas velas desopresso. O sossego ambiente foi-lhe prova da estática profunda que há em tudo e garantia dos sentimentos de Filomena. Não batera, não chamara, ninguém ainda respondera à sua apreensiva turbacão, e já sabia que o Sebastiana não estava dentro, em seu lugar. Bastara-lhe pulsar a paz imponderável da moradia, incompatível com sucesso de tanto alevante. Bendito fosse o Pai do Céu, que lhe poupava a primeira vergonha! Tampouco havia sinal de novidade importante naquela casa. Estas coisas exalam odor especial e ali era-se penetrado por um relento de optimista calma. Satisfeito em seu desafogo, suspendeu-se à escuta. Ouviu outra vez um chocalho... depois novo chocalho, mais flébil que gemido, e por fim o bater do próprio coração. Ao cabo de bom momento, não enxergando alma que viva nem percebendo rumor do qual houvesse de se precatar, foi direito à cancela. Estava trancada por dentro, e assentou que não tinha outro recurso senão saltar o muro. Escolhido o ponto que se lhe afigurou mais escuso e favorável, marinhou pela solta alvenaria, cavalgou a crista, e deixou-se escorregar. Pisava os domínios do Penalva, à mercê da sua reiuna. Adiante; bem dormido àquela hora, podiam passar carros e carretas que não estremunhava!

Avançando para o patim, a brancura dos muros rebocados de fresco, adivinhada pelo cheiro, descortinada depois pela fosforescência da cal, abalou-o mais do que se visse com os seus olhos, na porta da igreja, os banhos de Filomena com o Sebastiana. Não havia que consultar, o alma de cão do Penalva trabalhava nos preparos da boda. Valia mais, tendo-se por esclarecido, bater em retirada. Mas acudiu-lhe ao entendimento que era temerário fiar de facto tão banal a prova de matéria tão grave. E, se bem que oprimido de maus presságios, trepou a escada, sorrateiro e audaz.

No patamar, os pés sobre a extrema aresta da laje, a mão direita agatanhada à esquina, esticando-se todo, alongou o braço. Com as pontas dos dedos, à semelhança do que das outras vezes fazia com a vara, batucou nos vidros da janela. E esperou. Decorreu um minuto, mais outro minuto, e entrou a compenetrar-se dos riscos que corria. Além de que Filomena podia assustar-se e gritar, não era ponto de fé que dormisse ainda naquele quarto. Quando Deus quer, em vez dela saltava-lhe pela frente a caçadeira do pai, desfechando-lhe no peito, sem tir-te nem guar-te, a carga de zagalotes. Posto que resolutos, sentiu trepar pela espinha, como larva de neve, o arrepio do medo. Do medo e do espanto que anda espalhado pela mudez e negror da noite. Mas dominando-se, com reflectir que a rapariga, ao toscar o tamborilado na vidraça, reconheceria que era ele, e que o velho tinha o sono perro, pois nunca por nunca lhes fora interromper os colóquios, animou-se a rufar com mais força. E amassado contra o muro, pálido do próprio atrevimento, aguardou. Arrastaram-se desesperadamente lentos os segundos, os minutos, sem que se anunciasse bulício do quer que fosse. Ia-se embora ou teimava? Nova indecisão, novo exame de consciência, durante o qual encomendou a alma ao Senhor dos Aflitos, com promessa duma missa cantada se daquele passo saísse airoso. Influidos desta febre fria que galvaniza os movimentos do homem, imprimindo-lhes ritmo e segurança

Suprema, repetiu o gesto, com mais vigor ainda. Nada mexia e nem o próprio sangue.

Ouvi pulsar. Com imperativo, levado na exaltação da temeridade, tornou a bater. Volvidos instantes, pareceu-lhe sentir passos; um chapejar de passos, mais brando que do feltro; deu conta, depois, que as portas da janela se descerravam de mansinho e que uma face se apoiava contra os vidros. Era o ensejo de reiterar a senha que havia entre eles e fê-lo, compassando bem as pancadas. Lenta, docemente, a vidraça abriu-se e uma cabeça assomou:

- És tu? Vai-te embora que meu pai mata-te...

- Deixa matar!

- Ai que te mata! já anda a pé... Deu conta!

- Em acabando, tal dia fez um ano - respondeu com voz sardônica.

- José, que te desgraças e me desgraças! - gemeu ela. - Olha, vai-te e vem amanhã...

- Ná, quero-te duas palavras, e há-de ser hoje.

- Meu pai mata-te juro eu! Foram-lhe dizer que nos falávamos de noite e a altas horas vem passar revista ao pátio... E então hoje com o barulho que fizeste! Ai que lá vem... Ouve!

De facto distinguia-se estrondo de portas a dentro. O Algodres hesitou se devia abalar se permanecer ali a pés juntos; ia finalmente para fugir, mas os tendões recusaram obedecer-lhe, inteiriçados. E, de par com a sensação de paralisia, veio-lhe um grande desânimo e desprezo pela vida. Foi balbuciando que respondeu a voz angustiada:

- Pois que me mate, é menos um infeliz no mundo.

O ruído acentuava-se; dava ideia de movimentos coOrdenados... estrépito de passos.

- Deixa ver a rua mão... - proferiu Filomena de garganta opressa. - Agarra-te bem! Cuidado, não roces as pedras tão de rijo... Mas agarra-te, agarra-te bem, que eu isso. Vá, com jeito... Dobra-te! Isso... Salta agora...

Num acenar de olhos, o Algodres estava da parte de dentro do parapeito. Nem mediu o prodigioso do lance. Não obstante a rapariga o socorrer com nervoso e robusto braço, só músculos de ferro seriam capazes daquela contorção lateral. Cai-- e ligeira, fechou ela a vidraça, as portas, e, um rente ao outro, recalcando o fôlego, ficaram medusados à escuta. Rangeram gonzos, toaram tamancos degraus a baixo... martelaram na geada do quintal... estarreceram a distância.

- Não te disse... Que desgraça a nossa!

- Virá ele aqui?- balbuciou o Algodres.

- Não costuma, mas quem sabe lá!?!... Olha, a porta está fechada por dentro; tens muito tempo de saltar pela janela e fugir. Se me der tantas que nunca mais me levante, deixá-lo!

- Não, Filomena, não. Daqui não arredo; em ti não se toca, eu é que sou responsável.

Filomena pegou-lhe na ti-ião, mas ele não soube avaliar se aquela carícia era de quem prende ou busca instintivamente amparo. O Penalva percorreu o quintalejo e, depois de dar volta ao alpendre e de suspender-se minutos intermináveis por debaixo da janela da filha, em esculca, subiu a escada, satisfeito porventura com a devassa. Os seus passos soaram lentos e arrastados, sinal de que a suspeita se desvanecera. No patamar estacou novamente, como em plantão. Estrugiu um baque metálico, que devia ser a coronha da espingarda descansando na pedra.

- Se me vier bater à porta, por alma da tua mãe, larga! - murmurou ela.

- Não.

- Deus se amerceie de nós!

O corpo dela descaiu sobre o dele, dando-lhe a impressão de que se fazia pequenina, pequenina, para lhe caber no peito. Estava em camisa, coberta apenas com o xailinho, e o Algodres sen tia as formas delas fundirem-se nas suas, e no sangue infiltrar-se-lhe, desatado pelo sono, o aroma dos poros e dos cabelos desgrenhados. Tremia como paveia ao vento, e José passou-lhe, em volta da cinta, braço amoroso e tutelar.

- Aperta-me muito... assim! - ciciou ela, a boca tão perto da sua boca, que os hálitos se confundiam. Se te matar, hei-de morrer contigo.

Mas o Penalva despedia, e, com o desafoço de quem se evade a pesadume de morte, futuraram que tornava para a cama. E logo ela disse:

- Vai-te já! Meu pai é desconfiado e pode voltar.

- Vou já, Filomena, vou já, mas primeiro quero que me respondas: que sou eu para ti?

Como a rapariga não proferisse palavra, volveu ele:

- Trouxeram-me uma novidade que, a ser certa, mais valia que teu pai me varasse com um tiro...

Manteve-se ela no seu silêncio e o Algodres, empurrando-a brandamente para fora dos braços, rouquejou:

Não falas; é então verdade...? Dize, é verdade?

Sentia-a distante de si não mais que a mão travessa, mas, porque nada do corpo dela lhe tocava, era como se estivesse no cabo do mundo.

- Custa-te a falar? Percebo, até no escuro tens vergonha. Nunca julguei, ah não, nunca julguei que assim faltasses aos juramentos. Saberás tu o bem quê perdes? Saberás a ruína que causas? Não sabes, mas eu te conto... - e por um bom espaço, gemendo e suspirando, desfiou o longo rosário dos planos ambiciosos, trabalhos, mágoas, torturas do seu enlevado amor. A sua voz tremia, com lástima de si próprio a via tremer e chorar como o rouxinol nos balsedos quando lhe desaparece a companheira.

Suspendendo-se um instante, estrangulado pela comoção, não a sentiu bulir, nem bafejar, tão imaterial que julgá-la-ia trasgo esvanecível se não fora a certeza que tinha de sua cristã e humana corporeidade. Mas, refluindo à corrente das suas amarguras, increpou-a:

- Para que me trazias ao engano? Não tens pena? Eras o meu sol, e a vida para mim agora vai ser uma negra noite. Tudo o que fazia, de olhos em ti o fazia. Riquezas só para ti as cobiçava. Deste-me bem o pago! Mas, ó Filomena, eu não posso crer que me troques por um matula daqueles. Não é verdade, dize, não é verdade...!?

Cuidou que houvesse fugido e estendeu a mão a procurá-la. E encontrando a mão dela, que se lhe abandonou, disse em voz soluçada de esperança:

- Não é verdade, pois não, Filomena da minha alma? Estava doido; deita as culpas à Carma que me foi matar o bicho do ouvido.

A súbitas, sentiu calor na mão, calor húmido, e compreendeu que eram lágrimas. Chorava, a sua Filomena chorava! E, mal a estreitou contra o peito, louco de ternura, arrebatadamente, rompeu ela em pranto convulso, descomposto pranto, tão abanada que ele, beijando-a e afagando-a, se pôs a pedir-lhe perdão e a criminar-se das execráveis suspeitas. Quando serenou e afrouxou a catadupa de lágrimas, lançando-lhe os braços ao pescoço, disse Filomena em voz ainda dolente:

- Dize, José, queres-me muito?
- Como à luz dos meus olhos.
- Apenas?
- Mais que ao mundo todo.
- Então, pega em mim esta noite e leva-me. Leva-me hoje que me diz o coração que me perdes para sempre.
- Mas que há...? Sempre é certo?
- Se gostasses de mim, como dizes, não me perguntavas nada. És homem? Leva-me e deixa lá que terás tempo de saber.

O Algodres ficou mudo, abismado, como se um pego se abrisse a seus pés. Que poderia fazer sem dinheiro, com a duna em aberto, o Penalva à perna como fera? Mas ela tolheu-o de prosseguir nas suas cogitações com dizer:

- Não respondes, ora ouve: não há dúvida que meu pai quer à fina força que eu case com o tal indivíduo. Quando há dias me saiu com a proposta, declarei-lhe que já tinha escolhido aquele que havia de ser o meu homem, e desatou a rir. A rir como um perdido, a rir que até me vieram lágrimas aos olhos, ofendida com o seu desdém. “Queres casar com o doido que anda a desenterrar o tesouro da areia, ah, ah, casa, casa, e hás-de rilhar pedras. Casa e vai-te preparando para entrares com ele numa casa de orares. Ainda trazes no pensamento o tolinho? Pobre rapariga, julguei-te outra louça” E palavras assim deste jaez. No segundo dia, veio dizer-me que, se não aceitava a receber-me com o Sebastiana, ia vender tudo e abalava com minha mãe para a África depois de me botar a maldição. A minha resposta foram lágrimas. Saltou-me a mãe, por outra banda, a pedir pelas Cinco Chagas que não rejeitasse aquele homem que estava rico e farto e vinha tirar a família da cepa torta.

Porque torna, porque deixa, que meu pai deve o coiro e a camisa, iam-nos o arresto à casa, fartou-se de me tísicar. Depois não rarearam as vizinhas, umas a escarnecer do meu gosto, outras, atíça que atíça, a gabar o fulano. Eu não disse que sim, -mas meu pai, por alta recreação, foi mandando ler os banhos na igreja. Aí está, nunca a mulherzinha foi mais verdadeira. Agora digo eu: leva-me daqui para fora e leva-me hoje...

- Para onde te hei-de levar... não tenho por enquanto eira nem beira! - exclamou ele em tom de enfado, ofendido com o cru relato.

- Para o meio dum monte onde ninguém dê connosco.

Ele reflectiu e disse:

- Dá-me quinze dias, e faz-se tudo...

- Quinze dias para quê?

- O tempo de concertar as minhas coisas.

- Percebo, o tempo de arrancares o tesouro...

- E porque não? Não acreditas...? Nunca me disseste que não acreditavas, mas queria-me parecer. Sempre me mostraste pouco entusiasmo pelas riquezas de que reza o livro. Mas elas lá estão, que to afianço eu. Tão certas como existir um Deus que nos ouve. Olha lá se o Eudócio, que é o maior financeiro que Deus ao mundo deitou, ia empenhar os capitais à tola?! Queres saber quanto eu e ele, ele sobretudo, já enterrámos na duna? Para cima de cento e cinquenta contos. Ora se o negócio não fosse seguro, não era aquele que arriscava um ceitil. Deixa lá teu pai cantar, e ver-se-á quem bate certo!

- São mais os que não acreditam que os que acreditam. Mas supondo que seja certo, os homens que trabalham na duna não vos deixam para que erguer olhos. São uns esfomeados e hão-de roubar tudo. Ouve, José, veio-me uma ideia; tira-me daqui e embarcamos para o Brasil; está lá meu irmão

estabelecido e pede-se-lhe agasalho. Era muito meu amigo, faz-nos tudo. Queres?

- Quero, mas hás-de me dar quinze dias, só quinze dias... Valeu?

- Receio que venhas tarde. Amanhã, domingo, lêem-se segunda vez os pregões. Meu pai, minha mãe, as comadres não me largam. O homem deita a casa a baixo com presentes...

- Em quinze dias toco no tesoiro ou digo-lhe adeus. Arranjo dinheiro e abalamos.

Filomena, lançando-lhe novamente os braços em roda do pescoço e apertando-se contra ele, suplicou, e nunca a sua voz lhe pareceu mendigar com mais doçura:

- José, meu José, leva-me, que te perco e me perdes! O meu coração adivinha...

- Impossível, ainda que quisesse. Não trago comigo um vintém furado...

- Então vai e vem depressa... vem em dois ou três dias. Faze-me isso! Põe as tais riquezas de banda, também as podes ganhar doutra maneira. Queiras tu.

Chorava outra vez e o seu choro era miudinho como de fonte que está cansada de correr:

- Queres-me muito, faze-me essa vontade... É por mim, por mim.

- Pois faça-se a tua vontade! Havia-se agarrado a ele como hera; ante o corpo quase nu, quente e rendido, sentiu uma tentação; em seu tumulto, acudiu-lhe, ainda, mais claro que a estrela de alba, o pensamento de que podia fazer uma boa e certa puxada sobre o destino. Mas não, não! Desprendendo-se da boca que se lhe entregava com afoiteza, caminhou para a janela. Abriu as portas, e cautelosamente começou a descerrar a vidraça. De cima já do peitoril, atraiu para si a figurinha inefável. Beijou-a na testa, nos lábios, nas duas faces, em sinal-da-cruz de amor, e disse:

- Até sábado à meia-noite estarei aqui para te levar. Se não estiver... reza-me por alma!

E, manso como sombra, mergulhou na noite.

VIII

Apresentou-se na duna, ao romper da manhã de segunda-feira, nova e numerosa caterva de homens. trapilhos, macilentos, alguns com ar de desenterrados, Pareciam, à beira dos párias que já ali trabalhavam, um rebotalho da humanidade. Quando os viu, o Eudócio carregou o sobrolho:

- Valha-te Barzabu maila pendangada que rogaste! EStOU em dizer que se despejaram para aqui as cadelas de Portugal.

O Algodres, que passara o domingo com o Marrazes a arrebanhar por aldeias e praias todo o bicho capaz de erguer pá ou empurrar carrinho de mão, mendigo, vadio, jornaleiro sem amo, pescador de espinel, afrontando a má vontade do sócio, retorquiu:

- Considerei que no estado de adiantamento em que vão os trabalhos qUantos mais braços melhor. Pode ferrar-se de temporal e arrasa-se outra vez a cova.

- Pois sim, mas havias de trazer cunhos para bater moeda. Com que lhes pagas?

- Não se rale, homem; está por pouco.

- Cantigas, ó Rosa! Também de princípio dizias: é uma semana até duas, e já passou um ror delas. Adivinho fosse eu que não me metia em cavalarias destas!

- E não se há-de arrepender.

- A ver vai-nos. já aqui estão enterrados à roda de duzentos contos. Se a melgueira os valer... Ora, ora! Dum lado o concelho, lavradio e mata, do outro o miolo das arcas, e dê-me a escolher respondeu o Algodres, rosto alumiado de confiança.

O Eudócio dobrou a cabeça em atitude de meditação e proferiu:

- Com a ratazanada que agora chegou, só em diária vai-se à gaita um conto de réis. Por este caminho, fico sem uma corda para me enforcar...

- Recambia-se o pessoal! - exclamou o Algodres com arrebatamento.

- Recambia-se, recambia-se... ! Não são galuchos que se lhes diga: meia volta, rodar. Parece mal. Despedirem-se à noite se, como imagino, se estorvam uns aos outros ou que não amarguem a jorna, isso sim. A calacear ou vender água ninguém me come o pão! Está feito; destinem-lhes lá o trabalho...

Repartiu-se o monte de lapuzes ao aceno dos capatazes; foram vigiando o manejo os dois patrões.

- Se chegarmos a prantar o dedo nos baús, não escapa um pinto falso para amostra - murmurou o Eudócio, apreensivo e cabisbaixo. - Há-de ser pior que cem cães a um osso!

- Estou de pedra no sapato, não se aflija! - disse o Marrazes. - As arcas a virem a lume e tanto eu como os meus cara-Linhaças de pistola em punho: largueza ou vai balázio!

- Olho neles! Gente que nunca avezou cheta é perigosa a tirar bagulho.

- O negócio fica por minha conta. As arcas não se abrem aqui; só se os senhores forem asnos! As arcas abrem-se em sua casa e à porta cerrada.

- Não é mal pensado. Toca a cuspir às unhas! Com aquela leva subia a duas centenas a gente que andava na duna, sem contar as mulheres, que nos seus trajes pretos de corvachas iam e vinham à espreita que tilintassem os dobrões de Santa Cruz, os meninos, em coiro ou encafudados nas japonas dos

pais, e os curiosos, por cobiça ou por desfrute, bastos como moscas em açougue. Alavam a areia vinte sarilhos armados à boca da escavação, que media cento e trinta metros por quarenta de largura e nove de fundo. Mal vazios, logo cheios, mal arriados, logo a descarregar para carrinhos de mão e carros de bois, giravam os baldes em ordem e despacho. Era esta a faina essencial. Mas, aqui e além, chusmas de homens ajeitavam o entulho nas medas e nos enchedoiros, estendiam-no a rodo por onde não causasse empeco. E o estridor das pás, o rangido das polés, a chiada dos eixos, a musicata das campainhas, de envolta com vozes ásperas: aí vai! larga! arrasta! o compasso e a brusquidão, ao mesmo tempo, da manobra davam este tom impressionante das robustas e ciclópicas empreitadas.

Ia em mais de semana a boa quadra. De dia, sol radioso, com nuvens brancas e lentas, à vela no céu azul e alto; de noite, todos os astros acesos e uma geada que se cravava na terra, funda e aguda como punhais. O mar um espelho e, sôfregas de claridade, gaivotas e negrolas faziam à cima de água estrídulo e altívolo chinfrim. Cortava, porém, como fio de aço, requerendo acção e membros ágeis, o ar da manhã e da tarde. Tempo a sabor, nunca como naquele dia a duna, coalhada de homens, negros e pequeninos no espaço desmedido do areal, pareceu borbulhante e laborioso formigueiro. Lidou-se à grande; se cada um andasse a cavar a sua exclusiva felicidade não empregaria mais alma. Comunicara-se a todos o mesmo fluído de força mística e os sarrafaçais da última hora competiam com os veteranos em brio e resistência. Às ave-marias, o Eudócio chamou-os à taberna; e, satisfeito com o trabalho produzido, em vez de despedi-los, mandou deitar uma roda de bagaceira.

Dispersou-se o pessoal pelas aldeias e pelos abarracamentos, e os recém-vindos que não tinham boleto nem telha nas cercanias, ligados pelo vínculo de sua desnudez, aninharam-se no mantel ao toro dos pinheiros, com lume de ramos aos pés. Acabavam de rilhar a côdea dos bornais quando começou a lavrar rebuliço entre os pescadores. O arraial deles dava já o seu ar de povilêu, as tendas capeadas por latas velhas do petróleo, zincos colhidos nos logradouros públicos, tábuas que davam à costa, não faltando um poceirão com águas de chuva para lavar, e um estanqueiro com cigarros, vinho e aguardente, para lhes varrer a fêria. Pelo dia fora, as mulheres ocupavam-se com o amanho doméstico e o, mexerico. Espiолhando-se ou remendando a sua choldra ao soalheiro, não raro batiam língua e se despicavam, como nas velhas aldeias gregárias, de curtas e de compridas. Ouvindo-lhes ralhos e ditérios, vendo-as moinar de cabana em cabana por um dente de alho, uma lágrima de azeite, dois biqueirões, ou de roda-viva para a venda a pedir o quartilho fiado, dava-se conta que estavam apegadas com seus hábitos ancestrais aos contrafortes da duna. À hora de comer, rescendia no aduar ao badulaque e à sardinha de salga, assada a chamiços. Com o dobrar dos dias, os seus homens haviam regressado também ao vício da bebedeira e manhas correlativas. Espancavam-nas sem dó nem piedade e o banzé, acrescido do coro esbarregado dos meninos, repercutia a certas horas contra os mamelões de areia numa chiada infernal. Nos dias de paga, a baluca do Quindim, de ripa e folha ondulada, regurgitava até tarde. jogatinava-se o loto, o liques, e o Rodrigo Pamplino batia em novas partes gagas o coturno de histrião. Noite velha, ainda os borguistas zanguarelhavam pela mata, com as tonturas da bruega.

Intanguidos ao toro dos pinheiros, os malteses mal davam ouvidos aos rumores do arraial, inexpertos de sua significação. Se davam, era sem outros

sentimentos além do azedume e inveja de peregrinos às portas de magnífica Babilônia. Cabeceando uns, aticando outros o fogo, que estava a cair um codo de gelar o sangue nas veias, cismavam, porventura, em lares que não possuíam, nas riquezas que iam apontar à luz do Sol e sabe Deus se delas veriam migalha, em coisas e loisas do vasto mundo ou do domínio pessoal, não menos mundo. Subitamente, nas barracas, o alarido cresceu e cachoou. Que seria, não seria, os que ainda velavam apuraram o ouvido e os sonolentos estrenoitaram.

- Que vêm os noitibós do inferno cá cheirar? exclamava uma voz de mulher que pelo trémulo, a alta e baixa, parecia cacarejo de galinha choca. - Queriam, também, ter rasca na assadura! Peldasnos, tudo o que venha à tona é para os patrões e para os negros que há mais de dois meses andam a deitar os bofes de pá em punho.

- Terça os coma, se aparecem agora que a duna está quase virada, é que trazem más intenções! Hão-de roer um chavelho! - rugia segunda voz de mulher, mais furibunda ainda.

- Uma de duas: ou são larápios ou vigias - pronunciou uma ronca de homem. - Nós somos honrados, quitamos polícia.

- Aquilo os amos prometeram-lhes quinhão.--tornou outro homem. _ Arrisca-se por aí algum a quedar com as tripas ao sol! - bandarreu o vozeirão de borrifador.

- É o que merecem - disse a garganta esganiçada. Não tinham emprego? Pedissem esmola, fossem para o Alentejo, aperrassem o bacamarte nas encruzilhadas...

- Tanta léria, tanta léria, e ninguém dá um passo para correr os entremetidos. Homens, se quereis, vamos a eles, e ou se prantam-na pireza ou tocamos-lhes parideiro nas costas - disse um homem com mordente inflexão.

- Assim é que é filar, tio Passafome - apoiou a goela feriria. - Mas vocês todos nasceram com figados de cordeiro. Havia de eu pôr calças!

- Toca a armar e vamos a eles!

- Aqui está quem vai à frente - blasonou um falsete de borracho.

Mas olhal que já tem um dia ganho... - advertiu outro mais cordato. - Deixa ter. Quantas vezes não vai a gente ao mar e não pesca uma petinga! - retorquiu a voz colérica.

- A eles!

- A eles! Mas todos... temos de ser todos...

- Todos! Esparramou-se por instantes a balbúrdia, e os homens, engoiados ao relento, havendo compreendido que eram eles o alvo das ameaças, deliberaram entre si. E, prevalecendo o parecer daqueles em quem o escarmento da vida aconselhava prudência, pegaram de mantas e bornais e acolheram-se às sombras fundas do pinhal. Quando surgiu fera e rugidora a malta inimiga, encontrou apenas a fogueira que ardia, charriscando com labaredas tranquilas o chão e a carcódia dos pinheiros. Foi para as mulheres uma surpresa mofina, motivo de alegrorio para os homens. Em coro bradaram:

Surriada! Fugiram os medrolas! Foi o que lhes valeu, senão havíamos de lhes arrancar os olhos e verter-lhes água nas poças!

- Se tornam, enforcam-se para aí nos galhos dos pinheiros!

Nas trevas da mata, os lapuzes ripoStaram:

- Se sois gente, saltai para aqui...! Ouvindo o desafio, as mulheres procuraram açular os homens. Mas, esperados de emboscada, o lance oferecia

certos riscos e, sem embargo de injunções, não adiantaram pé. De dentro do pinhal, os maganos jogavam-lhes torpes bacoradas:

- Vinde vós, cabras! Não vêm eles, vinde vós... Vinde e tereis gostinhos de lhes lambar o beijo... gostinhos como há muito não provaís!

Ali estiveram muito tempo batendo língua, jogando-se a lama dos bordéis. Quando se calou o entremez, luzia o setestrela no céu alto.

Na manhã seguinte o Eudócio, sabedor do motim, admoestou deste modo a gente sediciosa, antes de pegar ao trabalho:

- Ó cães, se voltaís a armar arruaça no pinhal, rodais daqui para fora a cantar a moliana! Ouvistes bem? Pessoal não me falta.

A objurgatória dirigia-se tanto aos marítimos como aos manatas chegados de véspera, e não houve cabeça que se não curvasse. O receio de serem despedidos, voltando ao desemprego, e a esperança de virem a enriquecer com as vertalhas do tesoiro, sentimentos estes superficiais nuns, arreigados noutros, apagaram como água fria os ardores da cizânia. Para mais, apresentou-se na duna novo bando de operários, resto da rebanhada de domingo. Entre eles vinham dois faias, navalha de ponta e mola na dobra da faixa, e um varredor famoso de feiras. Ainda que em número superior, os marítimos, timoratos por génio, temiam-se de brequefestas em que entravam pimpões das serras. Tudo induzia à moderação e fizeram pazes.

Por aqueles dias soalheiros, de lusco-fusco a luscofusco, a duna sofreu raivoso e inclemente ataque. A todos tomara a febre de lhe ver o lastro, arredando a areia que as ventanias de dois séculos haviam acumulado sobre as preciosidades de S. Bento. Como eram Muitas, fora de conta e medida, e de valor sem estimação, cada um esperava ter a sua fatia de foliar. Sonha o terrearinho como o ouro, lavrado das moiras; nasce e morre sonhando o homem, a quem embalou no berço o cântico das ondas, com palácios submersos, naus a varar em terras repletas de riquezas, fortunas colossais de piratas escondidas na areia das praias. Evadem-se assim à mísera condição. Se alguma vez se lhes entremostra passadiço para o mundo fantástico, uma vontade de ferro secunda suas almas iluminadas. Os beluários da duna, pedintes na véspera, cavadores, marítimos, baldeados entre os remos e a vida sórdida, lazarenta, dos Inverninhos, lutavam sob este signo.

Ao cabo de três dias de esforço desesperado, repararam que o madeirame aluía, cedendo à pressão que se exercia sobre os flancos da albufeira. A areia começava a gotejar pelas fendas como a água das chuvas nos saguões. Por baixo do couce das tábuas, era um reminiscer contínuo de mar turbulento, que nada estanca, se vale da mais pequena folga, de golpe mais alto, de jeito menos ordenado, para se escapulir e alastrar.

Daquela guerra aberta, fértil em contratempos e ciladas, os homens tiravam um significado: havia algum génio mau de guarda ao tesoiro. Feitiço, malefício, embruxamento, o quer que fosse, comandava a areia, insuflando-lhe astúcia e mobilidade inelutáveis. Bem se benziavam e faziam as suas rezas antes de tocar as ferramentas! Acocoradas ao fogo na barraca mais vasta, bem desfiavam as mulheres o rosário, conjurando os santos bons advogados a serem-lhes propícios na empresa, com promessa de oferendas taludas, maquiadas do ouro que havia de amanhecer no subsolo. Persistiu a má sina.

Lembrou-se o Eudócio de solicitar a bênção da Igreja por intermédio do prior. O padre Horácio Biu, pessoa de ânimo largo e generoso, respondeu-lhe com uma dilatada e edificativa sermonenda quanto ao quimérico e até pecaminoso daquele cometimento. Foi dar vozes no deserto. O Eudócio saiu a resmungar contra a corja de saias e mandou o Marrazes na égua criadeira

chamar de Monte Redondo carpinteiros à altura. Veio um piquete deles e, de noite, ao clarão de archotes e lampiões, consertaram as avarias.

- É preciso revestir o lagar de nova andada de tábuas disse o mestre. - Assim, milagre será que aguento grande freima...

Com a alba de quinta, não obstante o tempo ter virado de Inverno, volveram redobrando de frenesim, a investir com a duna. A semana ia em metade e o Algodres tomara um compromisso de honra que tinha a peito cumprir. Também empenhara a palavra com o sócio e repugnava-lhe sofrer desmentido. Por isso o viam manejando a pá e comandando aos homens, esbaforido, olhos exorbitados na ânsia interior, em fúrias que metiam medo.

Sexta, pouco antes do sol a pino, voltou a areia a conspirar, como elemento de perfidia que era, insinuando-se pelos orifícios, lagrimejando pela juntura das tábuas, esboroando-se de alto, suspirando a todo o circuito do revestimento, caindo do céu trazida nas asas do noroeste. Derrancado, o Algodres apanhava punhados dela, mordida-a, cuspena, amaldiçoando-a. Agarrando os martelos, prega que prega, mais a areia escorria e se juntava em pequenos cones como farinha ao destilar da moega. Enquanto os homens almoçavam, Eudócio, Algodres e os fiéis andaram reforçando e calafetando o madeiramento, e ao cabo de duas horas figurou-se-lhes que a canseira não fora vã.

Prosseguiu o trabalho com raiva e velocidade. Sobre a tarde de sábado, declinava para o oceano um sol invernoso, doente, comparável a ovo podre, esborraçado, certo homem espetou a alavanca e bateu em cheio.

Acudiram todos; os golpes repercutiram sonoros, metálicos, alvissareiros do grande advento. Vinte pás e outras tantas enxadas, sob o olhar desvairado dos empreiteiros, atropelaram-se na zona maravilhosa. Desaterraram, limpam, e já o crepúsculo estendia a fimbria melancólica pela terra quando reboou um estertor formidável como se no pinhal as árvores todas desabassem de assentada. Fora o revestimento de madeira que estoirara, descalçado à roda pela imprudente pesquisa. A areia jorrava aos quatro pontos e a sua golfada era violenta como de açude que rompeu os diques. Os homens lançaram-se à uma para a saída, cegos de poeira e alucinados de pavor. Todos queriam ser os primeiros a salvar-se, mas como a escada, improvisada com dois troncos de pinho e pedaços de ramos verdes em guisa de banzos, fosse estreita e escorregadia, na vesania da pressa, enganchados uns nos outros, não conseguiam firmar pé. E o perigo tornava-se instante, menos pela inundação da areia que se despenhava dos bordos, que pela ameaça dos taipais que, cada vez mais desarticulados, sepultariam ao desabar a gente toda.

Terçando duma pá, o Algodres entrou a desancar os aflitos. A acometida foi tão imprevista e desapiedada que logo se arredaram e lhe franquearam caminho. Supunham que quisesse ser o primeiro a evadir-se e ele, plantando-se ao fundo da escada como rachador em postura de descarregar o golpe, gritou para o José Passafome que tinha sete filhos:

- Passafome, suba...

O desgraçado marinhou como um gato. Ao Pamplino, cuja prole não era menos numerosa, ordenou em seguida: „ Pamplino, suba!

Num ápice agatanhou o jogral pelos madeiros acima, servindo-se de pés e mãos.

- Penela!

- Ambrósio janeiro.

- Lázaro Brás, é a sua vez...

- Tristão Baul

- Tio Mira, vossemecê!
- Tenho tempo. Outro por mim! - e, dizendo isto, oarrais afastou-se para o lado.

- O Manuel Drago!...

- Pronto! Cabeça por cabeça, consoante a idade e os encargos de família, procedia o Algodres à chamada. E fazia-o tão rápido como acenar de olhos. Os riscos, entretanto, agravavam-se, que o madeirame pendia cada vez mais desconjuntado. Sabendo a ordem que a cada um pertencia na fila, o salvamento decorria com método e ligeireza. E era de aspecto resignado, se bem que de coração transido, que os restantes aguardavam a voz de largar. Atrás deles, a nuvem de pó, levantada com o peneiramento da areia, adensava-se, escondendo uns dos outros. E o tapume vergava, vergava, premido pelo peso progressivo do entulho, que as mulheres e os homens que trabalhavam fora, correndo em louca gritaria ao longo da cratera, vinham ainda engrandecer. Face ao Algodres, os fracos soluçavam ou carpiam a negra sina dos filhinhos, enquanto a voz retinia imperturbável:

- Barnabé de Quiaios!

- Senhor Eudócio, quando quiser... Rendido ao exemplo do Mira, o Eudócio lutou consigo para ceder o lugar. Empurraram-no para a escada.

- Lavagante! E este, aquele, aqueloutro, todos abandonaram o fundo infernal da cisterna. Mal o Algodres punha pés, após o Marrazes, no segundo banzo, as paredes de madeira davam em terra com temível fragor. Pulando, a eio da escada voltou-se e, ao ver a areia que se lhe precipitava na peugada como monstro vivo, as feições torcidas em esgar doloroso, murmurou:

- Quando lhe íamos a tocar! ... Ah, miséria das misérias!

Esperavam-no na terra firme, em tropel, de olhos rasos de lágrimas, os homens agradecidos. Ele desviou-os com o braço, balbuciando:

- Deixai-me! A passo lento, igual, igual, como cadáver que se pusesse a marchar por vontade divina, embrenhou-se por entre os pinheiros. Quando os ruídos se extinguiram na distância, atirou-se de bruços sobre a Qaruma e rompeu em grande e angustioso choro. Gemeu, soluçou e a noite vestiu à terra a sua mortalha negra. Soprava um vento agreste, e não o sentia; chovia a potes e a chuva era-lhe indiferente. Em seu cérebro a duna continuava a despenhar-se por contínuas e vertiginosas bátegas de areia. Ouvia-lhes o estrépito tão perfeitamente como se ouve na praia o marulho das ondas ou junto do motor, sob pressão, o arfar afadigado. Embora de áspera e confusa gama, decompunha-o nos sons vários, o ranger e estreloçar da madeira desmalhetada, o rouquido dos pregos ao refugir-lhes o duro cerne, os brados pânicos dos homens, e, acima de tudo, o deslize de milhares de milhões de grãosinhos de areia, surdo e ágil como de serpentes, infinitas serpentes a esgueirar-se. Sobrevinha o trovão, destes que vão resvalando pelo céu, seguido dum baque pavoroso, a queda de mil defuntos no lastro dos covais ao largar dos lençóis. E, ao passo que o rumor da derrocada ia rolando, em seu entendimento escurecia. Desejos, emoções, móveis esfumavam-se à semelhança de casa que o crepúsculo vai envolvendo. Na insensibilizante penumbra guardava consciência, apenas, do que de material se subvertera na voragem: a sua legítima, boa parte da casa do Eudócio, suor para fazer girar um moinho, febre para fundir urna geleira. Muito mais se perdera, todavia... Dessa perda tinha um vago e acerbo sentimento como de lança que lhe tocasse o corpo sem saber precisar o ponto da lançada. Doía-lhe que nem que fosse o inferno inteiro a queimá-lo. Doía-lhe, mas não atinava com a labareda comburente. Pouco a pouco, porém, foram-se diluindo os motivos do seu

sofrimento e distanciando-se nas suas meninges o rumor tétrico da cacarata. Operou-se, afinal, uma sorte de vazio em sua alma e todo se sentiu mergulhar na calma imponderável duma noite escura.

Nessa noite, repentinamente, brilharam pedrarias. De principio, pareceu-lhe nos confins do espaço e era bem perto dele. Pequenas e desmaiadas que nem mostaios, mais rúbidas que cerejas, redondas quais bugalhos, ovos de pomba no tamanho, resplandeciam como raios de sol e carvões a arder. Trocando os fogos dardejando de suas facetas luminescentes uma cromática luxuriosa, lembravam ainda a fita do arco-íris apanhada à toa. Louvores ao Pai do Céu, era o tesoiro dos crúzios Oh, lá estavam, vazios e vastos como salgadeiras de casa opulenta, os baús de ferro! Pendiam para trás as tampas, mostrando a subtil e sólida relojoaria das fechaduras. E, filadas nos arcaboços por grossos cravos, as precintas pareciam emprestadas de carros de guerra. Como pudera haver machos capazes de aguentar na cernelha volumes tão desmesurados?!

Maravilha das maravilhas, despejado para o chão, o recheio punha mais vulto que meda de trigo numa debulha de duas jeiras@ E era tudo dele, só dele, desencantado das entranhas da terra por arte própria e mercê de Deus. E, metendo mãos gozosas na rima, sentia reflectirem -se-lhe na medula a linha suave das pérolas e a quina viva das gemas lapidadas. Brinca brincando, fazia dançar nas palmas das mãos os rubis, cor de sangue a pingar de vela aberta, os brilhantes, taludos alguns como os seixos que os pastores atiram às cabras, as safiras de azul diáfano e as esmeraldas cor do mar profundo. As moedas de ouro, de todos os reinos e de todas as épocas - libras de cavaleiro, luíses, lisboninas, dobrões -, jogava-as às rebatinhas, regalado com seu tinido celestial. Também os pintos eram em avalanche, para encher alqueires e alqueires!, mas só não desdenhava deles porque tinham estampado na face o sinal da redenção.

Tornava-se urgente pôr a recato tais riquezas, rifão desse sobre elas a quadrilha dos esfomeados. Precisamente afigurou-se-lhe ouvir passos ao largo, passos oprimidos por aquela mesma sorradeira brandura com que marcham palmípedes ou larâpios. Sim, eram passos progredindo em redondo, tal de cerco que se aperta. Pai da vida, não havia outro remédio senão abrir uma cova bem funda e, soterrando o tesoiro, virar sobre ele novamente a duna alterosa. E com unhas ferozes rompeu a cavar um fojo e já lançava para lá o mar de preciosidades quando sentiu no ombro uma fija mão que o sacudia. O abalo que experimentou foi tão violento que se pôs em pé. Diante dele plantavam-se muitos vultos, outros acudiam dos quatro pontos, e o seu primeiro acordo foi de que estava roubado. Mas falavam-lhe, e - voz tinha entono de amiga:

- Macacos te mordam, para o que te havia & dar! Levámos mais de duas horas à tua procura...

Depois de esfregar os olhos, atentou em volta: não, não estavam lá as arcas dos crúzios, nem a ruma de jóias raras, nem tampouco cavara na areia fossa em que sepultar os deslumbrantes haveres. Sonhara. À noção de que tudo fora sonho sucedeu a de que um venenoso letargo o possuía. Quem estava defronte dele era o Eudócio com uma roda de trabalhadores.

- Mexe-te! - gritava-lhe o sócio, autorizado pela intimidade e pelos anos a mais a tratá-lo por tu. Queres ficar entrevado por toda a vida?

O Algodres levou minutos a recobrar-se e disse, forçando o sorriso:

- Ando há três noites sem dormir; tombei para o chão como um penedo.

- Com a geada que cal estavas a ganhar a morte, homem!

O Eudócio despediu os operários e puseram-se ambos a caminho, pinhal fora, a corta-mato. Estremunhado, o Algodres caminhava à banda do sócio, copiando-lhe as voltas e cuidando de acertar o passo pelo dele. Mas nisso, como em ouvir o que lhe dizia, despendia grande esforço. O seu regalo seria deitar-se novamente por terra e quedar a dormir, a dormir até ao fim do mundo. Mas tinha vergonha da sua fraqueza e, aos bordos como borracho, esmurrando-se nos troncos, tropeçando nas poças, balouçando-se por cima do companheiro, lá ia botado. Em tom de segredo, não escutassem almas desgarradas por detrás de algum barranco, cochichava o Eudócio:

Pois agora é que é dar-lhe que se tem a certeza de que a melgueira lá está. Não vamos segunda vez desentupir a duna, dessa estamos nós livres, Por um óculo, como os mineiros, vamos direitinhos às arcas: Hem! É o que te digo, tenho vindo a malucar. Bem sei que é preciso mais dinheiro... Arranja-se. Com penas de empenhar a camisa! Homem, vais todo engorgido; anima-te, que as riquezas lá não quedam. Eu seja ceguinho!

Eram chegados a uma clareira, e uma vez ali descobriu-se-lhes o céu estrelado e o lençol lívido da noite estendido por areal e bosque. Ao Algodres foi grato sentir o vento fresco, desenvolto, que lavava a face como, água da fonte. Vinha do mar, e o odor da salsugem acabou de despertá-lo.

- Para onde vamos? - perguntou.

- Vamos para minha casa. Vens lá ficar. Hoje, deixa lá o Coimbrão...

- Agradecido, mas tenho uma parte a dar.

- A esta hora ... ? Está a bater a meia-noite...

- Está a bater a meia-noite! - exclamou com grito tão agudo como se lhe dessem duas punhaladas. - Oli, amaldiçoado seja o dia em que nasci

E largou a correr, a correr e a uivar, amedrontando pela noite fora homens, aves, os próprios pinheiros negros.

IX

Na duna andavam agora cinquenta homens, e negros, esquálidos, ferrados à pá, de sol-nado a sol-pôr e ainda de noite, mal fosforejasse o luar, pareciam cinquenta demónios. Esses não se rendiam, amparados pela esperança de dar pontapé na mofina, senhoreando-se das arcas de ouro.

Na tarde de domingo, imediata ao desabamento, o Eudócio chamara a contas os jornaleiros do Coimbrão, Ervedeira e outras terras interiores, os marítimos de Pedrógão, Vieira e mais praias. E avisou, depois do Lázaro, Brás, ora e sempre escrivão, pagar a fêria a cada um:

- Quedam suspendos os trabalhos até nova ordem. Corisco que lhes estalasse aos pés assombrá-los-ta menos. Breve, porém, como vento de tempestade nas ramalheiras, o burburinho ciciou, embraveceu.

- A duna tem sido um sorvedouro sem fundo explicou o patrão. - Depois do que aconteceu por mal dos nossos pecados, é mester tornar ao começo e, para tanto, não há dinheiro em caixa, amigos...

- Boa vai ela! Então quando se tocou nas arcas do tesouro é que se largai! - proferiu o Marrazes, arreganhando a tacha como cachorro que vai morder.

- Se eram as arcas do tesouro ou arcas encoiradas, faltou averiguar - replicou Eudócio com agastamento.

- Aquele som não mentia!

Ora, podia muito bem ser calhau, saibro duro... raiz de pinheiro...

- Calhau, ali! - acudiu o Passafome em tom de zomba. - Só se caísse do bico de algum pássaro!

- Homem, raiz de pinheiro...

- Quando, de podrida, a carrasca se esmiola nas mãos... @ Adeus viola!

- Com as vossas sentenças não governo eu o barco. Pára-se a obra porque trago a casa a arder. É o que vos digo, a arder! Nem vós imaginai, que não sabeis quantos dedos tendes na mão, o que representam oitenta e cinco dias de jornal a uma cáfila, orçando entre cento e cinquenta e duzentos homens, sem falar em machada, madeiras, vinho e fumo!

Entrementos engrossava em volta dele a choldrabortra, mais grulhenta que feira. Nos abarracamentos a noite decorrera agitada: raiva, febre e, verbo a tornar-se carne, a esperança. Pois que o ouro chegara a dizer cá estou! - oprimia as almas o mais delicioso pesadelo. Guardava-o um gérto, mau decerto, que novamente o fizera sumir nas entranhas da Terra. Mas uma vez que a sua existência se tornara tão clara como a própria luz do meio-dia, iam centuplicar de vigor. Seus músculos seriam doravante máquinas admiráveis; porfiariam sem relego dia e noite; viriam secundá-los as mulheres e as crianças; e sob pena de esgadanhar com as mãos a areia da duna, de carretá-la na boca como escaravelhos, o tesouro, o seu rico tesouro havia de luzir ao sol. E eis que, assim resolutos e abnegados, o judeu do patrão os despedia! Podia lá ser!

No meio do alvoroço, a par do Lázaro com o saquitel das jornas debaixo do braço, o Eudócio estrebuchava, gritando:

- Deixais passar, almas do Diabo... ? Arredava um, eram logo dois a embargar-lhe o passo.

Ao mesmo tempo, os doestos choviam mais bastos que granizo:

- O que vossemecês meditam sabemos nós: é tirar o biscato sozinhos!

- O tesoiro deu-o o Pai do Céu, é de todos!
- Tanto hão-de rilhar as unhas que envenenam o sabugol
- Deixais-me ir à minha vida? - tornou o Eudóxio com espuma aos cantos da boca, que era homem de pouca paciência. - Queríeis mais mamadeira?! Ide roer os tutanos dum burro que os meus estão chupados.

- Quieremos voltar para a duna...

- Voltai; quem vos pega?

- E arame?

- Já vos disse, estou debilhado. M!amigos, onde não há, el-rei o perde!

- Mas ó ti Eudóxio, consulte a sua consciência e diga... - proferiu o Afonso Penela que merecia o respeito geral por homem cordo e de peso. - Parece-lhe bem que a gente levante na altura em que se tirou a prova de que há bagalhoça debaixo da areia? Vomecê bem sabe, pois não é tolo nenhum, que cada um de nós trabucou por cinco e não era o jornal que nos dava paga suficiente para o suor que vertíamos. Trabalhávamos a brio porque tínhamos fé de receber o nosso quinhão. Sim, uma migalha que fosse. Nós somos gente de migalhas. Agora manda-nos embora... Homem, é pior que roubar-nos a uma esquina!

- Roubado e sem poder berrar ao ladrão estou eu. Não haja dúvida, amargaste a diária, mas com ela fisdada: deitar a unha ao que aparecesse e não nos deixar tanto com que adquirir um bernal para pedir esmola pelas portas. Olha que meninos!

- Não leia maus pensamentos no peito dos outros replicou o Rodrigo Pamplino - quem põe as malícias do seu a descoberto. Sabiam ou não sabiam vomecê que contávamos ser contemplados nas partilhas? Sabiam e deixaram-nos viver na santa ilusão. Agora, mandam-nos a sirga... Que havemos de ajuizar? Que não pretenderam outra coisa senão servir-se dos calcetas para obter a certeza de que o tesoiro lá estava. Isto feito, toca a desandar, que o que cabe no nosso saco não o leva o fole do gato. Olhe, seu Bixofim, nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dele morou. Vomecê já era rico e nós éramos pobres. Pedro Cem, por ambicioso, se tornou Pedro Sem. Receie que tal lhe aconteça, a querer abarcar o céu com mãos tão fracalhotas.

O Eudóxio ficou boquiaberto com a sermonata do truão e, de boca torcida, expôs novas razões:

"Tinha que ir preparar as terras para o sementio do milho e do arroz que já os mais proprietários se andavam a rir dele. Quanto a podas e cavas, era também adiantada a quadra e ainda não metera a tesoiro em cepa. O Vermoil ia abrir matrícula... provavelmente o Algodres. Ajustassem-se. Quando soasse a hora de recomeçar, apitaria."

- Assim, não governamos vida - bradou o Marrazes que, apartando-se da contenda, se entretivera com os homens, por grupos, em sucessivos conciliábulos. Quer o seu Eudóxio fazer um contrato connosco? Voltamos para a duna; não gasta dez réis em salários; dá-nos apenas pão, batatas e vinho...

Fez-se silêncio; arregalaram-se os olhos.

- Pão, batatas e vinho, pilháreis vós! - respondeu o Eudóxio desenganado. - Com a famillage que trazeis ao rabo, a tirar o ventre de misérias, onde não atirava o despesão! Apre, loira, antes pagar o jornal de contado e por em cima uma boa gorjeta para cigarros!

Viram todos naquele despautério indício de má fé. O Marrazes rectificava os termos da proposta:

Não é manjar à tripa-forra, senhor! Dão tudo por peso e medida... A palavra é para a gente se entender.

- Homens, porque não meteis também um bife? remordia o Eudócio, gesticulando, chocarreiro e irado.

- E uma fatiota nos alfaiates de Leiria, não vos serve! E, os que são solteiros, uma fêmea bem frescal para o gozo, não? Sois cainhos no pedir.

- Não aceitam, estão no seu direito - pronunciou o Marrazes, alçando a voz para todos o ouvirem. - Nós é que vamos desenterrar o defunto!

O homem dissera aquelas palavras com tanta chibança e decisão, animaram-se os rostos dos trabalhadores de tal chama que o Eudócio tremeu em sua alma. De língua atada declarou:

- Podeis ir, mas de mim não espereis tanto como a apara duma unha. Já vos disse que à devida hora, quando passe o badanal das sementeiras, éreis chamados. Entendeis governar-vos por vossa cabeça, lá fazei. Eu por agora não posso. Estou empenhado até as orelhas... com as terrinhas, para mais, a perguntar pelo dono. Vós sois livres, nascestes com a sorte de não ser proprietários, de não ter cuidados, de não pagar impostos aos ladrões da Fazenda. Se quereis dilatar, talvez outro galo vos cante!

- Não queremos dilatar, não senhor. Há-de ser agora ou nunca mais. Que dizem vocês? - inquiriu, passeando em torno um olhar soberbo de cabecilha. Vamos à duna?

- Vamos à duna! A ela - responderam num grito exaltado.

Com o entusiasmo que se apossou de todos, homens e mulheres, quebrou-se o círculo à roda do Eudócio e ele, esquecendo Lázaro, a passos lentos, meteu pelo caminho das aldeias. Mas logo abaixo distinguiu o Algodres, abraçado a um pinheiro e fronte pendente, como homem a lutar com a morte. Foi para ele e, embora de rópia, chegou à sua beira de surpresa:

- Que fazes aqui, meu enjangado das bruxas!? Nem és homem, nem és nada. Ontem, disparaste como doido pelos pinhais fora; que raio de bicho te mordeu? Hoje, deixas-me sozinho e eu que ature a malta assanhada! Não das conta do que se passa...?

O Algodres fitou-o com olhos estranhos e ele volveu indignado:

- Tropeção te parta, há que tempos estás tu aí? Olha-me lá para cima, mosca-morta, para a duna... Vês o rebuliço? Querem ir tirar o tesoiro sem nós, sabes tu!?

- Não se apoquente - disse o Algodres numa voz branca de desenterrado.

- Não têm corda para muitos dias.

- Nunca fiando. Mas repara lá para o alto... Esse Marrazes, ah, que punha as mãos no lume se tu mandasses, é o capitão dos ladrões!

Em redor do mocetão, com efeito, no arrampadoiro da duna, mais encapelada e anfractuosa que revolvida por terramoto, apertava-se um açude de gente. Viam-se os farrapos mortuários das mulheres negrejar contra o pano estanhado do céu corno corvos pincharolando. Soavam juras e palavrões. E de parte, para um grupo, a Ludovina Passafome pregava: "Todos tinham direito às riquezas, irramamente, por virem debaixo da terra como a água das fontes!"

Avistando Eudócio e Algodres ali parados, o Manuel Drago que, de manha, não erguia um pé sem ver bem onde assentava o outro, veio ter com eles conciliador:

- Que dianho, em oito dias desatulhamos a cova. Aceite lá, tio Eudócio...

- Qual aceite W - contestou com destempero. Mesmo que quisesse, não podia. Afianço-te. Se me virassem de pernas para o ar, não escorria vintém.

Na esteira do Drago, foram vindo mais homens e, dentro em pouco, o Eudócio esbracejava outra vez no meio de grosso tumulto:

- Vós voltais à duna, mas a ferramenta, santa paciência, tenho de retirá-la. É-me precisa.

- A ferramenta, para ser cavalheiro, vomecê empresta-a - disse Duarte Rebocho, o Lavagante.

- A ferramenta vai.

- Paga-se-lhe aluguer... E peguilha daqui, peguilha dacolá, o Eudócio perdeu as estribeiras e atirou-se ao gasnete do Rebocho, ainda que tido e provado pelo mais forçudo dos pescadores. Apartaram-nos, já feita num frangalho a camisa do homem. A soprar como baleia, mas visivelmente satisfeito com o desforço, anuiu Eudócio “eu por bem dou o sangue dos braços” a que continuasse em serviço a porção de ferramenta que não era indispensável à lavoira, baldes, carrinhos, sarilhos, umas tantas pás. Desfaziam-se os homens em vénias e bem-hajas, ele, porém, despegando com o Algodres, atalhou:

- Futricai-vos! Silenciosamente, para par, seguiram mata abaixo; estacando a certa altura, pronunciou o Eudócio já sossegado:

- Mas tu ainda me não disseste: que desconchavo foi aquele de ontem? Corrias que nem que levasses ferrados no cachaço todos os moscardos de Agosto. Cheguei a temer que fosses esbarrar com algum pinheiro e caïsses redondo para nunca mais...! Hem?

Confessou o Algodres, depois de olhar para o chão duas vezes, que a derrocada da duna lhe subira à cabeça e toda a noite andara liru do juízo. Sabia lá o que fazia! Em guisa de conforto, disse-lhe então o sócio:

Desgraças para mim não contam. O tesoiro lá não queda, juro-te. Deixa fatar aqueles cães de areia e eu te direi!

E em voz baixa, pausadamente, através do pinhal deserto, foi percorrendo acerca das possibilidades que se ofereciam aos esfomeados de pôr as mãos nas arcas preciosas. Ser-lhes-iam precisas três semanas, para mais que não para menos, até desatupirem a cova de metade. Entretanto, os cabaneiros do Coimbrão, Ervedeira e algures, não sentindo a fêria a correr, desamparariam a duna. Quedavam os marítimos, gente que se alimenta de ar e de água, de cascas de pinheiro, se mais não tem, e desses, quando na prata lhes tocassem o búzio, não aguentava o terço. Os restantes estoiravam antes de tocar o lastro. A não ser que o Diabo lhes desse entendimento para engenharem um plano igual ao seu: fixar aproximativamente a posição dos baús e, em vez de proceder ao desmonte da duna, abrir poço até eles como nas minas. A sua esperança era de que para semelhante traça lhes mingasse o ardil. Pelo sim, pelo não, fosse o Algodres tratando de negociar com o Vermoil a parceria da companhia, tanto mais que a temporada estava à porta. Não havia outro remédio. Sim, o Vermoil passava por má peseta, mas com escrivão honrado àilharga, como o Lázaro, ter unhas compridas valia o mesmo que tê-las rentes. Depois, quem falava alto era o preto sobre o branco: davam um pulo a Monte Redondo e, o Algodres como armador, ele como credor hipotecário, o Vermoil como associado, lavravam escritura. Aberta a matrícula, a maior parte dos marítimos tirava os sapatos para correr à capitania. E, atarrachados ao ajuste, não poderiam nem à mão de Deus Padre bulir da praia; lei era lei.

Procurou o Algodres furtar-se a tal diligência argumentando com as manhas ruins do Vermoil, a perfídia em pessoa. Andavam, de resto, de candelas às avessas, e com ele não era ponto de fé que um santo, ao aproximar-se, não recebesse dentada.

- Homem, já lhe tomei o pulso. - respondeu o comanditário. - Pilando pelo negócio está ele. Lá quando a safadeza, a gente entesa-se, descansa. Vai,

vai-me ter com o arganaz. Para os preparos, já agora perdido por cinco, perdido por dez, dinheiro sempre se arranja. O principal é puxar a choldra da duna para fora. Ao depois, trazê-la curta que, se vêm ao conhecimento de que chegamos à metralha dos frades, pulam à Cova da Serpe e nem as caixas nos deixam para salgadeiras. Ainda por cima são capazes de nos matar.

Assim determinado, foi o Algodres ocupar-se da arte.

O Vermoil andava lampando por meter pata na companhia e se marralhou foi para esconder o regozijo. Breve pega originou-a a escolha do escrivão. O Vermoil, a pretexto de dar unidade à safra, pretendia impor o. Pedrosa; o Algodres declarou que se o Lázaro, não desempenhasse o

cargo, estava a sociedade em terra. Não menos se mostrou inflexível quanto aos nomes para arrais e regedores, que seriam os do ano pretérito. Anuiu finalmente o financeiro, como se fizesse grande concessão e, vistoriados barcos, redes e cordas, beberam o alvaro que na tenda do Vermoil, pago bizarramente pelo próprio.

Ao aceno que lhe fizera, compareceu Lázaro Brás no Pedrógão, a tempo de molhar a barba no vinho da regaleira. Beata a escorregar dos beiços, tão chupada e amarela que dir-se-ia a mesma que fumava e trazia na duna detrás da orelha, o gabinardo a pender dos ombros, mais ruço apenas na sua eternidade, luzia-lhe nos olhos aquele seu afável e bonacheirão ar de sempre. Ao encontrar-se sozinho com José Algodres à beira-mar, disparou-lhe:

- Se teu pai cá voltasse, podias contar com a sua reprovação. Metes a víbora no peito, espera pela volta!

- Foi o Eudóxio que quis...

- Ele também não há-de morrer em boa cama! Oxalá eu me engane!

A essa hora esfalfava-se o homem da Ervedeira, de rabiça em punho, a vessar um campo, depois de ter andado de manhã a arear uma courela que se mostrava escassa de produção. E, enquanto ele se atirava à lavoiria na gana de remir uma ou outra hipoteca das muitas que lhe oneravam a fazenda, investia com a duna a malta dos esfomeados.

Por sufrágio unânime, fora o Marrazes eleito chefe. Ele é que dava o risco e dirigia, não se eximindo também a prover ao abastecimento da comunidade. Prático das coisas do mundo, cuidou antes de mais nada de reduzir o número de bocas do arraial, persuadindo os homens menos tersos e provados a buscar outra vida, animando umas tantas mulheres a aninharem-se com parentes e próximos, e remetendo sem cerimónia não poucas para as praias. Ao mesmo tempo industriou os garotos no ofício de pedinte e em úteis e variadas malas-artes. Aquele que à hora de recolher não apresentasse o surrão cheio com coisa que se visse era chibatado e jejuava. Regulamentou a alimentação pelo sistema caserneiro do rancho, fintando os homens e adquirindo os géneros por atacado. Correu com o taberneiro e proibiu que se fumasse na duna. A mulher mais governada arvorou-a em ecónoma e a mais limpa e sabida em cozinheira com ajudantas e serviçais. E, ao passo que punha pulso enérgico e equitativo na manutenção, ordenava o ataque à duna. Fez desmontar os tapumes, tirar e endireitar os pregos, e circunscreveu, como o Eudóxio tanto temia, a área a escavar aos pontos que se lhe afigurou abrangerem a jazida do tesoiro. E, espetando estacas bem fundas e contra elas firmando o revestimento, armou sarilhos e romperam à obra com invencível denodo.

Ao fim de duas semanas, a cisterna, forrada de sólido taipal, descia a mais de cinco varas de profundidade. Quis, porém, a má sorte que as cordas dum engenho se rompessem e o balde caísse sobre um homem, desancando-o dos lombos. Era cabaneiro, de Mata Moirisca, e à noite os terreanhos todos,

descoroçoados já com a lentidão da empresa sem verem chave no bolso, espavoridos com o mau sucesso, levantaram. Crivados de apupos e surriadas, com os marítimos ao ombro, por entre os pinheiros, nenhum olhou para trás. Não levavam pesar, também não deixavam desânimo. Por aquele passo, obra de duas semanas mais e tocavam nas riquezas de Santa Cruz. Ficavam só marítimos, melhor! O homem da terra é egoísta e calculador. Liga com o homem do mar como o barro com o bronze. Aquele sonha apenas quando dorme, esta sonha dormido e desperto. Que os levasse o Demo mailo juízo que tinham, que ainda sobrava gente para furar a duna ate as entranhas do inferno e poder com os sacos do tesoirú sem arrear pelo caminho?

Ficavam apenas marítimos, e aquela defecção dos jornaleiros convertia-se, afinal, em vantagem, pois os comestíveis começavam a rarear no acampamento. De sol-nado a sol-pôr as aldeias próximas eram percorridas pela horda dos rapazinhos, sujos, seminus, picados das bexigas, mais acarraçados a mendigar que filhos de cigano, Breve se cansou com eles a caridade dos povos. Organizou, então, o Marrazes uma turma Volante, composta dos mais leves de pé e vivos de olho, que de noite batia os campos e ripava do alheio. Andavam por nabais e hortas e faziam-no baixar sobre o que vinha a talhe de foice. A estação era escorrida de recursos e tinham saudades dos batatais em que o larápio hábil, semelhante a raposo, surripia o tubérculo sem desmanchar o aprumo da planta. Por isso se viram na ingrata contingência de assaltar capoeiras e adegas, casos inéditos nas redondezas. De rapina em rapina foram até subtrair pelas povoações o que havia malguardado ou de cujos donos podiam iludir a vigilância. Pilhados aqui, lorigados além, acabaram por tornar-se objecto da animosidade geral. Que monta, tinham apegado a vida àquele sonho e não lhes consentia o génio desamarrar! A duna era como que a sua nau Catrineta; deitariam solas de molho na esperança sempre viva de se porem a salvo da macaca.

E a cisterna lá ia, mergulhando cada vez mais nas entranhas da terra. Trabalhando à la grande, só erguiam com a noite cerrada, curvos, suarentos, moídos como a areia. Se despontava a Lua, de corrida punham-se à obra, e adeus sono! As mulheres emparceiravam com eles às aspas dos sarilhos ou a trasfegar terra, prestando-lhes raivosa demão. Ao contrário do praticado até o desabamento, não toleravam que os homens trabalhassem ao domingo, dia do Senhor. E se bem que a cobiça de atingir as arcas os acicatassem, e o Alberto Marrazes, para desconto do pecadilho, promettesse rijas festas ao S. Miguel das Areias, passaram a observar rigorosamente o dia de guarda. Rotos, famélicos, pedinchando uma côdea pelas alminhas do Purgatório, ouvindo imperturbáveis a mofa dos cépticos e as ameaças e invectivas dos roubados, consumiam a manhã na igreja e a tarde pelos caminhos. E no dia seguinte, com o clarear da alba, nenhum faltava na fossa lúgubre, onde cabiam os defuntos duma terra grande em cem anos de obituário. Incoercível força mística, das que magnificam ou quebram o homem, lhes servia de esteio e guia.

Certa manhã, já se ouvia a calhandra cantar à grandura e claridade dos dias, velo o arrais Luís Mira advertir que a matrícula para a companhia do Algodres estava em aberto na capitania da Nazaré. Se algum dos que ali andavam fazia tenção de se ajustar, não tinha tempo a perder, pois, havendo liquidado várias artes por aquela corda de praias, os homens eram aos cardumes. Deixaram-se tentar dois ou três marítimos da Leirosa, outros tantos da Vieira; os mais abanaram a cabeça ensoberbados.

Quando aquilo lhe constou, ciente já dos progressos que fazia a escavação, o Eudócio, arrependendo-se todo, foi-se de rebentina ter Com o Algodres.

- Os almas de chicharro, por este andar, dão no tesoiro - disparou, tal qual um cumprimento, assim que o descobriu.

O sócio procurou tranquilizar-se, tranquilizando-o. O mais duro de esfolar estava para vir. Até ali, visto que tinham apoucado com boa manha o diâmetro da cova, fora brinquedo. Deixasse-os mergulhar mais uns metros e esperasse o troco. Algum pagava com o cadáver o atrevimento. O Eudócio argumentava que o poço ia escorado por mãos de mestre, segundo informes que recebera de pessoa que não era asno nenhum naquela espécie de trabalhos. Mal procedera o Algodres, tão amigalhaço do Marrazes, em não atrair o pimpão. Sem ele, os outros teriam desandado com os atafais às costas. Retorquia-lhe o Algodres que, ainda sem o Marrazes, muitos se abalançariam àquelas cavalarias. Estava-lhes mais enraizado na alma que o perrexil nos taludes das hortas. Mas não tivesse medo, mais dia menos dia a tentativa dava em droga.

O lavrador, o coração em balanços, não logrou sossegar com o optimismo do sócio. E, aproveitando o escuro duma daquelas noites, foi verificar com os seus olhos. Depois de rondas e soberrondas em volta do arraial, quando todos os rumores se extinguiram, de rastos como cobra, trepou à duna. Com pupilas acesas de felino, desceu, depois, a escada da cisterna. E mal poisou no chão firme, estarreceu assombrado. Estava a quantos metros de profundidade? Não o saberia dizer, nem lhe era possível avaliá-lo pelas cinturas de tábuas que não havia modo de distinguir. Mas o céu luzia lá muito em alto, pareciam luzir as estrelas a duas lonjuras da Terra, e até a rama dos pinheiros se esfumava na distância.

Palpando o madeiramento, reconheceu quanto fora verdadeira a pessoa que lhe viera com a notícia de que o Marrazes era homem das Arábias. Aquilo ia com a arte toda. Sólido, sólido como fortaleza. Não admirava que dum instante para o outro, a profunda com segurança, chegassem ao tesouro. Passeando no fojo escuro, o Eudócio sentia-se roubado, roubado na sua ambição, roubado, o que era mais, na sua fortuna, tão agravada que se o tesoiro não lhe entrasse em casa, estava de pernas ao ar.

Uma grande angústia apertava-lhe a garganta, sendo o seu desespero tão violento que deitou mãos a uma tábua para arrasar a duna ainda que ficasse solapado debaixo. Mas o tabuamento resistiria a duas juntas de bois. Perante a sua impotência, considerou consigo e com os botões. E, depois de muito matutar, em seu entendimento disse:

- Se não sacais o tesoiro até domingo, eu vos ensino.

Era uma quinta-feira e até sábado à noite viveu sobre brasas, atento aos rumores que sopravam das bandas do mar, inquirindo das pessoas que vinham da Cova da Serpe o que havia de novo, deitando-se satisfeito e erguendo-se resmungão, de noite presa de pesadelos horríveis, de dia espancando os filhos -e ultrajando a mulher. Ao entardecer de sábado, como não corressem ventos de sucesso particular, respirou com desafoço. Bateram as trindades e, fervidamente, agradeceu a anjos, e santos terem defendido os seus haveres das mãos ladras. Viva a Cristina, o tesoiro lá estava bem acautelado, à sua espera! Reservando-o para ele, que arruinara a fazenda na devassa maravilhosa, a Providência era justa. Mas pois que eram estes os desígnios do Alto, ali lhe prometia uma festa de arromba, com filarmónicas e

fogo preso, sermões e missas cantadas, uma festa em que os abades explodissem de indigestão e as moças derreassem a anca a bailar.

À tarde, veio o Algodres encontrá-lo rendido a efusivos transportes com a pichorra do verdeal. Beberricaram até altas horas com a ajuda de presunto e azeitonas e, quando na terra até os rafeiros dormiam, puseram-se a caminho do Pinhal do Urso. Chegaram com as estrelas a tremeluzir no céu como pálpebras que têm sono. No arraial reinava inalterável paz e esconderam-se, a fazer tempo, numa brenha de samoucos. Erguera-se o noroeste, ouvindo-se o ribombo rolante do mar, tão compassado, tão adormecedor que nem que obedecesse ao propósito de embalar a noite escura. Era mester esperar, esperaram; uma lata chocalhou, afinal; voz de homem, pastosa e enfadada, removeu; vagiu menino, e pouco a pouco, como fogo posto, a balbúrdia alastrou pelo acampamento. A quadrilha despertava. Não tardou que velada pelas sombras, em carreiro de formigas, a gente do areal abalasse à missinha, desaparecesse na penumbra da mata tão subtilmente como se lhe esvaía na caruma o ruído dos passos. Algodres e Eudóximo, após breve circumspecção, pularam à duna. Desceram como esquilos a escada de troncos. Aos apalhões, o lavrador escolheu num dos ângulos do revestimento o ponto sensível e, insinuando o grosso cartucho de dinamite, pregou-lhe fogo. Marinharam de afogadilho para fora da buraca e, ainda corriam nos flancos da duna, quando se deu a detonação abafando o bramido do mar. Sem volver olhos à retaguarda, deitaram a fugir, a fugir, cegos para barrancos e matagais. E, aliviados do peso que traziam no peito, dormiram regaladamente a manhã. Obra do meio-dia, propalou-se que a duna se subvertera mais uma vez sob pressão do desmonte, ou por virtude do próprio encantamento. Os dois amigos rejubilaram; não se descobrira, já se não vinha a descobrir a ariosca. Ainda que da tramóia pudesse subsistir o rastilho, jazia sob a areia, bem lá no fundo, com o tesoiro, o rico tesoiro, dos seus pecados.

Os pesquisadores da duna, em sua turbação, não formularam, sequer, a hipótese de acto criminoso. Era Lúcifer que ali andava, apostado em impedir que chegasse a mãos cristãs a teca dos fradinhos. E pela primeira vez duvidaram do êxito do seu esforço. Desistir não era o aconselhável? Mas o Marrazes, enclavinando o punho e voltando-o ameaçador para a duna e as suas misteriosas e maléficas divindades, exclamou:

- Verterei aqui a última gota de sangue, mas não largo. Vai-se recomeçar. Quem quiser ficar, fica; quem não quiser, dê um passo à frente...

Se hesitaram alguns, nenhum ousou mover pé. Animosamente, voltou o Marrazes:

- Meditei um processo de escoramento que nem todos os demónios do Inferno, agarrando-lhe com os dentes, serão capazes de atirar ao chão. Ides ver corno vai num rufo!...

De facto gizou na areia, como superfície de escavação, a figura dum octógono regular, em que cada uma das faces era formada por tábuas de três metros de comprimento. Desta arte, além da economia de carpinteiro, resultava acrescida de modo apreciável a resistência, pois que a pressão se distribuía por mais lados, estreitamente solidários. Ante aquela inovação, cujos efeitos o inventor exalçava ardeentemente, os homens reconfortaram -se. Mas antes de assentar a primeira tábua, alvitrou um deles que se fosse ouvir o tio Manuel das Uchinhas. E na mesma hora seis homens, com o Marrazes, partiram de espora fita para o Grou.

- Os outros não desenterraram o tesoiro?! disse-lhes o mandingueiro, baloiçando a cabeça. Lá me queria parecer... Não reuniam as condições;

sempre lho disse. Vós reuni-las, mas para chegar ao tesoiro é preciso não vos esquecerdes de traçar na areia, todas as manhãs, o sino saimão e escupir no pãozinho de Cristo...

- Credo! - exclamaram vários a um tempo. - Lá com o pão não se cometem tais judiarias.

- Ao tio Eudóxio e Algodres não ordenou tal prática - observou o Marrazes.

- Vóls sois outra casta. Para cada um seu pandeiro! - respondeu sem titubear.

Não, é grande pecado. Então, nada feito. Voltando à duna, ainda essa tarde acabaram, apesar da muita relutância, por pisar e escarrar o pão do Senhor. As mulheres, por seu turno, vieram ensalmar e benzer o areal, rezando e queimando ervas santas. E afoitos com o seu rasgo e a profecia do benzilhão, moirejando com fúria, no dia seguinte tinham cravado a primeira roda de tábuas, mais alta que estatura de homem alto.

Reapareceu nessa conjuntura o arrais Luís Mira. As vantagens oferecidas aos marítimos que se inscrevessem eram de arregalar. Não obstante a velocidade com que os trabalhos decorriam, o desânimo não varrera de todo. As crianças andavam a cair de fraqueira; na despensa não restavam mais que batatas greladas e feijão chocho; as hortas começavam a ser guardadas por bacamartes. Sentindo o desfalecimento, o Marrazes chamou o arrais de parte:

- Tio Mira, vossemecê não torna a comer a pobre gente. Se torna, não respondo pelo que possa acontecer...

- Não me metes medo; mas sempre te digo que andas a cavar a tua desgraça e a dela.

- Ê comigo. E vossemecê não andou cá?

- Andei a ganhar a jorna. Iam na quarta cintura de tábuas, ateou-se no acampamento um andaço, roaz ainda que nada mortífero. Ficavam fracos como caniços. Não havia, para serem todos os males juntos, que tragar. As mães não tinham leite para os filhos; nas tendas não lhes fiavam um alho. Os mais decididos foram colher ervas venenosas aos paus e correram e empeçonhar os peixes da lagoa da Ervedeira. A abundância foi tanta que os esfomeados iam estoirando de indigestão. Sem embargo, naquele e nos mais dias, muitos desertaram. Faziam-no pela calada da noite, de filhos às cavaleiras, pé ante pé, com medo ou cobardia de fugir. Quando se apresentaram na praia, ante seus rostos pálidos, mais de finados que de vivos, o Vermoil, mestre universal do Pedrógão, coagido pela letra do contrato a aceitá-los, murmurou:

- Ê esta gente que vai tripular os barcos? Ou a companha rebenta ou os peixes têm fartote.

No Urso teimavam duas dúzias de homens, destes que são capazes de rilhar pedras à falta de broa, e tanto sacrificam a alma a Deus como a vendem a Satanás. E a luta com a areia prosseguiu não menos encarniçada e resoluta.

Quis a má sorte que o Abril fosse ventoso, entremeado de fortes e desabridos aguaceiros. Um pó impalpável, de peneiradura, exsudado pela duna à força de voltas e reviravoltas, que acamara à superfície espesso e compacto, convertera-se em viscoso e fofo lodaçal. Dias após dias trabalharam os homens ensocados. até aos peitos. Nos dias enxutos, o carrasco do noroeste desatava na sua negregada dança com a areia, jogando-lha em vagalhões por cima da cabeça. Só à custa de lentas e teimosas canseiras conseguiam avançar. Apesar de semelhantes contratempos, não depuseram a ferramenta.

O cavalo dum moleiro, que partira o jarrete de encontro ao automóvel de Lousal filho, garantiu-lhes manjar para uma semana. O piquete de forrageadores não dormia, deitando até largo, campos de Carvide, Casal Novo, Guia, e sempre voltava mais ou menos ajoujado de virtualhas. Não obstante, era precário o passadio: raras vezes, abastança; em regra, estômago a ladrar como cão de quinta. Fosse resultado das barrigadas de fome, a somar com o labor excessivo e a febre que corroía a todos, fosse que chegasse a hora do desarranjo congénito desatar, o Pamplino começou a dar sinais manifestos de demência. Supunha-se capitão de piratas e a dirigir a exumação dum tesoiro em ilha deserta. No auge do trabalho, rompia a gritar que, os companheiros da flibusta o queriam roubar e de pá em punho, como acha, despedia cutilada a torto e a direito. Sucedia terem de manietá-lo para não causar dano de maior. Falavam em que andava endemoninhado e em levá-lo ao prior para lhe esconjurar da pele o Porco-Sujo. Mas ele, passada a crise, jurava que à Igreja não ia nem que o arrastassem pelos cabelos. Se lá o conduzissem quando estava com os acidentes, matava um. E força foi aguentar os díslates do energúmeno, prevenindo-se apenas contra eles.

Entretanto, o Eudóxio, sempre receoso, não perdia de olho a quadrilha. De princípio mandava esculcas, mirones, observar os trabalhos; acabou por assoldadar um espia. Por seu turno, os antigos companheiros, inscritos agora nas companhias, tinham também ali informadores. Tanto uns como outros só esperavam sinal para formar salto. O Marrazes cedo lhes aventou a traça. Mas como os beleguins se revezassem, nem sempre atinava dentre o cacho de curiosos, que se vinham debruçar dos bordos do poço, quais os olhos policiais. Se acontecia desmascará-los, apanhava uma mão-cheia de areia e chapava-a na cara do entremetido:

- Que tens que ver, olharapo?!

O que mais espantava o Eudóxio eram os sete fôlegos daquela corja. Soubera que o Marrazes, agora suspicaz, vigiava a duna noite e dia e, à ideia de que seria esbulhado das suas riquezas, não comia, não dormia, macilento e escanelado. Se pegava no sono, acordava aos berros: à d'el-rei ao ladrão! Não punha lei na lavoira, atrasando certos sementios, antecipando outros, e deixando estragar-se a apeiragem ao deus-dará. Ah, se os excomungados lhe permitissem recorrer a segundo cartuchinho de dinamite, viveria sossegado! Mas o Marrazes maldito, patas fincadas na duna, velava corno dragão.

Uma tarde, havia caras suspeitas dependuradas como gárgulas das margelas da cova, o Pamplino rompeu em alto e vitorioso urro: .

- Cá está o tesoiro! Cá está!

O grito partira das profundas da duna e, não distinguindo de princípio a voz do mentecapto, todos os que trabalhavam fora desceram a escada de escantilhão. Entre eles ia o Marrazes. Dissipado o logro, volveram uns a seu posto, trataram outros de algemar o doido. A correr, a correr pelas dunas abaixo, mais veloz que galga, o Marrazes enxergou a Inocência, filha cadeta da tia Bica. De princípio não compreendeu. Espigadota, com os seios a amojar, um tanto arrapazada, corria que não era avessa a fazer pequenos favores, desde que lhos agradecessem. Que o tivesse na massa do sangue ou fosse lição da mãezona, o certo é que costumava a horas mortas perder-se por sítios onde outras não arriscavam o pé. Mas não enxergando lume de gozador no horizonte, por mais que procurasse, deu-lhe baque o coração:

- Grande coira, ouviste o brado do zorato e vais à praia levar a novidade. Em menos duma hora, as companhias estão aí botadas... Não te dar o tranglomango, cachopa, para correio de mentiras!

X

Acordou mal disposto naquela manhã clara de Maio o juiz de Leiria, Alonso da Cunha Leão. Sonhara que o bolchevismo repartira as suas ricas fazendas de Chão do Couce e que um tropel de homens barbudos e ferozes, rompendo pela adega, abria o vinho dos seus tonéis e devorava os presuntos de duas cevas pendurados dos barrotes. Depois, pelo correio, chegaram-lhe más notícias da capital: rara a noite que os gansos do Capitólio não desatassem a grasnar assarapantados. O alarme poderia não ser falso e apenas intempestivo. Não obstante a obra de repressão, cometida à má cara e com todos os matadores, a hidra revolucionária crescia nas sombras e avançava. Como Mmensis orbibus angues que investiam para Laocoonte, assim ela investia para os tabernáculos da Ordem. Ele próprio, em pleno torpor provincial, a sentia colear sinistra e sorrateira. Pois que por palavras e obras vinculara o seu destino à gente no poder, o pavor do dia de amanhã roubava-lhe a paz do espírito e esta impensante beatitude tão indispensável às boas digestões. Várias vezes se surpreendera ao cabo de angustiosos cismares a dizer:

- Quem me mandou meter em danças, santo Deus! Para cúmulo, a asma acometera-o barbaramente ao saltar do leito, e o almoço fora uma peste com duro como sola e os ovos escalfados em demasia. Quando saiu a caminho do tribunal, levava meia hora de atraso e o azedume de cão de porta a quem tudo serve de ensejo para ladrar e morder. Atravessou o Rossio, a passo largo, indiferente ao chapéu dos cortejadores, recebendo quase com desabrimento o P.! Lúcio, raro amigo, que vinha, com indirecto e untuoso rodeio, em nome da moral pública tão atreita ao exemplo, carregar na mão da severidade. Esperavam-no no gabinete os dois colegas, chamados de suas comarcas, nos termos da lei nova, a julgar aquela causa. Um deles meio caído de ilharga contra o peitoril da janela, o outro encostado à umbreira, em bruxuleante cavaco com os causídicos e pessoal dos cartórios, tinham bem impresso em rosto o enfado de quem madrugou contra seus hábitos, deu muitos tombos nos camiões matutinos por estradas desertas e intransitáveis, e acaba de perder horas pela cidade na mais imparável das pasmaceiras. Depois de trocar cumprimentos despachadamente com os colegas e funcionárias da justiça, o senhor juiz de Leiria, apesar da escassa familiaridade que nutria com aqueles, usou a seu respeito de brando e amigável tom de censura:

- Mas porque não vieram direitos a minha casa?! É pobre, sim, é pobre, mas sempre há uma cadeira e um caldinho de couves para os amigos. Não soube eu em que carro vinham, senão tinha-os mandado prender!

Riram todos, e o senhor juiz, satisfeito com o sainete, pretendeu avaliar da atmosfera política das comarcas convizinhas, tomando o pulso aos colegas, a quem puxou de parte. Mas eles mostraram-se parcos em informes e, pareceu-lhe, sonsamente reservados. E reconhecendo que naquele momento o que mais preocupava suas almas era aviar a acção judicial, ao passo que deitava mão à toga, dizia:

- O processo esfolia-se em três tempos. O principal criminoso confessou, e além disso há provas incontestáveis.

- Muito que bem! - limitaram-se a proferir, com ar agradecido, os assessores.

Apressaram-se os três magistrados a ocupar as cadeiras no pretório; mas, com novo ataque de asma que o emordaçou, o senhor juiz de Leiria deixou pender a cabeça, e só decorrido um bom espaço, rubro ainda e apoplético, é que achou voz para abrir a audiência. Soçobrou o zumbido do recinto, coalhado para lá da tela de rostos rudes, bronzeados, e de trajas escuros da gente da beira-mar. já, à sua ilharga, os colegas de novo mostravam ar de tresnoitados, mãos no abdômen, olhos vagos em frente, sem curiosidade nem estímulo. junto à tribuna, vâ de taramela entre o delegado e o Dr. Mateus, taramela pegada, na qual o tom áspero e intercadente dum e o timbre claro e fluído doutro produziam na sala, caída em síncope, a sonora impressão que se tem ao descer curso de ribeirão, canta aqui, cachoa além. O delegado, muito rechonchudo e próspero, com rijas amarras na católica - à caça, de sala em sala, de família em família, de praia em terma, duma herdeira opulenta, era-lhe simpático embora pusesse em grimpar um ardor que lhe fazia sombra, homem com hábitos e moral do tempo das diligências. já aquele Dr. Mateus, com raízes na República, maçã, batido no foro e voz de veludo, a lembrar pelo perfil e a cor ruivana do cabelo um cabo de faca, estes cabos de faca que a fantasia dos cutileiros monta em pernis de cabra, lhe era supinamente intolerável. Porquê? Por todas as razões e mais uma. Bastante, talvez, porque militassem no transe actual nos pólos opostos da política; o Dr. Mateus fossilizara na solução democrática, exclusiva e impermeável a qualquer aura vivificadora, e de tal cristalização é acessório infalível o ódio político. Muito, pelo que em seu génio havia de avesso contra a aura universal “homem recto, duma só peça, talento privilegiado, senhor requerido pela distinção em todos os chás e salsifrés” que consagrava Mateus uma sorte de herói tripartido, Catão, Robespierre e Brumel da cidadezita adormecida a ver as águas do Lis correrem para o mar. Porventura não pouco, mercê do refluxo subconsciente de zunzuns cavilosos que atribuíam àquele cavalheiro intromissão infamante no seu lar à data em que, correligionários e colaços, representavam Leiria em S. Bento. Por estas e outras maravalhas o detestava, hostilizando-o até onde lhe permitia a boa compostura social e o justo receio de conflitos. Correspondia-lhe Mateus com pétreo e intolerável desdém, um desdém estúpido a poder de olímpico, no foro, vendo nele apenas uma peça da máquina judiciária na sociedade, inclusive nos centros de cavaqueira em que se enterram vivos e desenterram mortos, como se não fosse deste mundo sublunar. Semelhante menoscabos - nem sequer dizer mal dele! - não tinha perdão. Mas, acima de tudo, bulia-lhe com os nervos o culto que merecia a republicanos e talassas, bastava ver a blandícia com que o Raminhos, delegado, sempre de olho gázeo no segundo plano das coisas, revirava para ele beija afável e amorosa.

Em expectativa, Adolfo Serzedo, o advogado da acusação, simultaneamente homem de foro e conservador do Registo Civil, fincara a fronte contra os cotovelos e parecia dormir. Pálido, lustroso sob os cosméticos, todo se derretia para “o meu querido doutor juiz” em arnéns e rapapés. Mas nem é oiro tudo o que reluz, nem farinha o que branqueia. Poeta nas horas vagas, era, como de ordinário em gente delico-doce, de maldade mais Cauta que o dormir dum tigre. Fora este pandilha o autor da correspondência para o Alfacinha, em que se pintava de extorsionária a demanda que movera a certo lavradoreco, confirm seu em Chão do Couce. E, todavia, nunca lhe fizera mal. Quando a sua gente tomou conta do Terreiro do Paço alimentara o propósito, é verdade, de recomendar para aquela Conservatória o filho dum colega que tinha empenho em servir. Mas acumularam-se as pretensões, algumas de

tomo, e sentindo o ministro, jáentã ooAsinus Dez, interessado pelo Serzedo, deixou no fundo do bolso a requesta. Se, depois, o despacho dilatou, para aí não meteu prego nem estopa. O mariola, entretanto, porque tivesse pulga na orelha do seu primitivo intento, ou por esta gratuidade que atíça os perversos e os asnos, publicava a bacorice, acoimando a expropriação dum enclave que lhe desfeava a fazenda e prejudicava o serviço de regas, corrente em país civilizado, de “assalto à vinha de Nabote”. De princípio assentara para consigo que a local era da forja do Lucas Palácio, malandro na quinta casa, com quem andava de testilhas. Mas, uma bela manhã, apareceu-lhe o P. Lúcio, em riste um destes livrecos nefelibatas, atado com uma fibrinha de ráfia e impresso em papel pardo de mercearia. Eram as Fúcsias e Glicínias de Adolfo Serzedo, pelo punho do próprio dedicadas: ao Padre Lúcio Rodrigues, dilecto amigo, espelho de sacerdotes. Com dedo subtil, o dedo afeito às páginas finas do breviário, o reverendo foi voltando as folhas e apontando as passagens que sublinhara a lápis:

- Leia, senhor doutor juiz. Vossa Excelência vai lendo, senhor doutor juiz...?

E ele foi lendo, saltitadamente, frases ou elementos de frases colhidas na Bíblia, perfumados e doces como favos de mel, embora mais corriqueiros que os seixinhos das praias: a rosa branca do Sáron, os merencórios peregrinos de E mais, a sombra avara dos tamarindos, o meigo rabi, a castelã loira de Magdalo, a vinha de Nabote...

- Hem...? - berrou ele, como se o picassem em cicatriz mal curada.

- Conhece agora o nome do seu agressor? - proferiu o P.! Lúcio, glorioso.

- Lá isso...

- Oiça, doutor juiz: em Portugal, actualmente, há apenas dois profanos que se servem do florilégio hebraico tão bem como Vossa Excelência do Código e eu do ripanço, o poeta Santa Clara, que tem a bênção do patriarca, e o Adolfo Serzedo, que tem prima tonsura. Isto da Vinha do Nabote, que não é o Ferro de Engomar, só podia acudir ao bico da pena dum dos dois. Ora, sendo o poeta Santa Clara, além de pessoa de bem, estranho ao meritíssimo juiz de Leiria, o...

- ... o autor da velhacada foi o Serzedo. Sim, a sua dedução parece-me irrefragável, teologicamente irrefragável. Espere... Está-se-me fazendo luz no espírito. Atinou, foi ele.

E fora. Dias decorridos, o Palácio veio em público e raso lavar mãos do artigo da gazeta. A sua mágoa era não haver destorcido a meada a tempo e horas, que punha a faca ao peito do ministro e o traste tão cedo não assentava a rabadilha de oficial na poltrona da Conservatória. Ambos davam o apoio à ordem nova... teve de pôr pedra no assunto. Mesmo assim, ainda que o Serzedo desenvolvesse o maior fervor em ser-lhe agradável, como se tivesse a peito reparar um dano ou sustar espada a despedir golpe, sempre que encarava com ele, como agora, ficava-lhe o sangue a ferver.

Em face divisou os réus. Eram quatro, três homens e uma rapariga, e, pelo achavascado e negridão, pareciam as caras, a charriscar entre labaredas, que se vêem nos retábulos das alminhas do Purgatório por essas estradas. Os homens observavam-no. Observavam-no, bem se via, assombrados da sua importância, com esse olhar fixo e indiscreto das pessoas simples, mais fundo que a água choca no fundo das cisternas. A raparigota, sem frescura nem graça, ainda que por ela não houvesse passado primavera, essa, duma mobilidade desconcertadora que se traía no olhar, não estava ali nem em nenhuma parte.

Ficavam-lhe no campo visual as fisionomias dos réus e, a sossegar ainda das convulsões da tosse, entreteve-se a espreitá-los por debaixo da mão em pala, no antegosto de quem vai dissecar in anima vili. De representação havia apenas aquele Duarte Rebocho, por alcunha o Lavagante, que alçara um remo da bateira com a limpeza com que ele pegava da bengala para se encostar, e reduzira a grude o crânio do mestre. Manápuas assim imensas e espatuladas nunca vira. Metiam medo. Predestinadas ao crime, por certo; afeiçoadas, ainda, a domar a vaga como os pés dos albatrozes. Condiziam com o arcaboijo e cabeçorra afrontada e redonda, entre toiro e rochedo. Pobre fera, uma vez nas garras da justiça entregara-se mais submissamente que um borrego à tosquia. Nem denegações, nem subterfúgios. Investira com o Vermoil como contra um mar alteroso. Ali se mostrava impermeável ao remorso, impermeável até em sua natureza ao ar mefítico do calaboiço, mais fixa que pano de rãs a sua tez, curtida pelos sinelos e as geadas. O crime passara sem lhe deixar ganga na consciência, inapta a sofrer a menor filtragem da moral e da religião. Um homem de há milhentos anos, anterior a Cristo. Perigoso, soberanamente perigoso, porque só tinha a rédea da natureza a governar-lhe o instinto. Eram estes, trabalhados pela ambição de se resgatarem da lei da miséria, os soldados futuros do bolchevismo, os que em sonhos esvaziavam as suas cubas e rilhavam a febra dos seus leitões. Olho neles! Os outros, aquele Passafome com fâcies tão hirsuta e encarquilhada que dir-se-ia a caricatura da mofina, aquele Afonso Penela com a íris a faiscar no remoto das órbitas, eram produtos genuínos destes tempos sem rei nem roque, comparsas levados como palhas na refega de fúria do Lavagante.

O oficial de diligências procedia à chamada e o senhor juiz, podendo respirar com desafoço, foi considerando as testemunhas e, por automatismo interior, pois as conhecia dos autos, reconstituindo, à medida que transpunham a tela, a sua identidade.

Remígio Dias - baixo, membrudo, encaixilhava-lhe a face e o toutiço uma felpa branca de carneiro velho. Nas orelhas e supercílios, musgo ou coisa que o valha. Um beerrão com oitenta anos, são de tórax como as pipas bem avinhadas, apenas encostado das pernas a um pauzinho de zimbro. Nos olhos duas safiras brilhavam até o deslumbramento. Cabeça de oceano, das que se vêem ainda nos azulejos das cascatas. Empregava-o o Vermoil a consertar as redes, função em que era mestre.

Lázaro Brás - o garnacho de sempre pelas costas, mais uma gravata de elástico desta vez. Dava ideia duma alma de gato-pingado, feita das sombras dos covais entrevistados, do parado dos mortos e de grande comisseração humana. Nocivo, por se tratar duma espécie de cartaz do sofrimento que incita os parvos e visionários à revolta.

Laura Bica - dezanove filhos de vários pais, vivos, enjeitados, mortos. Um focinho de coelha pelada. Trazia lágrimas nos olhos ramelados e limpava-se à ponta do lenço roto.

Barnabé de Quiaios - magro, sinuoso, entre enguia e musaranho. Embora escanelado, a sensação que causava é de que não tinha ossos. Mosca amarela sobre a maxila esquerda, eriçada como tentáculo de lagostim. Um belo sinal de judas! Na deposição forcejara por ficar bem com Deus e os poderes constituídos e não se indispor com o Diabo, a arraia, que em seu foro já absolvera os réus. Ali estava ele a entrar e a responder à chamada de esguelha, furtivo sempre.

José Rodrigues - farda de fiscal, desbotada pelos sóis e molinhas do mar, mas denotando certo esmero. Ar pacato; destes que no aparato da força,

excepcionalmente, quedam povo. De tal barro serão os homens que amanhã comerão e beberão nas adegas dos ricos.

Luís Mira - suíças na face, alcatroada pela salsugem marinha. Olhar tímido, porém directo. Um levantisco, a mais a gravidade. Os que representam pela vida de trabalho o lamentável libelo dos que nada fazem. Felizmente, para acusador, mal sabia ler.

Teresa Charana - a fome, a fome negra num rosto de ave de rapina. Escamas na pele, misturadas ao surro, se não nascidas por mimetismo de eterna mulher dos levadios. Punha olhos no chão com este jeito dos pobres que, parece, teimam averiguar se é certo andar a sorte aos pontapés.

João Maria, o Savelheiro - brusquidão e uma careta a dizer: que mar este! Um dos que assaltariam os seus tonéis.

Francisco Pedrosa - pernas mais cambaias que cavernas de barco. Baixo, vermelho, olhos pequeninos e verdes como bagas verdes de loireiro. O cálculo e a ambição suspicazes. Dos que defenderiam os ricos, não por convicção ou respeito social, mas para não deixar de haver maiores miseráveis do que ele.

Tristão Bau - calças arregaçadas, com as cerollas sujas a espreitar por baixo das bocas em fio; sobre a camisola, sem tinta própria, a véstia a cair aos pedaços. Garganta perra do álcool; rosto negro esfumado na névoa grisalha duma barba de quinze dias. Malhadiço na desgraça, no dia de juízo para os ricos pilharia um pão e talvez daí não passasse.

Joaquim Bica - em tudo o bom cornambana. Olhos espantados e doces; a boca de jacaré arreganhada como gárgula das chuvas. Pobreza por fora, por dentro, e C.a

A este choldra sucederam-se as testemunhas de defesa. Era meio povo de Pedrógão, empenhado em salvar por trapaça e mentira, pois já se lhe não dava remédio, aos desinfelizes que num mau repente haviam chacinado aquele irmão. Estavam servidos com ele! Os homens esqueléticos e tristes, as mulheres feias e sórdidas compunham a escorralha do género humano em que, por malcheirosos e coriáceos, nem os peixes picariam, se varridos ao mar. De mistura com eles vinham os lunáticos da duna: Eudócio, que já andava às maçãs do chão e dentro em pouco, a poder de juro e mais juro, não teria de seu nem uma enxerga para se deitar; Algodres, a quem não restavam senão as sombras dos caminhos; Alberto Marrazes, que arregimentara uma dúzia de loucos e até a morte do Vermoil persistira em desenterrar o tesouro. Dos três, os fatos coçados e encardidos, os olhos inquietos em que parecia arder recatada e remota chama, a magreira eram documentos vivos da obsessão que os tomara. Que iam associados continuar com as pesquisas... já que a lei largava de mão os mentecaptos inofensivos, deixá-los ir a pique! Mas aqueles homens eram espelho eloquente das forças de corrupção que trabalhavam a alma humana. Queriam enriquecer a todo o custo, explosiva, miraculosamente, e prendiam-se à miragem da fortuna, desencantada por varinha de condão, o que oferece bem mais seduções que o moirer modesto e tenaz, virtude elementaríssima do povo antigo, regido por Deus e o rei. Ah, caíssem-lhe esses ambiciosos sob os mandamentos que ele lhes daria o arrocho Quem assim se desatinava a procurar um fantástico tesouro, com a mira de satisfazer os apetites desordenados de grandeza, era capaz de roubar e de assassinar. O único anteparo a semelhante prossecução estava na força, bem embora minada pela demagogia e as ideias celeradas de igualitarismo. Ninguém se resignava a ser pobre, a servir, a levar ao calvário a cota de cruz que lhe coube na humanidade, e era o fim do mundo. Se o clero e o Estado se não davam as mãos, adeus civilização cristã.

Mandadas recolher as testemunhas, encetou o escrivão a leitura dos autos. Era a sua voz roufenha, ora descansada, ora espinoteante, da qual, salvo os réus por esta propensão bem humana de escutar a crônica dos próprios feitos, breve se distraíram as atenções. Os advogados recaíram no colóquio interrompido, os senhores juizes a meditar, porventura, na subversão social como ele, ou no plantio do cebolinho, que era a sação. Enfadados da jornada matutina ruminariam, é mais provável, nos bambúrrios a que a recente reforma judicial os obrigava, julgadores errantes do crime. Um deles cabeceava, reclinado quase sobre o seu ombro, o outro deixava correr como monco de peru um ar profundamente morfanho e infeliz. Ê de crer que ambos, igualmente, se achassem tão longe dali como da China, que não saberiam ao justo onde ficava.

Também ele se alheou da sala lóbrega e da mísera cambada. Ao regressar chamado pelo silêncio do escrivão, viu o sol que, batendo de chapa nas vidraças poeirentas, iluminava de lindos tons pérola os abdômenes das moscas que há anos ali tinham inviolado cemitério, viu os olhos de febre para lá da tela, as caras dos réus, submissos como reses de matadouro, e pressuroso cavalgou os óculos. Recolhidos os mais réus, o Lavagante, em seguida às respostas do estilo, desatou o saco. O regalo dele seria apertá-lo nas mãos de ferro da casuística criminal e espremê-lo como a limão, pois que uma disposição feliz da Ordem Nova, inspirada nos sãos princípios da defesa social, lho consentia. Mas o brutamontes, como a frutescência da leituga que se espalha a todos os ventos, mal lhe bolem, não oferecia pega. Desencarnava-se na confissão e ele ficaria a espadeirar no vácuo.

- Sim, meu senhor, a gente estava a postos dentro do barco quando apareceu a Inocência a gritar: - já tiraram o tesoiro! Eh lá, já tiraram o tesoiro! Mal estas palavras ouviram, muitos homens pularam dos castelos e deitaram a correr pela praia arriba, direito à Cova da Serpe. Eu, assim Deus me salve, fui dos derradeiros a saltar. Pois que todos largavam com mentes de apanhar alguma coisinha, tolo era se quedasse. O Sol quando nasce é para o geral, sempre ouvi dizer. O tio Vermoil, que Deus haja, entrementes tinha agarrado dum estaqueiro, um dos rolos de pinho que servem para afocinhar o barco, e fazia frente aos homens mais pecos a dar às gâmbias, desancando neles a torto e a direito. já Vossoria viu um homem que vai encontrar meia dúzia de cabeças de gado a debulhar-lhe a horta e mói nelas como em pandeiro? Assim era ele. O tio Bau andava no chão, feito farrapo, o Ambrósio pedia de mãos postas que o não matasse. Quando o vi crescer para mim, de baba nos beiços, fiz pé atrás e disse-lhe: “Faça alto, que eu obedeço! Faça alto!” Qual, tenteou o pau no ar e regougando: “Ladrão, desamparas o barco, mas hás-de ir hoje dormir no meio do inferno!” jogou-mo à tola. Ladeei e foi o tio Pencla que o aparou na cernelha. Eu então peguei no remo e meti-lho à frente, meio de través, para nos não matar ali a todos, acurralados como estávamos contra a embarcação. Mas ele, cego, despedia golpe sobre golpe; trambolhou o tio Zé Passafome; trambolhou a Rosa do Janeiro; pendeu como frança que levou machadada o braço do Carapinha. “O alma do Diabo arrebenta contigo”, disse para os meus botões, e orcei-lhe o remo ao ombro. Se ele se mexeu, se abanaram comigo e a pancada desviou, para assim lhe acertar na cabeça, não sei. Que os ossos lhe ficaram amassados, só se admira quem nunca lidou com remos que acabam de sair do pego. Aqui está, senhor juiz. Lá quanto a eu bater-lhe com os tios Pencla e Passafome engalfinhados a ele, mais a Inocência, era escusado. Dessem-me campo, que do tio Vermoil e de três como ele, me desenvencilhava eu, brincando. Mas pode muito bem ser que, doridos

ou tementes, aqueles companheiros se atirassem ao homem no mesmo instantinho em que lhe mandei o remo, senão uma unha negra depois. Eu cá não dei conta. Basta dizer que a assuada levou menos tempo a dar-se do que tempo gasto eu agora a contá-la. Foi uma desgraça, mas dela não temo as contas que hei-de prestar ao justo juiz.

O senhor presidente consultou com o olhar os colegas que pareciam dizer: “É claro como água.” Pois que assim era, sem descer da testa os óculos de oiro, proferiu num tom tão ritual como as palavras:

- Oficial, traga o réu a seguir.

O interrogatório do Passafome, Penela e Inocência foi de corrida, não havendo surgido circunstância nova em prol ou prejuízo dos incriminados. Apurou-se que a raparigota, acusada de açular os matadores, o fizera movida de sentimento, ao ver o pai rebolar por terra, espancado brutalmente. Fora, aliás, tão embrulhado e rápido o motim que impossível se tornava definir em seu decurso a posição de cada um e a sua relativa responsabilidade, salvante o Rebocho. Dentre as testemunhas, que foram desfilando de afogadilho e alguma luz projectaram sobre a tragédia, sobressaiu Remígio Dias, que carregou sobremaneira a parte do Lavagante. Segundo ele, “uma vez o patrão em terra, o dito João Rebocho, por alcunha o Lavagante, atirou o remo fora, dizendo: é um cachorro a menos no mundo! e despediu à desfilada pela praia a cima, rente ao mar. Ouviu-lhe as mesmas vozes Francisco Pedrosa, escrivão da companhia”.

Passando logo depois os advogados a instar a testemunha, incidiu toda a arte do Dr. Mateus em anular o depoimento comprometedor. De princípio!, com uma constância que chegou a dar a ilusão de firmeza no obséquio à verdade, manteve o velho as precedentes declarações. Mas dois passes hábeis do defensor e ficou a nu a sua fantasia descuidada, senão a sua estúpida má fé. Estando ao alto da praia a consertar as redes, como era próprio do seu encargo, a bons duzentos metros do teatro dos acontecimentos, tendo já declarado que não arredara pé dali, como pudera perceber o que se dizia à beira-mar? Que o ouvira ao Pedrosa, terminou, titubeando, por declarar. Instado, Francisco Pedrosa aferrou-se à sua deposição e dali não houve meio de o demoverem. Escrivão do Vermoil depois de anos e anos, seu alter ego, manifesta parcialidade viciava quanto dizia. Não corria o rumor de que ia casar com a viúva? Brincando, como quem se diverte a torcer as pontas verdes dum ramo, por as não poder cortar, assim o mafarrico de Mateus amarfanhou o depoimento do homem. O escrivão da companhia retirou-se dali a cheirar mal, muito comprometida a tese da premeditação sustentada pelo advogado acusador.

Mas este, sentindo-se em xeque, mexeu-se na cadeira e sorrindo, como quem está senhor de espada de muito bom aço para cortar tão frágil nó górdio, disse:

- Se o meritíssimo juiz-presidente se dignasse fazer ao réu certas perguntas que cristalizaram no meu espírito com o decorrer do debate, talvez brotasse destas pederneiras a faísca desejada...

E declinou um rosário de quesitos com a sua provável contradita, o que fez sorrir os juizes pela enfática prolixidade.

O presidente hesitou um tempo de nada; com levíssimo meneio da cabeça, os adjuntos assentiram, não sem um ricto quase imperceptível de ironia ou enfado piedoso a borboletear nos lábios. O delegado, o impagável Raminhos, que era do Ribatejo, tinha o ar de dizer: Toureiem à vontade, mas não me chamem para a lide. Levantou-se o Rebocho, e o senhor juiz de Leiria,

depois de se ajeitar na cadeira, tossir, compor os óculos, rompeu com toda a pausa, no tom resignado traindo a preocupação de reproduzir fielmente o requisitório do acusador:

- Manuel Sancho, alcunhado de Vermoil por ser natural da localidade deste nome, governava, além da companhia de que era proprietário, a companhia do Algodres, mediante contrato que fecharam em tabelião. Em qual das duas companhias estava inscrito o réu?

- Na do Algodres; nunca conheci outra.

- Pelo registo da matrícula vê-se que foi dos últimos a ajustar-se, agarrado à esperança de descobrir, o tesoiro da duna, e que o fizera, dizendo: “Vou para baixo da pata do Vermoil, mas se algum dia aquele cão me morde, com a gana que me anda a recozer cá por dentro, trinco-lhe os figados. “ É verdade?

- Não me alembra. Se calhar é verdade. O tio Vermoil, ainda que pareça mal falar de quem lá vai, tratava os homens como escravos e não queria eu que me desabassem em cima da cabeça as pragas que lhe rogavam. Se proferi tais palavras, não saíram do coração.

- Entendido, o coração é de pomba, as mãos é que são de assassino. Diga: era freguês na tenda da vítima?

- Sim, senhor. Até lá devia dinheiro como toda a gente.

- Devia lá dinheiro... 1 E bom que se saiba. Muito ou Pouco?

- Para mim que sou pobre não era pequena quantia: cento e trinta mil réis.

- Claro, tinha presente a dívida quando matou o homem...?

- Não tinha; se tivesse...

- Se tivesse...? Diga...

- Se tivesse, é que um dia ou outro a havia de pagar. A resposta desconcertou visivelmente o acusador, que se afundiu de nariz e lunetas nas resmas do processo. O senhor juiz Alonso da Cunha Leão quase se esquecera do seu papel, e esquecera-se de todo dos bolchevistas incubos para gozar regaladamente a confusão do Serzedo, originada no seu duelo com o rústico.

- Declarou o réu - emitiu após - que, aparelhado o barco, dada a voz de larga, apareceu a correr das bandas da Leirosa a Inocência Bica. Estava, portanto, a tripulação toda no Senhor da bôfortuna?

- Saiba Vossoria que toda, toda, não. Havia em terra a gente que puxa à muleta e aos costados do barco e que, mal este desarranca, salta dentro.

- O barco achava-se na água?

- O barco achava-se na borda, mas daí até a água o levar iam muitos padre-nossos.

- Não é o que referem as testemunhas - permitiu-se advertir o advogado com acrimónia. - O arrais não declarou que o barco, desamparado naquela altura, corria sérios riscos.

- O arrais não podia dizer tal, que faltava à verdade. A onda chapinhava-o, não haja dúvida, mas ficar senhora dele só quando voltasse a maré. Fazia um mar de leite... A prova está em que o barco lá quedou horas e horas, não arredando braça.

- Questão de acaso. O que exasperou o mestre, entendido na náutica de xávega, era o perigo que corria o barco...

O senhor juiz retomou o seu papel de inquiridor, na sequência do requerido, atalhando a intromissão do Serzedo:

- Quantas vezes lhe deu com o remo?

- Uma só.

- Não é o que informa a autópsia. A cabeça ficou que nem pisada em almofariz. Não se recorda de haver secundado o golpe?

- Não, senhor. Caído de alto, chumbado de água, o remo é como uma árvore ao derrubar. Britaria uma pedra quanto mais urna cabeça.

Fazendo simulacro de consultar o processo, o Serzedo escolhia o caminho, ele, juiz de Leiria, bem cocava. Dois minutos empatou-os a voltar folhas, um minuto a resplandecer a luneta, outro minuto a descobrir os punhos encabados na toga, e lá tornava, formulando de chofre:

- O senhor vice-presidente tenha ainda a bondade...

O réu sabia, pois, de certa certeza, que uma única pancada fora suficiente para matar o homem...?

O doutor juiz repetiu textualmente. Em resposta, o marítimo acenou que não. E ele então, tornando calor pela primeira vez, confutou:

- É boa! Não sabia e acaba de dizer que o remo, enviado de alto, é como árvore ao derrubar! Todas as testemunhas são concordes, subentendidamente, neste particular... - O senhor doutor juiz, que lançara a réplica em voz altívola e teatral, pôs-se por sua vez a compulsar os autos, com o dedo molhado de cuspo dobando, nervoso, páginas sobre páginas. - Aqui está o Remígio Dias.. . Eu leio... - E repetiu o testemunho do remendão das redes, invalidado já pelo Dr. Mateus; repetiu o do Pedrosa, que se supunha ter electrizado o florete do Serzedo; rememorou outros que nenhum socorro traziam à controvérsia. Foi, não obstante, com certo empacho que rematou: - Em face destes testemunhos, responda o réu: sabia ou não sabia que a sua única pancada era bastante para matar o homem? Vá, seja verdadeiro! ...

Novamente o Rebocho acenou que não.

- Por conseguinte nega ter pronunciado a frase que lhe atribuem?

- Nego.

Mas não disse que o remo, despedido de alto, é como árvore ao derrubar?

- Sim, senhor juiz.

- Então em que ficamos?

- O remo não lhe ia direito à cabeça, mas sim à espádua, meu senhor. Sempre o julguei atordado no chão...

O presidente, ante aquela voz humilde que protestava a sua verdade, que não arredava uma polegada do terreno, testo como jogador de pau, quedou um minuto interdito, olhos nas páginas azuis a refazer-se, e proferiu, na voz mal contida cólera:

- Vá dizendo comigo: sei que o remo... batendo na cabeça dum homem... mata...

Como recado, o Lavagante repetia. ... dei com ele na cabeça de Manuel Sancho...

Dei com ele na cabeça de Manuel Sancho, concordo, pois que os ossos apareceram esmigalhados e não consta que outrem lhe batesse com pau ou pedra, mas o golpe ia-lhe para o ombro.

- Para onde ia dirigido ou não é questão secundária.

O facto capital é que lhe deu na cabeça. Queira repetir: dei com o remo na cabeça de Manuel Sancho...

- Dei com o remo na cabeça de Manuel Sancho pronunciou o réu mansarronamente.

- Logo, soube que o matei. Vá diga, que só tem a ganhar com a confissão...

- Quita Vossoria de teimar. De minha boca não saem tais palavras porque seria faltar à verdade - retrucou o réu com veemência.

O juiz abriu para Serzedo os braços à maneira de Pilatos. O advogado percebeu que terminara a intervenção e disse, com um gesto de quem pede vénia:

- Muito bem. Agora permitam-me os senhores juizes que eu sintetize: sabendo o réu que o remo era arma formidável; convindo que lhe acertou na cabeça... conclui-se que soube logo tê-lo despachado para casa de Deus verdadeiro. Duas testemunhas são formais; as palavras que lhe ouviu Remígio Dias não nos deixam dúvida alguma; a própria lógica dos factos não autoriza outra inferência. Pode-se lá admitir que, estando o agredido a dois ou três metros de distância, o agressor ficasse a ignorar a parte do corpo em que lhe assestou o golpe? Que o remo derivasse ou não pouco importa. A justiça, de resto, tem apenas que fixar o facto em si e não as intenções desde que não sejam demonstráveis.

O senhor juiz não compreendia o que é que o Serzedo pretendia alcançar com uma casuística aparentemente bizantina e capciosa. Pareceu-lhe que semelhante dialéctica não tinha já outro objectivo senão o de ressacir-se das pequenas derrotas sofridas em seu amor-próprio. Sentia-o à beira do escorregadoiro e no íntimo rejubilava. Mas o bacharelote voltava à carga...

- Negou - proferiu com desabrimento - e eu vou dizer porque negou. Negou porque havendo assassinado um homem cometeu a vilania de passar-lhe por cima do cadáver e correr à duna na cobiça do oiro. Adivinha o vitupério que lhe vem de tão feita acção e, a justo título, teme arrostar com a responsabilidade. O que não foi capaz de negar é que se tenha precipitado para o Pinhal do Urso, sendo um dos primeiros a chegar!

- Não senhor, não nego. Não houve ninguém no Pedrógão que não fosse, salvo os inválidos; eu também fui. Sabia lá que o homem estava morto.

Voltando-se para os juizes observou ainda o Serzedo:

- Sabia, mas mais forte que tudo, que a piedade, que a dor de consciência, era a febre das riquezas.

O cadáver, vergonha das vergonhas, quedou desamparado na praia mais de quatro horas, velado apenas pelo velho Remígio e duas mulheres meio entrevadas.

E esses não largaram porque as pernas não lho consentiam - resmoneou o réu. - Foi tudo, até a própria tripulação dos barcos do tio Vermoil, andando para mais os bois a tirar a rede do Lírio de jericó e estando o outro a aparelhar.

- Assim será - interpôs um dos juizes adjuntos mas não é a leviandade dos mais que o alivia da violência que praticou.

Muita palha e pouco grão - assim podia qualificar-se o libelo do acusador. A ausência de premeditação, adquirida pelo Mateus a favor do réu, continuava inabalada. Quanto a homicídio em legítima defesa eis o quod erat demonstrandum. O salafrário do adv"ogado tinha recursos, mas, com os colegas e ele a julgar, dificilmente salvaria o passarão da gaiola. À parte um golpe de teatro, a sentença estava lavrada: pena maior para um, prisão correcional para os outros. O problema agora era de concluir depressa. . Sucederam-se as testemunhas de defesa. Alberto Marrazes, a primeira. Alto, largo de espáduas, olhar inteligente, bem firmado nas pernas, maltrapilho, dava ideia dum chefe de quadrilha há meses a monte. Simpático, por isso mesmo perigoso. Ele e os colegas começaram a prestar à sua deposição o ouvido mais atento.

- ... eu andava no fundo do poço quando me vieram avisar que ao longe, nas sementeiras, se distinguia grande açudada de gente, dando às gâmbias,

direita a nós. Saltei fora, dizendo comigo: foi o demónio da Bica que se iludiu com o espalhafato do Pamplino e deitou-se a toda para a praia a levar a novidade. Eu tinha-a visto um pedaço antes esgalgar-se pelas limpaças fora e deu-me toque o entendimento que não ia a outro fim, pela certa incumbida de nos espiar. Naquela tarde o raio do Pamplino, coitado, tivera um ataque frenético, e as areias que pisava aos pés para ele eram medas de ouro e pedras preciosas. Mas o alevante lá vinha, tupa que tupa pelas dunas, tão basto que ficava negra a branquidão do areal. Santo nome de Deus, era o povilêu todo do Pedrógão, marítimos e mulheres dos marítimos, velhos, novos, até a miudagem com a casca do ovo ao rabo. Lá vinha o Pedrosa, e não parecia dos mais pecos a jogar as pernas cambadas, o tio Mira, o Lázaro Brás, desta feita sem o gabinardol Lá vinham o Savelheiro, Tristão Bau, Carapinha e, um migalho atrás, Lavagante, Passafome e Penela. “A que vindes?”, perguntei para os esbaforidos. “Também queremos do tesoiro”, respondeu-me o Pedrosa, se não estou em erro. “Ide, ide lá a baixo buscar a vossa parte”, disse-lhes com mal disfarçado ar de troça. Lançaram-se todos para a buraca, onde, falando com os meus homens e à vista da obra, reconheceram o logro. Lançaram-se todos, todos, não. O Pedrosa e meia dúzia da companhia do Vermoil, entre os quais contei o Savelheiro, puseram-se a ouvir o que lhes dizia o Rolo, que era o espia deles, e não ardera na primeira lenha como a estabanada da Inocência. O Rolo está aí que me não deixa mentir. Só mais tarde é que vim bem ao fundamento destas coisas, mas o que digo é uma escritura; desafio o mais pintado a que me desminta. O Lavagante, ao voltar do fundo da cova, chegou-se muito ronceiro ao pé de mim e pronunciou: “Então, foi fábula descobrires o tesouro?” - “!Homem, não vês as libras espalhadas pela areia!” - “Diabo, diabo!”, tornou ele. “O ladrão do Vermoil atrancou-se-nos no caminho, foi preciso metê-lo na ordem.” - “Bateste-lhe?” - “Uma traulitada com o remo.” - “Homem, nunca as mãos te doam, que é um safado que só tem regalo em calcar a gente.” - “Pois sim, sim, mas o excomungado não deixa de dar parte ao Posto e lá vou para para o chelindró de Leiria.” - “Talvez tenha vergonha e não leve queixa.” - “Hum, é má rês!” Assim mesmo, senhores juizes e mais doutores que me ouvem. Foi-se a gentiaga corrida das vãs passadas e eu maluquei com os botões: “Bonito, se tenho chegado ao tesoiro, não ficava um real para me desougar. Isto assim não pode continuar. Os espões têm de navegar daqui para fora.” O primeiro a quem me dirigi foi ao Rolo. Ele está ali dentro que confirme ou negue o que vou apresentar. Como Vossorias verão, se não sabem ainda, o Rolo é um pobre de Cristo que anda a pedir esmola depois que ficou tolhido dos braços. Era nos seus bons tempos um remador de cara direita. “Tio Rolo, ouça bem o que lhe digo, vê nesta mão cinco mil réis? Vê nesta outra um cacete? Pois vou-lhe dar a escolher. Se me fala com a devida lisura, leva o dinheirinho; se me engana ou me não conta a verdade toda, apanha uma carga de pancada que se há-de lembrar para o resto dos dias. Percebeu? Pois se percebe, diga lá: que anda vossemecê a fazer aqui na duna? Quem o mandou?” O ladrão ainda quis fugir, mas eu abri-lhe os olhos e descoseu-se como saco mal cosido. Que andava a fazer? Ora, andava a espiar-nos por conta do tio Vermoil, que Deus guarde à sua benta ilhargá. O tio Vermoil, sim senhores, não se espantem Vossorias. O tesoiro a surgir debaixo da terra e o Rolo a pular à praia a avisá-lo. Bem ouviu ele as vozes do zorato, mas sabedor da demência do nosso pobre companheiro, ou mais atilado que a Bica, não correu a foguetes. Quem lhe dava as instruções era o Pedrosa, que andava na maranha com o Vermoil, Savelheiro e outros, para nos assaltarem mal tivessem vento de que o bagulho estava a descoberto. Assim mo revelou o

Rolo e assim o vão declarar neste tribunal, se lhes restar dez réis de consciência, os que acabo de nomear. Quando nessa tarde vim ao conhecimento perfeito do que sucedera na praia, a morte do Vermoil, que o Lavagante me deu a entender recebera apenas um ensino, compreendi muitas coisas que ficariam para mim no escuro sem a conversa com o Rolo. Receoso de que me viessem levantar embargos na duna, fiquei calado como toicinho em saco. Depois, quando abandonámos a obra, pensei para comigo que era dever desvendar o que sabia. Vi que explicavam a cólera do assassinado pelo perigo que corria o barco, ao desamparo da tripulação... Não há erro maior. Não, não foi por desampararem o barco que ele se atirou como um perdido aos homens. O mar, ouvi-o a muitos, estava nesse dia como a palma da mão. Verdade que, terreato como era, de água salgada só conhecia a que lhe batia nos pés. Mas o barco nem lhe pertencia, nem ele em outros auge dera mostras, ainda que de ruins entranhas, daquele frenesim. Porque foi? Porque ele andava com ela fígada para me roubar, mal o tesoiro viesse a lume. Trazia os seus a postos; trazia-os armados. O desespero dele foi que os homens do Senhor da Mjortuna se adiantassem aos seus. Por isso, a arretá-los, dava a matar. Por isso foi morto, senhores juízes!.

O homem finalizara passeando pela sala, varada de assombro, um olhar sereno. Os seus colegas, grandes bananzolas, torciam-se nas cadeiras comovidos. O Serzedo, com bagas de suor a cair do rosto, olhava em terra meio desfado, meio confuso, como cavaleiro que tivesse dado grande boléu do seu cavalo de cortesias. Toda a sua dialéctica se dissipara mais fátua que bolas de sabão num céu de porcelana. Em despeito da derrota do presunçoso, em sua alma de juiz estava conturbado. O processo, com Mateus que sabia tocar-lhe o instrumento, estava julgado. Se estivesse na sua mão, apesar de tudo, condenaria o homem. Acima dos princípios, por mais sacrossantos que sejam ou figurem, há que atender aos interesses eternos da sociedade. A lei devia ser o homem e não uma instituição. Instituição, padece de todas as quebras da categoria. O julgador é um andróide. E melancolicamente, enquanto a audiência se arrastava por um longo e já sabido epílogo, lembrou-se do seu sonho matinal e, nos vidros búzios viu, como em diorama, as hostes vermelhas, de colbak pantafado na cabeça, avançarem das estepes para as terrinhas patriarcais de vinhedos e cevados.

XI

José Algodres metera pela estrada, leva que leva, transido pelo vento que bufava rijo e glacial das bandas do mar. Ainda havia luz diurna, mas desde manhã que a névoa, prenhe de borrasca, abobadando o céu, difundia sobre a terra um inconsolável lusco-fusco. Sentia-se ao longe, na seca e contínua arcabuzada, estoirar a onda contra a costa. Cedo se anunciava o Inverno; não ia fora o Setembro e já sincelos e chuveiros, arrefecendo o ar e empapaçando o solo, estorvavam a recolha dos milhos e as vindimas. Abibes e alcaravões apareciam pelos pauis, solitários e desconfiados, a sonhar com o dilúvio à beira dos charcos. Uns dias entre outros, desabrochava de rebentina um sol abafadiço, de trovoada, este sol que nas serras chamam das víboras, e a natureza ardia por umas horas. Crestavam ao rescaldo infernal as folhas tenras dos horteios e até as agulhas dos pinheiros. De norte a sul não se falava senão em prodígios: Virgens Marias que vinham à fala com os pastores no meio de penhas; bruxos que esampavam vilórios até então com juízo; lobos que desciam em alcateia ao povoado; em partes chovera pó de sangue pestilente. Parece que tinha caído praga na velha terra. Faziam grande destroço as malmas em homens e animais; reinava a fome; fugia a gente para o Brasil e a França, de socos e cotovelos rotos; voltavam as quadrilhas a infestar as encruzilhadas.

A agasalhar-se do gume do noroeste, o Algodres apertava às mãos ambas a jaqueta sobre o peito, cara enfronhada dentro da gola até as orelhas. Abafando-se por cima, descobria-se por baixo ao ar que lhe queimava a carne como brasa através dos rasgões da camisa. As calças, de espantalho que guardou leira, não o protegiam melhor, à mostra as rótulas roxas, dum roxo sujo e macerado, e a cana do pé sob os fiapos do cotim. Descalço, veloz, inflectido para a frente, dava a impressão de homem traquejado que roubou ou matou. E ele, se ia por ali fora, é porque a galgada branca daquela estrada fora a primeira que estivera na incidência da sua febre de marchar, despedir pelo mundo sem norte nem destino. E lá seguia silvado pelo vento, cada vez ouvindo mais nítida e irada a voz do oceano, Deus e o Diabo em despique, no dizer dum velho pescador. Curvas, ladeiras, descidas as levou no mesmo ritmo, olhos na tira branca do chão, largado ao instinto das gâmbias nervosas. De salto, o marulho por detrás das matas fê-lo retroceder à meninice quando o teso lutador, que era o pai, governava homens com firmeza e mansidão ourica superadas pelo mais sábio cabo do mar. Tinha amigos certos e verdadeiros aos quatro pontos e, por aqueles poviléus à roda, compadres bastos como cogumelos. Mancebo que puxasse de duas regrinhas suas não punha mochila; réu por quem ele intercedesse não acendia muitos cigarros para o carcereiro. Também em peitas e larguezas consumiu o melhor do que granjeou. Na liberalidade, na rijeza de ânimo, no estar sempre pronto a jogar o coração para trás das costas, ninguém lhe ganhava. Dias em que, assobiando, a nortada no Pinhal do Concelho parecia todas as sanfonas do mundo ao desafio, vinha à varanda do escritório ver o mar naquela sua eterna teima de meter à terra os tampos dentro. Não raro sucedia tanger o búzio. Na garabulha das mulheres que, medrosas, batiam o dente e invocavam os santos advogados, dizia para os homens:

- Tendes confiança em mim? Então, toca a aparelhar que vamos apanhar pescado que até a rede rebenta de farta.

E lá iam. Seu pai, como sempre, ao remo. Braços cabeludos e encorreados tais carvalhiços revelhos, jogando com inalterável cadência, sem que se lhe ouvisse arquejo, sem que lhe orvalhasse a testa a mais leve camarinha de suor, ao seu alento o barco saltava por cima das ondas que nem toninha. Das vezes que saíam com mares arrebetadiços e os marítimos do Vermoil se despejavam pelas tabernas a jogar o liques, mais prudente o regedor que o mestre, o mestre mais tremelicas que o mulhierio, nunca por nunca lhe acontecera percalço de monta. A companha pulsava por um só coração e este desluzia o próprio aço, não houvesse dúvida, mas acima de tudo marcava a ciência de seu pai. O grande bruxo cortava nos segredos do mar melhor do que em letra redonda e nunca se enganava no crédito que era legítimo atribuir às suas bonanças ou fúrias. Porque si também, com mar de rosas dar alta à companha. Os barcos do rival, mais sôfregos que bácoros à bolota, madrugavam a demandar a boa terra de pesca, e tanto o Vermoil, que de água salgada percebia ainda menos que de latim, como o Savelheiro, afoito mas estarola, riam sob a capa daquela folga. Mais duma vez o sorriso lhes murchou na cara lorpa que o temporal surpreendia-os de repelão e não havia santos na corte celestial a que não pedissem misericórdia. Aconteceu até numa dessas saídas com falsa calma que quebrar-se-lhes o roçoeiro e o barco, à flor das ondas, dançar tal dança que o uivo dos tripulantes se ouviu às quatrocentas braças e fez pular quanta gente havia no Pedrógão para a beiramar. Era o Lírio de Jericó, dias antes reforçado com duas cavernas novas, calafetado e pintadinho que nem o santo S. Miguel das Areias. Mas que valia, martelado por grossos mares, sem governo, jogava como berço de menino, arrastado na ressaca para o baloiço das ondas turbulentas. Os gritos na praia varavam as pedras. Quem os havia de salvar? Em casa, ao rés das sementeiras, seu pai, mal teve rumor do sinistro, correu à praia. Não foi mester muito terriço para que avaliasse do lance e deliberasse consigo e com Deus. Safando botas, vésia e calças enquanto o Diabo esfrega o olho, arremessou-se à água. Nada que nada, cada bracejo que a varrer a onda parecia gadanha em campo a abater feno, sob a vista do povo aflito, que gemia aos seus mergulhos, respirava quando volvia à tona, ora sacolejado por uns mares, ora furando outros melhor que espadarte, lá caçou a ponta da boça que pôde amarrar contra o odre com nó bastante para, firmando-se discretamente, meterem o barco ao varadoiro. A proeza deu que falar e até chapinhou para as gazetas. Tinha alma por sete e, porque assim era grande, dir-se-la que se distribuía pelos mais pescadores como a de Jesus no lago de Genesaré. Homem de chaço! A miséria desertara do Pedrógão com a espinhela quebrada, que o mestre ao pé de si não consentia desgraças. As redes a abarrotar de peixe e as rapolas a chover nos joelhos dos pobres. Também parecia obra da graça divina as ricas cuadas que arrastavam. Caranguejo o que bonda para contraste, então, cada sardinha que uma só, assada, ensopava em pingo uma fatiaça de broa. A delícia com que ele, à volta da aula, via o saco repleto cuspir seu aljôfar ao ar, mais vivo que, em caneca depois de encher, os espíritos dum vinhinho de latada! Era o ai-jesti da praia, atentos almocreves e peixeiras a trazer-lhe, das terras por onde batiam, brinquedos e as primícias dos pomares. Para ele se desfaziam igualmente em améns os fiscais do Posto. Se o mar arrojava à costa despojo opimo, esqueciam-se da lei para o menino ter o seu quinhão. Ricaços em vilegiatura levavam-no para os palacetes, sentando-o às suas mesas lautas. Amimavam-no todos com

desvanecimento do pai, que retribuía de mão pródiga aqueles afagos. Acabou-s& Agora ladravam-lhe os cães, apenas porque lhes metia medo. Arrematada em hasta por dez réis de mel coado, a sua companha pertencia ao Pedrosa, que casara com a viúva do Vermoil. Tinha até crismado os barcos o grande flibusteiro, passando o Dragão do Mar a chamar-se Cristina do nome da mulher que não esperara que o corpo do primeiro homem fosse comido pela terra para se unir a outro.

Cismando, se entristeceu e chorou; chorou, primeiro, sobre si, errante ninguém; depois, sobre a pobre gente que acalentara da miséria meses e meses ao calor do seu sonho. Tinham fome, como ele. Àquela hora, muitos não teriam engolido bocada de pão, como ele. Com o temporal que frigia, estava a ver a praia mudada em picadeiro do vento. Recolhidos os barcos ao alto ou às arrecadações, os remadores jogatilhavam pelas tabernas, beberricando. Nas barracas, as mulheres aqueciam-se a dois chamiços, de que o pinhal era tulha farta, louvores ao Pai da vida, com os filhos nus ao colo. Um ou outro velho, mais regrado de hábitos, urdia galritos para os mercados de Monte Redondo e Leiria, ou destas redes para a pesca costeira, que nunca mais se acabam de emalhar. Mas que ia ele fazer ao Pedrógão? Nada, que fosse de considerar. Mas que ficaria a fazer noutra parte? Igualmente nada.

Como autómato desatara pela estrada fora, sem rumo nem fito, depois de vaguear pelos quelhos da Ervedeira, perseguido pelo desespero do Eudócio Blxolim:

- Larga, maldito, larga! Se não queres a tua perdição e a minha, desaparece-me da porta. Foste a praga da minha casa. Foste, foste tu, e mal haja a hora em que te dei ouvidos!

E bem maldito era, que o sócio sempre livrara do sorvedoiro uma casucha para albergar o cadáver e conservava a gana de trabalho que ele não possuía. Que lhe fora o coveiro dos bens, abóbora! Podia mas era ter-lhe enchido as arcas com uma fortuna fabulosa. Não fosse a caipora da sorte teriam há muito desenterrado o tesoiro. Caipora ou anjo mau, pois, ao tocarem o lastro da duna, fatalmente ela se assapava. Assim lhes acontecera, após suados e tressuados trabalhos, um ror de vezes. Na última tentativa, de gorra já com o Marrazes, haviam consumido, Verão fora, as restantes propriedades do Eudócio. De novo, a alavanca tangeria nas arcas. Um grito de alegria sobre-humana escapara-se do peito dos doze homens que lidavam na escavação. E, como de sempre, o madeirame abatera com horrível fragor, pondo-lhes a vida em sérios riscos. Mandinga das mandingas, dir-se-ia que tocavam chão movediço, sobre o qual a areia, o desmonte, os pinheiros e os homens se punham a bailar. O Eudócio retirara a arrancar o cabelo às punhadas. Não queria saber mais da duna, não queria que lhe falassem mais no tesoiro!, Soterrara, sem falar na onzena amealhada, o grosso património que lhe legara o pai, acrescido de mercas e benfeitorias. Milagre fora salvar a cardenha com duas aguilhadas de terra para conhecer ano. No entanto ele e o Marrazes, que corria Ceca e Meca à busca de sócio, estavam na disposição de prosseguir, prosseguir até pôr as tripas ao sol ao tesoiro dos frades ou deixar ali a alma que não prestaria para mais nada. Escarneciam os estranhos? Dobrado prazer se viessem a dar o bofetão nas bochechas estanhadas do mundo. Porque tão convencido estava hoje como ontem de que a duna retinha nas entranhas as preciosidades de Santa Cruz. Quando no fundo, no remoto fundo da consciência, uma voz tímida, como de intruso, se atrevia a acoimá-lo de louco, acudia o homem de fé manejando a sua lógica como uma clava. Vencer o céptico no foro interior era, porém, o menos; era preciso vencê-lo à

luz do Sol, desencantando o tesoiro, para corroborativo próprio e para que se soubesse que tinha razão. Nesse empenho pesava menos a soma de bens que lhe caberiam em sorte, que uma espécie de personalismo platônico a satisfazer - brio, vontade, entendimento, a cara com que vinha à varanda de Pilatos. De verdade, as riquezas, que, não havia ano, se lhe deparavam como trampolim para a margem dum outro mundo em que se revia felizardo entre os felizardos, escasso engodo lhe ofereciam agora. Teria o maior regalo em aparecer ao Eudócio com os bolsos cheios de pedras finas, estas pedras que valem uma herdade, e dizendo-lhe: “fui eu que o lancei na miséria, meta lá esmola para o surrão!”, despedir pelo! casebre dentro, como quem semeia feijões, as gemas, as pérolas, com que pudesse botar senhoria e erguer palácio. Não lhe seria menos grato exercer para com a rebanhada dos tristes e necessitados o mester de segunda providência, visto os graúdos da Terra, quer leigos, quer eclesiásticos, estarem convertidos nos tempos correntes de venha a miséria em figueiras sáfaras da Escritura. Mas, pois que perdera Filomena, rompera-se o móbil que tornava particularmente ambiciosa a sua empresa. Cegos os olhos em que os seus, como no mar alto, se embriagavam de imensidade; aviltada a boca em que os seus beijos pareciam ter florido e desatado em perfume que nunca mais deixava de correr, a vida quedara-lhe falha de sentido. Figurava-se bichado por dentro como velho tronco duma árvore que já não sente a Primavera. O que restava era a forma andante, a carga de carne e osso.

Fora uma irremissível calamidade aquela, para que conspiraram todos os gênios adversos. A duna trouxera-o algemado como um galeote; insucessos repetidos haviam-no desprovido de recursos com que cometer o lance de arrancar Filomena ao tremedal que a engolfava. Bem chamara ela, decorrido o dia emprazado. E acabara por considerar o seu silêncio como renúncia, rendendo-se afinal às súplicas dos pais e conjura de vizinhas e comadres.

Inútil chorar pelas cebolas do Egipto; já se lhe não podia valer. A ela, não lhe desejava mal. O Sebastiana, esse, que desse, o menos tardar, tantos pinotes no inferno como de saltos deu o seu coração ao receber a funesta novidade. Por um sentimento de respeito com a antiga amada, decoro próprio, não lhe rogava a praga tradicional em esbulhos de amor: “Tantos paus do ar lhe nascessem na cabeça que houvessem de o confundir quem o veja com o galheiro das panelas.” A semelhante metamorfose não estaria votado, mercê da índole de Filomena que era sã e escrupulosa. Mas ela não podia gostar dum tragalhadanças, torto do corpo e da alma, embora se equipasse de grevas e de motocicleta. De resto, que gostasse ou não gostasse, pouco lhe importava. As vaidades são de curta dura. Com a velocidade a que iam as vidas, breve teria o consolo de ver Filomena triste, velha e feia e gebo de todo o tangaril. O coração precisa destas vinganças e elas caíam certas, tão certas como a lagarta nas couves depois de lhes poisar a borboleta. A morte, senhora na Terra e no Céu, ditaria a última palavra, Todos os dias se acaba o mundo para este, para aquele, também se havia de acabar para o Sebastiana, para ela, para si. Olhos cispados debaixo do barro, nada mais era amor, ciúme, ambição. Por muito grande que fosse, a sua dor resultaria em pó, e pronto!

Na eminência do macadame, que olha a aldeia e o mar sem fim, suspendeu-se, considerando: “Mas que vou eu fazer à praia?” Ao mesmo tempo estancou-se-lhe o fluxo dos pobres pensamentos, como se a corda interior sofresse quebra. Uma ternura alvoroçada, sorte de oásis branco na sua negrura, impelia-o a rever os lugares em que passara o largo e descuidoso trato da adolescência. Refreava-o, porém, a vergonha de si próprio e o sentimento de quanto de infantil havia em suas passadas, Indeciso, cabeça a

balançar-se dum lado e doutro, inflectiu à esquerda pelos bastios novos dentro, rente ao grande pinhal, ripando aqui e além os grumos das camarinheiras, primeiro ao desfastio, depois com porfia de esfomeado. Poucos bagos se podiam comer, soicvados pelo Inverno temporão. A camarinha é inimiga da chuva e apenas uma ou outra, ao abrigo, tinha ainda forma e cor de pérola e o travo delicado de framboesa e uva branca. Quem lhas dera como elas são em quadra favorável, verdadeiro maná que a graça de Deus reserva por aquela corda adusta ao caminheiro das dunas! Parecem, então, grandes gotas de orvalho que os sais da atmosfera atlântica houvessem embaciado e são um milagre de frescura. O regalo é encher a concha da mão, como se apanha de fonte a clara linfa, e atafulhar-se a gente à boca cheia. E não há sorvete comparável.

Respiga que respiga pelas camarinheiras, sentiu na estrada o metralhar dum motor. Afirmou-se e quem reconheceu? Os desposados, de mota. Dobravam o cerro a todo o pano; Júlio de calção, jaleca de coiro, grandes sobrolhos de vidraça, encabritado ao volante, hediondo e magnífico que nem monstro voador, Filomena no cestinho, direita e gozosa, na cabeça o turbante, de pontas a esvoaçar como asas. Mal apareceram desapareceram, e pouco a pouco o crepitar da máquina foi diminuindo, enfraquecendo, reavivando-se nas lombas para se extinguir de todo na distância. Voltando a si, amaldiçoou-os. Pareciam felizes e a felicidade deles, penetrando-o, encheu-lhe a alma de trevas. Oxalá o cavalicoque de ferro os despejasse por urna ribanceira a baixo, onde nem osso lhes ficasse direito! Aquela mulher agora era-lhe odiosa.

Mais odiosa que o execrável Sebastiana. O lume que lhe distinguira na face, de jubilação interior, harmonia perfeita com o destino, reverberava na sua, infernalmente comburente. Eram todas as mesmas cabras, uma vez saltadas as cancelas da vergonha.

Deixá-los ir pelo caminho plaino, mais fugazes que o vento! A sua hora soaria. O que precisava era coragem, doida, indômita coragem, no bem e no mal, para dar o seu salto vingativo. Coragem... ah, e andava ali, pelo descampado, de coração a rastos! A quê? A colher camarinhas...? Nem isso. Havia-lhas estragado a friagem, extorquido mateiros, caçadores, e os minúsculos insectos, vampiros gulosos que voltejam sobre elas como sobre a vinhaça das adegas. Mas ia ou não até à praia? Um segundo ouviu a música combinada e rolante do vento, dos pinhais e do mar. Há migalho que não a ouvia por uma estranha abolição da sensibilidade. Vento, pinhal e mar eram adversários declarados. Na natureza, de resto, as amizades eram raras. Aquela faixa de árvores, face ao oceano, estropiadas como se as derreasse cilindro, bradavam ao céu de sofrimento. O carrasco era o mar. O mar bramia, encapelava-se, sacudia de si patos e alcatrazes, homens e naves, obrigava a sua fauna infinita a buscar os fundos repousados; de quem o azorrague senão do vento? E o vento que uivava de noite com vozes de assassino e assassinado? Tudo assim à superfície da Terra. Que mais era senão estrumeira de dor a povoação encavalitada em baixo, à superfície da duna, com casebres de ripa assentes em matacões de pedra, e raras casas de alvenaria, tristonhas à beira do macadame? Em volta, os quintais, com os renques de samouco e tamargueira sempre verdes, denotavam pela cor engaiçada e opaca uma natureza endolorida. Afundidos por detrás da duna, defendia-os o negregrado do perrexil que esposa a areia, rende-a, anda metros de subsolo à cata de lasim ou saibro rijo em que sorver a pitança necessária. Acima do combate da vida e da morte, sentia-se mesmo assim uma vontade: o homem. Cem anos antes, aquela paragem compunha-se apenas de cachopos à

flor das ondas e areia, os efêmeros e errantes montes de areia. Ninguém lançava ali redes nem assentava outra planta além da do caçador de gansos bravos. Certo dia, um primeiro pobre viera com a sua enxada, depois segundo com o seu espinel. Plantaram tenda e pouco a pouco a vida arvoreceu no lugar inóspito. Prodígio: as dunas deram lenha, vinho e pão; o mar pagou tributo. Ah, inteligência e querer fazem o que lhes apetece; domam as águas; animam o ermo; tornam em vergel o pedregal. Grande e maravilhoso demónio é o homem!

Como se acabasse de ser reintegrado nessa força invencível, bateu o pé no chão, de arranque, ao jeito de quem aposta esmagar o mau fado. Com aura optimista desceu o macadame que, em cinco minutos de passo cheio, leva à praia, só então se recordando que o Marrazes lhe marcara lá o encontro. À altura da casinha, que o abrigara a ele, aos seus sonhos, ao santo do seu velho pai, fechou os olhos para a não ver no esqueleto carbonizado. Que valia! No fundo das órbitas, levantava-se mais vincada em negridão e miséria que a céu descoberto, clamando justiça. Acusava-o. Fazia-lhe horror como alma do outro mundo que pensasse à de cima da Terra. A fugir ao fantasma deitou quase a correr. Chocou-se com umas rapariguitas bexigasas que desembocavam na estrada com molhos de tangerinas à cabeça, e que se sumiram espavoridas, alijando a carga, detrás dos quintais. Em face da cardenha da tia Bica, deu de cara com o Rolo mendigo que, ao contrário do vazo, não desatou na lamúria de pobrezinho. Sentiu, divertido mas não sem amargura, perante o facto insólito, quanto o seu aspecto devia ser deplorável. Passou mais casas, mais pessoas, salvando a medo e de relance. Seres e coisas mostravam um tom un orme de alambre. Haviám-no pincelado as intempéries - sol e carujo - e os óxidos do mar. E tão entranhado e forte era que resistia a todas as tintas da porcária, envolvente e vasta como elemento. Ao abrigo dos muros, com o chameirado das mães pelos ombros ou a jaqueta velha do pai, crianças ranhosas batiam o dente. Exibiam as do sexo masculino vergonhas muito vermelhas e barrigas enormes das pancadas de fome e de broa. Pela boqueira da porta entreviu as Penclas a espiolharem-se; a filha catava a mãe e só pela ligeireza dos polegares se adivinhava o pululamento da bicharia. Mulheres iam à fonte, vinham da fonte, vestidas de trapos escuros, gementes e penitenciais. Dir-se-iam viúvas a lutar com a imagem dos seus defuntos. Segurava ao lenço de algumas o chapéu de veludilho com espelho ou penas esfarripadas de canário e de pavão. Mas não traziam canos, abafo supremo e caro das mulheres remediadas. Uma voz repercutiu:

- Ailô, ti Charana, quer que lhe vá pelo cântaro? Entre vocativa e chorosa, dir-se-la, levada na regaçada do vento, espremida na caixa de música do vento, um soluço trémulo e altíssimo, feito de marouço, choro dos pinhais e pios de ave ferida.

Na taberna do Pisco, o Algodres espreitou e, não descortinando freguesia, atreveu-se a entrar. Acudiu dos fundos da casa a tia Rosa que, ao encarar com ele, proferiu:

- Você por aqui?... Então o tesoiro, ficou em vê-lo-emos!? Mal empregada sorte que o pai lhe deixou!

Depois de encolher os ombros e abrir os braços em sinal de fatalidade, disse, como lhe parecesse a mulher bem disposta:

- Não apareceu por aqui o Alberto Marrazes?

- Afigurou-se-me lobrigá-lo há nadinha.

- Dá-me a senhora um copo de vinho e um bolo de pão?

- E tem com que me pague?

- Comigo não trago dinheiro; mas, se Deus quiser, não queda por pagar.

Mediu-lhe a tasqueira o vinho e do armário puxou o pão. E logo ele se lançou a comer com tanta voracidade que ela proferiu:

- Parece que vem com fome de oito dias...

- Com fome de oito dias, não; mas olhe que desde ontem, pela tardinha, que não entrou coisíssima alguma na minha boca.

- Desventurado! Aquela palavra, ao mesmo tempo que o melindrava, era-lhe cariciosa. Pela primeira vez, cristamente, alguém se condoía dele. E, a ceder à necessidade de expandir a sua amargura, ia a confessar-lhe que, sim, era um grande desventurado, quando ela virou costas, levada-, tep, tep, pela tamanquinha palreira.

Emborcou o copo de vinho e, após procurar maquinalmente um cigarro no bolso, namorava, na sua penúria, os belos pacotes de tabaco de que luziam através dos vidros sujos do escaparate os rótulos pintalgados, quando ela apareceu. Trazia uma tigela de caldo e apenas disse, poisando-a no balcão:

- Coma! Queria agradecer, mas ela atalhou: -já me deu muito dinheiro a ganhar.

- É verdade, senhora Rosa, é verdade! A minha má cabeça...

Compadecida, a vendeira não tirava os olhos dele, e, acobardado, o Algodres não erguia os olhos da sopa. Depois que depôs a escudela; afoitando-se, contou dos seus infortúnios e ouviu com enternecimento as lástimas da mulher, que tinha bom coração.

Descera de todo a noite e um luar macilento, filtrado pela cacimba, envolvia a terra num sudário de ocre. Orneava o noroeste no guieiro, das casas, ao passo que o martelo das ondas batia a costa com maior estridor.

- Que tempo! - exclamou ela, cilhando as mãos no abdômen por debaixo do avental. - Há mais de quinze dias que se não pesca um cachucho, sempre os foles do inferno a anaçar o mar. Ah, deixa-me ir à lide, que tenho os recos desesperados pela vianda... - e despediu casa dentro.

Intimidado pela sua miséria, suspeitosa aos outros e portanto a si próprio, o Algodres foi especar-se contra os umbrais, olhos pasmados a ver as folestrias da areia e do vento. O grande cavalo trazia-a em pulins desde a praia, e depois de passos e viras jogava-a ao ar relinchando. Ela descia a terra em voo ligeiro e, dançante que cumpriu a sua mesura, amainava à banda, cobrindo o traço das portas, acogulando-se contra as paredes, embebendo-se pelas talisgas. Após uma refega outra, e lá vinham os dois nos voltemos sem fim da contradança. Por vezes subiam pela rua a cima, até longe, erguendo dunas, desmanchando dunas. Avançavam de alto em alor de gaivotas, e pelos telhados as areias retiniam como pandeiretas. Rastejavam, e por cima de tudo se urdia o tapete branco. Do pôr do Sol para a manhãzinha, descompunha-se a fisionomia dos lugares.

Entretanto que a areia ia alagando a rua como granizo de trovoada, começavam a chegar à taverna os fregueses da noite, borrachos crónicos, gandaelros do mofo, cavaqueadores sem cheta. Para todos era admiração toparem o homem do tesoiro, - descalço, joelhos à mostra, engadanhado, tão farroupilha como eles. E nenhum faltou com o seu chasco ou graça sangrenta ao lunático que baixara ao nível comum. Apareceu a Charana, com o perfil de fataça mais afiado que nunca, seguida do Luziairo, espigadote, a cabeça sarda de golfinho, sempre muito movediça, à busca de onda em que escoar-se. E também ela crocitou de assuada ao bruxo da Cova da Serpe, que ficara tão rico com as riquezas dos frades que calçava butes de verniz e vestia labita.

Passaram palavra de que abancara no Pisco o antigo patrão da companhia e, propalando-se o rumor, aconteceu ali meio mundo. Marítimos, o mulhério, os banhistas que não haviam retirado, teimosos em esperar o regresso dos dias soalheiros, fizeram monte na taberna e à boca da taberna, que o interior era acanhado para conter tal gentiagem. Todos o queriam ver e palpar; deparando-se-lhes, porém, em vez do homem próspero e bem trajado que fora, um vagabundo dos caminhos, sebento e roto, choveram sobre ele remoques e impropérios. Confuso e amarfanhado ao canto, compreendeu Algodres que os desgraçados não lhe perdoavam ser desgraçado como eles. Debaixo da sua alçada haviam sofrido as mais ásperas provações; labutado corno negros; penado como penitenciários. Mas não era no fel destes trabalhos que molhavam as frechas que lhe despediam. Tudo isso contava como história antiga de que os tristes não guardam memória. De vivo, actual, indesculpável - a sua miséria. Para lá do inclemente rancor para com o infeliz, o resto era poeira.

- Foi de quatro assobios o tesoiro! - exclamou Tristão Bau, piscando o olho.

- Constou que o amigo ta ser nomeado baronês do Pinhal do Urso... - lançou-lhe o Barnabé em tom de seriedade.

Bem urso quedou, não haja dúvida - disse um terceiro. e nós, que lhe demos crédito! - volveu o Bau.

- Um tanganhão destes, com corpanzil que nem toiro, queria deitar cartola e bengala. Viu-se já uma coisa assim! - gracejou a Apolónia Barnabé.

Raios o abrasem, por mor dele está o tio Vermoil a fazer tijolo,

- Chuta - sibilou o Luís Mira. - O que lá vai lá vai.

Como se perpassasse por eles asa negra, os rostos de mofa entenebreceram. Decorrida breve pausa, perguntou-lhe o Savelheiro, simulando interesse:

- Vem para se ajustar com patrão?

O Algodres não deu resposta, cada vez mais pálido e apoucado contra o muro, e o Espadilha, que emigrara recentemente de Vagos, murmurou:

- É para saber o que os remos custam. Revezavam-se à volta dele, acotovelando-se uns aos outros na febre de o contemplar. A Laura Bica dobrou-se para ele, como se fosse a admirar um bicho que estivesse abaixo da sua linha visual, e ganiu:

- Olhaide, traz os joelhos rotos! É de fazer penitência...

- Foi de contar as libras, ajoelhado no areal chocarreou o Barnabé.

- Será de penitência - tornou a velha cóia em arremedo. - Então, compadre, pode-se ter arrependido.

- O que espanta são os bofes deste melro - proferiu o Joaquim Bica bamboleando a cabeça de comambana, tão enfeitada que, as vezes que se fazia notadiço, a todos se representava de veado. - Arrastou a gente ao precipício e ainda tem o arrojo de aqui prantar os pés...

- Ti Rosa - pronunciou o José Passafome, que se mantivera calado em pleno vespeiro -, bote um litro de vinho. Bote, mas prime iro quero contar-lhe, pergunta tantas vezes, porque tem o linguado a boca à banda. Vocês todos querem ouvir...? Certa manhã, Nossa Senhora chegou à praia e disse sozinha, como muita gente que pensa em voz alta: "Está a maré a vazar." E os linguados deitaram a cabeça de fora e arremedaram: "Está a maré a vazar." E, vai, Nosso Senhor, pelo escárnio feito à sua divina mãe, castigou-os com a boca à banda.

Debalde esperou Passafome aplausos a uma anedota que declamara com a melhor lábia histriônica e a ênfase toda. Tampouco desviara as atenções do Algodres como era propósito seu. De lado, em contra, o safado do Barnabé dizia:

- Têm a boca à banda a rir-se dos parvos. Aquilo contavam já com o Zé Algodres.

Estrugiu farta risota, e meio enleado o Passafome pegou na caneca. Ao pé estava Remígio, todo lampeiro quando lhe cheirava a briol. Trabalhado pela doce caturreira de valer ao Algodres, que via inquieto e amargurado, pronunciou:

- Ti Remígio, vai uma boa golada, mas há-de me dizer porque se enfurece o mar... Iluminou-se de claro sol o carão de monstro marinho e respondeu:

- O mar é um cadelo, meu homem. Repara tu: quando entra o barco ou saem as redes, mais ele braveja de impado. É de raiva, pois de que há-de ser?

- Cantigas!

- Cantigas... Repara e verás se é fábula. Só tens olhos para as pernas das fêmeas, ladrão!

- E nos dias, como hoje, que não vamos ao mar?

- Nos dias em que não ides ao mar, embravece-se porque sim, animal! Se o mar não bramisse, toda a gente era pescador, até os filhos de boa mãe, e o peixe não tinha mais paladar.

- Vomecê sempre tem muitas minhocas na cabeça, ti Remígio! Se o mar é cadelo, é por outras razões...

- Olha, já ouvi dizer que a voz do mar era a voz de Deus; de princípio dum pai de cara direita, mansarrona e descansada. Depois, com a maldade dos homens, tornou-se tão horrenda que ninguém mais a entende.

- Histórias da carochinha...

- Ouve e guarda se te fizer préstimo, que o ouvi ler: em tempos, a terra também rugia. Abria bocas e gritava. O mar ainda grita, aí está. Um dia cala-se...

- Cala-se e então?

- Então, acaba-se o mundo! Reparou Passafome que Algodres, no acto de lhe oferecer o vinho, tinha lágrimas nos olhos, provocadas pelas chufas e maldições que, sem embargo de manhas, não cessaram de o frigar. De ânimo generoso, não podia levar à paciência que se enxovalhasse homem vencido pela desfortuna, deslustre maior que bater em homem no chão. De caneca em punho, cresceu para ele:

- Seu José, faça favor, beba... Com brando jeito, o Algodres arredou a mão que amistosamente lhe metia a vasilha à cara. Insistiu o pescador:

- É desfeita se não bebe; não lho mereço. Quanto ao mais, não faça caso; isto é uma cambada de cachorros que só sabem ladrar.

Depois de o forçar a beber, molhou ele os beiços e passou a caneca ao Remígio para que matasse a sede e a fizesse, seguir à roda. No adjunto rosnava-se.

- E o que vos digo, só sabeis ladrar! - tornou com arreganho. - Que mal vos fez o homem? Não vos pagou o jornal enquanto pôde? Dizei... Depois, quando não pôde, trouxe-vos presos pelo açame? De que vos queixais?... Olhem lá: quando Deus manda o mau tempo, queixais-vos dele... A mãe que vos pariu deitou-vos ao mundo nus e sem chave; também vos queixais dela? Queixal-vos mas é da pouca sorte, meus caras estanhadas. E se quereis alvo para zupar zupai na cachimonia, que é essa a ré.

Moderaram-se todos, cominados pela reprimenda de Passafome, que sabiam decidido e amigo do que era justo. Velho embora, não arreava diante do mais pimpão. Tempos atrás, para Monte Redondo, dera pulo ao pe!** to de certo farçola de Água Formosa, safara-lhe o pau das unhas e rachara-lhe a cascadura. E ainda teve pernas para se furtar à matilha que caiu sobre ele açulada: mata! mata! Na juventude agarrava duma saca de dez arrobas e, alando-a para o ombro, rodava como se levasse uma faixa de palha. A morte do Vermoil, cornos meses de cadeia, o labéu que não deixou de esparrinhar sobre os inculcados, não obstante a absolvição estrondosa de todos, tornara-o metido consigo e circunspecto. Ele e o Afonso Penela haviam retomado a faina antiga na própria companhia do Pedrosa, conforme este com uma fatalidade que tivera a virtude de o guindar de servo a amo. Quanto ao Duarte Rebocho, mal se viu livre, enfardelou a roupinha, e de lágrimas nos olhos disse para sempre adeus ao Pedrógão, que ficou a morrer por ele. Tinham-no visto na Nazaré, agarrado ao remo consoante a sina com que nascera. O Passafome, com o seu natural assomadiço mal refreado, o seu amor à lisura, o seu perfil hirsuto de peixe-galo, era um dos marítimos curiosos do lugar. Nada se sabia da sua origem. Uma onda o trouxera, outra o havia de levar, Era pai, entre mais filhos, duma moçoila gordalhuda, sereia da praia.

Andava à roda a caneca e, a passo e passo do seu giro, os agravos ao Algodres perdiam a feição mordaz e agressiva. Mas, formulados ainda com urbanidade, os repeliu Passafome: já vos disse, atende-vos à má cabeça! Este rapaz cumpriu a obrigação o melhor que lhe foi possível. Se não fosse ele, da primeira vez que se assapou a duna, muitos de vós estaríeis a adubar a horta do senhor prior. Quando foi do julgamento, ia de peito feito, tanto como o Alberto Marrazes, honra lhes seja, para tudo pôr em pratos limpos. É verdade ou não é verdade? Não vos fez ricos... Reparai, também ele não está rico. Lá por vos mandar embora a certa altura, estava no seu direito. Mas já que vos queixais de ele vos arrastar àqueles grandes trabalhos, logrando-se e logrando-vos, agradecei que dessa feita vos tenha despedido. Quereis a minha última palavra? Aí vai. Ele é um borrego de mansidão, que se fosse comigo tínheis pago com língua de palmo as chalaças que vomitastes pela suja boca fora!

Gradualmente, o Passafome tinha subido de cólera. Conheciam-lhe o génio rebentadiço e as fases que atravessava até a explosão. Estava prestes, e acobardaram-se.

O Pamplino, que regressara ao grau normal de loucura e à rima, interveio com as suas sortes de farsante. A namorar o vinho que o Savelheiro mandara vir, propôs:

- Ti João Maria, deixa dar um beijo no copázio e salta um tonilho dos meus?

- Está dito; mas quer-se papa final - condescendeu o arrais, no trincafio de concorrer para apagar a fogueira que impensadamente deitara também a sua acha, repeso ao ver o Algodres dorido.

Subiu aquele Rei da Madureza para cima dum banco e, espalmando a mão direita em arremedo de pregador, mão esquerda no copo, ronca roufenha e monocórdica de borracho, sorriso travesso na cara de bode, desfechou a versalhada burlesca:

Montei quando fui! soldado dois alferes e um capitão,
montei inda no batalhão o coronel emproado
Montada toda a tarimba de sargentos e tambores,
montei cinco doutores quando me fui a Coimbra;

montei! um mestre de leis e um mestre de teologia,
toda a doura confraria de lentes e bacharéis.
Chó aí, bestiaga, salta de lá o chicote;
para ir mais a galope montei um cônego de Braga.
Saiu a mula com balda, troquei-a por sacristão;
montei beata e beatão e toda a casta de fralda.
Calcei espora afiada para montar um judeu
que tira pele e mantêu à gente necessitada.
Já farto de tanta bucha, fui, montar à Madragoa
Um janota de Lisboa e uma vassoira de bruxa.
Ai de mim, caí ao chão, a amolgando a carcaça.
Diabo leve a desgraça de copo vazio na mão!

Em pleno vivório à loa das Cavalgadas que Montei, rompeu baluca dentro, racha em punho, despachado, o Alberto Marrazes. Seguiu-o um velhote de manta, baixo, patudo, chapéu braguês, e encostado ao seu cipó.

Suíças de velo branco, olhos que fosforejavam por baixo das sobranceiras ensilvadas, quem ele era? O tio Manuel das Uchinhas. Diante do homem de virtude, que viera a banhos de mar e, por causa do temporal, não tinha ainda a sua conta, inclinaram-se todos com devoção. Mas já o

Marrazes lançava em tom de desafio:

- Vendem-se bêberas ou pariu aqui a galega?... e, espraçando o olhar a reconhecer a súcia, e distinguindo o Algodres, acrescentou: - Bem me queria parecer. Viva lá, seu Zé! Viva! Sempre velo e em boa hora foi. Senhora Rosa, deite vinho! Dois em dez, para intróito.

Voltou-se a vendedeira a tirar o vinho do barril e começaram os homens, adivinhando percalço, a sair à formiga. O Marrazes correu a trancar-se na porta:

- Daqui ninguém sai! Sempre quero saber quem é o ventas de cão que se nega a beber à saúde do meu amigo e apontava o Algodres. Alinhados os copos no mostrador, um a um com rasgo sobranceiro os foi distribuindo:

- Tio Manuel das Uchinhas ... Senhor Zé... Tio Mira. .. Savelheiro, meu cara linda ... Tio Passafome, para molhar a boca... Tio Penela... Barnabé de Quiaios... Hem, não queres? Se me deixas com o copo na mão, vai-te já pelas trombas, malandro! Bem, bem@ Você, seu Bica...

- À saúde de José Algodres, por muitos anos e bons! brindou, com sete olhos a espiar os manejos da cambada.

- Para que viva! - responderam todos à uma, erguendo os copos.

A nova rodada por outros tantos dos presentes corresponderam novas saúdes, francas como as primeiras no repique, mas sem alvoroço nem efusão. O Marrazes deu um topetão com a cabeça, como quem sacode anojamento, e disse:

- Agora pronto; quem quiser sair que sala; porta livre.

Ninguém arredou pé, já sossegados quanto ao desfecho do lance. O mariola do Quiaios franqueou-se com um litro e, tirando ousio da largueza, entrou a desculpar-se de que não fora por achincalhe, nem gato-sapato, que estivera a bexigar com o Algodres, mas sim ao desenfado, modo de passar a noite.

- Seu Zé - disse o Marrazes, não lhe prestando ouvidos e puxando o Algodres pelo braço -, venha aqui para o meio. Homem, parece o santo Cristo, pregado na cruz pelos judeus! Se tem coisa que o aflija, desabafe. Por si, vou

ao inferno. Saberá que temos negócio arrumado. Sim, senhor. Segunda-feira, se Deus quiser, voltamos à duna. Aqui está o sócio em que lhe falei...

O sócio era o tio Manuel das Uchinhas, com quem o Algodres meteu logo conversa, e quantos estavam quedaram atônitos. Se um bruxo põe a pata, é porque debaixo do sal há al.

- A todo o fundo do mar de areia, alguma coisa está que responde ao bater do ferro - murmurou o Mira. A não ser tesoiro, é o Diabo por ele. Canta!

Canta. Ouvi com estes que a terra há-de comer apoiou o Penela.

- Se canta, devem ser os tarambecos dos frades acudiu o Barnabé.

- São as peças dentro das arcas a chocalhar - discorreu o Pamplino.

- Somos seis, mas ainda há lugar para homens honrados e trabalhadores - declarou o Marrazes. - Não se dá jornal; a papança, graças ao tio Manuel das Uchinhas, está garantida. Se, por quite e livre, algum de vós quer entrar na malhoad, passe para a minha direita...

Foram uns quinze, que não andavam inscritos nas companhias, a dar o passo. Aos outros algemava-os a matrícula, mas em fim de safra, que não vinha longe, protestaram alistar-se na duna, se ainda fosse tempo.

O Manuel das Uchinhas, que não erguera voz, desembrolhou-se da manta, semelhante a faquir que vai executar em público as suas fantasias. E com voz descansada, longínqua, corno se estivesse a ver por detrás dos dois carros de anos, sentenciou:

- O tesoiro lá mora, juro-o à fé de quem sou. já em tempos eu e Pedro Algodres, que Deus haja, lhe andámos na devassa. Mas aquele amigo não reunia as condições todas. Muito menos o Bixollrn. Vós nascestes para o desencantar. Convosco não poderá mais a teimação do Careco. Está assente como em tabelião: dou batatas, côdea, a lágrima de azeite e verças da horta, tudo o que granjeio. Cobres não avezo. Meu genro veio-me com panos quentes: porque torna, porque deixa, fazia mal. Tô ruça, quem manda no que é meu sou eu! Dou tudo e não tenho medo de perder, Alguém duvida... ? Sonho, e vejo com as pálpebras fechadas as riquezas no areal. Invoco as minhas artes e as artes dizem o mesmo. Deito as cartas e sempre as cartas tilintam oiro. E verdade! As cartas, nas minhas mãos, nunca mentiram. Quereis vós ver?... Salta de lá o baralho, ó Rosa.

A estanqueira deu-lhe as cartas, que baralhou, dividiu em pacotinhos, rebaralhou. Batendo-as em seguida no balcão, mandou talhar. Tirando urna a uma, leu como em livro aberto a história da grande fortuna a desenterrar.

E no som da sua voz, porque a sua laringe tinha, em despeito da idade, timbres de campainha, mais que na expressão verbal, começou a ouvir-se chocalhar oiro e prata. O Algodres o ouvia, restituído à vida, no seu arroubo apenas tendo sentidos para as passagens faustas do cartomante: cá temos no sete de paus a sorte grande, embora se achesse um homem de toga - nove de oiros - que esta dama de copas arreda para onde não faz mal; o tesoiro lá está, maravilhoso mais do que se imagina, di-lo o terno de copas; pudesse esta importante pessoa deitar-lhe a unha - valete de espadas - fazia-o; mas acode uma força sobre-humana, representada pela dama de paus, e a sorte grande, outra vez o sete de paus, entra nas arcas - às de paus, o rico às de paus - de quem de direito. E é dinheiro, dinheiro, dinheiro a mais não ter conto.

- Ficais podres de ricos!

- Mais ricos que o Faraó!

- Graças, graças ao Senhor que se acaba a miséria!

- Lembrai-vos do que fostes...

- Então este mundo há-de ser sempre inferno? Viva o José Algodres! Viva o tio Manuel das Uchinhas!

- Alegrai-vos que ides rebentar de fartos. - exclamou o feiticeiro, tirando nova carta.

Todos em volta, olhos acesos de cobiça, ouviram as moedas de oiro rolar e tinir, inundarem o soalho, subirem para os bancos, as mesas, os escaparates da taberna, contraporem aos muros lóbregos o seu doirado macio, encherem a casa até o escama-peixe, como lá fora a telhados, a ruas, a pátios, a areia do mar peneirada pelo vento.

XII

- Quinei! - rouquejou a voz avinhada do Savelheiro.
- Diga os números - intimou o Penela, que tinha o saquitel dos dados.

- 22... 4... - e não foi mais longe o arrais, surpreso e quantos ali havia, estirados no areal à sombra do Posto, a jogar e a ver jogar o loto, com a brequefesta que desabou sobre eles: cavaleiros, luzentes de suor e vernizes, em garranos apoquentados das moscas; uma sementeira de cães, longos como ténias; moços de matilha, grulhentos e malcriados, mais patuscos que os galgos. Alvorçaram-se os pescadores; acudiu à varanda o fiscal de piquete, bofes ao léu por entre as bandas do dólman, na mão a canetinha de dez réis com que em escritura tímida e claudicante se ocupava a lançar as contas da lota. Suas Senhorias, no meio das quais realçava Lousal filho, da importante e acreditada firma Lousal & C.a, vinham acolher-se à praia durante as horas de canícula para, depois do almoço, de novo romperem pelas dunas em batida às lebres. Atiradas as rédeas aos marítimos, que acomodaram os cavalos na estrebaria da guarda, Lousal filho dirigiu-se para um dos palacetes que, face ao macadame, erguia a empena espevitosa. Mandara-o construir o pai para a temporada dos banhos; acontecia porém que, distraídos os donos pelas praias elegantes, só de raro em raro abrisse portas a visita ou rapioca.

Ao tropel no vestíbulo, correu Benedita, gorda, baixa, vesga, sardenta, bexiguda, e todas as mais pintas que deve ter, como a truta de córrego, a cozinheira de lei. Ao vê-lo, conhecendo-lhe à légua o ânimo impulsivo e pouco sofredor, antes que ele jogasse uma pedra, despediu ela urna saraivada.

- Mandou-me para aqui, mais valera pôr-me a esfregar os quelhos corri a língua. A casa metia nojo aos porcos. Fartei-me de varrer lixo e telas de aranha. Cavacos, não havia: para a quezilia ser completa, esqueceram o pudim e os cheiros na estação. Vinham já com a dentuça afiada para a trincadeira?... Têm que esperar!

- Vai-se de automóvel pelo pudim. Que mais falta?

- Que mais falta, é boa! Falta tudo, meu senhor, tudo, menos a minha paciência, que é de santa. Peixe, nem rasca!

- Que dizes?

- Já disse: peixe, quem dera! Os barcos tiveram medo do mar.

- Inventasses outros pratos...

- Estão três galinhas no forno. Há a perna de vitela; mas que monta? Só a criadagem que para aí vem come um boi - e com a mão direita descrevia uma parábola, semelhante a funda que ensaia o tiro.

- Não te levar o Diabo para azelha! Eu vou por peixe e resmungando despediu porta fora. No esbarrondadeiro da praia, onde os marítimos embasbacados faziam roda aos figuros embasbacados, Lousal foi direito ao arrais.

- Vocês hoje porque não entraram, João Maria?

- Tem estado a vaga muito soberba.

- Ora adeus! Mais calma só no mar Morto.

- Afirme-se lá adiante... Dilatou Lousal a vista pelo oceano e, através da cortina de névoa, quase diáfana, que flutuava sobre o contrabanco, distinguiu os grandes rolos cor de garrafa, cerzidos de espuma, galgarem e retinirem na

terra corri trepidante estalada. Longe, a água arfava crespada e negra, picada de raras rtemulinas, voláteis como penugem branca.

- Chão, chão, não se pode chamar - decretou Lousal. - Mas já os tenho visto sair com mar incomparavelmente mais cavado. Ah, extinguiu-se a raça do Algodres velho. O rapaz dele?

- O Zé? Anda para o Pinhal do Urso a desenterrar o tesoiro.

- Forte maluco! O tesouro está aqui - e a má<) enlurada apontava o mar.

- Quem sabe! - exclamou Tristão Bau. - E que seja isto tesoiro, é para quem é.

Transportado por aquelas palavras à situação miserável e escrava em que combaliam os pescadores, Lousal calou-se. Depois de curto silêncio, durante o qual lhe perpassaram rápida e sucessivamente pelo espírito a negrura da existência e a sua claridade, tornou, erguendo olhos para o arrais:

- Estão decididos, decididos a não deitar redes?

- É grande risco! - encareceram muitas vozes.

- Qual risco! Eu tomo a responsabilidade.--- eu vou com vocês. Onde pára o Pedrosa?

Tinham-no visto descoser por detrás das barracas, mas ninguém dava razão do seu paradeiro. Andaria para o quintal a palpar as uvas...

- Toca-se-lhe o búzio. Joaquim Lousal empunhou a concha às mãos arribas e, enchendo as bochechas, com o fôlego de homem bem comido e bebido, arrancou um clangor alto e rolado de fanfarra.

- Bofes duma canal - celebrou o Barnabé de Quiaios.

- Quem quer, poupa-os. Não que à minha boca não vem cachaça - redarguiu ele em leve tom de vitupério para os pescadores.

- É que o patrão desconhece o que seja entrar no mar com cacimba - proferiu o Savelheiro, interpretando o sentimento comum e não menos pro domo sua.

- E andar ao remo com a camisola colada aos untos - acrescentou o Passafome.

Haviam-se aproximado, dize tu, direi eu, da taberna do Pisco, e Lousal, descortinando a senhora Rosa, tratou de sondá-la, para o caso de ser preciso reforçar o almoço a cargo de Benedita. A derreter-se em melaço diante do “menino Quim”, que estava longe de supor na “piolheira”, abonou-se com o que tinha, frangos do S. João, coelhos de orelha quebrada, nédios como lontras... talvez conseguisse desencantar um marraninho de leite, era abrir boca. No comenos, chegava o Pedrosa. Com a arte e o resto, herdara as manhas do defunto amo, e vinha de cabeça descoberta, descalço, os nastos das cerollas a pingar por baixo da calça, muito expedito, a grandes pernadas das gâmbias tortas. Atrás, ronqueira, de canos e muito arreada de oiro, Cristina, sua mulher. Trocados os cumprimentos, o arrais adiantou-se a explicar o toque de búzio, rematando:

- Não há dúvida que o mar amainou um cigalho, mas quem manda é o sor Pedrosa.

O mestre avançou para a ribanceira e, mãos nas costas, em compasso, pôs-se a observar o cariz das águas. Depois, cuspinhando fora a petisca, disse para o fiscal, que se tornara, por virtude das funções exercidas na borda há boa dúzia de anos, em manual prático de meteorologia:

- Que lhe parece, José Rodrigues? No intuito de fornecer prognóstico capaz, quedou-se o cabo frente ao oceano, mais hirto que arúspice, em interrogação. As vagas vinham do alto, ágeis, sim, e longas como batalhas, mas às cem braças enrodilhavam, descomuntando-se em maretas, que tanto

se descompunham em espuma, como, roto o ímpeto, corriam incertas para a costa. Uma faixa mate, da brancura do coalho, barrava a extrema linha do horizonte. Sobrepondo-se-lhe a todo o lés, alcandorava-se um fuminho cor de bronze, como que o espinhaço mal debuxado de alterosa e longínqua montanha. E desses estratos que se gera a borrasca, e o guarda acabou por formular:

- Mais arrufado não julgo que se ponha. Há a atender àquela nuvem, lá fora; mas não carregará para aqui.

Volveu o Pedrosa a escogitar. Amigo de luzir afoiteza ante os convidados e já impaciente, Lousal exclamou:

- Que diabo, eu também percebo! Com a ardentia que faz, o mar só pode melhorar. já disse, tomo a responsabilidade e, se preciso for, vou ao remos.

- Ora essa - protestou Barnabé -, um fidalgo ir aos remos!

- Não irei aos remos, mas vou no barco. Algum de vocês quer vir? - perguntou para os da comitiva.

- Eu apenas uma vez atravessei o Tejo e a meio rio pareceu-me ver o Adamastor - respondeu um que era tropa.

Eu enjoo facilmente - proferiu segundo, diplomata de carreira e peralta. - Não tenho prazer algum em dar espectáculos de mau gosto.

- Vai pequenname? - questionou outro, sócio do Tauromáquico e conquistador do Chiado. - Se não vai, que graça tem embarcar num chaveco?

- Eu sou necessário à sociedade - pretendeu o mais moço de todos, já calvo e simplesmente rico filho-família.

- Eu ainda não fiz testamento - emitiu um tal, bacharel em leis e celibatário.

- Eu vou, querido amigo - anunciou por fim aquele que era o ilustre e ignorado romancista do Filho mais Novo de Zebedeu.

De tantos apenas um se oferecia para tentar o lance na jangada de Medusa e fazia-o, confessava ele, não por valorosidade, que não sabia o que era, mas para sentir ao vivo a aventura perigosa do pescador.

- Este cavalheiro é homem de letras - disse Lousal e vai metê-los a todos em letra redonda. Façam de conta que estão diante do fotógrafo. Savelheiro, toca a aparelhar!

- O barco está aparelhado. É só rolá-lo para a água.

- Quantos de vocês sabem nadar? - perguntou o escritor.

Da numerosa turbamulta que tripulava quatro barco?, apenas cinco ou seis conheciam a natação. Por entre dentes, o romancista comentou:

- Aqui está no que deram os descendentes dos navegadores!

A companha tinha-se acercado da orla de par com farto concurso de povo. Alpendurando as mãos sobre os olhos contra o lume de espelho em que se abrasava o mar, os homens maldiziam duma temeridade que podia despachá-los para o outro mundo. Faziam coro as mulheres, esfalfando-se a ganhar que quem queria comer peixe fresco fosse pescá-lo ou encomendasse-o ao Vargas da Violeira. De salto abarcou Lousal o aranzel e disse para o arrais:

- Dá-me licença que ofereça uma pinga aos homens?

- Sim senhor, mas hão-de beber por minha mão. Tornaram a subir o aclave de areia até o Pisco. Lousal pediu um cântaro de morraça e à porta da taberna formaram roda marítimos e mulheres dos marítimos, mulheres da belfurinha e dos levadios, garotos que se enroscavam às pernas dos pais e garotos à sirga, curiosos, sardinheiras e até almocreves remediados. E, enquanto Lousal servia o mulhierio por tigelas e canecas, o arrais media os dois decilitros da lei a cada remador. Muitos torceram a cara.

Quim Lousal, da opulentíssima firma Lousal & C.a, compreendeu a náusea dos esfomeados e mandou vir quanto pão, bacalhau, latas de conserva havia na quitanda. Coalhou-se a arcia de virtualhas e as companhas, fiscais, arrematantes da lota, Pedrosa com a mulher, tiraram o ventre de misérias. E até, em guisa de arrebenta-diabos, os Janotas de Lisboa petiscaram. Com semelhante lastro, o arrais alargou, também, a ração de vinho.

A rilhar a última côdea, a hoste bárbara, esfarrapada, no meio da qual os alfacinhas rescendiam tanto em suas águas de cheiro que as varinas sentiam tonturas, avançou para a borda. Eram mais espaçadas, porém sempre alterosas, as ondas. Mas já não havia medo. Trepavam os dois fidalgos para a proa do barco; ocuparam os casteleiros os seus postos; plantou-se o arrais à popa, mão no roçoeiro, debaixo do pé a corda da muleta; ergueu-se no seu lugar o vareiro, mudo e roto como espantalho.

Rolaram a nave e, ao primeiro e sério chapinhar da água, o resto da tripulação saltou os bordos. O regedor da terra, o mestre, remadores dos outros barcos, dez, quinze mulheres empurravam com a muleta. Os homens devolutos puseram ombros contra os costados, Veio uma vaga, alagou a todos; veio segunda, despegou o esquife da orla, Duas remadas, e empinou-se, desapareceu por detrás dum mar. Insrantaneamente rompeu na praia um alarido pavoroso. Outro man o arrais fez sinal e, quando o ariete verde ia a lançar a marrada, o barco pulou.

Rema, rema a vante! - e àquela voz os remos vergastaram rijamente a onda furiosa.

Crescia sobre eles segundo vagalhão:

- Força! Força! Louvado seja, lá iam safos, entre duas campas, a salvar o contrabanco. Ainda bailava o Lírio de Jericó, mas o perigo era vencido. Na praia amainara a gritaria das mulheres. Com ar de desprezo, como se cuspsse no monte, o Savelheiro lançou-lhes:

- Cabras! Punho sempre teso na corda que o calador ia desenroscando, o arrais buscava orientar-se à boa terra de mar. Rezavam pelas almas do Purgatório, a quem são de grande lenitivo as preces anuviadas, e um cantador ergueu a voz: Não se vê o fundo ao mar, Assim, mulher, ao teu peito, Se me quiser afogar, Em qual dos dois eu me deito?!

Àquela toadilha, os remos bateram a água em cadência e o meia-lua correu como galgo preto em charneca. A prumo, balouçando levemente ao embalo da onda, as bicas da proa e da ré pareciam mãos em transe, a suplicar. Começaram a decrescer as casas do Pedrógão; tornaram-se diminutas como pedras dum jogo desmanchado; escureceu o verde nas hortas; pela praia os vultos transverteram-se para sombras fátuas. Uma cercadura de espuma envolvia o barco e, esflocando-se à popa, deixava um rabo-leva de anil e íris que não tinha fim. O mar enrugava-se faiscando e, no balouço das suas pregas e repregas, dormiam garças e garajaus. Ao escritor afigurou-se que ia agarrado à juba dum leão.

Por deferência para com os fidalgos, o arrais andou à busca de “ensejo” até onde o alcance lhe permitiu. Ao primeiro fervedeiro de água apreciável, indício de cardume em derrota, bradou:

- Orça aí! Sustaram os remos. Em tom rude, de ladário, o

Savelheiro encomendou o lanço às pessoas da Santíssima Trindade. E, remando à ré, calaram a rede. Ao afundir-se o saco, com entono de desafoço, ergueu nova imprecação:

- Largai saco ao mar; rezai o credo com boa fé; vá ele em louvor do Santíssimo Sacramento, para que o mal saia para fora e o bem entre para dentro.

Salvo da rede, sem os milhares de quilos que o pejavam, o barco respondeu ao espadanar dos remos pulando alegremente na superfície das águas. Içaram a bordo o pavilhão de festa. Pouco a pouco foi avultando a chanfradura da costa e, mais dentro, a laguna doirada dos areais, a mancha opaca da floresta, Pedrógão - tabuleiro de cubos negros. Um fuminho ia-se carmeando e era a fimbria da mata. Mercê da névoa que flutuava sobre a terra, parecia tudo de pernas para o ar. Condensaram-se mais as coisas; ressaíram silhuetas; lobrigou-se o Pedrosa, plantado no chão branco, a ver o seu bem guardado pelo Anjo Custódio; à varanda do Posto, o fiscal devia assestar o óculo de ver ao longe. Na franja clara da praia lá estavam os senhores lisboetas, estatelados na areia, a sonhar com as meninas do Chiado.

A passagem do contrabando fez-se sem agruras nem aparato. O arraia aguardou a chapada da onda e deixou-se levar; a alçaprema formidável foi depô-lo em terra, manso, manso como as hacaneias que dobravam o joelho para as donas apearem.

Romperam logo os boizinhos de touço curto no manejo do arrasto, acicatados mais que de medida em homenagem aos forasteiros. Joaquim Lousal triunfava. À alegria que lhe era própria, com o seu tanto de pancada, aliava-se agora a satisfação de ver as coisas passarem-se a preceito do seu optimismo. Enquanto não arribava a rede, o vinho correu a rodos. Emborrachou-se quem quis e o Pamplino, com vela e piela homéricas, subiu à varanda do Posto a personificar nos sete pecados mortais os sete figurões de Lisboa.

Saiu miraculosa redada de sardinha com linguados, chocos, peixe-galo de permeio, A tia Rosa recebeu ordem de cozinhar uma gigantesca caldeirada para as companhas. E, a poder de bebedeiras e indigestões, a data ficou para sempre memorável na praia faminta.

O escritor tomava notas e deglutia à grande. A altura do refogado do choco, murmurou:

- Está sublime, mas amarga um pouco.

- Amarga?

- Sim, e mais só o vi pescar! Mal abrandou o calor, os cavaleiros meterem de novo cara às dunas, em batida às lebres. A perder de vista, não se divisava mais que branco e rútilo areal, tatuado por linhas paralelas de mato seco, ferruginoso, que fora berço do penisco e ajudava a planta, anos e anos rasteira e humilde, no trabalho longo e tenaz de firmar-se no solo móvel, cosendo-o e passajando-o com raízes compridas e finas como cordéis. Era por baixo desses ramos, mirrados como ossos, à sombra das quatro agulhas verdes dum pinheirinho anão, folhiço de samouco ou medronheiro, que as lebres deviam dormir a sesta para regalo dos monteadores desenfadados.

Se bem que os alões corressem à frente com a ralé toda, Suas Senhorias, a impar de fartos, mantinham um cómodo chouto de palafrém, mais duma vez passeando pela pescociera em suor o lenço aromático. Após as dunas de plantio, depararam-se-lhes, projectadas ao norte, as dunas virgens, tais como o vento e o mar as haviam concebido em estupendo caos. Era um arraial de monstruosos vultos cor de pérola, em cujas arestas brincavam as mais ilusórias e fantásticas miragens. Linhas, volumes e faces pareciam estar na primeira hora do génesis. Combinando-se, penetrando-se, dissociando-se, revestiam todas as formas e nenhuma lhes era duradoira. Não eram

montanhas e havia nelas o ar ascético, um pouco admirado, que as colinas erguem para o firmamento; não eram planaltos e ofereciam aos olhos as mais longínquas perspectivas; não tinham arquitetura e lembravam um campo de ruínas, onde se alteassem ainda pirâmides truncadas de mármore e de alabastro. Pois que não eram fantasia dos olhos, andara o acaso ali ensaiando as mil e uma sortes inéditas de prestidigitador sem igual. E com elementos tão simples excedera o imaginável.

A todo o lés dessa paisagem de espanto e de silêncio estendia-se, a defender as sementeiras, uma negra e hirta estacada de tábuas. E era como intermina caravana subindo e descendo esforçadamente o chão ondulado e alvadio dum deserto.

Ante essa baliza a cavalgada obliquou à mão direita, rumo ao Pinhal do Urso. E, ora a trote, ora a galope, foram dar à duna em que um punhado de homens se obstinava a procurar a felicidade. Uma goela às escâncaras de muitos côvados de diâmetro; meia dúzia de farroupilhas, tão negros e hediondos de suor e poeira que assustariam homem valente numa estrada, às varas de dois sarilhos, na descarga e remoção do entulho; obra doutros tantos no fundo do poço, manobrando a pá e a sachola; em volta da duna, montes e montes de desaterro que lembravam eira com seus rolheiros - tal foi o quadro que ao lance de olhos se lhes antepôs.

Quando sentiram a cavalgada estacar, mostrando jeitos de querer instruir-se da natureza da obra, Algodres e Marrazes, de ar tão facínora e pobretão como os mais pobretões, saltaram da cisterna. Caminhando para Lousal, seu vago parente, como é de regra entre filhotes da mesma portela, o Marrazes salvou:

- Viva lá o senhor primo. Desculpe não lhe dar a mão, mas anda emporcalhada da terra.

- Então esse tesoiro? - inquiriu Lousal, dobrando-se do cavalo, no tom despreconcebido de quem faz a pergunta mais terra-a-terra deste mundo.

Ante o ar sisudo do patricio e dos outros figuros, um pouco ao desabafo, um pouco para comprazer com suas importâncias, o Algodres contou dos seus trabalhos e fê inquebrantável. Desabamentos imprevistos, a ventania, a penúria de capitais haviam alongado as pesquisas muito além dos seus cálculos. Estavam na quinta tentativa, mas agora era de vez que a cova ia escorada por mão de mestre. Sim, tinham já uma fundura de respeito, mas, até botar onde há meses, faltar-se-iam de cuspir às mãos. Também se desta feita falhavam, a não ser que lhes viesse ajuda do Céu, punham trancas ao negócio. Nem Suas Senhorias podiam imaginar o dinheirão ali sepultado! Queria saber o senhor Quinzinho o que mais os apoquentava? Que o Governo quisesse merrrer ali a para. Não tinham sido pequenas as dificuldades ocasionadas pela morte do Vermoil, como se alguém lhe tivesse culpa. Com a renúncia do Eudócio, a Administração Florestal voltara a entremeter-se. Felizmente que a licença estava passada em nome de ambos, senão ia-se tudo quanto Marta fiou.

Em torno dos dois exploradores os cavaleiros formaram meio círculo. Rolando o polegar sobre o indicador, disse Lousal:

- E baguinho?

- Tivemos a sorte duma alma boa nos socorrer. E onde menos o esperávamos!

- Mas que indícios possuem de que debaixo da duna esteja o tesoiro? - indagou o homem de letras.

O Algodres citou a página do velho livro e todo o maravilhoso que se seguiu ao sonho revelador.

- Vamos por partes - tornou aquele senhor com brandura, mas fitando-o ao mesmo tempo com uma fixidez que incomodava. - Admitindo que a passagem do alfarrábio é incontroversa, porque há-de o resoio estar debaixo desta duna e não doutra?

- E porque há-de estar noutra e não nesta? Sonhei cá... vi os milhafres que, segundo o texto do livro, me indicariam o lugar... Mas não é tudo. Muitas vezes me sentei na areia, de olhos no mar, a consultar Deus e a consciência. À força de mirar para as ondas, batidas pelo sol, despregava-se-me a alma da carne e da Terra. E uma voz tão real e tão humana como a de Vossa Senhoria dizia-me: mãos à obra, o tesouro lá está!

- É a mística de todos os tesoiros encantados. Mas, dando de barato que haja riquezas sob a duna, como niede... mede o quê?... mais de duzentos metros de extensão, por cem de largo, quem lhes garante que o poço vai bater no ponto ideal?... Questão ainda de dupla vista?!

- Verdade que essa dúvida nos surgiu de princípio, tanto assim que a escavação deitava uma roda quatro vezes maior. Ora aconteceu que à profundidade de oito braças, mais palmo menos palmo, quis a fortuna, não sei ainda se a boa se a má, que marrássemos no tesoiro.

- No tesoiro?!

- Sim, senhor. Um dos nossos espetou o ferro e bateu nas arcas - afirmou o Marrazes.

- Estão certos disso?

- Como da luz que tios alumia. A pancada tocou em cheio e ressoou. Que podia ser nas entranhas do areal, onde não há pedra, nem saibro duro, nem nenhum violão?

- Podiam ser toros de pinheiro... duma antiga derrubada - respondeu o estranho sujeito ao sorriso confiado do Algodres.

- Dessa o livro eu. Olhe... - e o Marrazes, apanhando do chão um sarrafo de carcódia putrescida, apresentou-o com ar triunfante.

Calou-se o senhor que era curioso. Em tom levemente sardónico, Joaquim Lousal proferiu.

- Oxalá que sejam felizes! No fundo da buraca, enevoadas pelas sombras da tarde, vozes de ala! larga! e o rascanhar das pás na areia soavam, a pequenos intervalos de silêncio, fúnebres como trenos em cemitério. Imprevistamente, ao cabo duma dessas pausas assombrosas, pela garganta de pária que se não via, o mar desbicava-se com a terra:

Reservo igual sepultura A fidalgos e a plebeus; Minha mortalha de alvura Vale bem teus mausoléus.

E era um modilho gerriebuhdo, de mareante, em ritmos negro e roxo dum fadário canceroso, para lá da vida e da morte.

- Para que querem o tesoiro? - perguntou o escritor, acordando da cisma que o tomara.

- Para que há-de ser...? - sorriu o Alberto Marrazes, olhos e dentes a brilhar.

- Mas que planos de vida traçaram -?

- Ora, Vossoria está de mangação. Num impulso de piedade Joaquim Lousal repartiu pelos maltrapilhos o dinheiro que trazia. Seguiram-lhe o exemplo os mais senhores. Orgulhosamente, o Algodres declinou o óbolo que lhe davam.

- É paradoxal que estejamos a socorrer próximos milionários - chalaceou o diplomata ao tempo que se esportulava com bizzaria. - Não era mais razoável constituirmo-nos em accionistas?

Em seguida às bolsas, abriram-se as cigarreiras. Mas o tabaco amarelo, opiado, nauseava aqueles fregueses do kentucky. Lázaro Brás e Luís Mira, que haviam acudido ao bodo, preferiram o cigarrinho de embrulhar do romancista.

- Também vocês aqui andam? - exclamou Lousal, abanando a cabeça num morno de dó.

- O homem vive de esperança - disse o Mira.

O Lázaro limitou-se a encolher os ombros. Naquele trejeito contava a história toda da sua alma doce, fatalista, atreita à aventura, contagiada pela vontade obsessiva do amigo.

Já o Sol declinava, foram-se dali a brida lassa, orla do pinhal a baixo, à vista do mar.

- A engenharia teria resolvido o problema em três tempos - emitiu o tropa. - Era questão dumas dezenas de barricadas de cimento e verga de ferro. Pelo sistema do pai Adão, nem em cem anos.

- Com seres arqueológicos drama arqueológico, necessariamente - disse o bacharel.

- Pelo contrário, nada mais actual - contestou o escritor. - É o drama de nós todos, em síntese.

- Salvo seja, a este espelho não me veio eu! exclamou Lousal que, por detrás da fachada de estabonado ! era o mais prudente dos homens. - Então não são doidos varridos? já não têm camisa e hão-de deixar ali a pele. O lavrador da Ervedeira, que o Algodres conseguiu suggestionar, vendeu tudo ou hipotecou, e milagre foi que lhe sobrassem dois palmos de terra onde cair morto. Eu, se fosse autoridade, mandava-os prender.

- Andava mal, meu amigo - respondeu o escritor. Não há direito de proibir a loucura, o que nós, homens comuns, chamamos loucura, de circular desde que não implique com os transeuntes. Este Algodres é, de resto, bem humano. Visto em si, não passa dum revoltado, um cabecilha de revoltados contra a sorte. Situado no seu plano, quer dizer, no microcosmo que é a terra portuguesa, pobre, retrógrada, extraviada da vocação marítima, desiludida do esforço útil e sempre sebastianista, que mais legítimo que o Algodres? A dor e servidão do pobre, a preguiça do frade, a estupidez do fidalgo são o nateiro em que mergulham estas cepas. Quando não são maninhas de todo, enxerta-se nelas e floresce a árvore maravilhosa do sonho. Mas que sonho! Um sonho que envolve a existência como redoma de bronze. Fora, não há mais que o vácuo desolador. Dentro, vá de construir castelos, escrever nas paredes claras do cárcere, estrebuchar de olhos no mundo, solicitado pelo mundo, batalhar sem fim, não reparando que se está prisioneiro. Por esta faceta, ainda, o drama do Algodres é cóstiico, digamos.

- Fazem-me pena estes diabos! - disse Lousal.

- Bah, cada um cumpre o seu destino. De maneira geral, a luta do homem, a obra de idealismo é aquilo. Amplie-se a aventura da duna, e teremos a aventura da humanidade no tempo e no espaço. Não conseguirá evadir-se! - e a mão do escritor descreveu ao alto uma linha que copiava a curva do hemisfério. - Entretanto, perfura-se, esbarronda-se e torna-se a perfurar o areal em que assentam todas as nossas construções, até que ao cabo de séculos ou milénios de séculos, pouco importa, venha o abafadoiro inevitável.

Entardecia. Os galgos levantaram uma lebre e, com a galopada, os gritos, a febre do lance, aquelas vagas ideias negras caíram como tudo, amor, ciência, bem e mal, homens e nações, na universal voragem.

Baiona, 1930-31.

ROMANCES COMPLETOS DE AQUILINO RIBEIRO

Primeiro volume	A VIA SINUOSA
Segundo volume	TERRAS DO DEMO
Terceiro volume	ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES
Quarto volume	O HOMEM QUE MATOU O DIABO
Quinto volume	A BATALHA SEM FIM
Sexto volume	MARIA BENIGNA
Sétimo volume	AVENTURA MARAVILHOSA
Oitavo volume	S. BANABOIÃO, ANACORETA E MÁRTIR
Nono volume	MÓNICA
Décimo volume	VOLFRÂMIO
Décimo primeiro volume	LÁPIDES PARTIDAS
Décimo segundo volume	O ARCANJO NEGRO
Décimo terceiro volume	CINCO RÉIS DE GENTE
Décimo quarto volume	UMA LUZ AO LONGE
Décimo quinto volume	HUMILDADE GLORIOSA
Décimo sexto volume	A CASA GRANDE DE ROMAKIGÃES
Décimo sétimo volume	QUANDO OS LOBOS UIVAM